

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**  
**NÍVEL MESTRADO**

**DEICY YVETS MORALES MEDINA**

**O CORPO TRAVESTI**  
**A MEMÓRIA DOS SUJEITOS COMUNICANTES**

**SÃO LEOPOLDO**

**2019**

Deicy Yvets Morales Medina

## O CORPO TRAVESTI

A memória dos sujeitos comunicantes

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre.

São Leopoldo

2019

M828c Morales Medina, Deicy Yvets.  
O corpo travesti : a memória dos sujeitos comunicantes /  
Deicy Yvets Morales Medina. – 2019.  
184 f. : il. ; 30 cm + 1 DVD

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio  
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da  
Comunicação, 2019.

“Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado  
Gómez de la Torre.”

1. Comunicação. 2. Transmetodologia. 3. Travestis. 4. Corpo.  
5. Discurso. I. Título.

CDU 316.77

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

*Para a Pitty e a Cléo.  
E para todas as pessoas que  
abraçam a pauta travesti.*

## AGRADECIMENTOS

Uma folha de agradecimentos é, talvez, a escrita que fecha um ciclo de momentos mágicos, de trilhas compartilhadas e grandes utopias.

Quero agradecer aos meus pais, Gonzalo Morales e Beatriz Medina, por me ensinarem a amar a vida e me lembrarem, sempre, que a magia existe.

À minha irmã Omaira Morales e meu cunhado Tomás Vargas por serem minha luz no caminho. À minha irmã Mariani Morales e meus sobrinhos Francisco López e Paula Isabel López, pelo carinho e exemplo de constância e humildade.

Fico muito grata ao professor Efendy Maldonado, orientador e amigo, pelo apoio incondicional e a generosidade epistêmica. Por me ensinar que o conhecimento se constrói na solidariedade e no compromisso com uma América Latina grande.

À professora Jiani Bonin e ao professor Alberto Pereira, exemplos de afeto e carinho. Gratidão pela confiança, os momentos de risos e as fotos. Professora Nísia Martins do Rosário, pelo afeto e seu tempo para acompanhar as inquietudes metodológicas.

Gratidão à professora Mary Torras, da *Universidad Autónoma de Barcelona*, por sua leitura atenta e questionadora durante a qualificação.

Para todas e todos as/os colegas do Processocom e da REDE AMLAT, por acompanharem de perto meu processo acadêmico e de vida no Sul do Brasil. Meu mais sincero reconhecimento, os levo no coração.

Para os professores e professoras do PPGCC da UNISINOS, pela compreensão e atenção que providenciaram durante o mestrado. Professor Gustavo Fischer, minha admiração por ter a sensibilidade de compreender as dificuldades e necessidades das e dos estudantes. À equipe da Secretaria do PPGCC da UNISINOS, Lilian, Anelise, Caroline, Débora, pelo apoio decidido e solidário nas atividades administrativas.

Aos amigos e amigas do Brasil que estiveram perto, tentando compreender meu “portunhol”. Vou nomear só alguns, desculpa aos esquecidos. Gratidão pelos momentos de alegria para María Bravo, Juliana Daudt David, Mylene Ferreira, Carlos Viegas, Guto Bozzetti, Maitê Maldonado, Rafael Maldonado, Sônia Queiroz, Claudiane Sousa, Alda Fortes, Marina Zoppas de Albuquerque e Camilo Zoppas de Albuquerque Vasconcellos, o bebê querido com quem desfrutei tardes de abraços intermináveis.

Aos colegas que ajudaram com a revisão dos textos em português: Júnior Melo da Luz, Leticia Giacomelli e Leila Sousa. Mil, mil *gracias* pelo apoio - foi fundamental para me sentir mais confiante de que os artigos poderiam ser lidos.

Ao Júnior Melo da Luz e à Vitoria Santos pela revisão técnica da dissertação.

À minha querida colega Janine Rosseto, gratidão por compartilhar a casa que me acolheu em São Leopoldo.

Aos colegas da iniciação científica do Processocom: Mari Veiga, Wesley Pelissari, Walysom Moreira, Vivian Maurelli, Guilherme Carniel e Rai Rodrigues, pela companhia, os risos, as possibilidades de criar e sonhar que a vida é infinita.

Ao meu amigo Francisco Olmedo, por estar sempre junto. Ao Fabiano Kueva por ser inspiração e exemplo de compromisso com a pesquisa. À María Eugenia Delgado, Ivón Quevedo e Sophia Yáñez Elisa Ceraño pela companhia na distância.

Às minhas colegas *travestis*, que ficaram ao final dessa escrita, não por serem menos importantes, mas porque estão presentes o tempo todo nessa experiência de vida. À Pitty Barbosa e à Cléo Soares, por me ensinarem a LUTAR COMO UMA TRAVESTI, a viver o dia a dia, a entender o que significa a luta no cotidiano, por me permitirem caminhar junto pelas ruas de um Brasil de encantamentos. Um abraço especial para Eric Seger, Bruna Benevides, Cleonice Araujo, Natasha Ferreira, Marcelly Malta e Atena Bouvoire.

Obrigada ao povo brasileiro por me permitir estar aqui e fazer do Brasil outro dos meus destinos de vivências, experiências e crescimento. Gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) por me permitirem estudar em uma universidade como a UNISINOS.

Ao meu país, Equador, que me inspira a cada dia, e também me desafia a pensar que as fronteiras são *mecanismos* que procuram colocar limites aos sonhos e lutas. Na América Latina, cada vez nos deslocamos mais e viajamos por ela, inspirados na solidariedade em que habitamos.

Não poderia fechar estes momentos de emoção sem agradecer à mãe Terra, à PACHA MAMA, ao INTI, à KILLA e à TAMIA, por me acompanharem sempre. Em especial, a esse lugar mágico de quietude e sabedoria que é a AMAZÔNIA, meu mais profundo reconhecimento à paciência e bondade com que nos protege.

## RESUMO

A pesquisa “*O corpo travesti. A memória do sujeito comunicante*” se desenvolve junto com sujeitos que se auto definem *travestis* em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, para problematizar a configuração do sujeito comunicante, o exercício da cidadania comunicativa e a complexidade discursiva a partir da construção do sistema corpo-discurso-gênero. O problema/objeto da pesquisa tem como foco a configuração do *sujeito comunicante travesti* e a interação com os sistemas midiáticos. Na dimensão teórica, temos os aportes de Gregory Bateson, Lucien Sfez e as teorias da “nova comunicação”, para refletir o campo comunicacional como um espaço em tensões e disputas de sentido construídas pelos sujeitos que interagem com os sistemas midiáticos, sociais, estatais. A *transmetodologia* se constituiu no horizonte metodológico, para pensar de jeito construtivo e regenerativo os percorridos metodológicos que íamos decidindo junto com os aportes dos *sujeitos travestis*. Desde a perspectiva crítica da *transmetodologia*, acolhemos os aportes de Efendy Maldonado, Jiani Bonin e Nísia Martins do Rosário. O tecido cartográfico permitiu mergulhar no universo complexo e contraditório das *travestis* para encontrar na memória dos corpos em transição as marcas das produções midiáticas. O sistema corpo-discurso-gênero demandou refletir sobre as relações de poder, a construção das subjetividades nos processos de singularização dos sujeitos, a construção do sentido de realidade do corpo *travesti* e dos entornos midiáticos, assim como interpelar o gênero *binário* e *heteronormativo*. Com autores como Michel Foucault, Judith Butler, Joan Scott, Felix Guattari, Walter Benjamin, refletimos sobre o *corpo travesti* como o lugar das transições, da singularização e a configuração do *sujeito comunicante travesti*.

**Palavras-Chave:** Comunicação. Transmetodologia. Travestis. Corpo. Discurso.

## ABSTRACT

The research called “The Transvestite Body, The Memory of the Communicating Subject” is developed alongside subjects who define themselves as transvestites in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. To problematize the configuration of the communicating subject, the exercise of communicative citizenship and the discursive complexity starting from the construction of the body-discourse-gender system. The problem, object of the research, focuses on the configuration of the transvestite communicating subject, and the interaction with the media. In the theoretical dimension we have the contributions of Gregory Bateson, Lucien Sfez and the theories of the "new communication", to reflect the field of communication as a space in tensions and disputes of meaning built by the subjects that interact with the media, social and state systems. The transmethodology was established in a methodological horizon to think in a constructive and regenerative way about the methodological journeys that we were taking along with the contributions of transvestite subjects. From the critical perspective of the transmethodology, we welcome the contributions of Efendy Maldonado, Jiani Bonin, Nísia Martins do Rosário. The cartographic foil allowed us to enhance the complex and contradictory universe of transvestites, in order to find in the memory of bodies in transition the marks of media production. The body-discourse-gender system required reflection on the relationships of power, the construction of subjectivities in the processes of the subjects' individualization, the construction of the sense of reality of the transvestite body and the mediated environments, as well as inquire about the binary straight normative gender. With authors like Michel Foucault, Judith Butler, Joan Scott, Felix Guattari, Walter Benjamin to reflect on the transvestite body as the place of the transitions, the singularization and the configuration of the transvestite communicating subject.

**Keywords:** Communication. Transmethodology. Travestites. Body. Discourse.



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Resultado pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES .....	37
Tabela 2 – Resultado da busca com as palavras-chave .....	63
Tabela 3 – Matérias jornalísticas segundo turno das eleições .....	109

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os movimentos Transmetodológicos .....	31
Figura 2 – Modelo de análises de produtos midiáticos .....	59
Figura 3 – Legendas .....	129

## SUMÁRIO

<b>1 INÍCIO.....</b>	<b>11</b>
1.1 O LUGAR DE ENUNCIÇÃO DA PESQUISADORA .....	13
<b>2 O OUTRO QUE ESTÁ NA PERIFERIA.....</b>	<b>14</b>
2.1 ENTÃO, QUEM SE AUTO DEFINE <i>TRAVESTI</i> ? .....	19
2.2 OBJETIVO GERAL.....	20
<b>2.2.1 Objetivos específicos .....</b>	<b>20</b>
<b>3 O TECIDO METODOLÓGICO, UMA CAMINHADA EM TONS TRANSMETODOLÓGICOS.....</b>	<b>22</b>
3.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA .....	22
<b>3.1.1 Perguntas norteadoras.....</b>	<b>22</b>
3.2 DA METODOLOGIA À <i>TRANSMETODOLOGIA</i> .....	22
3.3 O RECONHECIMENTO DO SUJEITO PESQUISADOR.....	26
<b>3.3.1 O problema/objeto da pesquisa .....</b>	<b>32</b>
<b>3.3.2 A pesquisa exploratória .....</b>	<b>35</b>
<b>3.3.3 A pesquisa teórica e a pesquisa da pesquisa .....</b>	<b>36</b>
<b>3.3.4 Experimentando com as cartografias.....</b>	<b>38</b>
3.4 DELIMITAÇÃO DO TEMA .....	41
<b>3.4.1 A memória das motivações da pesquisa .....</b>	<b>42</b>
<b>3.4.2 Os movimentos exploratórios da pesquisa.....</b>	<b>43</b>
<b>3.4.3 A problematização e a construção do sujeito da pesquisa .....</b>	<b>48</b>
<b>3.4.4 A exploratória nos sistemas midiáticos .....</b>	<b>51</b>
3.4.4.1 Modelo de análises de produtos midiáticos. (Os lugares de leitura do pesquisador) ...	57
3.5 O ENCONTRO COM TESES E DISSERTAÇÕES (A PESQUISA DA PESQUISA).....	60
<b>4 OS DIÁLOGOS TEÓRICOS .....</b>	<b>72</b>
4.1 A DIMENSÃO COMUNICACIONAL .....	73

4.2 A PERCEPÇÃO E A AUTO PERCEPÇÃO DOS <i>SUJEITOS</i> E DOS <i>CORPOS TRAVESTIS</i> .....	77
4.3 A CONSTRUÇÃO DO SISTEMA CORPO/DISCURSO/GÊNERO.....	80
4.3.1 Os Corpos.....	81
4.3.2 Os Gêneros.....	85
4.3.3 Os discursos e o discurso da <i>vitimização</i> .....	90
4.4 SUJEITOS E CORPOS MEDIATEZADOS .....	93
4.5 A CONFIGURAÇÃO DO DISCURSO <i>TRAVESTI</i> NO ESPAÇO POLÍTICO E MEDIATEZICO.....	98
4.5.1 A vulnerabilidade do <i>corpo travesti</i> na esfera política .....	108
4.6 A CIDADANIA COMUNICATIVA EM DISPUTA SIMBÓLICA E POLÍTICA.....	115
4.6.1 Um espaço para pensar a “ <i>cidadania precária</i> ”.....	122
<b>5 OS CAMINHOS DAS CARTOGRAFIAS, O ENCONTRO COM TECIDOS DE MEMÓRIAS .....</b>	<b>127</b>
5.1 “O TEMPO NÃO PARA” (CAZUZA).....	130
5.2 A SOCIEDADE MEDIATEZADA, A SOCIEDADE MEDIATEADA .....	140
5.3 NO ESPELHO DAS ATRIZES DAS TELENÓVELAS.....	142
5.4 DE QUE SE FALA QUANDO SE FALA DE <i>TRANSFAKE</i> ? .....	144
5.5 O DESEJO DE CONTAR AS HISTÓRIAS FANTÁSTICAS DAS TRANS.....	146
5.6 O DIREITO A SEREM ESCUTADAS .....	148
5.7 A MEMÓRIA DO AMOR .....	149
5.8 MOMENTOS DE UM BATE-PAPO MATINAL.....	150
<b>6 REFLEXÕES FINAIS.....</b>	<b>154</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>164</b>
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.....</b>	<b>174</b>
<b>APÊNDICE A – ENTREVISTA COM NATASHA FERREIRA .....</b>	<b>176</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA 1 .....</b>	<b>183</b>
<b>APÊNDICE C - CONSENTIMENTO INFORMADO .....</b>	<b>184</b>

## 1 INÍCIO

A construção da pesquisa com pessoas *travestis* é relevante para pensar o *sujeito travesti* na configuração comunicante e no exercício de cidadania comunicativa. Propõe-se uma pesquisa que ingresse no *complexo e contraditório universo simbólico* das *travestis*, para entender os modos em que interagem com os sistemas midiáticos, constroem semioses discursivas que envolvem a modificação, produção, reconfiguração dos corpos, para interpelar as normas do gênero binário masculino-feminino. Um desafio que interage com a cotidianidade dos sujeitos que operam nas periferias sociais, econômicas, étnicas e discursivas da sociedade.

Desde uma perspectiva *transmetodológica*, a vertente do pensamento crítico nos coloca desafios epistêmicos, metodológicos, teóricos e empíricos. A pesquisa inicia na compreensão dos *sujeitos travestis* como *sujeitos da pesquisa* para articular a dimensão metodológica, teórica, empírica e mergulhar na produção de cartografias como processo metodológico experimental, que aglutinam procedimentos empíricos, exploratórios, teóricos, multimeios para a construção de uma narrativa *pluri* textual. O problema/objeto da pesquisa tem como foco a configuração do *sujeito comunicante travesti* e a interação com os sistemas midiáticos.

Na dimensão teórica, a abordagem se realiza a partir das teorias da comunicação, com especial atenção e influência às propostas teóricas de Lucien Sfez (2000), Gregory Bateson (1979) e os teóricos da “nova comunicação”, especialmente Yves Winkin (1998). Procura-se entender a comunicação como um ecossistema de múltiplas dimensões, onde interagem os sujeitos nos ambientes sócio-comunicacionais. A pergunta de Roger Silverstone (2002), “por que estudar a mídia?”, foi o *input* necessário para refletir sobre os modos em que opera a mídia na tradução da realidade *travesti*, os processos de midiatização e a mediação que cobra sentido quando o lugar de análises é o sujeito. Efendy Maldonado (2002, 2011, 2012a, 2012b, 2013, 2015) e suas reflexões sobre Armand Mattelart fornecem um olhar da comunicação na perspectiva latino-americana, para aportar ao desafio de pensar em chave SUL. Os diálogos teóricos com Boaventura de Sousa Santos – epistemologias SUL SUL (2008) e Enrique Dussel – Filosofia da libertação (1973), facilitam as trilhas para compreender os sujeitos periféricos, que se ressignificam na capacidade das lutas pela dignidade de se reconhecerem *travestis* e *periféricos*.

O sistema corpo/discurso/gênero terá um lugar central na configuração do *sujeito comunicante travesti*. As teorias desafiadoras e críticas de Judith Butler (1990, 2002, 2006, 2007) sobre a performática do gênero e o disciplinamento do corpo serão fundamentais na reflexão teórica. Assim como os aportes de Michael Foucault (1998, 1999, 2005, 2008, 2017) na compreensão da estrutura do *biopoder* e as instituições de disciplinamento e controle no sistema social capitalista, patriarcal, *heteronormativo*. Quando abordarmos as temáticas *travestis*, o corpo e o gênero são um *continuum* articulador dos processos de subjetivação, mas é preciso não reduzir o olhar somente a essas duas categorias, já que o *universo travesti* é multidimensional como qualquer outro *sujeito histórico*.

A crítica ao discurso de vitimização foi importante na pesquisa, já que os processos de lutas e reivindicações das *travestis* para ocuparem espaços, visibilizarem seus corpos e combaterem as mortes causadas pela transfobia e o preconceito são ações cotidianas, gestos políticos que enfrentam a retórica de discriminação ainda reproduzida pelos sistemas midiáticos. Infiltrar-se pelas brechas da marginalidade para disputar espaços cidadãos e construir seus próprios discursos são estratégias comunicacionais que interpelam o poder normativo, ao mesmo tempo em que legitimam o *status quo* do gênero binário. A compreensão da semiose social de Eliseo Verón (1993, 2013) abriu possibilidades para análises do *discurso das travestis* e do *discurso de vitimização* espalhado pelos sistemas midiáticos, bem como do *discurso político* configurado por acontecimentos conjunturais das eleições do Brasil em 2018.

Para a reflexão do exercício da *cidadania comunicativa* como um espaço de disputas simbólicas e políticas, reconhecemos o lugar periférico das *travestis* e as vulnerabilidades de seus corpos e subjetividades. Nos atrevemos a um exercício de uma *cidadania precária* (BENTO, 2011, 2014), em que operaria a *cidadania comunicativa*.

Assim, chegamos ao tecido cartográfico para conhecer as vidas comunicacionais e os discursos sofisticados de *travestis* como Pitty Barbosa, Cléo Soares, Bruna Benevides, Natasha Ferreira, entre outras, que abrem seus mundos para nos contar que, além de ocuparem espaços de rua, trabalho sexual e salões de beleza, as *travestis* ressignificam suas subjetividades e se reconhecem como *travestis singularizadas e periféricas*. Junto com elas e Suely Rolnik (2011), Félix Guattari e Suely Rolnik (1986), Judith Butler (1990, 2002, 2006, 2007), Gregory Bateson (1979), Efendy Maldonado (2002, 2011, 2012a, 2012b, 2013, 2015), Eliseo Verón (1993, 2013) e Mikhail Bakhtin (1997), construímos tecidos cartográficos *pluri* textuais, interpelando a

narrativa verbal linear para encontrar, nas texturas dos sons e nas fotografias, outras narrativas que permitam avançar na percepção da existência do *sujeito comunicante travesti*.

### 1.1 O LUGAR DE ENUNCIÇÃO DA PESQUISADORA

Consonante ao processo orgânico nutrido de aportes do pensamento crítico e da *transmetodologia*, o lugar de enunciação da pesquisadora transforma-se num elemento constitutivo que interage na pesquisa. Me reconheço como pesquisadora, sujeito político, comunicante e histórico. Meu corpo sexuado é feminino e, ao mesmo tempo, com gênero em desconstrução e construção de mulher, fêmea e mestiça. O universo simbólico é ancorado nas raízes andinas com influências e paixões ibéricas. Orientação sexual reconhecida como *hétero*, fugindo da normatividade imposta para questionar a repressão do disciplinamento dos desejos e dos corpos que nos foram impostos através dos papéis de gênero e negação do corpo.

Reconheço meu pensamento colonial em processo de *descolonização*, um *corpo-território patriarcalizado* em processo de *despatriarcalização*, um coração livre e apaixonado. Como pesquisadora, posso me reconstruir e repensar, como um sujeito que está entendendo a investigação a partir de seu próprio SER. A compreensão de meu corpo político, a construção de um gênero que não quer reproduzir papéis e estereótipos do binário feminino-masculino. Talvez seja provocador pensar na construção de outras funções para o gênero, que não reproduzam exclusão e sofrimento. Me interessa problematizar o lugar de enunciação do sujeito pesquisador, assim me reconheço como NÃO especialista em gênero e, tampouco, da população *trans ou travesti*. Me coloco na *curiosidade* do universo *travesti* e das *periferias*, porque acredito que existem discursos sofisticados e inventivos de sobrevivências, que estão sendo apagados e mortos. É preciso colocá-los no debate da sociedade porque a sociedade precisa deles.

## 2 O OUTRO QUE ESTÁ NA PERIFERIA

A abordagem multidimensional epistêmica, teórica, empírica e metodológica nos convida a pensar a comunicação como dimensão sociocultural das formações sociais, nas quais interagem os sujeitos enquanto produtores de sentido inseridos em processos políticos, sociais, econômicos culturais e subjetivos. Por sua vez, eles determinam a complexidade e a sofisticação dos fluxos comunicacionais, das lógicas midiáticas, tecnológicas, discursivas e sensoriais que formam parte da experiência do sujeito em comunicação. Para Efendy Maldonado (2013, p. 90), “As pessoas em comunicação que se inter-relacionam contemporaneamente com os sistemas e os processos midiáticos, produzem sentido de maneira fluída, caótica, estruturada, condicionada, livre, pactuada, enquadrada e subversora [...]”. Nessa linha de reflexão, se compreende que, na comunicação, estão envolvidos sujeitos políticos capazes de produzir sentidos de realidade próprios em contextos diversos e ocasiões adversas, já que estão atravessados por subjetividades singularizadas e coletivas.

O *sujeito travesti*, como centro do processo da pesquisa, será reconhecido na complexidade<sup>1</sup> e contradição<sup>2</sup> de seu universo simbólico, que opera na periferia, como um sujeito político, histórico, cultural e comunicante que tem a capacidade de decisão e autonomia em relação a sua privacidade e compromisso com a pesquisa. Enrique Dussel (1973) nos convida a compreender o *sujeito travesti na periferia* a partir da *teoria do outro*, para enxergar

---

<sup>1</sup> Falamos de **complexidade** nos termos de Lucien Sfez (2000) quando fala da necessidade de compreender a unidade que deve trazer, ao mesmo tempo, a vida e a significação como um complexo sistema auto organizado que compreenda a possibilidade de uma evolução, pensadas como uma só matéria orgânica. “Porque a complexidade não é simples complicação, se podemos nos exprimir assim. Com a complicação permaneceremos no semelhante, com a complexidade atacamos outra ordem de existência. Não se trata de grau de organização, mas da passagem de um universo a outro, da organização à auto-organização. Eis o preço da emergência de estados superiores do pensamento, do simbolismo, das infinitas possibilidades de criação do espírito”. (SFEZ, 2000, p. 223).

<sup>2</sup> Para compreender o **contraditório**, vamos nos valer do quadrado semiótico (semiótica estruturalista de Greimas) que, a partir de operações lógicas (seis no total), dá conta de fenômenos concretos situados no nível discursivo. “El cuadrado semiótico permite pensar un elemento, ya sea porque es su contrario o porque es su contradictorio”. (KLINKENBERG, 2006, p. 175). No modelo do recorrido generativo, “la sintaxis fundamental, por su parte, permite instituir relaciones entre estos elementos. Lo hace mediante dos operaciones: la negación y la aserción. La negación permite pasar de un elemento a su contradictorio: actualiza el término contradictorio (por ejemplo, haciendo aparecer “no mentira” a partir de “mentira”). La afirmación que valdría mejor llamar denegación permite pasar de ese término contradictorio al termino anterior a la negación: actualiza la relación de implicación (por ejemplo, haciendo aparecer “verdad” a partir de “no mentira”: <<verdad>> implica <<no mentira>>). (KLINKENBERG, 2006, p. 175). É dizer que a atualização do termo na relação *contraditória* não elimina o termo da negação. A operação discursiva permite que coexistam os dois termos em relação de denegação, não de eliminação.



o *outro* diferente, o *outro* que está em condições de subalternidade frente ao poder social, cultural, econômico, epistêmico, operando na possibilidade de construir saberes em relação com o outro distinto (relações de *alteridadeloutriedade*). É o outro que desestabiliza o pensamento totalitário da centralidade. O *outro* oprimido que tem a consciência da opressão e que persiste na inventiva da sobrevivência, que se alimenta dos saberes do povo, que abraça a memória das lutas e confronta o poder hegemônico. (DUSSEL, 1973; FREIRE, 1994).

O *outro* também está na periferia, em condições de subalternidade, sem reconhecer a opressão de que é objeto. Mas a periferia é dialética e mantém a esperança da reinvenção, para conseguir a consciência do oprimido. (FREIRE, 1994). Nessa reflexão, é preciso levantar as disputas de poder que existem na relação centralidade/periferia para compreender que as condições de subalternidade nas quais opera a periferia estão determinadas pelas relações do poder hegemônico, que impõe a centralidade, gera desigualdades materiais, econômicas, e não-materiais, como as desigualdades no acesso à educação, saúde, alimentação, assim como as capacidades de representação/comunicativas/expressivas. (SANTOS, 1998, 2003). Condições que respondem a um modelo de acumulação de capital, poder, conhecimento. Um sistema capitalista no qual o *outro* que está fora do padrão, o “*outro diferente*” fica marginalizado, como acontece com as *travestis* e seu entorno familiar, social.

O *sujeito travesti* no campo comunicacional será compreendido como sujeito produtor de sentido, capaz de construir narrativas a partir das mudanças de seus corpos, de sua realidade socioeconômica marginal e marginalizada, e de seu lugar de enunciação, situado na periferia do corpo sexuado, do gênero binário e do imaginário social. Nessas condições, a *travesti* tem que desenvolver modos de se comunicar com a sociedade entre a clandestinidade de seus corpos e o reconhecimento das subjetividades sexo-genéricas próprias e contraditórias, que se configuram de modos diversos, às vezes padronizados e outras vezes não. Porém, seu sentido de pertença se identifica com o desejo de ser reconhecida como *travesti*. É nessas configurações sociais que acreditamos ser possível encontrar um pensamento sofisticado, que está ocupando espaços políticos, culturais e acadêmicos para pensar sociedades diversas desde uma perspectiva de resistências ou de sobrevivência, como resposta a um sistema que articula os mecanismos disciplinares e regulamentadores do poder, “os mecanismos disciplinares do corpo e os mecanismos regulamentadores da população, são articulados um com outro”. (FOUCAULT, 2005, p. 284).

Por exemplo, para a *travesti* o mecanismo disciplinar do corpo sexuado-culpado é a sexualidade; do corpo biológico-doente, o disciplinamento ocorre pelas ciências da saúde, que se articulam com os mecanismos de regulamentação através do gênero binário (masculino e feminino). A categoria gênero pode ser entendida como elemento regulador da ordem social, sequestrada pela lógica biologista do sexo para dar nome aos corpos: *homens* para o corpo com pênis, e *mulheres* para o corpo com vagina. O gênero também é funcional para a organização das forças produtivas, na divisão do trabalho, no uso do espaço público e no espaço privado. Nessa articulação, as *travestis* ficam fora do sistema, a “identidade travesti” não tem correspondência com o feminino nem com o masculino, portanto não existem para o Estado nem para a sociedade. O castigo é a marginalidade, a exclusão laboral, o trabalho sexual naturalizado na pele das *travestis*.

Na conjuntura social, é preciso interpelar a construção do discurso do poder hegemônico pelo sexo genérico *hétero binário*<sup>3</sup>, fundado no corpo-biológico-sexuado-binário, e reproduzido pelos sistemas midiáticos nos diversos meios e formatos. Assim, telenovelas, noticiários, documentários e jornais, de um jeito sistemático e redundante, reproduzem os discursos de dominação hegemônica. Os poderes político e religioso também têm interesse em manter a organização do gênero binário, amparados num discurso positivista, funcional e biologista, misturado com as crenças da fé que polarizam a sociedade em normais e anormais. No Brasil, o ressurgimento de grupos organizados sob conceitos de direita, conservadores e extremistas, promovem uma sociedade que apaga qualquer possibilidade de construir sociedades plurais e diversas, atentando contra direitos conquistados, como a lei do aborto, a lei da seguridade social

---

<sup>3</sup> A construção *hétero binário* está composta por duas palavras: heteronormativo e binarismo, portanto, a seguir se faz a descrição de cada palavra do jeito individual. Julgo pertinente trazer a referência bibliográfica do modo literal, para aproveitar a rigorosidade do trabalho. “La heteronormatividad es el régimen político, social, filosófico y económico generador de violencias hacia todas aquellas personas, que no seguimos un padrón de género, de sexualidad, de prácticas y de deseos asociados a la heterosexualidad. [...] Es un régimen político porque regula el poder, define la comunidad y al individuo. Como explica Butler en *Undoing Gender* (2004/2012), la heteronormatividad marca quienes somos sujetos posibles dentro de la escena política. [...] El correlato de las <<normas posibilitadoras>> marcan quien a de ser oprimido y agredido (Gimeno 2014). [...] El concepto heteronormatividad surge dentro del marco de los estudios y políticas *queer* y de los feminismos Negros, ligado a las luchas de los feminismos *cyborg* y los transfeminismos [...]” (SÁEZ, 2017, p. 228-232, grifo do autor).

“Binarismo se trata de un pensamiento hegemónico que representa la realidad desde una concepción dicotómica y opositiva, basada en la idea genérica de creación del mundo, y de complementariedad de los sexos, que ha consolidado una jerarquía sexual. El binarismo es una superestructura del poder lo que Monique Wittig (1992, p. 54) denominó como un <<pensamiento de la dominación>>. Es un modelo de pensamiento rígido y androcéntrico que se configura exclusivamente por la relación entre dos géneros de carácter opuesto y jerárquico, en el que no han sido contempladas todas las identidades sexuales ni expresiones de género. El resultado es una forma de relación esencialista, jerárquica y discriminatoria en la que solo hay dos géneros (culturales) porque evidentemente hay dos sexos (naturales)” (CASADO, 2017, p. 46, grifo do autor).

e a lei dos trabalhadores. Por outro lado, são promovidos Projetos de Lei (PLs) como a “Escola Sem Partido”, que propõe tirar o gênero do plano de estudos do sistema de ensino, amparados em um discurso que busca “prevenir a prática da doutrinação política e ideológica nas escolas”<sup>4</sup>, negando a possibilidade de abordar temas da construção do gênero com os jovens e o direito a receber uma educação sexual e reprodutiva responsável.

A aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 181, que criminaliza o aborto em todos os casos no Brasil, atenta contra os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. A instituição familiar, como “núcleo” da organização social, também reproduz preconceitos e marginaliza os membros das famílias por serem *veados, anormais, bichas, sapatões, travestis, transexuais*. Desse modo, as narrativas da violência, da discriminação e a marginalização das *travestis* se reproduzem em todos os âmbitos, incluindo os educativos, de saúde, judiciais e policiais (para sinalizar alguns).

Um alerta social é a violência que afeta a população LGBTTT<sup>5</sup>, em especial travestis e transexuais, segundo informe de 2016 do Observatório de Pessoas Trans Assassinadas<sup>2</sup>. Os dados referentes à América Central, Caribe e América do Sul, entre 2008 e 2016, indicam 1.711 casos de pessoas *trans* e *sexo genérica diversas* assassinadas, representando 78% do total mundial. Nesse ambiente adverso e pouco favorável ao diferente, o interesse dessa pesquisa é encontrar outros meios não canônicos, e outros microssistemas que forjam as sociedades e constituem a ecologia social em Porto Alegre. Por exemplo, o jornal *Boca de Rua*<sup>6</sup>, as organizações de travestis e transexuais *Igualdade Porto Alegre, Igualdade Guaíba, Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)* (para nomear algumas), que tem coragem de abordar a temática a partir da não vitimização. Mesmo que a pesquisa não esteja enquadrada nas organizações sociais, nossos primeiros contatos com pessoas *travestis* foram através das duas Organizações Não Governamentais (ONGs) referidas, e pelas informações do trabalho que fazem perto da população que representam. Acreditamos que elas formam parte dos microssistemas locais. Em outra perspectiva, o jornal *Boca de Rua* é uma experiência cotidiana de exercício de comunicação, de estabelecer gramáticas de produção com os próprios

---

<sup>4</sup>Informação obtida no portal da organização “escola sem partido”. Disponível em: <<https://www.programaescolasempartido.org/estadual>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

<sup>5</sup> Lésbico, gay, bissexual, travesti e transexual (cabe anotar que, nestas siglas, temos representadas as populações com orientação sexual e com identidade de gênero diversas). Nos remetemos a essas populações porque são as que atingem o estudo.

<sup>6</sup> Colocamos como exemplo o Jornal *Boca de Rua* por considerar um trabalho de comunicação comprometido e cidadão, mas não faremos uma imersão no meio, porque nosso foco de pesquisa são os sujeitos, e não estamos trabalhando com travestis de rua.

moradores de rua para achar outras sensibilidades, olhares, abordagens das histórias de vidas que fluem no cotidiano de pessoas que estão nas periferias do sistema.

O interesse da pesquisa é problematizar a configuração dos *sujeitos travestis* como sujeitos comunicantes, inseridos em um ambiente social midiaticizado. A partir da perspectiva da *comunicação como organismo*, podemos entender que existe uma relação íntima, indissolúvel, entre os sujeitos e os ambientes em que estão inseridos, refletindo em uma afetação mútua. Não por acaso, a compreensão da comunicação é trabalhada sob a perspectiva da comunicação como *organismo* de Lucien Sfez (2000, p. 40) “O ‘organismo’ [...] situa-se onde o sujeito orgânico está mergulhado, no ponto em que ele não pode se definir sem seu ambiente nem seu ambiente sem ele”. É assim que se está pensando a comunicação em termos abrangentes, de uma *ecologia da comunicação* que nos permite estabelecer laços de contato e relacionamento com o mundo. Entendemos a comunicação em seu núcleo epistêmico, que tem a capacidade de lidar com múltiplos saberes e contextos.

Para entender a produção de sentido enquanto fenômeno social, como propõe Eliseo Verón (1993, 2013) com a teoria dos discursos, é preciso problematizar a produção de sentido dos corpos dos *sujeitos travestis* e como eles estão inseridos nos processos sociais midiaticizados. Perceber as zonas de contato e de interpenetração (FAUSTO NETO, 2010) entre as instituições midiáticas e os sujeitos é um dos caminhos que ajudam na compreensão dos contextos midiáticos.

Assim, problematizamos e interpelamos o exercício da cidadania comunicativa dos *sujeitos travestis*, que cada dia têm que lutar por se reconhecer como travestis e exigir à sociedade respeito para seus corpos [abjetos], suas identidades sexo-genéricas [negadas], suas economias [marginalizadas], seus discursos [não escutados]. É nesses espaços que ingressamos para pensar junto com elas a disputa do exercício de cidadania comunicativa.

O *corpo político* das *travestis* ocupa um lugar privilegiado na pesquisa. Às vezes idealizado ou imaginado, o corpo político e utópico de Michael Foucault (2005, 2008) se ressignifica na dialética discursiva do corpo fragmentado, estigmatizado, o corpo sexuado que Judith Butler problematiza na obra “*Cuerpos que importan*” de 2002. Cada vez que tentamos separar a discussão do corpo da discussão do gênero, alguma coisa dá errado, porque as subjetividades do corpo se representam no gênero, mesmo que ele não possa existir sem um corpo que imprime marcas das representações sociais, familiares culturais na configuração das

subjetividades do sujeito. Assim, abordamos o gênero como uma categoria epistêmica *problematizadora* que atravessa e é atravessado por raça, classe, etnia, territorialidade, essa *interseccionalidade*<sup>7</sup> que faz com que o gênero seja instável, performático (BUTLER, 2002, 2006), já que interage com dimensões, condicionamentos e estruturas sociais. No caso das *travestis*, as relações de opressão, subordinação e negação, assim como de libertação, autodeterminação e lutas, estão no corpo, gênero, raça, classe social, etnia e territorialidade, que opera no sistema *hétero binário* normativo patriarcal.

## 2.1 ENTÃO, QUEM SE AUTO DEFINE *TRAVESTI*?

Nesse trabalho, compreendemos *travesti* como uma dimensão política de análise que supera os limites de uma etiqueta descritiva para nomear sujeitos que se configuram em contextos midiáticos. Esses sujeitos constroem sua identidade de gênero fora da norma *hétero binária* e se reconhecem na diversidade da diversidade sexo-genérica *trans*<sup>8</sup> como "*travestis*". Eles geram uma distorção entre a correspondência do seu corpo sexuado e a performance de gênero. Se permitem transitar fora do esquema binário biológico masculino-feminino. Assim, por exemplo, pessoas do "sexo masculino" se representam com vestuários e códigos feminizados sem chegar a se auto identificar como mulheres. Para Berenice Bento (2011, p. 552), "a transexualidade e o travestismo representam um perigo para a estabilidade das normas de gênero na medida em que reivindicam o gênero em discordância com o corpo sexuado". Respeitando a diversidade das auto percepções das pessoas *travestis*, elas não consideram estar em corpos errados, algumas fazem modificações e outras não, e as transformações,

---

<sup>7</sup> Se partimos do princípio de que os sistemas de dominação sexual, racial, heterossexual, de classe estão inter-relacionados, então podemos dizer que as relações de opressão à que estão submetidas as mulheres, as diversidades sexo-genéricas, camponeses, negros e negras, estão relacionadas com situações de subordinação e dominação de gênero, etnia, sexo, classe. Segundo Dorlin (*apud* VIVEROS, 2009), o conceito de *interseccionalidade* está sendo produtivo para superar a conceptualização aritmética das desigualdades sócio raciais como resultado da convergência, fusão ou adição de múltiplos critérios de discriminação.

<sup>8</sup> Para argumentar a compreensão trans em concordância com Carstem Balzer (2010) cito o texto em espanhol: "Personas trans son aquellas que poseen y viven/representan una identidad de género diferente a la atribuida al nacer. Se incluye también a aquellas personas que, por obligación, preferencia o libre elección, optan por representarse, a través de la vestimenta, accesorios, cosméticos o modificaciones corporales de modo diferente a las expectativas respecto al rol de género atribuido al nacer. Estas personas son, entre otras, transexuales, personas transgénero, travestis, *crossdresser*, no géneros, multigéneros, personas *genderqueer* y también aquellas personas con variantes de género que se identifican o se asocian con lo arriba nombrado". (BALZER, 2010, p. 81, grifo do autor).

transgressões e trânsitos são gestos sofisticados e muito elaborados de autonomia de seus corpos<sup>9</sup>. Concordo com Carsten Balzer (2010), na necessidade do repensar a autodeterminação para a compreensão das identidades *trans*, *travestis*, *transexuais*. Talvez seja oportuno apelar à citação:

A multiplicidade de auto definições e identidades trans que surgem nas subculturas do Brasil, acham-se em contraposição com uma dicotomia TV-TS [travesti-transexuais] proclamada como universal. Neste processo, se pode estabelecer uma analogia com os discursos emancipadores do movimento transgênero ocidental no que uma pluralidade de identidades de gênero assume formas fluidas.<sup>10</sup> (BALZER, 2010, p. 93, grifo nosso, tradução nossa).

## 2.2 OBJETIVO GERAL

(Re) construir com *sujeitos travestis* os processos de transição dos corpos, a relação com os sistemas midiáticos, e o exercício da cidadania comunicativa, a partir da configuração das subjetividades na cotidianidade.

### 2.2.1 Objetivos específicos

- 1) Realizar cartografias das experiências midiáticas de pessoas *travestis*, nas quais interajam a memória midiática, a memória perceptiva das mudanças do corpo, a performática do gênero, e as reflexões atuais, do auto reconhecimento como *travestis*;
- 2) Examinar junto às pessoas *travestis* os modos em que elas exercem a cidadania comunicativa;
- 3) Realizar uma coprodução multimídia (*hipertextual*) do *corpo travesti*, na qual conflua fotografia, áudio e texto para visibilizar a complexidade e sofisticação do discurso *travesti*;

---

<sup>9</sup> Não fazem cirurgias de troca da genitália.

<sup>10</sup> Texto em espanhol: La multiplicidade de autodefiniciones e identidades trans surgidas en las subculturas de Brasil se encuentra en contraposición con una dicotomia TV-TS [travesti-transexuais] proclamada como universal. En este proceso se puede establecer una analogía con los discursos emancipadores del movimiento transgênero ocidental en el que una pluralidad de identidades de gênero adquiere formas fluidas. (BALZER, 2010, p. 93).

- 4) Entender a *relação dinâmica* do *corpo, discurso, gênero* nos processos de subjetivação dos *sujeitos travestis*, experimentando com percursos metodológicos a partir da compreensão da *transmetodologia*.

### 3 O TECIDO METODOLÓGICO, UMA CAMINHADA EM TONS TRANSMETODOLÓGICOS

#### 3.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Nessa pesquisa, vamos problematizar a complexidade e a contradição em que opera o *universo travesti*. Vamos questionar os modos em que os *corpos travestis* se modificam, transitam e interpelam as lógicas *hétero binárias* do sistema capitalista, patriarcal, *heteronormativo*, ao mesmo tempo em que legitimam a existência do gênero binário masculino-feminino. Procuraremos mergulhar na compreensão da semiose social para problematizar a construção discursiva das *travestis* e os modos pelos quais os sistemas midiáticos as visibilizam. Além disso, estamos problematizando a configuração dos *sujeitos comunicantes travestis* que atuam no cotidiano de sociedades midiaticizadas para colocar em questão o exercício da *cidadania comunicativa* dos *sujeitos travestis* que operam nas periferias sociais, políticas, econômicas e midiáticas do sistema social.

##### 3.1.1 Perguntas norteadoras

- ✓ Quais são as produções comunicacionais que configuram a experiência corpo-gênero-midiaticização das *travestis*? Quais são os padrões midiáticos que se podem reconhecer em seus corpos?
- ✓ Quais são os contextos onde os *sujeitos travestis* acreditam exercer cidadania comunicativa? Em que situações cotidianas se podem observar e registrar o exercício dessa cidadania, e que dificuldades devem afrontar?
- ✓ Quais são os modos em que o *corpo travesti* opera na construção do discurso *travesti*, a relação como o gênero binário (masculino-feminino) para abranger a complexidade do *sujeito travesti*.

#### 3.2 DA METODOLOGIA À TRANSMETODOLOGIA

*El AZAR para mí es la dialéctica más fuerte del cine, la que más me motiva, la más íntima para el cine, sería la dialéctica entre el cálculo y el azar. Para*



*mí el cine es una operación que tiene que ver con la tensión entre lo que llegas a calcular y lo que te da el azar. Incluso cuando veo una película siempre estoy reflexionándola a partir de ese principio. (JOSÉ LUIS GUERÍN, 2009)<sup>11</sup>.*

Pensamos que os processos, escolhas, trilhas, atividades, conversas, observações, narrativas, leituras, filmes e autores se constituem numa problematização e reflexão metodológica. Cada processo é pensado, planejado e observado no *continuum* da cotidianidade que o problema/objeto da pesquisa mostra em nuances para nós, às vezes de um jeito quase mágico; outras, de jeito evidente demais. É no desafio da compreensão da problematização metodológica que construímos a pesquisa desde uma perspectiva *transmetodológica* para entender, compreender, abordar os diferentes questionamentos que, como pesquisadores, podemos potencializar na construção de processos metodológicos “vivos”, que palpitam, se deslocam, crescem ou se estancam na relação com os ambientes sociais, midiáticos, familiares, acadêmicos em que o problema/objeto está envolvido. Nesse processo, não partimos de metodologias prontas, tampouco partimos do zero, porque reconhecemos o valor que tem a experiência como matéria-prima das nossas inquietações.

O *empírico*, em termos metódicos, compreende o conhecimento adquirido pela prática, o conhecimento *sensível*, baseado na *experiência*, o conhecimento factual que foi experimentado e não tem necessariamente uma observação controlada. Ele provém de perspectivas diversas da experiência e na vida cotidiana, não precisa de exercícios teóricos sofisticados, atua e se configura mediante *esquemas e matrizes* incorporados pelo exercício constante de uma atividade. (MALDONADO, 2011, p. 284, grifo do autor).

Pensar a metodologia em processos *transmetodológicos* é uns dos desafios dessa pesquisa. Pensamos em processos abrangentes e rigorosos, em que a fluidez cobra sentido quando compreendemos que cada um dos movimentos, trilhas, escolhas, escutas, vão configurando um *corpus* metodológico que problematiza processos comunicacionais. É pensar em paisagens sonoras, provocações visuais, observações atentas, questionamentos permanentes, viver a pesquisa desde dentro. Acreditamos também que é o momento de refletir

---

<sup>11</sup>Escenarios 2009 - 7º Encuentro Internacional de Cine Documental. Martes, 7 de julio de 2009. Sala Luis Buñuel (THX). Centro de Capacitación Cinematográfica, A.C. México. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=f7VKcXbb0mc>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

sobre a necessidade de narrar em primeira pessoa do plural (*NÓS*)<sup>12</sup>. Essa escolha não é feita apenas por um requerimento canônico da academia. Foi uma decisão questionada e pensada nos primeiros relatos que saíram em primeira pessoa de singular. Depois, um pouco forçado o uso da terceira pessoa. Porém, quando a escrita iniciou falando em *nós*, como esse coletivo que estamos realizando na pesquisa, a narrativa fluiu. Falar a partir de *nós* significa que é possível reconhecer um processo orgânico colaborativo, em que se inserem muitas pessoas. Essa pesquisa, especialmente em termos metodológicos e reflexivos, não é feita apenas por uma pesquisadora. São experiências de vida, depoimentos solidários, reflexões sobre a construção do *sujeito travesti*, interpelações aos corpos, práxis comunicacionais, questionamentos ao exercício cidadão, apropriação do espaço público. São vidas que estão participando nesse processo. Por esse motivo, a narração está em primeira pessoa do plural, para nos enunciar e visibilizar a construção de saberes coletivos, reconhecer especialmente os saberes cotidianos dos *sujeitos travestis*, seus ambientes e contornos.

O desafio, então, é pensar em uma arquitetura *transmetodológica* na dimensão epistemológica, teórica e empírica, que nos permita interagir com o sujeito da pesquisa (BOSI, 2003) em termos de equidade, respeito, confiança, cumplicidade com as pessoas que vão fazer parte do processo investigativo. Na pesquisa não só intervêm o pesquisador como sujeito ativo. São os sujeitos (as pessoas *travestis*), assim como seu ambiente, que vão marcar os caminhos, táticas e estratégias que vamos desenvolver. A articulação da pesquisa com os sistemas midiáticos também demanda uma abordagem metodológica que inclua os sistemas midiáticos, de modo que o objeto da pesquisa não seja só o *sujeito travesti*. O objeto da pesquisa está configurado por problemas/objetos multidimensionais, que demandam construções metodológicas dialéticas e interdisciplinares (MALDONADO, 2013; BONIN, 2013) para abordar problemáticas complexas como a *cidadania comunicativa das travestis*.

Pensando nessa complexidade multidimensional, simbólica e contraditória em que opera o objeto da pesquisa, encontramos na *transmetodologia* a possibilidade de pensar em termos dinâmicos, abrangentes, comprometidos e imaginativos, como propõe Charles W. Mills (1975, p. 16, grifo nosso) ao dizer que a “Imaginação Sociológica [...] consiste em grande parte na capacidade de passar de uma perspectiva a outra, e no processo estabelecer uma visão

---

<sup>12</sup>Além dessa decisão pensada e refletida, os leitores poderão encontrar-se com textos narrados em primeira pessoa de plural, em capítulos como a *O encontro com teses e dissertações (pesquisa da pesquisa)* e em alguns momentos da narrativa, quando são reflexões mais pessoais, que recebem um tratamento diferenciado da autoria.

adequada de uma sociedade total de seus componentes”. As articulações teóricas, empíricas e metodológicas demandam conhecimento e reconhecimento, assim como as ocultações e revelações do objeto da pesquisa nas dinâmicas que estabelece o campo social e o campo comunicacional. (BOURDIEU, 2004). Porém, não apenas o objeto empírico exerce pressão na dimensão metodológica. A dimensão teórica também constitui um dinamizador do processo investigativo, o que permite enriquecer o olhar do empírico e ter maior sensibilidade para estabelecer as trilhas metodológicas, afinando o que podemos chamar o “olfato do pesquisador”. A complexidade *multi contextual* em que operam as pesquisas demanda ter as sensibilidades, os saberes e a capacidade de estabelecer modelos metodológicos adequados a cada pesquisa. Portanto, a pesquisa de receita pronta fica questionada e obsoleta, já que não tem a capacidade de dar retorno aos desafios das problematizações no campo das Ciências Sociais e da Comunicação. Colocamos uma linha de pensamento crítico como horizonte metodológico-teórico-empírico. Segundo Efendy Maldonado (2013, p. 33, grifo do autor):

Uma opção *epistêmica* que permite configurar alternativas enriquecedoras de investigação é a linha (concepção) estratégica *transmetodológica* que se caracteriza por: confluência de métodos; entrelaçamento das lógicas diversas (formais, intuitivas, paraconsistentes [sic], adutivas, experimentais e inventivas); estruturação de estratégias, modelos e propostas mistas, midiáticas, que inter-relacionem os vários aspectos das problemáticas comunicacionais (Bachelard, 1974; Cassirer, 1977; Japiassu, 1986).

É assim que nos encontramos com uma metodologia desafiadora, que mexe nas problemáticas comunicacionais para pensar, criar, inventar, construir, confrontar, perceber, deliberar, bem como reconhecer os erros e os achados. Nessa compreensão, é possível pensar na responsabilidade da liberdade metodológica “como uma evolução do espírito que aceita variações respeitantes à unidade e à perenidade do *eu penso*”. (BACHELARD, 2001, p. 127, grifo do autor). Falando em termos da honestidade, rigorosidade e curiosidade epistêmica, é preciso desdobrar o espírito para ir ao encontro do pensamento crítico, cuidando para não ficar no deslumbramento, na sedução do desconhecido, porque se pode perder a perspectiva da profundidade do problema/objeto. Assim, no lugar de evoluir e fazer configurações *rizomáticas*, ficamos na acomodação da exterioridade, do anedótico, na sedução da primeira sensação, do “amor à primeira vista” com o objeto. Isso faz com que, em um primeiro momento

da pesquisa, fiquemos no deslumbramento, na priorização da satisfação íntima que abona o aparecimento do objetivo imediato. (BACHELARD, 2001).

No mesmo sentido, a percepção de Ecléa Bosi (2003) fala dos estímulos que o pesquisador recebe quando entra em um ambiente novo, descrevendo como um momento de atordoamento, de confusão, que precisará de tempo para transgredir. É assim que o sujeito pesquisador está exposto a uma série de “tentações”, que deverão ser afrontadas para se fortalecer no caminho da pesquisa e na construção de um percurso *transmetodológico*, que pode ajudar a afrontar tanto as dificuldades teóricas, filosóficas, éticas, o estancamento imaginativo, como os desdobramentos do processo da pesquisa. (BACHELARD, 2001; MILLS, 1975; MALDONADO, 2011, 2013; BONIN, 2011, 2013).

### 3.3 O RECONHECIMENTO DO SUJEITO PESQUISADOR

Quando se problematiza a configuração do *sujeito pesquisador* a partir do pensamento crítico na construção *transmetodológica*, se pode reconhecer o lugar da pesquisa como essa “ação de luta” em termos de Bachelard (2001), a partir de onde se pensam os desdobramentos e as configurações éticas, teóricas, empíricas para dar conta de uma pesquisa com um grupo social complexo e contraditório como a população *travesti*. Um grupo social que se constrói a partir de repensar seu corpo e interpelar a norma da biologia do corpo sexuado e a norma sexo genérica do *sistema hétero binário*: feminino/masculino. Donna Haraway (1995, p. 72, tradução nossa) diz que “[...] Gostaria de investigar de que jeitos o campo da moderna biologia constrói teorias sobre o corpo e a comunidade como máquinas e como mercados capitalistas e patriarcais [...].<sup>13</sup>”. É uma problemática complexa que precisa de compreensão *multilética*, que “refere-se à compreensão de processos, fenômenos e práxis de inter-relacionamentos dialéticos, múltiplos, que expressam a densidade e a riqueza do concreto em movimento”. (MALDONADO, 2013, p. 41). Acreditamos que essa capacidade *multilética* deve imbuir-se de uma atitude crítica para superar os obstáculos epistemológicos que Gastón Bachelard (2001) nos alerta quando fala dos perigos de ficar numa experiência inicial e construir, a partir daí um falso espírito científico. A rigorosidade e a liberdade, na prática da investigação, se tornam um “bem prezado” para a

---

<sup>13</sup>Texto em espanhol: “[...] Quisiera investigar de qué manera el campo de la moderna biología construye teorías sobre el cuerpo y la comunidad como máquinas y como mercados capitalistas y patriarcales [...]”. (HARAWAY, 1995, p. 72).

configuração do sujeito pesquisador. Acreditamos que o desdobramento de um pensamento crítico é um processo que deve ser cultivado na prática diária, da observação atenta, da leitura contrastada, da percepção sensível, da imaginação liberada para aportar um exercício comprometido da pesquisa com a transformação das sociedades.

O envolvimento do sujeito pesquisador em termos *multiléticos* faz da pesquisa uma experiência metodológica e reflexiva, em que pode se colocar no âmbito da paixão, não do encantamento da experiência inicial. Além do mais, se põe no lugar da veemência e da vontade sensível por entender o ser humano, da sociedade e sua interação em termos políticos e históricos.

Examinemos em detalhe os pequenos fatos e suas relações e os grandes acontecimentos ímpares também. Mas não sejamos fanáticos: relacionemos todo esse trabalho, continuamente e de perto com o nível da realidade histórica. (MILLS, 1975, p. 28).

Não podemos esquecer a importância do olhar dos contextos e o desenvolvimento da sociedade onde se insere nosso problema/objeto. Jiani Bonin (2011) nos lembra que fazer ciência é um empreendimento coletivo, e é aí onde opera nosso esforço de pesquisa.

O compromisso com a realidade em que estamos inseridos (cujas dimensões incluem a política e a ética, entre outras), implica estar atento aos problemas relevantes colocados e suscitados por esta realidade, de modo que os conhecimentos possam responder aos problemas e desafios do seu tempo histórico. (BONIN, 2011, p. 23).

Assumir o compromisso em termos do sujeito significa ascender a uma experiência de envolvimento teórico, social, corporal, individual e coletivo com o processo da pesquisa entendida como o “artesanato intelectual” de Wright Mills (1975). Nesse processo de reflexão metodológica, de configuração do sujeito pesquisador, é preciso levantar três momentos para pensar o “eu pesquisador”:

**Momento 1. A percepção reflexiva do objeto empírico** não fica só no olhar dos *sujeitos travestis*, ela ultrapassa a superficialidade para conseguir o relacionamento e a compreensão de seu entorno social-histórico, os processos comunicantes e as interações com os sistemas midiáticos. Para entender a percepção, citamos Ecléa Bosi (1994, p. 45):

Se é verdade que cada ato perceptual, é um ato presente, uma relação atual do organismo com o ambiente, é também verdade que cada ato de percepção é um novo ato. Ora “novo” supõe que antes dele aconteceram outras experiências, outros movimentos, outros estados do psiquismo.

A experiência arquitetada a partir da percepção do objeto empírico torna-se um sofisticado insumo no planejamento da metodologia e seu futuro desdobramento. “Os estudos de metodologia e os mestres da linguagem reconhecem que o processo metodológico nasce das leituras de mundo e a palavra que o investigador realiza no interior das significações do discurso. A constatação mostra que o método não é dado *a priori*”. (ALVES, 2014, p. 101). Na nossa experiência, a percepção atenta ao objeto empírico, junto com o acompanhamento do sujeito da pesquisa, possibilitou advertir a formulação de métodos baseados numa experiência inicial, da construção da realidade/real idealizada. É importante que o processo perceptivo tenha como plano de fundo o treinamento cotidiano, que permita fazer leituras do mundo e da palavra, indo além do sujeito para compreender os contextos e estabelecer diálogos entre os métodos, as matérias observadas e as teorias. Por essa razão, é preciso que a percepção seja atenta, crítica, reflexiva, alerta da existência de possíveis caminhadas que não são necessárias, poupando tempo que se pode inverter em outros procedimentos.

**Momento 2. A confluência das teorias** e a capacidade de mexer com conceitos, categorias e estabelecer um diálogo na complexidade da pesquisa evidenciam, às vezes, momentos de confusão, contemplação e crises, até conseguir se apropriar das teorias para refletir e interpelar os diferentes momentos da pesquisa. Os questionamentos feitos não só afetam o problema/objeto, mas o pesquisador, porque interpelam a existência na relação com o mundo. Nessa procura de confluências teóricas, tendo presente as contribuições dos autores citados no texto, vamos nos permitir trazer ao debate das metodologias a teoria do existencialismo crítico do Jean Paul Sartre (1963, p. 37), que prioriza “a primazia da existência sobre a consciência”, colocando como uma afirmação de princípios.

La única teoría del conocimiento que puede ser válida hoy en día es la que se funda sobre esta verdad de la microfísica: el experimentador forma parte del sistema experimental. Es la única que permite apartar toda ilusión idealista, la única que muestra al hombre real en medio del mundo real. Pero este realismo implica indudablemente un punto de partida reflexivo, es decir que el *descubrimiento* de una situación se hace en y por la *praxis* que le cambia. (SARTRE, 1963, p. 37, grifo do autor).

Pensando no desafio que representa enfrentar uma pesquisa com sujeitos *travestis*, a reflexão de Jean-Paul Sartre (2011, p.37) de que “o experimentador é parte do sistema experimental”, nos desloca até outra problemática, a da existência coletiva, em que a experiência da existência é compartilhada. O sujeito da pesquisa e seu ambiente também formam parte do sistema experimental, o que nos convida a pensar em percursos éticos como caminho ao pensamento crítico.

**Momento 3. Os questionamentos éticos** no trabalho com sujeitos nos convidam a perceber a necessidade do relacionamento, mas, sobretudo, a responsabilidade de compreender que estamos operando em espaços de fragilidades humanas, em que é preciso trabalhar sob princípios de equidade, respeito, valorização social, econômica, cultural e cognitiva. Nessa perspectiva, o *sujeito travesti* é reconhecido como *sujeito histórico, comunicante* que tem suas *processualidades*, capacidade de decisão e autonomia sobre sua privacidade e compromisso com a pesquisa. A interação com os sujeitos se realiza a partir do respeito e não *vitimização*. É preciso ter como plano de fundo os contextos onde opera o *sujeito travesti*. Os corpos e os contextos, assim como as teorias, se constituem em materiais sofisticados e de extrema delicadeza, que devem ser tratados com cuidado porque vão falar de vidas, de existências individuais e coletivas.

Talvez a pesquisa seja uma possibilidade de serem escutados, lidos, comentados e visibilizados. Talvez a pesquisa seja o espaço de interação que estabelece o sujeito da pesquisa com a sociedade para se expressar através de outros meios. Por isso, o tratamento dos dados recolhidos não são simples aplicações de “ferramentas”. Cada método, recurso, instrumento, tática, estratégia e técnica que se aplica no modelo metodológico é previamente pensado, discutido e formulado em uma perspectiva crítica. (MALDONADO, 2007; BACHELARD, 2001; MILLS, 1975; BONIN, 2013). Para um jornalista, talvez não seja difícil fazer uma entrevista. A complexidade radica quando essa entrevista está atravessada por um pensamento crítico e tem que olhar ao outro “entrevistado” em termos de sujeito, de ser humano multidimensional, para entender a configuração de seu discurso e conseguir que a experiência seja significativa para a pesquisa e para o “entrevistado”. “A simpatia, que é uma afinidade pré-categorial do sujeito com o seu objeto, traz em si uma intuição de ordem superior, que começa com a negação do óbvio e do já visto” (BOSI, 2003, p. 116). O trabalho com os sujeitos da pesquisa requer paciência e constância. Cada passo a dar com eles é um momento de

negociação, em que eles/elas permitem à pesquisadora entrar na sua intimidade, na sua experiência, para escavar e aportar à pesquisa de jeito solidário. Em muitas ocasiões, o sujeito da pesquisa disponibiliza o tempo e a vida para que possamos fazer as nossas investigações. Por isso, os questionamentos éticos são importantes. Temos de reconhecer que, em frente ou ao lado, estão sujeitos que em um ato de bondade, cumplicidade e ingenuidade, colaboram conosco.

Quando falamos em termos *transmetodológicos*, não existe uma hierarquia nos processos. Observamos que depende do problema/objeto os processos a serem priorizados e, entre eles, se estabelecem diálogos, trocas e misturas. As fronteiras se *embaçam* para dar espaço a encontros dinâmicos que se inter-relacionam, dependendo das demandas particulares da pesquisa. A figura 1 representa os modos em que as texturas e as cores confluem e se misturam entre si para constituir novos arranjos, saberes e experiências.

Nessa lógica, os movimentos específicos que fizemos nessa pesquisa iniciam com uma forte incursão na *pesquisa empírica* e a *pesquisa exploratória*, para estabelecer contato com um contexto pouco conhecido pela pesquisadora. De modo sistêmico, a pesquisa exploratória vai atravessando o devir da pesquisa na totalidade.

A *pesquisa teórica* abordou epistemes diversas, perspectivas que sofisticam a percepção do problema/objeto e determinam escolhas metodológicas.

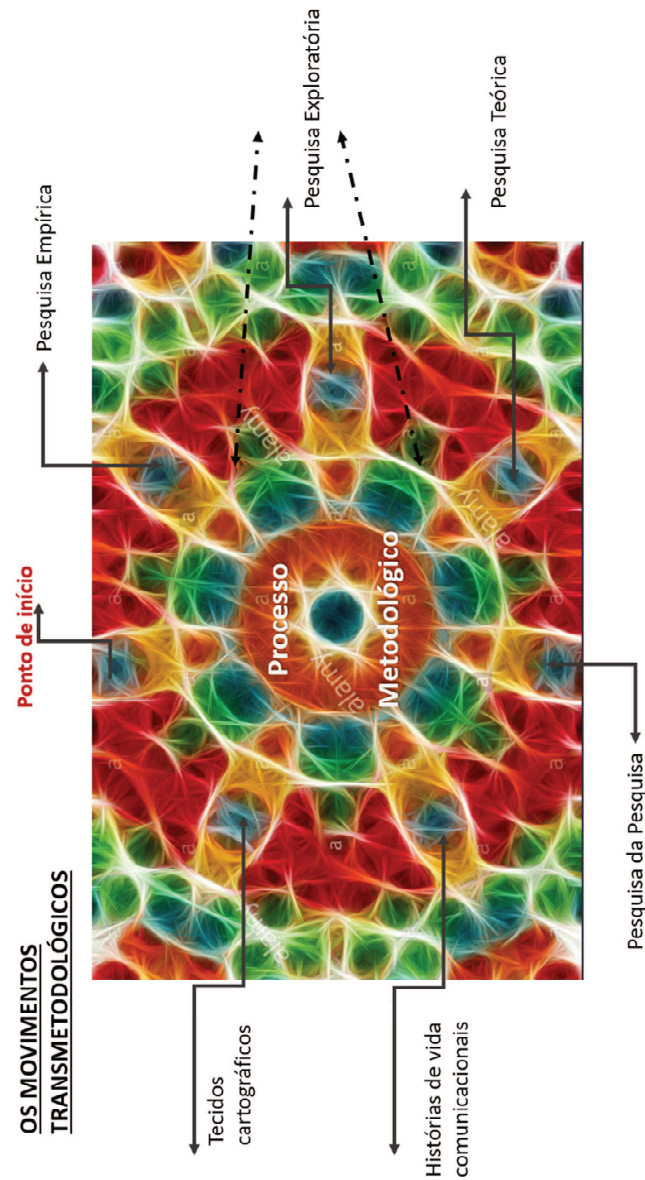
A *pesquisa da pesquisa* mostrou que nosso problema/objeto da pesquisa é abordado em diferentes perspectivas, campos, disciplinas, sendo que o “fundacional” não existe.

Colocamos o *processo metodológico* no centro para visualizar caminhos metodológicos que nos permitem articular todas as partes da pesquisa como um espaço vivo, dinâmico e em constante problematização.

Nessa caminhada, temos dois processos “diferenciados”. As *histórias de vida comunicacionais* e os *tecidos cartográficos*, que estariam mais relacionadas com a pesquisa exploratória e empírica para recolher a informação. Porém, para sistematizar, estabelecemos diálogos epistêmicos com a pesquisa teórica.



Figura 1 – Os movimentos *Transmetodológicos*



Fonte<sup>14</sup>: Elaborado pela autora (2018).

<sup>14</sup> Imagem de fundo, tomada do portal: <https://www.alamy.es/foto-calidoscopio-de-colores-en-forma-de-mandala-antecedentes-las-redes-neuronales-135034631.html>. Autorização para uso editorial: <https://www.alamy.es/help/what-is-model-release-property-release.aspx>

### 3.3.1 O problema/objeto da pesquisa

Pensar em problemas/objetos de pesquisa, em termos *transmetodológicos*, é pensar em uma construção processual, que não está dada, pronta e fechada. É um problema/objeto que se constrói na problematização, em que se dão os primeiros “confrontos” entre a teoria e a empiria. São as perguntas, respostas, não respostas, os encontros e desencontros que acontecem durante a arquitetura da pesquisa, na elaboração da metodologia, nos primeiros olhares do empírico com espírito científico, à procura do *corpus* teórico. Assim, o objeto da pesquisa vai tomando uma forma fluída e em constante aprofundamento. Por isso, o objeto nunca fica fechado e, tampouco, em estado de completude. É compreendido em sua dinâmica dialética.

A problematização é chave no processo de arquitetura da pesquisa. Na construção do conhecimento científico, precisamos trabalhar na elaboração de uma problemática, cujo desdobramento e concretude dependem das relações de confluência e problematização entre as dimensões da teoria e da empiria. (PEDROSO; BONIN, 2012). Quando conseguimos identificar a razão de nossa existência científica, vamos nos encontrando com marcas, rastros, leituras e dicas que sinalizam a infinita capacidade de expansão que têm os problemas/objetos. Temos que aprender a raciocinar, selecionar, desenvolver a percepção e a capacidade seletiva para obter a essência da informação que vamos coletando no caminho, para conseguir articular o objeto de estudo de nossa pesquisa. Segundo Mills (1975), o raciocínio seria o modo mais econômico, em termos de tempo e energia, para formular um problema:

Raciocinando tentamos: a) isolar cada questão de fato que perdura; b) fazer as indagações de fato de tal modo que as respostas prometem ajudar-nos a resolver nossos problemas através de novos raciocínios. As situações problemáticas têm que ser formuladas com a devida atenção às suas implicações teóricas e conceptuais, e também aos paradigmas da pesquisa empírica e aos modelos de verificação adequados. (MILLS, 1975, p. 11).

É assim que chegamos à importância da problematização na construção do objeto da pesquisa e à problematização de cada uma das dimensões, já que é preciso que cada momento e processo da pesquisa ingressem na lógica de ser problematizado. É preciso questionar, interpelar, provocar, desestabilizar, de modo que possamos aprofundar, desdobrar, modificar, e

evoluir a pesquisa em todas as dimensões: epistemológica, teórica, empírica, metodológica. Tal como propõe Charles Wright Mills (1975), em um ato de ativação do raciocínio para delinear um plano amplo, e a partir daí fazer os caminhos, enfoques, estratégias que sejam necessários.

Nessa pesquisa, o *sujeito comunicante travesti* será reconhecido como *sujeito da pesquisa*. Nos apropriamos do termo “sujeito da pesquisa” utilizado por Ecléa Bosi (1994) no livro “Memória e Sociedade. Lembranças de velhos”. Para compreender a *população travesti*, é preciso nos aproximarmos de um universo complexo, que opera na contradição de interpelar e se adequar à lógica do sistema normativo que o exclui. No Brasil, a *travesti* é uma configuração que contempla a construção de identidades, tem uma significação política, rica em subjetividades, e que nomeia pessoas que se auto definem como *travestis*. Não é uma categoria muito antiga. Aparece na década de sessenta no Brasil para falar de pessoas homossexuais, que se vestiam com roupas femininas e glamorosas apenas para fazer shows:

Enquanto na década de 1960 os travestis podiam ser vistos apenas durante o carnaval ou nos espaços fechados dos clubes gays e dos shows de travestis, os anos 70 assistiram a uma proliferação acelerada de travestis pelas calçadas do Rio, de São Paulo e de outras cidades grandes, vendendo o corpo em troca de dinheiro (GREEN, 2000, p. 379 *apud* CARVALHO; CARRARA, 2013, p. 324).

Para abordar esta problemática, será preciso acercar-se a dimensões e categorias que permitam refletir a configuração do *sujeito comunicante travesti*. Assim, propomos aprofundar as dimensões epistêmica, empírica, social e comunicacional para abordar gênero e corpo performático, a cotidianidade, os processos de midiaticização e a relação com as instituições midiáticas em condições de marginalidade. Nos engajamos com um objeto de estudo que responde às dinâmicas sociais e situações individuais, que se constitui na marginalidade de uma sociedade do controle, que expulsa os indivíduos fora da normatividade, que mantêm o *sistema social* da acumulação do capital. São as instituições de controle e regulamentação que coadjuvam para que o sistema das normas se perpetue, com a capacidade de disciplinar desde a ação humana até os corpos e a vida. (FOUCAULT, 2005).

A partir da experiência com o *sujeito travesti*, que vive em condições de marginalidade, marginalização e subversão às normas de disciplinamento do corpo, é possível observar que o sistema de acumulação de capital responde a um poder hegemônico de dominação, constrói mecanismos de dominação que são reproduzidos e atualizados pelas instituições normativas de

regulamentação. (FOUCAULT, 2005). De modo estratégico, ele se legitima na sociedade. O problema não é só do oprimido, que precisa se emancipar. Existe uma sociedade convencida de que a norma lhe permite viver bem. O oprimido, marginalizado, também está inserido nessa estratégia de normalização e na lógica do disciplinamento. O oprimido, além de respeitar e cumprir a norma, também tem que trabalhar em condições de exploração para sobreviver. A marginalização, no caso das *travestis*, é estrutural, porque elas habitam a marginalidade econômica, o que causa uma marginalidade social, educativa, cultural, familiar, produto da má distribuição da renda/capital. Com Thomas Piketty (2014, p. 56), vamos tentar entender melhor o problema, “a disparidade de renda resulta em parte, da desigualdade da renda do trabalho e, em parte, da desigualdade ainda mais forte da renda do capital, que decorre da extrema concentração da riqueza”.

Essa é a realidade da polarização e um dos maiores problemas do mundo: *a extrema concentração de riqueza*. Mesmo que existam fontes de trabalho, por falta de recursos o modelo de “desenvolvimento” está pensado para que existam os setores marginais e seres em condições de opressão estrutural. Então, não é que o sujeito em opressão não tenha capacidades de se emancipar - ele tem, mas demonstra ao mundo que sobrevive nas condições mais difíceis que o sistema do poder hegemônico tem gerado e, desde esse lugar, aporta para que o sistema continue. Por isso, as populações em condições de marginalidade operam na *contradição*. Não operam apenas numa relação de contrários. “A contradição chave entre forças inventivas, culturais, científicas, técnicas, políticas, sociais, e os sistemas de controle, vigilância, repressão, exclusão e exploração continuam gerando fortes embates em todas as regiões do globo”.<sup>15</sup> (MALDONADO, 2015, p. 223, tradução nossa). Essas contradições se observam, também, no campo comunicacional e, desde outras abordagens, olhares e inventivas. Em uma dinâmica de análises micropolíticas, podemos observar os modos de resignificação das subjetividades no tecido social.

---

<sup>15</sup>La contradicción clave entre fuerzas inventivas culturales, científicas, técnicas, políticas, sociales, y los sistemas de control, vigilancia, represión, exclusión y explotación continúan generando fuertes embates en todas las regiones del globo. (MALDONADO, 2015, p. 223).

### 3.3.2 A pesquisa exploratória

A seguir, faremos uma reflexão acerca da pesquisa exploratória, porque foi o motor de uma fase do trabalho inicial com pessoas *travestis*. Ela desencadeou encontros, desencontros e aberturas de novas trilhas. Ajudou a deixar o falso deslumbramento do novo, a olhar com maior sensatez, abordar o processo de construção da pesquisa e a produção de conhecimento comprometida com as dinâmicas sociais.

A pesquisa exploratória nos ajuda a estabelecer os diálogos iniciais entre as dimensões empírica e teórica, abrir e mexer arranjos metodológicos, assim como conhecer e/ou reconhecer os contextos em que opera o objeto empírico. Com a participação de sujeitos (como acontece com nossa pesquisa), será preciso problematizar os modos em que o pesquisador vai gerar laços e interagir com os sujeitos e os contextos que possivelmente não conhece em profundidade. Será na pesquisa exploratória que poderá estabelecer os vínculos de simpatia, empatia, confiança no devir (espaço-tempo) da cotidianidade para dar conta das realidades empíricas que se pretende abordar na pesquisa. Além disso, é preciso facilitar os primeiros contatos até chegar a um engajamento, envolvimento, cumplicidade e respeito mútuo de longo tempo, já que, como pesquisador/pesquisadora, vamos ter o privilégio de acessar as experiências, vivências, lembranças pessoais que podem se tornar conversações muito íntimas e sensíveis. Ou seja, as pessoas vão confiar trechos de sua vida a nós. Portanto, é preciso ter a clareza ética, a percepção, o conhecimento metodológico (por nomear algumas condições do pesquisador) para saber os limites com os quais vai lidar quando interage com sujeitos. Assim, é possível pensar junto com Ecléa Bosi (1994, p. 38) que “uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa”.

Nesse sentido de colaboração, lendo Tomás Maldonado, pensamos que nessa fase da pesquisa exploratória foi preciso arquitetar uma “rede híbrida” (CALLON *apud* MALDONADO, 2007), na qual interagiram grupos de *travestis*, seus ambientes sociais, os sistemas midiáticos, as tecnologias de transformação que usam as *travestis* (silicone, próteses, cirurgias, maquiagem, tatuagens), e os recursos tecnológicos, como a câmera de fotos, o gravador, os dispositivos telefônicos e os aplicativos (como *WhatsApp*, o correio eletrônico) para nos comunicarmos com a população. É assim que todos os elementos foram dialogando e possibilitando representar e registrar na fotografia, no áudio, nos *corpos travestis*, que não

podem ser descritos, porque não se consegue chegar à sofisticação que carregam. Pensamos com Tomás Maldonado (2007) nas possibilidades da *transmetodologia*, misturando técnicas adequadas à nossa pesquisa e, através da fotografia e do áudio, tentamos traduzir para nós e para a sociedade corpos que se representam por si mesmos.

Desde essa perspectiva, o pesquisador não é só um escavador de dados, ele se constitui em sujeito mediador<sup>16</sup> que, em parceria com o outro (sujeito individual ou sujeito coletivo), está gerando processos de compartilhamento e reconstrução de saberes, experiências baseadas na confiança, compreensão e respeito. Segundo Jiani Bonin (2012, p. 53)

A pesquisa exploratória traz contribuições importantes para a construção investigativa. As pistas relativas ao fenômeno investigado, geradas através delas, facilitam a construção, a concretização dos problemas/objetos investigados; permitem trabalhar na elaboração de configurações teóricas sensíveis aos objetos concretos da realidade comunicacional.

Para além dos sujeitos, em termos de contextualização, é preciso perceber os ambientes, relações, inter-relações que permitiram ter um olhar mais abrangente das realidades comunicacionais que se estão problematizando. Assim, a pesquisa exploratória se constitui em fio condutor de toda a pesquisa, que ilumina e abre as possibilidades de desestabilizar, avançando na construção concreta da mesma. Esse processo nos acompanhou até o final da caminhada.

### **3.3.3 A pesquisa teórica e a pesquisa da pesquisa**

Por que juntar essas duas pesquisas? As duas são sumamente importantes e desafiantes no nível teórico. Juntamos as duas porque no processo da pesquisa da pesquisa, a pesquisa teórica esteve onipresente. Explico<sup>17</sup>: quando fiz a investigação e as escolhas das teses e dissertações feitas no Brasil sobre população *travesti*, foram importantes as leituras e os autores com os quais previamente havia me relacionado. Desse jeito, foi possível aproveitar melhor e compreender as propostas dos outros pesquisadores. Foi produtivo encontrar sugestões de

---

<sup>16</sup>Em termos de Roger Silverstone (2002), a mediação implica um movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, está em constante transformação.

<sup>17</sup>Vou falar em primeira pessoa do singular porque foi um processo pessoal, de procura e escavação de teses e dissertações que puderam aportar e me dar outros olhares da pesquisa *trans*, *travestis* no Brasil.

autores, repensar meus achados, desestabilizar a metodologia que estava construindo. Saber que temos pontos em comum, que vão desde o deslumbramento do *discurso travesti*, até o reconhecimento das violências que vivem no cotidiano. Acredito que nenhuma das pesquisas escapa a essa realidade e a essa narrativa. É preciso dizer que as 54 pesquisas que encontrei não são o universo total, apenas um mínimo encontrado em 6 repositórios acadêmicos do Brasil: o Banco de teses e dissertações da Capes, e da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal da Bahia (UFB), Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). Dessa pesquisa, também é possível inferir o aumento das pesquisas com pessoas *trans* (*travestis*, *transexuais*, *transgênero*, *trans*), seja na medicina, sociologia, filosofia ou antropologia, como poderemos conferir na estatística do *Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)*, busca que fiz entre outubro e novembro de 2017, com a palavra-chave “travesti”, em nível de mestrado e doutorado, sem limite de área de conhecimento. Inclui *travestis*, *trans*, *transexuais*, *transgênero*. Revela os seguintes resultados:

Tabela 1 – Resultado pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES

Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado	
Ano	Quantidade
2012	31
2013	36
2014	49
2015	55
2016	73

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

É assim que as buscas bibliográficas já nos revelam como o problema/objeto está ativo na academia. São modos em que os sujeitos aportam ao pensamento acadêmico e científico. Assim, é possível constatar que os processos etnográficos, empíricos e exploratórios são frequentes nos movimentos metodológicos.

Na pesquisa teórica, descobri e transitei nas reflexões teóricas e metodológicas dos grupos de pesquisa em comunicação e processos midiáticos PROCESSOCOM<sup>18</sup> e REDE AMLAT<sup>19</sup>, através de suas publicações, artigos, teses e dissertações, que acompanhei como integrante nas reuniões periódicas, nos encontros e seminários. É interessante retornar à narrativa da pesquisa teórica e perceber que alguns autores e teorias não estão nomeados direito. De todo modo, eles estão incorporados de algum jeito, através de leituras, filmes e palestras que fazem parte dos percursos teóricos, e que estão de diferentes jeitos nas reflexões e elucubrações. Talvez a pesquisadora fique em dívida com esses pensadores que estão nos apoiando com seus saberes. Porém, aqui não quero fazer uma lista, porque certamente outros ficariam fora. Quero reconhecer todos que estiveram nos deslocamentos metodológicos da pesquisa teórica, não apenas aqueles que estão citados.

### **3.3.4 Experimentando com as cartografias**

A procura da cartografia como metodologia de pesquisa se deu a partir de uma experiência que fizemos junto com Fabiano Kueva (pesquisador, artista, curador equatoriano), e Evelyn Madona Ortiz (equatoriana que se auto define como transgênero) para cartografar (mapear) os lugares de encontro nas décadas de 80 e 90 entre pessoas sexo genéricas diversas. Nossa referência foi a memória narrativa da Evelyn Madona. Fizemos alguns encontros de conversas para estabelecer a dinâmica de trabalho e, depois, caminhamos pelo centro e sul de Quito, à procura dos lugares que estavam na memória dela. Olhamos como esses lugares agora constituem outras paisagens, mas conservam a memória coletiva de um momento das pessoas trans. À época, na clandestinidade social e legal, elas conseguiam virar deusas da noite, colocar batom nos lábios, alongar os cílios, vestir saias ou vestidos, tudo por momentos. Nessa

---

<sup>18</sup>O grupo de pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção (PROCESSOCOM) está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS no Rio Grande do Sul/Brasil. “Trabalha na fundamentação, construção e sistematização de investigações científicas na área das Ciências Sociais Aplicadas e, mais especificamente, em Comunicação” Disponível em: <<http://www.processocom.org/quem-somos/>>.

<sup>19</sup>A REDE AMLAT é uma rede temática de cooperação “Comunicação, cidadania, educação e integração” que problematiza e pesquisa de problemas comunicacionais da América Latina.



experiência, produzimos o que denominamos “mapa marica”<sup>20</sup>, nome dado às *trans* até finais dos anos noventa no Equador.

Quando problematizamos a cartografia nesta pesquisa, pensamos nela como um tecido, não como um mapa. Apelamos à metáfora do *tecido* para nos referir a um processo onde encontramos entrecruzamentos de emoções, sentimentos, sentidos e experiências midiáticas atravessadas pelo desejo das *travestis* de compreender seus corpos e gêneros fora da normatividade *hétero binária* do masculino-feminino. Assim, podemos encontrar um tecido cartográfico em que queremos mostrar o outro discurso das *travestis*, nos quais sem negar as dificuldades, encontramos reflexões sofisticadas, críticas e autocríticas da sociedade midiaticizada, assim como das práticas comunicacionais que são negadas pela sociedade massificada. No imaginário social, as *travestis* estão apenas nas esquinas exercendo trabalhos sexuais, nos jornais aparecem em matérias de mortes violetas ou agressões, no carnaval são *glamurizadas* e fragmentadas. Porém, em nenhum lugar se veem elas disputando espaços discursivos, contribuindo no questionamento da sociedade. A contribuição dos tecidos cartográficos é mostrar, ainda que fragmentados, os discursos, a produção de sentido dos corpos, a realidade subjetivada arquitetada pela experiência de vida *travesti*.

A memória das transições nas quais opera o desejo das *travestis* marca o devir (espaço temporal) das práticas comunicacionais de sujeitos que se encontram nas periferias. Junto com Cléo e Pitty, tentamos ressignificar a memória no cotidiano, politizá-lo e reconhecer o sistema social midiaticizado. Começamos pelas memórias *travestis* apelando à narrativa oral. Assim, Cléo foi costurando seus afetos, amores, emoções com experiências familiares e midiáticas para se juntar na configuração do EU *trans*, *travesti*, sujeito, ser humano. Por outra parte, Pitty contribuiu com as transições do corpo no cotidiano da família, das amigas, na rua, nos mecanismos para modificar o corpo e suas subjetividades. Assim, falamos de tecidos híbridos, de experiências próprias e singulares para entender as cartografias em confluências plurais.

Os trabalhos que utilizam a cartografia em confluência com outros procedimentos, apresentaram avanços nos processos de construção do objeto empírico, pois conjugaram pluralmente as problematizações teóricas com as metodológicas, com as dimensões empíricas do objeto e com as

---

<sup>20</sup>“Hacia um mapa marica 1985-1992”. Disponível em: <<http://fabianokueva.net/sketches-sobre-el-plano-de-quito>> e <http://fabianokueva.net/wp-content/uploads/2016/09/PLANO-MARICA-RETIRO.jpg>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

processualidades do sujeito/pesquisador. (ROSÁRIO; MACHADO, 2012, p. 1272).

Na pesquisa nos permitimos experimentar com histórias de vida comunicacionais mediante um acompanhamento periódico. Foram encontros para conversas informais de planificação de projetos, de colaboração com a pesquisa, participação em eventos, convite para formar parte de eventos institucionais, bate-papo e entrevistas semiestruturadas. A tecnologia, como mediadora, nos acompanhou para apoiar nossa memória auditiva e gráfica. Além disso, por mais que em algum momento se esquecesse do gravador, ele sempre está presente lembrando que existe uma orelha tecnológica escutando e registrando, o que nomeamos como o dispositivo em suspeita, porque às vezes se perde o fluxo e a espontaneidade da interação. A partir daí, começamos a pensar outros modos de organizar os espaços da pesquisa. Encontramos o caderno de campo como uma opção para registrar experiências, emoções, anseios, percepções, lembranças e diálogos que fogem da tecnologia e ficam na memória da pesquisadora. Além disso, formam parte do processo metodológico os bate-papos informais, os silêncios atentos, a participação em seminários organizados pelas *trans*, *travestis*, *transsexuais*. As caminhadas por Porto Alegre, Sapiranga, Pelotas, Caxias do Sul e os eventos públicos ativistas como a Parada Livre de Guaíba.

Então, para enfrentar os desafios metodológicos, procuramos estratégias e táticas. Entre elas, colocamos em disputa e em discussão as *processualidades* da pesquisadora (nomeamos “o sujeito pesquisador”), o que nos permitiu ampliar o horizonte reflexivo e adentrar no universo travesti gerando vínculos orgânicos baseados na confiança entre as e os sujeitos que, de modos diferentes, íamos envolvendo na pesquisa (filhos, mães, amigas, militantes, ativistas, colaboradoras, coordenadoras de ONG’s, professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores). Então, é possível conferir que as histórias de vida comunicacionais não se limitam aos sistemas midiáticos, vão além para configurar o “organismo” comunicante. Assim, por exemplo, a colaboração com a Cléo Soares para a produção de produtos audiovisuais constituiu-se em uma estratégia e experiência comunicacional que alimentou a pesquisa, e contribuiu com experiências criativas e colaborativas aos espaços de lutas e visibilidade das travestis.

O tecido cartográfico se dinamizou com a participação ativa das travestis como sujeitos da pesquisa. Elas legitimam a construção da pesquisa como ação artesanal e multidimensional.

Na linha de compreensão de Suelly Rolnik (2016, p. 62) “a cartografia [...] acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da terra – aqui movimentos do desejo –, que vão transfigurando imperceptivelmente, a paisagem vigente”.

### 3.4 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Para a abordagem desta fase, recorreremos ao relato, não precisamente cronológico. Recolheremos os questionamentos, complexidades e responsabilidades na abordagem de uma temática em que estão envolvidas vidas, ilusões e memória. Em parceria com Ecléa Bosi (1994), se pode entender que os processos da pesquisa exploratória são históricos, referenciais do mundo mesmo, circulam pela memória da cidade, família, das festas, ruas, dos cabeleireiros, as revistas, os programas de televisão e redes sociais. Ecléa Bosi, na introdução do livro “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”, disse:

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escala, no jardim, ou na despedida do portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito. (1994, p. 39).

O texto da Ecléa Bosi (1994) nos remete a duas considerações. A primeira, de que a fala com a população *travesti* está inserida numa ambiência da memória: seu corpo, além de nos remeter às materialidades, nos remete aos momentos que fizeram possível essas mudanças, momentos cheios de desejos, dores, alegrias e ansiedades. “*Para que exista Cristal, foi preciso existir Samuel, e eu não posso esquecer dele*”<sup>21</sup>, manifestou uma *travesti* em Porto Alegre. E a segunda consideração é o registro fotográfico e de áudio, que não vai recolher a intensidade de sua fala ou de seu cotidiano o tempo todo. Não é possível porque as confidências não se podem gravar, porque a mediação da tecnologia (câmera de fotos, gravadora), às vezes, faz faltar naturalidade e fluidez. A pesquisa e a pesquisadora têm de reconhecer que, em sua frente, está

---

<sup>21</sup> Frase dita, nomes trocados.

um ser humano que vive dia a dia, cujo cotidiano é político, e que existem limites que superam os desafios da pesquisa, para se inserir no campo da ética e do respeito à intimidade do outro.

### 3.4.1 A memória das motivações da pesquisa

Foi entre o final de 2013 e começo de 2014 que se apresentou uma proposta a uma ONG no Equador para construir processos comunicacionais de prevenção ao *Human Immunodeficiency Virus* (HIV), a partir de experiências de “etnografia comunicativa”. Nesse tempo, identificamos que uma das necessidades da população para se proteger e prevenir o avanço da epidemia era melhorar as condições de autoestima. Com essa pauta, através do projeto de construção de produtos comunicacionais para a prevenção do HIV, realizamos uma imersão etnográfica em duas cidades do Equador: Santa Elena (Região Litorânea do Oceano Pacífico) e Quito (região da Serra, onde se encontram montanhas da cordilheira dos Andes. Cidade capital do Equador). Conseguimos formar uma equipe multidisciplinar comprometidas na produção: fotógrafo, especialista em som e pessoas da população *trans* e *transgênero*.. Uma vez feito o processo de pesquisa e produção, foi possível encontrar um discurso potente e sofisticado, com capacidade de falar do corpo, do amor, do desejo, da fome, da migração, da economia, de si mesmas, de seu entorno, das paixões, dos medos, dos processos de transformação e trânsito de seu corpo e gênero. Identificamos o *gênero instável* (BUTLER, 2006), o *corpo político e utópico* (FOUCAULT, 2008, 2017), a *criatura ontológica* comunicante de Bateson (COUTLE, 1986 *apud* SFEZ, 2000, p. 48). Reconhecemos que na diversidade das sociedades existe a possibilidade de nos encontrarmos com pessoas que estão pensando sua existência a partir de seus corpos como dispositivo comunicacional, lembrando o dispositivo de Foucault (2017) e de Bateson (1979), quando falam dos processos de desenvolvimento do indivíduo (ontogenia) e a entropia, como as relações entre os elementos que tem a possibilidade de se mesclar e são imprescindíveis e aleatórias.

É a partir dessa experiência de pesquisa e produção comunicacional que continuamos problematizando uma população que opera um discurso sofisticado de sobrevivência, para reconhecer seu lugar de enunciação nas periferias. A partir daí, foi possível entender que sua construção corporal estava em permanente disputa social, política, econômica, cultural, laboral e simbólica com o *poder*. Um poder baseado em paradigmas de imposição da normatividade

*hétero binária*, homogeneizante e que se reflete através de sistemas de controle na construção do gênero e na implementação dos corpos sexuados: masculino-feminino. Aliás, na complexidade do universo *travesti*, é possível observar a construção de imagens polissêmicas (BARTHES, 1964) a partir dos corpos, da circulação de informação, da abordagem dos acontecimentos *travestis* nas mídias canônicas, da construção de identidades sexo-genéricas instáveis (BUTLER, 2007) para, por sua vez, procurar a configuração do *sujeito comunicante travesti* e a *cidadania comunicativa*. Esses são os antecedentes desta pesquisa, com sujeitos da periferia como as *travestis*, que nos desafiam a refletir, pensar e fazer comunicação em seus entornos e contornos.

### 3.4.2 Os movimentos exploratórios da pesquisa

Em março de 2017 iniciamos a pesquisa no Brasil, nas cidades de Porto Alegre e São Leopoldo. A rede de contatos e solidariedade de conhecimento foi ativada. Uma pessoa conhece a outra, e outra uma à outra, e assim a rede de comunicação permite estabelecer os primeiros relacionamentos com pessoas da comunidade lésbica, gay, bissexual, trans, travesti (LGBTT) para manter conversas, e-mails de trocas de informação, marcar reuniões, participar em eventos. Foi possível encontrar uma diversidade da diversidade, pessoas, algumas organizações não governamentais como *Igualdade Porto Alegre*, *Igualdade Guaíba* e outras organizações de âmbito nacional como *ANTRA*. Conhecer também as instituições públicas que abraçam a causa *LGBTT* e, sobretudo, as organizações de *trans*, *travestis*, *transexuais*, como a Secretária de Saúde da Prefeitura de Porto Alegre, que foca na população estigmatizada pelo HIV e outras infecções de transmissão sexual, como a sífilis e a hepatite C. A população *travesti* está envolvida na prevenção do HIV e de outras infecções de transmissão sexual, devido às suas práticas sexuais estigmatizadas e, também, pela prevalência de HIV, dados que não estão expostos no boletim epidemiológico 2016 do Brasil<sup>22</sup>, e no boletim epidemiológico 2016 do

<sup>22</sup>Segundo o Boletim Epidemiológico HIV – AIDS 2016, emitido pelo Ministério de Saúde do Brasil, os dados de HIV são: De 2007 até junho de 2016, foram notificados no Sinan 136.945 casos de infecção pelo HIV no Brasil, sendo 71.396 no Sudeste (52,1%), 28.879 no Sul (21,1%), 18.840 no Nordeste (13,8%), 9.152 no Centro-Oeste (6,7%) e 6.868 na Região Norte (6,3%). No ano de 2015, foram notificados 32.321 casos de infecção pelo HIV, sendo 2.988 casos na região Norte (9,2%), 6.435 casos na região Nordeste (19,9%), 13.059 na região Sudeste (40,4%), 7.265 na região Sul (22,5%) e 2.574 na região Centro-Oeste (8,0%). (Ministério de Saúde do Brasil. Secretaria de Vigilância em Saúde. “Boletim Epidemiológico - Aids e DST”, 2016, p.5).

Rio Grande do Sul<sup>23</sup>, certamente devido à discriminação que existe com a população *travesti* e ao HIV. O interesse não é aprofundar o tema, mas é importante explicitar a informação. Durante a pesquisa exploratória, no acompanhamento das travestis, alguns eventos públicos estiveram relacionados com a prevenção do HIV. No âmbito da população, se discutem também outros temas emergentes de saúde como: silicone, hormônio, próteses, intervenções cirúrgicas, depilação, maquiagem, problemas de saúde relacionados a seus pulmões, próstata, coração, rim, fígado, etc. As pessoas *travestis* não são HIV, não são só um corpo sexual. A saúde *travesti* tem que ser abordada na sua integralidade, de um jeito holístico.

Voltando à fase exploratória, podemos dizer que este foi um momento de estabelecer os diálogos entre a dimensão empírica e a teórica para experimentar arranjos metodológicos. (Re) conhecer os lugares, as ruas, os espaços geográficos e emocionais das pessoas com quem se procura construir um percurso metodológico de pesquisa comunicacional.

Os primeiros contatos com as pessoas *travestis*, *trans*, *transexuais* no Brasil, Rio Grande do Sul, Porto Alegre foram pelo correio eletrônico e, depois, pelo *WhatsApp* para marcar reuniões e encontros. Uma primeira tentativa de trabalhar com a população *travesti* foi a partir das organizações, com a hipótese de que se localizariam grupos organizados que facilitariam as convocatórias. Com o avanço da fase exploratória, porém, foi possível identificar uma riqueza simbólica e de experiências midiáticas pessoais, que influenciou na decisão de trabalhar junto com sujeitos *travestis* para pensar as problematizações antes colocadas e conseguir os objetivos da pesquisa: *contribuir* ao campo comunicacional, *conhecer* os modos pelos quais a população *travesti* se constrói como sujeito comunicante e *pensar* a cidadania comunicativa.

Nesses primeiros contatos, também nos encontramos com a auto definição de *travesti*. Pitty Barbosa foi a primeira pessoa que evidenciou, para mim, a existência de uma categoria *travesti*. Nessa conversa, ela disse: “*Eu não sou trans, não sou mulher. **Eu sou uma travesti e eu abraço a bandeira travesti***”. Segundo Pitty, toda pessoa *trans* tem que se reconhecer em algum momento como *travesti*. Ser *travesti* é um sentimento político de autoafirmação na vida, é um sentimento de pertença a uma população estigmatizada e marginalizada e que decide se auto afirmar como *travesti*. A categoria *travesti* não é fixa, não está pronta. Está em construção devido às subjetividades que estão se mexendo e trocando, junto com as tecnologias que

---

<sup>23</sup>Informação atualizada em 2016 do HIV no Rio Grande do Sul. Pode-se procurar no boletim epidemiológico HIV/ Aids 2017. Disponível em: <<http://www.saude.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20170416/27141658-boletim-epidemiologico-rs-hiv-aids-2017-compressed.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

também modificam seus corpos (hormônios, próteses, silicone, cirurgias, tatuagens, etc.). Uma construção política que parte da reflexão das subjetividades em relação com seu corpo (corpo complexo e íntegro) e o mundo.

O caderno de campo revela uma data: 11 de junho de 2017. Foi um domingo, tudo programado para chegar em Porto Alegre às 15h. A adrenalina e a emoção percorriam meu corpo. Ia conhecer uma pessoa importante para a pesquisa: Pitty Barbosa, Coordenadora da organização ***Igualdade Guaíba*** (organização de travestis e transexuais). A seguir, um trecho do relato, escrito em primeira pessoa, do primeiro encontro com a Pitty:

*“Nunca imaginei que podia sair do trem e correr à procura de uma pessoa que não tinha ideia de como poderia ser, tampouco tinha dica da materialidade desse corpo, quando fizemos o contato pelo correio eletrônico. Não pedimos senha nenhuma para nos reconhecer, sabíamos que íamos nos encontrar. Estava lá, na praça da Prefeitura de Porto Alegre, uma travesti enorme, que se chama Pitty Barbosa... Não podia acreditar que estava em frente de uma bela e exótica travesti. Para me saudar, teve que se dobrar em dois... Foi muito engraçado o encontro. E como ela diz “eu me gosto assim, e eu não gosto de passar despercebida”. Assim mesmo, ela não passou despercebida frente a mim, e nós juntas não passamos despercebidas enquanto caminhamos pela praça do Mercado Central de Porto Alegre”. (“Escrita para uma travesti”, diário de campo, 11 de junho de 2017).*

A primeira colocação que propus à Pitty foi a construção “TRAVESTI” e, a partir daí, a pesquisa deu uma virada para concentrar o foco nos sujeitos travestis e seu sentido comunicacional, político, social e humano. Se começou a pensar e problematizar a construção política, social, corporal e subjetiva das *travestis* como *sujeitos comunicantes*.

Depois de dois meses de trocas de mensagens por *WhatsApp*, em 11 de agosto participamos da reunião de *travestis e transexuais* na Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Uma jornada das 9h às 17h, com palestras e reflexões para abordar o debate do Encontro Regional de Trans e Travestis ***UNIR PARA TRANS-FORMAR***, que se realizaria em *Caxias do Sul*, em novembro de 2017. Na reunião de Porto Alegre, foi possível conhecer representantes nacionais e regionais do movimento *travesti e transexual* como Marina Reidel, Diretora do Departamento de Promoção de Direitos LGBT em Ministério dos Direitos Humanos e Adriana Sousa, Coordenadora Social, de Trabalho, Justiça e Direitos Humanos do Estado do Rio Grande do Sul (atualmente afastada do cargo). Os depoimentos das duas funcionárias, além de conter reflexões sobre a situação da violência no Brasil contra a população LGBTTT, *travestis* e *transexuais*, foram significativos porque saíram do lugar da vitimização para lugares de

representação e lutas dentro do governo nacional e local. Para Marina Reidel, a “*luta pelos direitos humanos é um lugar de resistências e os sujeitos travestis e transexuais têm que assumir esse lugar*”. Do mesmo jeito, “*a luta pelo nome social*<sup>24</sup>, *fazer respeitar o decreto do nome social é a porta de entrada para demandar outros direitos*”. Os dois depoimentos são importantes no contexto da pesquisa, porque são percepções que reverberam quando problematizamos a *cidadania* e a *cidadania comunicativa*.

Depois do evento e de algumas reuniões com Pitty, o primeiro momento de exploração e de relacionamento com as *travestis* chegou a um limite, e nos encontramos no primeiro momento de crises do empírico, teórico e metodológico da pesquisa. Entramos numa dinâmica de desconcerto, já que o *sujeito da pesquisa* não terminava de se configurar, e o problema/objeto “ficou parado”, deixou de fluir, parecendo que pesquisa não “ia para a frente”. Nessa contradição da quietude e do movimento, foi possível reconhecer que a pesquisa era interessante e relevante ao campo comunicacional. Porém, não tinha o mesmo interesse para a *população travesti*, o que ocasionou algumas semanas de imobilidade do empírico, enquanto o teórico avançava, mas sem o diálogo com a empiria. Ficamos sem a experiência que providenciava a pesquisa empírica através das *pessoas travestis*, o que provocou uma alteração na dinâmica da pesquisa, crise que foi chamada como *estancamento do empírico*.

Foi preciso tomar decisões e ampliar o horizonte. Em termos metódicos, fornecer caminhos empíricos que dessem conta de outros pontos de vista, enfoques, experiências de trânsitos, transições, subversões, que nos permitissem sair do *estancamento empírico*. Procuramos Marcelly Malta, diretora da *ONG Igualdade Porto Alegre*. Pelas redes sociais, conhecemos o evento que ocorreu em Porto Alegre com a escritora e filósofa *travesti* Atena Beauvoir, que propõe um olhar acadêmico com rupturas existenciais de seu próprio processo em trânsito. É uma pessoa jovem, de 26 anos, que está refletindo sobre seu corpo, as identidades, o acesso à educação e a condição *trans, travesti* na atualidade. Assim, cada vez mais o círculo de pessoas for se ampliando e a problematização da pesquisa foi se modificando. O diálogo

---

<sup>24</sup>O nome social é uma luta e uma reivindicação da população *travesti* e transexuais, fundamental no exercício da cidadania. A ex-presidenta Dilma Rousseff assinou o decreto No.8727, que dispõe do uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero para *travestis* e transexuais. Pode conferir no seguinte link: <[https://www.jusbrasil.com.br/diarios/114440326/dou-secao-1-29-04-2016-pg-2?ref=next\\_button](https://www.jusbrasil.com.br/diarios/114440326/dou-secao-1-29-04-2016-pg-2?ref=next_button)>. Acesso em: 9 dez. 2017.

Também pode-se conferir o Diário Oficial da União (DOU). Pagina 2 da Seção 1 Artigo 6. do 29 de abril de 2016, no seguinte link: <[https://www.jusbrasil.com.br/diarios/114440326/dou-secao-1-29-04-2016-pg-2?ref=next\\_button](https://www.jusbrasil.com.br/diarios/114440326/dou-secao-1-29-04-2016-pg-2?ref=next_button)>. Acesso em: 9 dez. 2017.



entre o empírico e o teórico passou a compreender arranjos cada vez mais complexos. Os novos encontros deram fôlego e alento à pesquisa empírica. No entanto, não foi fácil sair do estancamento. Esse foi um momento de crise empírica, epistêmica, ontológica e ética. Foi preciso fazer uso da imaginação sociológica, em termos de Charles W. Mills (1975, p. 18), que propõe algumas formas para estimular a imaginação social na pesquisa:

Frequentemente, temos a melhor percepção considerando os extremos, pensando o oposto de aquilo que nos preocupa diretamente. Se refletimos sobre o desespero, pensamos também então na tranquilidade; se estudamos o avarento, lembramo-nos do perdulário. A coisa mais difícil no mundo é estudar um objeto: quando procuramos contrastar vários deles, temos melhor percepção dos materiais e podemos então estabelecer as dimensões em que as comparações são feitas

A reflexão de Charles W. Mills (1975) foi pertinente para abranger o olhar do empírico e compreender que, para abordar o *sujeito travesti*, é preciso olhar seus entornos e contornos. É preciso encontrar na diversidade das diversidades sexo genéricas, nos seus depoimentos de vida, o que nos ajuda a pensar o *sujeito travesti*. Foi preciso procurar os espaços sociais que frequentam, pensar zonas geográficas da cidade por onde circulam, caminhar pelas ruas que andam, e compreender os modelos urbanos das cidades. O exploratório do *sujeito travesti* vai além do sujeito para procurar os contextos sociais, midiáticos, organizacionais, a família, as ruas, as praças. Em uma reunião da ONG *Igualdade Porto Alegre*, Marcelly Malta teve a gentileza de me convidar como pesquisadora. Foi possível estabelecer uma conversa com duas transexuais, Cristiane e Gisselle, que se auto afirmam *transexuais*, não *travestis*. Processos de encontros, reuniões, cafés que acontecem com o tempo, um dia após o outro. Um exercício de paciência e perseverança, de escolhas, de aprendizados, de questionamentos pessoais e epistêmicos. Então, no meio da crise, aparecem as questões de rigor que vão bater na pesquisadora e na pesquisa: *estou no caminho certo? As andanças pelo empírico e o teórico estão realmente em diálogo? As táticas e estratégias estão dando novas aberturas?* Como já dizia Charles W. Mills (1975, p. 18, grifo nosso) “A coisa mais difícil no mundo é estudar um objeto [...]”. Então, a proposta seria *mergulhar no objeto mesmo e não ficar na superfície?*

Enquanto tentávamos resolver as questões epistêmicas e ontológicas, os dias transcorriam sem resposta nenhuma. São reflexões que vão acompanhar o dia a dia da pesquisa, e não só a fase exploratória. Mas as questões ajudaram a fazer um recorte teórico e aprofundar.

Desenhar outro percurso metodológico, que permitiu chegar aos sujeitos. Repensar a zona de contato com o objeto empírico, olhar o objeto inserido no campo comunicacional e midiático, campo em termos de Pierre Bourdieu (2004)<sup>25</sup>, para aportar à problematização da pesquisa e às possibilidades que o objeto de estudo propõe como desafios.

### 3.4.3 A problematização e a construção do sujeito da pesquisa

O processo de reconhecimento dos sujeitos da pesquisa foi fortalecido durante o Encontro Regional do Rio Grande do Sul de travestis e transexuais, em Caxias do Sul, entre 16 e 19 de novembro de 2017. Quatro dias para compartilhar vivências, encontros, sorrisos, escutar os debates e a pauta da população que, de modo resumido, se foca na visibilidade das vulnerabilidades das pessoas *travestis* como: acesso à saúde, educação, trabalho, nome social, implantes e operação de troca de genitais (*vaginoplastia*). No meio da pauta, foi possível conversar<sup>26</sup> com Bruna, Adônis, Ana Paula e Cléo. Com elas, foram feitas as primeiras conversações, registradas para alimentar a configuração do objeto de estudo. Nesse sentido, as conversas evidenciaram três elementos que aportam à problematização e à construção do objeto da pesquisa: 1. O sentido de pertença ao mundo *travesti*, se reconhecendo como tal. 2. Um exercício da cidadania que é interpelado. 3. Uma reiteração de experiências de violências que poderia reforçar o discurso da vitimização.

Para os critérios de seleção das pessoas que iam ser entrevistadas, procuramos aquelas que se *autodeterminaram/autodefiniram* como *travestis*, que tiveram diferentes níveis de participação durante o evento e que eram reconhecidas como sujeitos que têm uma história no movimento *travesti*. Foi assim que conseguimos falar com a Bruna, militante *travesti*, presidenta do Conselho LGBT de Niterói e representante da ANTRA; o Adônis, que é militante *travesti* e tem a memória histórica de ser *travesti*; a Ana Paula, militante *travesti*, dirigente de uma ONG em Camboriú; e a Cléo, militante *travesti* de profissão designer, que faz o registro

---

<sup>25</sup>Pierre Bourdieu (2004, p. 22-23) no livro “Os usos sociais da ciência”: *Todo campo, o campo científico, por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças [...]. Também se sugere ler Michel de Certeau, o capítulo IV: “Foucault e Bourdieu”, o texto: “La docta ignorância: Bourdieu”* páginas 58 a 69, no livro: “La invención de lo cotidiano”, 1996.

<sup>26</sup>Uma entrevista livre, não estruturada, que pretendia focar três temas: o sujeito e o *corpo travesti*, a cidadania, e a experiência com os sistemas midiáticos.

audiovisual dos eventos de *travestis* e *transexuais*. Não foi fácil conseguir falar com elas e, tendo em conta essa dificuldade, foi possível perceber que era melhor ter uma conversação, estabelecendo vínculos muito dinâmicos. Atendendo às diferenças de classe social, de faixa etária, de fluidez comunicativa e de desenvolvimento durante o evento, foi possível realizar conversações com um viés pessoal, militante e comprometido segundo L. Schatzman e A. Strauss, (1955 *apud* BOURDIEU, 2004, p. 201): “À semelhança da situação de interação social, a situação de entrevista tende a ser interpretada a partir do modelo de outras relações (confidência, recriminação, discussão amigável, etc.) cujos modelos podem ser diferentes consoante os grupos”.

Seguindo essa reflexão, guiando-nos por uma entrevista semiestruturada<sup>27</sup>, foi possível chegar a uma interação orgânica entre as pessoas envolvidas na experiência para estabelecer diálogos, em que a troca de lembranças, depoimentos políticos, emoções, reflexões, sorrisos e dores, substituiu à formalidade da pergunta-resposta, da entrevista tradicional. “Na sociologia das ausências aparece como central a noção de que a experiência social é feita de in experiência social. Isto constitui um tabu para as classes dominantes que promovem a globalização capitalista hegemônica e o seu paradigma cultural legitimador [...]”. (SANTOS, 2008, p. 197). Nesse sentido, os diálogos foram espaços de compartilhamento das experiências, de acreditar nos processos, de falar da sociedade. Os diálogos tiveram como fio condutor a percepção do *corpo travesti*, o exercício de *cidadania* e da *cidadania comunicativa* e a midiatização da experiência de transições. Isso permitiu uma abordagem da comunicação com viés transdisciplinar, atravessado pela sociologia e a etnografia.

O mundo *travesti* é complexo e sua construção é diversa. Cada pessoa propõe sua percepção, que tem seu ponto nevrálgico na luta cotidiana e pertença ao mundo *travesti*. Então, “o que é o *corpo travesti?*” foi a questão chave nessas conversas. Os olhos de todas brilharam. Com um suspiro, reiteram a pergunta para sentir-se, pensar-se, refletir-se. A resposta não estava pronta, foi preciso se repensar antes de falar. Assim, se pode antecipar que falar do *corpo travesti* é compreender a complexidade de lutas e contradições cotidianas nas quais operam as *travestis*. Para a Cléo, “*ser travesti é resistência, é coragem, é força, é glamour, às vezes uma certa dose de insensatez e loucura. Mas acima de tudo é força, coragem de lutar, de resistência, de resiliência, é a capacidade de se reinventar e se adaptar em um meio ruim e agressivo*”.

---

<sup>27</sup> No apêndice pode-se conferir o roteiro da entrevista semiestruturada.

Para o Adônis “*a travesti sempre é o glamour. Eu me visto de homem, mas meu coração é travesti*”. Alana (atriz *travesti*) se constrói como *travesti* como uma guerreira:

*“Porque todas as travestis e transexuais somos guerreiras, por causa de tudo o que nós enfrentamos inclusive para construir nossos corpos, que é nossa marca, e também nosso maior sofrimento. A partir do momento que a gente se constrói, é nesse momento que a gente começa a ser apedrejada, mutilada pela sociedade e por nós mesmos”.*

Para a Pitty (militante *travesti*) “*a travesti não quer ser mulher, ela apenas quer ter a figura, corpo, silhueta feminina. Afronta a sociedade heteronormativa, as nossas maneiras, nossas posturas, nossa maquiagem, nosso corpo, a gente, faz uma subversão em silêncio*”.

Assim, é possível encontrarmos com uma *população travesti* que constrói um discurso sofisticado, que opera nas lutas, na subversão dos corpos e na marginalidade. Bruna, em um momento de sua conversação, disse que “*as travestis não podem deixar de lutar, elas estão obrigadas a lutar para sobreviver. A travesti é marginal porque a sociedade não quer que ser travesti seja positivo*”. Então, uma população que está em permanente luta com o sistema, com o Estado, com a sociedade, está em condições de propor exercício de cidadania? De exercer cidadania comunicativa? Esse é uns dos questionamentos que surgem a partir da pesquisa exploratória em diálogo com a teoria da cidadania. Quando Bruna e Ana Paula dizem “*eu exerço, mais ou menos, uma cidadania comunicativa, porque eu logro ter o respeito da sociedade, mas minha população não. E essa é minha luta*”. Os próprios sujeitos estão problematizando a cidadania e a colocando como um espaço em disputa, de lutas. No caso da população *travesti*, assim como nas populações das mulheres, dos jovens, das pessoas negras, como todos os grupos sociais marginalizados, que se reconhecem em constante confronto com o poder, não é possível falar de *cidadania* sem o enfoque interseccional entre gênero, sexo, corpo, classe social, etnia e território.

É preciso identificar onde se encontram essas disputas. No caso das *travestis*, os lugares de confronto envolvem a família, a rua, o transporte público, a disputa pela educação, a saúde, a representação nos sistemas midiáticos, até a possibilidade de se nomear do jeito que elas querem ser nomeadas. Na disputa pelo trabalho, o estigma dos corpos sexuados faz com que sejam deslocadas até o trabalho sexual como marca social e de exploração. No confronto com a regulação dos corpos sexuados, as *travestis* conseguem o ideal de transformar, reinterpretar,

a performance dos corpos que desestabilizam o imaginário da disciplina, da norma do corpo biológico (BUTLER, 2002; FOUCAULT, 1998, 1999) ou, também, se transformam em receptores das violências que se materializam na forma de punição e castigo sobre suas humanidades. A disputa simbólica pelos modos de se representar nos meios de comunicação diante de matérias publicadas na crônica policial da cidade, espetacularizações em programas de televisão. As lutas por uma política pública em saúde<sup>28</sup>, por uma atenção diferenciada e integral, pelo acesso à educação. Na disputa pelo espaço público, os corpos *travestis* glamorosos conquistam as ruas para serem admirados, aplaudidos, desfrutados, durante um, dois, três, cinco dias ao ano. Nos eventos coletivos, como as paradas livres das cidades do Brasil e do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, São Leopoldo, Guaíba, Canoas, Caxias do Sul, para nomear algumas) e os famosos carnavais do Brasil. Acontecimentos que lhes permitem serem livres e reconhecidas pela sociedade para, depois do espetáculo, serem devolvidas à marginalidade, invisibilidade e culpabilidade por serem diferentes à normatividade *hétero binária*. A norma, segundo Foucault, “é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população” (1999, p. 302). O desdobramento de uma sociedade da normalização tem como plano de fundo as tecnologias do disciplinamento e da regulamentação, que se articulam para finalmente intervirem e decidirem sobre a existência cotidiana (vida e morte) dos indivíduos, como é o caso das *travestis*.

#### 3.4.4 A exploratória nos sistemas midiáticos

Na procura das relações entre os sistemas midiáticos e os sujeitos *travestis*, durante as conversações, foi possível fazer um exercício de memória. Foi assim que Adônis lembrou que

---

<sup>28</sup> É tão complexa a abordagem das vulnerabilidades da população LGBT, em geral e *travesti* em particular que se faz necessário a construção de política pública em saúde, assim como processos de sensibilização e formação aos servidores públicos para advertir a necessidade de respeitar ao outro diferente. Com capacitações, oficinas, é dizer processos de educomunicação que permita além de construção da política pública, a efetiva implementação que deveria ser reconhecido como um acesso cidadão a um direito humano como a saúde. No Rio Grande do Sul, a *Política de Saúde Integral da População de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT)* foi institucionalizada em 2014, com a publicação da portaria 343, de 09 de maio de 2014. A coordenação estadual existe desde 2013 [...]. Disponível em: <<http://atencaobasica.saude.rs.gov.br/saude-da-populacao-lgbt>>. Acesso em: 25 dez. 2017.

nos anos 80, as revistas “Manchete”<sup>29</sup> e “Fatos e Fotos”<sup>30</sup> eram suas preferidas, e a música que gostava de escutar era o pop em inglês, ainda que no Brasil se fizesse boa música. Adônis gostava dessa música e, na atualidade, usa as redes sociais (como *Facebook*) para procurar a música da lembrança e estabelecer contatos no âmbito internacional com pessoas que gostam de Peter Dinklage, Donna Summer e o grupo sueco ABBA. Ana Paula, mais nova, diz que quando estava ainda entendendo sua transição, assistia ao “Clube de Bolinha”<sup>31</sup> e o “Cassino do Chacrinha”, dois programas de televisão que eram sucesso nas telas do Brasil entre os 80 e 90, e se transmitiam aos sábados pela tarde.

Ana Paula lembra das bailarinas, seus corpos, seu glamour: “*eu queria ser como elas, lindas, glamorosas, eu via minhas priminhas, amiguinhas de 12, 14, 15 anos, que já tinham*

---

<sup>29</sup> A memória nos permite fazer história. Enquanto procurava informação da revista, encontrei matérias que davam conta da importância que teve a revista “Manchete” na história dos meios do Brasil. A revista “Manchete” foi editada de 1952 até julho de 2000, sendo a última edição de No. 2.519. Um trecho dos inícios da revista, tomado do portal do “Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas”: Revista lançada em 26 de abril de 1952, por Adolfo Bloch, no Rio de Janeiro. Adolfo Bloch nasceu na Ucrânia, em uma família de gráficos. Após a Revolução Comunista de 1917, os Bloch decidiram emigrar, chegando ao Brasil em 1922, onde retomaram sua atividade profissional. Iniciaram seu trabalho com pequenas máquinas manuais [...]. A capa do primeiro número exibia a bailarina Inês Litowski do Teatro Municipal, posando ao lado de uma carruagem do Museu Imperial, em foto de Orlando Machado. Poucas edições depois do lançamento, foi objeto da censura pela exposição de corpos incômodos, que não eram permitidos para a época. Segui um trecho do relato: Com a edição número três, Manchete teve seu primeiro problema com a censura: Uma reportagem sobre dança africana em Paris foi considerada atentatória aos bons costumes e a revista foi proibida de circular em Minas Gerais e outros estados. Em 1953, uma foto de Marilyn Monroe nua motivou a apreensão de Manchete em todo o Brasil, determinada pela censura federal. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/manchete>>. Acesso em: 25 dez. 2017. No repositório *SciELO*, pode-se conferir um artigo que faz uma análise da revista “Manchete” a propósito da falta de divulgação científica na década do 50 no Brasil. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882001000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200013)>. Acesso em: 25 dez. 2017

<sup>30</sup> A revista “Fatos e Fotos” foi editada pela mesma imprensa editorial da Revista “Manchete”, por Bloch Editores S.A. Circulou pela primeira vez em 28 de janeiro de 1961, em Brasília. *Segundo Murilo Melo Filho, para a confecção de Fatos e Fotos era aproveitado o excesso de matérias produzidas para a revista Manchete.* Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/fatos-e-fotos>>. Acesso em: 25 dez. 2017.

<sup>31</sup> *Além do Cassino do Chacrinha que era exibido nos anos 80 na Rede Globo, o público também tinha como opção assistir ao Clube do Bolinha, programa de auditório exibido nas tardes de sábado pela Rede Bandeirantes. Apresentado por Édson Cury, popularmente conhecido como Bolinha, o programa estreou em 1974, ficando até 7 de maio de 1994 [...]. Com um estilo irreverente, marcado pelo visual de camisas de seda super coloridas, Bolinha era um apresentador carismático que se divertia muito ao apresentar o quadro “Eles e Elas”, no qual havia shows de travestis, dragqueens e transformistas.* Disponível em: <<http://www.anos80.net/televisao/programas-de-auditorio/clube-do-bolinha/>>. Acesso em: 25 dez. 2017.

No “Programa Henrique Zambelli Especial - Bolinha e as Boletins” faz uma homenagem ao apresentador. Edson Bolinha Cury e relembra momentos do programa Clube do Bolinha. Pode-se conferir o programa especial, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VMHX7YYV3nQ>>. Acesso em: 25 dez. 2017.

O último programa feito pelo Cassino do Chacrinha foi transmitido o 02/07/1988. Todo um sucesso, com muita alegria, cor e as estrelas da tela do momento compareceram no programa. Pode-se conferir no *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hai7GA6s1B4>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

*corpo, eu queria me parecer a elas. Gostava dos programas da tela, meu sonho era ser como elas”.*

As pessoas *travestis* interagem com as ambiências midiáticas a partir da TV, das revistas, da publicidade, dos jornais, da rádio, da internet, das redes sociais, da música, dos eventos da rua. Sua experiência de vida se identifica com produções que tem muita cor, alegria, música, dançarinas, fama e glamour. Seus gostos sofisticados fazem com que elas se apropriem de narrativas relacionadas às estéticas do carnaval, com os palcos de teatro, a cena musical, a ilusão da fama que são veiculadas pela grande mídia (a mídia comercial, canônica, vinculada a empresas como Globo e Bandeirantes; e empresas que foram fortes, capazes de transmitir padrões de consumo e se enquadrar numa lógica de massas).

Para as pessoas *travestis*, é interessante olhar e se relacionar, ainda que seja no ambiente digital, com as grandes estrelas do espetáculo, porque são suas referências estéticas. Está na roupa, na maquiagem, no jeito de caminhar, falar, no movimento das mãos. Constroem sua experiência de vida cotidiana junto com as mídias. Roger Silverstone (2002) se questiona porque estudar a mídia, e nós também: por que estudar na mídia na configuração do sujeito *travesti* comunicante? Encontramos uma dica no próprio Silverstone (2002, p. 12):

É impossível escapar à presença, à representação da mídia, tanto impressa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência e também de quando em quando, para as intensidades da experiência.

Este movimento empírico e teórico é importante para a pesquisa, porque vai permitir compreender e escavar na experiência das pessoas *travestis* a conformação do sujeito comunicante. Além disso, reconhecer que elas estão inseridas na sociedade em midiatização é importante para repensar o quão fundamentais são as mídias na experiência da cotidianidade *travesti*, e a influência que exercem sobre os processos de transição, os corpos, a identidade, a estética, o consumo, a compreensão de seu mundo e o mundo que é construído para os outros que não são elas - e que está fora das periferias. A inspiração na problematização de Roger Silverstone (2002, p. 13) é importante para o diálogo que se propõe entre o empírico e o teórico:

Quero mostrar que é por ser tão fundamental para nossa vida cotidiana, que devemos estudar a mídia. Estudá-la como dimensão social e cultural, mas também política e econômica, do mundo moderno. Estudar sua onipresença e

sua complexidade. Estudá-la como algo que contribui para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados. Quero mostrar que deveríamos estudar a mídia nos termos de Isaiah Berlin, como parte da “textura geral da experiência”, expressão que toca a natureza estabelecida da vida no mundo, aqueles aspectos da experiência que tratamos como corriqueiros e que devem subsistir para vivermos e nos comunicar uns com outros.

Com a proposição de Silverstone (2002), refletimos que ir além das mídias é um desafio para compreender a experiência midiática de uma população concreta como a *travesti*, inserida no processo comunicacional, reconhecendo a dimensão social e cultural, política e econômica. As histórias das vidas dos sujeitos refletem de seu passado e articulam com o presente. Compõem uma sorte de redes de evocação, que permite reconstruir uma série de lembranças que, de maneira voluntária, vão se desdobrando durante a conversa. A lembrança, segundo Ecléa Bosi (1994, p. 55), “é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. Essa reflexão trazida da psicologia social é importante para a análise e a abordagem da experiência midiática, e para compreender que será abordada a partir da memória (histórica) como conservação do passado, que sobrevive pela evocação das lembranças no presente. (BOSI, 1994). Fazer essa entrada na midiatização tem como fundamento entender que o sujeito em comunicação, na sua multidimensionalidade, inclui a memória e a percepção como processo psicossocial. Nós buscamos um exercício de memória individual e coletiva para aportar à compreensão do *sujeito travesti* em comunicação, em acordo com Efendy Maldonado (2013, p. 90):

As pessoas em comunicação que se inter-relacionam contemporaneamente com os sistemas e os processos midiáticos, produzem sentido de maneira fluída, caótica, estruturada, condicionada, livre, pactuada, enquadrada e subversora [...]. Não obstante essa diversidade, de fato, a maioria dos processos estão em sintonia (e confrontação) com os sistemas e as culturas midiáticas estabelecidas no mundo atual. Os sujeitos em comunicação hoje são seres sociais que vivem e experimentam em contextos múltiplos [...], em diversas esferas (técnicas, semióticas, psíquicas, sociais) e em múltiplas dimensionalidades [...].

O trabalho de exploração incluiu os sistemas midiáticos e os produtos comunicacionais que circularam durante 2017, que na maioria dos casos foram recomendados porque tratam de temas relacionados à população *travesti*. Assim, desde março de 2017, uma rede colaborativa de colegas, amigos e conhecidos estavam atentos e observavam que o tema *travesti, trans,*



*transexual* no Brasil estava “*bombando*” nos sistemas midiáticos. Tendo em conta que o interesse da pesquisa é olhar os modos com que se representam as travestis, nos sistemas midiáticos, nos propusemos assistir aos documentários, pensados como produtos culturais midiáticos, e que circulam pelas redes sociais como: *YouTube*, *Facebook*, *Vimeo* (por nomear algumas). Em canais pagos, como *Netflix*, assistimos ao documentário “Laerte-se”<sup>32</sup>, sobre a vida da cartunista travesti Laerte Coutinho. Outro documentário que marcou a pesquisa exploratória foi “Uma dama de ferro”<sup>33</sup>, que narra a vida da ativista *trans/travesti* Janaina Dutra, a primeira advogada *trans/travesti* do Brasil, sugestão da Pitty Barbosa. Outro bom achado foi o audiovisual feito pela travesti *designer* Cléo Soares, um exercício de memória dos acontecimentos que marcaram o mundo *trans* de Rio Grande do Sul durante 2017, e foi transmitido no Encontro Regional do Rio Grande do Sul de travestis e transexuais, em Caxias do Sul, em novembro de 2017.

Depois das entrevistas realizadas com pessoas *travestis*, reconhecemos um permanente retorno ao discurso da violência, o discurso da vitimização, que fazem parte das vidas, das experiências sociais, culturais, corporais, midiáticas, quando se vêm retratadas e noticiadas na faixa vermelha dos jornais, nos editoriais policiais, lembrando sempre que a expectativa de vida das *travestis* e transexuais é de 35 anos<sup>34</sup>, segundo informação da ANTRA. As que passam dessa idade se sentem sobreviventes. É possível conferir nos jornais digitais<sup>35</sup> brasileiros que

<sup>32</sup>No *YouTube*, se pode assistir o trailer oficial. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=5&v=eKHqtdm1\\_xg](https://www.youtube.com/watch?time_continue=5&v=eKHqtdm1_xg)>. Acesso em: 26 dez. 2017.

<sup>33</sup>O documentário completo está no *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zdtNOHialqA&t=57s>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

<sup>34</sup>Informação publicada no perfil do *Facebook* da ANTRA, no 1º de janeiro de 2008. Disponível em: <<https://www.facebook.com/antrabrasil/posts/1603457843072892>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

<sup>35</sup>O objetivo da pesquisa não é centrar na análise das notícias das violências nos corpos, na humanidade das pessoas *travestis* e/ou transexuais, mas não é possível não recolher esta experiência, que é parte do estereótipo do imaginário das travestis e transexuais na sociedade e que os meios fazem parte do sistema de opressão. Com o fim de colocar exemplos da reflexão que nós fazemos, a seguir pode-se conferir alguns links com notícias, que acreditamos ter o mesmo enquadramento, o tratamento do acontecimento: 30/04/2017 “**Travesti é morta a tiros no meio da rua, em Vila Velha, ES**”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/travesti-e-morta-a-tiros-no-meio-da-rua-em-vila-velha-es.ghtml>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

17/07/2017 “**Mais uma travesti é morta na rua da prostituição**”. Disponível em: <<https://tasabendo.com.br/policial/mais-um-travesti-e-morto-na-rua-da-prostituicao/>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

03/09/2017 **Travesti é morta a tiros por homem 'misterioso' em SP**; vídeo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/travesti-de-50-anos-e-morta-com-tres-tiros-por-homem-misterioso-em-sp-video.ghtml>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

07/09/2017 “**Travesti é morta a tiros em rua da Barra Funda**”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/corpo-e-encontrado-em-rua-do-butanta.ghtml>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

se publicam os assassinatos das pessoas *travestis* ou *transexuais* nas ruas por vários motivos, os nomes colocados em feminino ou masculino. Em ocasiões, as fotos são feitas por câmeras de segurança. Se colocam vídeos para alimentar um pouco mais a morbidez. Os textos são fracos e pouco contrastados. O que mais relatam é a versão do vizinho, ou transeunte que esteve perto do lugar, ou de um familiar que confirma o nome ou a versão da polícia. Depois, tudo fica nas investigações periciais. É possível conferir como se tivessem um roteiro pronto, com o ponto de vista e a abordagem que não podem ser subvertidos. É preciso problematizar a naturalização dos assassinatos *travestis* e os modos de lhes representar nos meios. Talvez esse modo fantasmagórico de relatar uma realidade está conseguindo anestesiá-la uma sociedade que naturaliza os atos de violência. Segundo Susan Buck-Morss (2012, p. 174):

[...] a fantasmagoria assume a posição de uma realidade objetiva. Enquanto os viciados em drogas enfrentam uma sociedade que questiona a realidade de suas percepções alteradas, a própria embriaguez da fantasmagoria torna-se norma social. O vício sensorial de uma realidade compensatória converte-se num meio de controle social.

Portanto, é preciso nos perguntar se este modo de visibilizar vai melhorar as condições de vida da população *trans*, se as experiências midiáticas dos universos *travestis* estão gerando condições sociais para um exercício de cidadania individual e/ou coletiva das *travestis*, no espaço público como no espaço privado, em condições de equidade e respeito.

Cabe também mencionar, de acordo com os programas e matérias mapeadas desde março de 2017, que existem outros modos de apresentar o universo simbólico *travesti*. Existe um esforço por gerar o debate na esfera pública. (HABERMAS, 2006 *apud* GOMES, 2008), como programas que se transmitem pelos meios tradicionais, a exemplo das reportagens emitidas pelo *Fantástico* (Rede Globo). Foram quatro programas que abordaram a problemática *trans/travesti/transexual/mulheres/homes* desde múltiplas perspectivas: familiar, infantil, biológica, médica, psicológica, social e individual. Foram iniciativas importantes para colocar no debate a diversidade da diversidade, dizer que ser *trans/travesti/transexual* não é um conceito, mas são vidas que se constroem na interação social e de múltiplas maneiras. Porém, foi possível conferir que o discurso da normatização e a naturalização do imperativo

---

02/10/2017 “**Travesti é morta a tiros em frente a motel no Centro de Fortaleza**”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ceara/noticia/travesti-e-morta-a-tiros-em-frente-a-motel-no-centro-de-fortaleza.ghtml>>. Acesso em: 28 dez. 2017. Acesso em: 28 dez. 2017.

*heteronormativo* atravessa os quatro programas, deixando em evidência que os sujeitos *trans*, *travestis*, *transsexuais* são sujeitos doentes com corpos enfermos.

Outro acontecimento travesti em Porto Alegre foi a apresentação da obra de teatro “O Evangelho Segundo Jesus Rainha do Céu”<sup>36</sup>, interpretado pela atriz *travesti* Renata Carvalho, que se auto define como *travesti e militante*. Assim, no espaço da arte, o cenário do teatro se constitui em outro lugar de visibilidade dos discursos subversores da *travesti*. A obra escrita pela dramaturga *trans* britânica Jo Clifford, foi apresentada com sucesso em Porto Alegre, lotando todas as sessões. Cléo Soares conseguiu fazer uma entrevista exclusiva com Renata Carvalho, de *travesti para travesti*, e se pode assistir no *YouTube* a entrevista completa<sup>37</sup>. É possível conferir que o enfoque é diferente. As perguntas feitas pela Cléo talvez sejam mais sentidas, assim como as respostas da Renata, onde se expressa uma espécie de cumplicidade de corpos, de vidas que têm desafios e conquistas cotidianas mútuas.

#### 3.4.4.1 Modelo de análises de produtos midiáticos. (Os lugares de leitura do pesquisador)

Para fazer análises dos produtos midiáticos, propomos um modelo baseado na reflexão dos diferentes lugares de leitura que o pesquisador pode adotar no momento de fazer as análises. Partindo do pressuposto de que nossa pesquisa privilegia a construção comunicante dos sujeitos, fizemos um exercício de complexidade do sujeito pesquisador, pensando os desdobramentos que o lugar de leitura, de fala e de enunciação podem aportar nos modelos de análises.

*Lugar de Leitura*, o nosso contexto em que colocamos três lugares: observador cotidiano; observador *travesti*; e observador pesquisador (pode aumentar observador jornalista, repórter, etc.). O lugar de leitura nos permite observar o prisma desde diferentes perspectivas até chegar a decompor os enunciados midiáticos.

*Elementos de análises*, a estrutura interna dos programas midiáticos na nossa experiência com um produto audiovisual de televisão: Roteiro (as locuções dos apresentadores e voz em *off*), em tons de voz que determinam emoções e intencionalidade; Edição, podemos observar os modos pelos quais um discurso é legitimado ou não pela sequência discursiva; Os

<sup>36</sup>Matéria publicada no jornal de São Leopoldo. Disponível em: <<http://gente.ig.com.br/cultura/2017-09-28/o-evangelho-segundo.html>>. Acesso em: 28 dez. 2017

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=70vTDnbP-rM>>. Acesso em: 28 dez. 2017

sujeitos participantes, que são entrevistados, abordados na problemática, todos os participantes que auxiliam na compreensão da temática.

*Nível de análises 1*, é uma descrição dos sujeitos que se relacionam com o *Nível de análises 2*, em que se analisam os depoimentos, o tempo que tem no programa midiático e a hierarquia que cada depoimento ocupa no programa.

O objetivo desse modelo é conseguir encontrar, observar as diferentes capas discursivas que se entrecruzam em uma produção midiática, para observar além da primeira impressão, e não ficar no nível superficial da leitura. O modelo é feito para a observação individual. Porém, não exclui aplicação em grupos heterogêneos que possam evidenciar os diferentes lugares de leitura. Na sequência, o esquema do modelo.

Para fazer as análises da reportagem da série *Quem sou eu?*<sup>38</sup>, transmitido pelo grupo Globo no Brasil, o procedimento foi o seguinte:

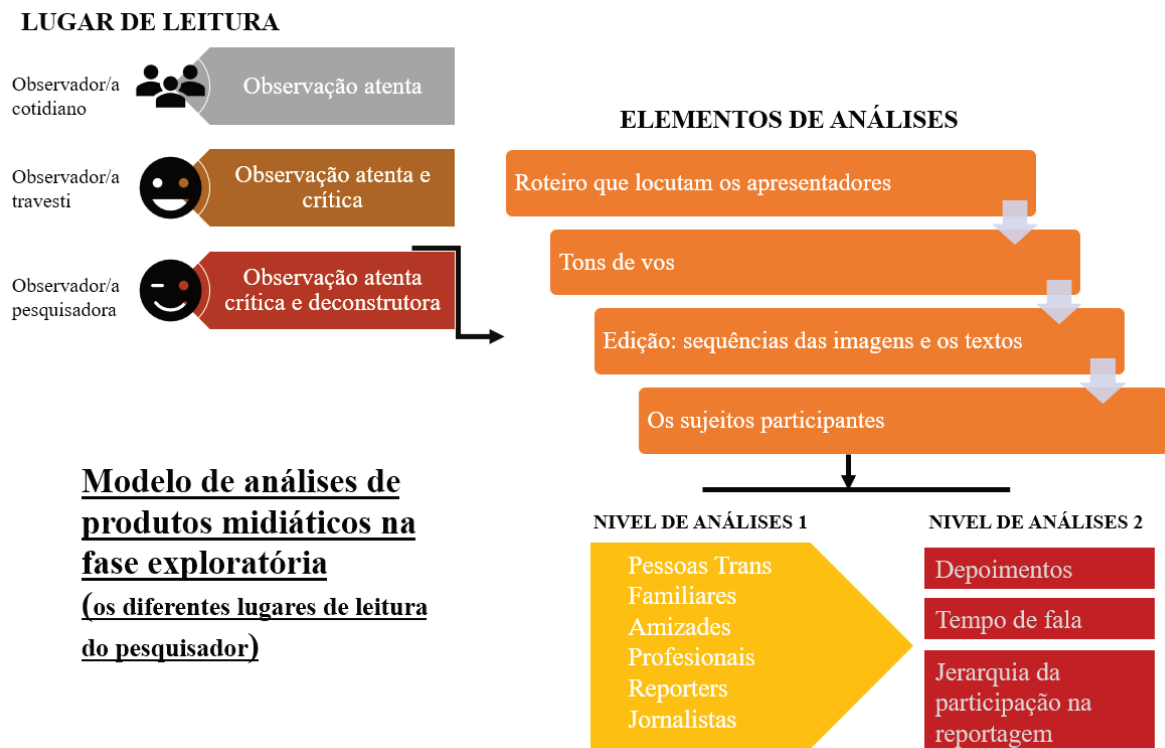
**No primeiro momento**, observamos a reportagem completo em seis ocasiões, enquanto anotamos as impressões, identificando o lugar de leitura diferente em cada situação. A primeira e a segunda vez foram como *observador cotidiano*, com um conhecimento geral do tema, oferecendo impressões sobre a visibilidade, a diversidade de pessoas entrevistadas, *trans*, homens, mulheres, familiares, amigas, parceiros e parceiras, filhos, profissionais e os depoimentos das pessoas *trans*.

**No segundo momento**, ativamos alguns conhecimentos sobre as pessoas *trans* e pensamos “como eu assistiria o programa se fosse *trans*”. Nesse momento, a perspectiva trocou, porque a experiência com pessoas *travestis* desmontou o imaginário do corpo errado, do corpo doente. Nessa lógica, o corpo não tem problema. Então, por que os depoimentos das pessoas *trans* na reportagem falam que seus corpos são errados? Ao mesmo tempo, começamos a observar que havia uma leitura de sofrimento, por trás de um discurso de aceitação e tolerância. Desde o olhar dos *sujeitos travestis*, colocamos em dúvida a visibilidade da temática *trans* nos sistemas midiáticos, porque as *trans* seguem morrendo e sendo agredidas na rua, em casa. Para isso, já estávamos muito envolvidos na compreensão dos mecanismos da normalização e da regulação.

---

<sup>38</sup>*Quem sou eu* é uma série de quatro reportagens transmitidas pela rede Globo, no Programa Fantástico, aos domingos de 12 de março a 2 de abril de 2017. Realizamos a análise sobre a primeira reportagem, transmitida em 12 de março de 2017. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5719129/>>.

Figura 2 – Modelo de análises de produtos midiáticos



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

**No terceiro momento**, assistimos como sujeito pesquisador. Juntamos os elementos achados e observamos criticamente, tentando desconstruir os próprios preconceitos. Organizamos e analisamos por capas: roteiro, tons de voz, edição das imagens, depoimentos e locução, os sujeitos que interveem e o lugar que ocupam na reportagem. Depois de um olhar geral dos programas, segmentamos a reportagem para enxergar além da superfície que estavam nos mostrando. Observamos as narrativas que, como usuários de televisão, muitas vezes não prestamos atenção. Foi essa desconstrução, interpelação dos diferentes níveis de discurso, que levou a encontrar que detrás da visibilidade da temática *trans* estava a legitimidade do imperativo *heteronormativo*, a reprodução do discurso do corpo errado e doente das vidas *trans*.

O questionamento que fazemos não é para censurar. É para pôr mais atenção às temáticas complexas, como a presença de diversidades sexo genéricas nos meios de comunicação, na pesquisa em comunicação. Muitas vezes, o desconhecimento da profundidade da problemática nos leva a legitimar discursos preconceituosos, normalizadores, que ao invés de visibilizar a população *trans*, apagam as lutas, conquistas e resistências que constroem no cotidiano. O que interpelamos é o ponto de vista, o lugar de enunciação, o tratamento das temáticas, as condições de investigação e de produção dos programas midiáticos que abrangem grandes audiências.

### 3.5 O ENCONTRO COM TESES E DISSERTAÇÕES (A PESQUISA DA PESQUISA)

A pesquisa da pesquisa é um processo que demanda ações operativas, como a procura de teses e dissertações nos repositórios acadêmicos das universidades, centros de pesquisa, assim como ações mais complexas, como a triagem e a desconstrução das produções achadas. Objetiva mergulhar na experiência de outros pesquisadores que, a partir de diferentes perspectivas, disciplinas e campos científicos, conseguiram abordar matérias que têm alguma relação com o tema que estamos problematizando e construindo com nosso problema/objeto. Fazer a pesquisa da pesquisa, a partir de uma perspectiva *transmetodológica*, significa abrir novas possibilidades de análise a partir da desconstrução metodológica para dialogar junto com

outros pesquisadores que fizeram caminhadas dentro, perto e ao redor do nosso problema de pesquisa.

É assim que abordamos essa fase, como um momento instigante para estabelecer diálogos que quebram limitações do tempo-espço, para encontrar afinidades, acordos, desacordos, encontros, desencontros e outras trilhas que podem alimentar a pesquisa na dimensão teórica, metodológica, empírica e histórica. Segundo Jiani Bonin (2011, p. 36), “A pesquisa da pesquisa também permite visualizar os problemas já enfrentados na investigação, os conhecimentos obtidos e daí trabalhar na formulação de questionamentos que tragam à luz novas dimensões dos fenômenos comunicacionais”. Nosso procedimento metodológico não se resume em levantamento de informação sobre o tema, mas no encontro de aportes, na reconstrução de contextos do problema/objeto no sistema midiático do Brasil, abordando a partir da Antropologia, História, Sociologia, Psicologia e Ciências Humanas.

Assim, encontrarmos na década de 90 uma preocupação por pesquisar o “universo travesti”<sup>39</sup>. Em 1991, a pesquisa etnográfica com *travestis* prostitutas no Barrio da Lapa no Rio de Janeiro, do antropólogo Hélio Silva<sup>40</sup>, “Travesti: entre o espelho e a rua”<sup>41</sup>, se constitui em referência no campo da pesquisa antropológica com pessoas sexo genéricas diversas como as *travestis*. No repositório de teses da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi possível ter acesso a uma dissertação de 1997, feita por Marcelo Jose Oliveira, “O lugar do travesti em desterro”. E, em 1998, uma tese de doutorado em antropologia social da pesquisadora Cristina de Oliveira Florentino, “Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher:

---

<sup>39</sup>Larissa Pelúcio (2009, p. 33) “Toma de empréstimo o conceito “universo trans” de Marcos Benedetti. De acordo com esses/as pesquisadores/as, essa expressão categoriza “num conjunto identificável, os espaços de convívio das travestis, onde são tecidas as relações sociais que compõem o meio em que vivem, bem como o seu sistema material e moral”.

No primeiro texto feito por Yvets Morales (2015, p. 360) sobre população *travesti*, pesquisa feita no Equador, se entende o “universo trans” da seguinte maneira: “enunciar lo trans es referirse a un universo complejo en el que operan subjetividades; elementos: políticos, legales, sociales, simbólicos; construcción de su estética, del deseo” Em 2015, se publica um outro artigo que se nomea: “El universo trans, aproximación metodológica a su discurso. Una mirada desde la comunicación”, onde se fala do “universo trans” e se cita a la lideresa trans, Mabel García: “el universo trans es infinito y com un toque de locura”. Disponível em: <[http://felafacs.org/wpcontent/uploads/2015/11/Memorias\\_Felafacs.pdf](http://felafacs.org/wpcontent/uploads/2015/11/Memorias_Felafacs.pdf)>. Acesso em: 3 jan. 2019

<sup>40</sup> Em 1993, Hélio Silva publica o livro: “travesti: a invenção do feminino. Etnografia”. Um livro que fala de seres humanos. Com esta obra, o autor tenta acercar o cotidiano do sujeito travesti à sociedade, com o fim de que se conheça melhor aos seres humanos que se vestem do jeito diferente ao estabelecido. Na introdução, Silva (1993, p. 15) diz: “Quero apenas, a partir desse testemunho, dessa etnografia, revelar alguns flagrantes do cotidiano do travesti, de forma que sua dimensão humana, suas contradições, perplexidades, a nobreza e a miséria da sua condição cheguem até o leitor”.

<sup>41</sup> A referência à pesquisa foi conferida na pesquisa do Elias Ferreira Veras, “Carne, tinta e papel: a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza (CE), no tempo dos hormônios/famacopornográfico”, 2015.

etnografia sobre travestis em Porto Alegre”. Podemos observar que, em quase três décadas, a pesquisa sobre os *sujeitos travestis* desperta cada vez mais interesse, seja pela identidade divergente, pelas modificações no corpo, pela marginalidade, pelo trabalho nas ruas, (a prostituição é um tema muito explorado nas pesquisas sobre *travestis*), as enfermidades de transmissão sexual, o HIV, e muitas outras abordagens que o “*universo travesti*” está mobilizando nas pesquisas acadêmicas.

É possível encontrar pesquisadores interessados não apenas nas *travestis*, mas que vão além para abordar temas das diversidades sexo genéricas, as rupturas que fazem as populações que subvertem a ordem binária masculino/feminina do corpo, a identidade de gênero e a orientação sexual. Assim, no Brasil, encontraremos pesquisadoras como Larissa Pelúcio (2009) que publicou o livro: “Abjeção e Desejo - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids”, e outros autores como Marcos Renato Benedetti (2005); Don Kulick (2008); Alexandre Fleming Vale (2005); Berenice Bento, (2006, 2011); Guacira Lopes Louro (1997, 2000) , apenas citando alguns pesquisadores (Antropologia, História, Educação) interessados na temática *trans, travestis, transexual, transgênero*, e outras diversidades sexo-genéricas.

A pesquisa da pesquisa abriu um espaço de expectativa para entender a configuração do entorno acadêmico do Brasil, que tem interesse por investigar e compreender as complexidades que fazem parte da configuração dos *sujeitos travestis*. Pensando que a problematização da nossa pesquisa está enquadrada no campo da *comunicação*, focada no *sujeito travesti*, com o auxílio da *transmetodologia*, a procura de teses e dissertações cumpriu certos critérios. O primeiro, de *que o trabalho fosse no possível, especificamente sobre população ou realidade travesti*, porque entendemos que os agenciamentos, a agenda social e de direitos das *travestis* têm suas particularidades; uma vez que fica sob o “guarda-chuva” LGBT, deixando, às vezes, invisíveis os corpos, os gêneros, as vulnerabilidades e as lutas dessa população. O segundo critério é que a pesquisa tivesse algum *relacionamento com o campo comunicacional*. Em muitos casos, foi possível conferir que o campo comunicacional está sendo abordado a partir do olhar da antropologia, da história, da literatura e, por essa razão, selecionamos pesquisas das disciplinas das Ciências Humanas. No seguinte critério, priorizamos as categorias<sup>42</sup> *corpo*,

---

<sup>42</sup>Acreditamos que o tratamento do gênero é uma dimensão que vai estar sempre presente na pesquisa com população travesti. Esta particularidade foi possível conferir em todas as pesquisas que revisamos.



*mediatização e construção do discurso travesti*, porque eram as que estávamos desdobrando nessa pesquisa.

Uma vez definidos os critérios, fomos procurar as pesquisas nos repositórios das seguintes universidades: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o repositório da CAPES. A busca, feita a partir das palavras-chaves, nos permitiu conhecer e mapear os interesses, temáticas e lugares geográficos, onde se estão desenvolvendo pesquisas que têm relação com nosso problema/objeto. Na tabela 2 apresentamos um resumo quantitativo destes achados.

Tabela 2 – Resultado da busca com as palavras-chave

REPOSITÓRIO	PALAVRA-CHAVE	QUANTIDADE
USP	Travesti	9
UFB	Sexualidades <sup>43</sup>	2
Santa Maria	A Dissertação foi lida por recomendação	1
CAPE	Travesti	20 <sup>44</sup>
UNISINOS	Travesti <sup>45</sup>	4
UFSC	Travesti	13
<b>TOTAL</b>		<b>50</b>

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Não é possível, apenas com essas pesquisas, dar conta da extensão da produção acadêmica do Brasil, menos ainda pensar uma totalidade. Porém, o interesse com as pesquisas foi estabelecer diálogos, deixar-nos afetar pelas problematizações, metodologias, empirias, processos etnográficos e histórias contadas através das investigações, não só do objeto de estudo, mas também dos pesquisadores. Procuramos estabelecer as condições de diálogo entre nosso problema/objeto, os outros problemas/objetos e os pesquisadores que pertencem às áreas de concentração da Antropologia, Sociologia, História, Linguística e Psicologia. Com eles, foi

<sup>43</sup> Com a palavra-chave “travesti” não se conseguiu nenhum resultado. Por isso, se procurou por “sexualidades”, a Universidade Federal da Bahia tem o grupo de pesquisa “Cultura e Sexualidade” - CUS<sup>43</sup>, grupo de referência dos estudos das diversidades no Brasil, dirigido pelo professor Leandro Colling. Mais informação disponível em: <<http://www.ihac.ufba.br/portfolio/cus-cultura-e-sexualidade/>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

<sup>44</sup> Quatro pesquisas encontradas na CAPES, se repetiam nos repositórios das Universidades.

<sup>45</sup> Com a palavra-chave se conseguiu apenas 3 pesquisas que estão mais relacionadas com as temáticas LGBT, do que com as travestis. Procurei a pesquisa de doutorado de Natália Ledur Alles (2015), intitulada: Dos estigmas a uma autonomia possível: “Enquadramentos comunicacionais e narrativas pessoais sobre experiências de ser prostituta”.

possível encontrar pontos de encontros teóricos, alguns procedimentos etnográficos semelhantes na experiência com o empírico e referências de autores. Seguimos as sugestões de Charles W. Mills (1975), de cercar-nos de um ambiente favorável, que seja relevante intelectual e socialmente, que possibilite pensar de modo abrangente as linhas de trabalho, fazer escolhas a partir da observação, das leituras críticas, de um raciocínio que permita alimentar um *continuum* na problematização da pesquisa. Em uma experiência de *artesanato intelectual* (MILLS, 1975), mergulhamos nas pesquisas, no resumo, no sumário, na introdução, às vezes em alguns capítulos, na proposta metodológica, e nas conclusões ou nos capítulos de fechamento.

Seguindo as dicas dos autores, observamos e mergulhamos em algumas pesquisas (10 no total), pensando no aproveitamento para abordar o problema/objeto, principalmente as que abordaram temas travestis (exclusivamente), temas da comunicação, que a metodologia desenvolvida pudesse nos dar algumas luzes. A revisão foi organizada em fichas de leitura. Na sequência, se pode conferir algumas delas, que estão organizadas com o critério temporal a partir daquela pesquisa feita em 1997.

Marcelo José Oliveira, em 1997, na Universidade Federal de Santa Catarina, apresenta a dissertação do mestrado em Antropologia Social, *O lugar do travesti em desterro*. Desde uma perspectiva antropológica, essa tese tem a virtude de ser um documento histórico, de memória, que recolhe modos, expressões, incertezas, preconceitos e reconhecimentos com que se pesquisavam as populações das diversidades, especificamente as *travestis* na década dos 90. A pesquisa tem interesse em olhar os modos em que as *travestis* se relacionam com o resto da sociedade que é “normal”, as maneiras que elas usam sua criatividade para estabelecer relações sociais nos ambientes urbanos. Entre outras coisas, a pesquisa feita em 1997 mostra as formas pelas quais as travestis eram pesquisadas, a partir do reconhecimento da anormalidade. Com dificuldade de lhes nomear no feminino, lhes nomeiam com o substantivo masculino “o travesti”, a partir do estranhamento da feminidade. Outro ponto interessante é o reconhecimento das contradições nas quais operam os *sujeitos travestis*. “São eles, muitas vezes, ambíguas por fazerem parte de um mundo que recrimina aquilo que ao mesmo tempo acolhe”. (OLIVEIRA, 1997, p. 173). Fala-se em termos de moral “dominante” para sustentar o relacionamento entre as *travestis* prostitutas e a sociedade, que é a preocupação principal da tese.

O travesti em Florianópolis não se impõe pela ruptura. O rompimento com o modelo tradicional de construção dos papéis sexuais não é sinônimo de ruptura no sentido amplo da palavra, ele fragmenta-se — em filho(a), estudante, amiga, confidente, condômino, comprador, etc. — taticamente, com objetivo na inserção social. (OLIVEIRA, 1997, p. 174).

Em 1998, Cristina de Oliveira Florentino apresenta a dissertação para Mestrado em Antropologia Social intitulada *Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher: etnografia sobre travestis em Porto Alegre*. A pesquisa problematiza a relação que existe entre as travestis e os relacionamentos com seus companheiros sentimentais. Nesta lógica, interessa à pesquisadora conhecer os modos em que se estabelecem as relações entre as *travestis*, a natureza dessa interação e as diferentes formas pelas quais constroem as subjetividades e a estética feminina. O relacionamento com os companheiros busca reconstruir as expressões dos afetos, a sexualidade e a construção do feminino, masculino, *travesti*. Nas considerações finais, a pesquisadora afirma que na aventura do devir mulher, as *travestis* criam sociedades com regras, normas e linguagem própria, tornando-se relevantes no espaço social. Reconhecemos como importante a referência que faz à obra literária “A princesa: depoimento de um *travesti* brasileiro a um líder das brigadas vermelhas”, da autora Fernanda de Albuquerque, de 1995, publicado na Itália. Conta a história de uma *travesti* na Itália que foi presa e, na cadeia, encontra-se com um militante das brigadas vermelhas contando sua história para ele.

No Doutorado em História Cultural na Universidade de Santa Catarina (UFGSC), em 2008, Luciana Rosar Fornazari Klanovicz apresenta a tese intitulada: *Erotismo na cultura dos anos 1980: censura e televisão na revista Veja*. O interesse pela pesquisa se dá pelo fato de que, na pesquisa exploratória, as entrevistadas *travestis* falaram na década de 70 e 80 sobre os meios de comunicação que influenciaram suas trocas. As revistas e os programas de televisão foram importantes na construção dos referentes estéticos e da feminidade dos *corpos travestis*. Além disso, a pesquisa problematiza o “erotismo” e seus modos de representação durante a época da redemocratização do Brasil. Marca 1985 como uma data de troca da realidade do Brasil já que, com o fim da ditadura militar, também se põe fim a um período de censura sobre a produção da arte e do jornalismo.

Foi possível encontrar nessa pesquisa a oportunidade de entrar na contextualização histórica dos meios do Brasil, conhecer a Revista VEJA e as nuances da realidade social do país. A pesquisadora afirma que não é um estudo sobre a TV e a imprensa brasileira dos anos

80, mas que procura analisar as formas em que o “erotismo” foi objeto de debate nos meios do Brasil. “Lucia Santaella traça a relação entre corpo e comunicação ao fixar a atenção sobre o efeito de uma crescente complexidade tecnológica”. (KLANOVICZ, 2008, p. 29). Desde a perspectiva histórica, convergem nessa tese as políticas de representação dos corpos nos sistemas midiáticos e os discursos do “erotismo” em uma década que as tecnologias informáticas mexiam as narrativas da comunicação e a sociedade entrava com força no turbilhão da tecnologia,

Em nossa pesquisa, abordamos as tecnologias do corpo com autoras como Judith Butler (1990, 2002, 2006, 2007), Paul B. Preciado (2002) e Eva Haraway (1995) à procura de uma abordagem comunicacional. Para Judith Butler (2002), a *performatividade* é uma norma ou conjunto de normas que se repetem para se constituir em um ato do presente capaz de dissimular ou ocultar as convenções que sujeitam e limitam as expressividades dos corpos. Aliás, Butler (2002, p.) problematiza a *performatividade* no marco da teoria dos atos de fala (acunhada por Austin), que reconhece que “performativo é aquela prática discursiva que efetua ou produz aquilo que se nomeia”. Interpela às práticas das identidades como esquemas reguladores dos corpos sexuados que estaria presente na teoria psicanalítica lacaniana. Paul B. Preciado (2002) nos leva até a experiência “fármaco dependente” dos corpos em trânsito e em transformação, a partir dos experimentos com seu próprio corpo, bem como interpela o sistema heterossexual como um aparato social que opera na divisão e fragmentação dos corpos através da reprodução da feminidade e masculinidade.

Em 2013, Edmar Henrique Davi apresenta a tese de Doutorado em Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), *Belíssima: um estudo merleau-pontyano da corporeidade travesti*. Para nossa pesquisa, são interessantes as reflexões do *corpo travesti* feitas nessa pesquisa a partir da teoria fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty. É possível encontrar um diálogo entre a teoria de Merleau-Ponty e o corpo das pessoas *travestis*. O pesquisador toma como método de estudo a pesquisa qualitativa fenomenológica. O trabalho de campo se realiza com dez pessoas *travestis*, de idades entre vinte e quarenta anos, que frequentam e participam das reuniões da Organização não governamental (ONG) SHAMA. Em sequência, elenca 5 categorias pelas quais o pesquisador transita junto com as *travestis*, para aprender os contextos dos corpos: 1. “As vivências iniciais do travestir-se”, 2. “Fazendo o corpo”, 3. “O corpo desvelado na pista”, 4. “Movimento do ser travesti”, 5. “Sonhos e projetos”. (DAVI, 2013).

O método escolhido lhe permitiu fazer uma aproximação ao problema/objeto através da “história oral de vida”. (DAVI, 2013, p. 68). Para o autor, “Uma pesquisa fenomenológica acessa a essência do fenômeno interrogado. Essa essência pode ser alcançada a partir do método da *redução fenomenológica*, que permite o acesso aos significados “puros” do colaborador”. (DAVI, 2013, p. 65, grifo nosso). Além da *redução fenomenológica*, destaca dois elementos: da intersubjetividade da relação (sujeito pesquisador e sujeito pesquisado), e o retorno ao mundo vivido do sujeito pesquisado (mediante a descrição direta do depoimento do sujeito pesquisado). O enfoque psicológico da pesquisa lhe permite ingressar em variadas dimensões do *sujeito travesti*. Sendo assim, sugere o desejo e o sonho como elementos motivadores das transgressões *travestis*:

A vivência travesti se inscreve na perspectiva do desejo e do sonho colocados como motivadores da transformação resultando em um corpo ambíguo, “abjeto”, desconcertante. Dessa forma, as travestis surgem não apenas como grupo social a ser compreendido, mas como forma de referendar a fugacidade e inconsistência dos corpos. (DAVI, 2013, p. 160).

Na USP, para o Doutorado em Letras, com área de concentração em Estudos do discurso em Língua Portuguesa, Irán Ferreira de Melo realiza a pesquisa *Ativismo LGBT na imprensa brasileira: Análise crítica da representação de atores sociais na Folha de S. Paulo* (2013). Na dimensão metodológica, o pesquisador faz uma proposta a partir da Análise Crítica do Discurso (ACD) para abordar os modos em que a população LGBT é representada nos meios. Problematisa os discursos do preconceito e a discriminação da população LGBT, que são veiculados pelos meios canônicos como a Folha de São Paulo. Para o pesquisador, a Teoria Social do Discurso (TSD) possibilita a análise não só dos elementos textuais, mas também outros elementos como as exclusões e as omissões que a matéria oportuniza. “[...] Propõe que os elementos de interpretação sejam as escolhas linguísticas em permanente diálogo com o contexto sociocultural em que se inserem”. (MELO, 2013, p. 53). Outro elemento de interesse é a teoria da representação dos atores sociais (TRAS), oportunizada como modelo crítico de análises do discurso (desenvolvido pelo linguista Theo van Leeuwen), modelo que permite construir um inventário social semântico dos distintos modos em que os atores sociais podem ser representados no discurso. Nesse modelo, a prática linguística-discursiva de representação é reconhecida como uma atividade eminentemente social, enquanto que, desde nossa

perspectiva, a produção de sentido está sendo focada com a teoria dos discursos sociais para dar conta não apenas dos modos de representação, mas também dos modos de produção dos discursos que Eliseo Verón (1993) chamaria de semiose social.

Natália Ledur Alles, em 2017, apresenta a tese para o Doutorado em Comunicação do PPGCC da UNISINOS, intitulada *Dos estigmas a uma autonomia possível: Enquadramentos comunicacionais e narrativas pessoais sobre experiências de ser prostituta*. A pesquisa tem um desdobramento metodológico com o objeto empírico que nos serve de referência, porém se foca mais em mulheres trabalhadoras sexuais em Porto Alegre, com claro enquadramento comunicacional. Entre as referências teóricas, no plano metodológico, a pesquisadora coloca em diálogo a teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero com a teoria da ecologia de saberes de Boaventura de Sousa Santos. Para as análises da representação e os acontecimentos que envolvem as trabalhadoras sexuais, propõe uma abordagem a partir da teoria do agendamento e a teoria do enquadramento. “A teoria dos enquadramentos, encaixada com as teorias fenomenológicas ou subjetivas do construtivismo, é utilizada para refletir sobre as práticas profissionais na comunicação para contrapor as perspectivas que defendem um objetivismo informativo [...]”. (ALLES, 2015, p. 66). Pensamos ser interessante a reflexão que faz a pesquisadora quando diz que há autores que negam que as duas teorias dividam um mesmo campo de pesquisa, ao desvelar que a teoria dos enquadramentos estuda os modos de construção das notícias, mas não o efeito que exercem sobre os receptores.

O professor Bruno César Barbosa, em 2010, apresenta a Dissertação de Mestrado *Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual*. Em 2017, defende a Tese de Doutorado *Imaginando trans: saberes e ativismos em torno das regulações das transformações corporais do sexo*, no Programa de Pós-graduação de Antropologia Social da USP. Acreditamos ser importantes algumas reflexões sobre a configuração do *sujeito travesti*, que privilegia fatores sociais, de gênero e médicos. O autor faz análises comparativas entre as subjetividades das *travestis* e das *transexuais*. Nesse sentido, o olhar biológico é importante, já que a *redesignação sexual* é uma demanda das pessoas que se autodeterminam *transexuais*, enquanto as *travestis* se centram na mudança das representações da *mulher*. Entre os elementos que chamam a atenção está a representação no imaginário social de *travestis* como *loucas e putas* e das *transexuais* como *doidas*; as *transexuais* com *melhor poder econômico, acesso à educação, mais refinadas e glamorosas*. No entanto, as *travestis* são colocadas na

*marginalidade da rua*. Outro elemento é a orientação sexual; ainda que na nossa pesquisa não problematizemos a orientação sexual, é interessante olhar as conotações que têm o exercício da sexualidade: passivo-ativo, relacionamentos homossexuais ou heterossexuais. Na nossa compreensão, essa reflexão se encaixa na configuração do corpo sexuado, do discurso binário.

Em 2015, Bruno César Barbosa apresenta a pesquisa “Imaginando trans: saberes e ativismos em torno das regulações das transformações corporais do sexo”, no doutorado em Antropologia Social na USP. Ele discute o surgimento do “culturalismo travesti” como forma de politizar a noção de “cultura” como núcleo da identidade *travesti*. “Este “culturalismo travesti” produz a possibilidade de se constituir uma identidade com “orgulho”, conjuntamente com noções de nação brasileira”. (BARBOSA, 2015, p. 6). A tese problematiza a performance e a intersubjetividade da identidade *travesti* e *transexual*, auxiliado pelos autores Brah, Piscitelli, Mc Clitock. Para abordar a performance, dialoga com Butler, Derrida, Foucault e Austin, colocando a ênfase no acontecimento social e na ritualização das práticas sociais na produção de processos significantes.

Problematiza a homossexualidade, o enfoque das noções de patologia, psicopatologia e anomalia a partir do século XIX, com autores como Krafft-Ebing, Hirschfeld, sendo o último uma autoridade nos estudos acadêmicos da sexologia do século XIX e um grande militante político que trabalhou ativamente pela despatologização da homossexualidade.

Hirschfeld (2006 [1910]) foi o primeiro a diferenciar as categorias de “inversão sexual” e “homossexualismo” do termo “travestismo”. Em 1910, ele cria o termo “travesti” [...] para a classificação de pessoas com desejos de transformação corporal num “sexo” diferente ao assignado no nascimento. Ele via a necessidade de diferenciação entre homossexuais e travestis, o que para alguns sinalizaria um dos primeiros pilares da separação conceitual entre gênero e sexualidade (Meyerowitz, 2002; Leite, Jr, 2011). (BARBOSA, 2015, p. 36).

Segundo Bruno Barbosa (2015), o termo travesti na mídia impressa apareceria na década de 40 (faz referência a Green, 2000) para se referir aos homens que se vestiam/fantasiavam de mulher no carnaval, os “homens-travestidos”. Na década de 50, o termo seria usado por pessoas homossexuais que tinham uma performance feminina na construção do gênero, e diz que alguns deles trabalhavam no teatro, em bares ou em boates de *show*. Eles eram conhecidos como “transformistas” ou “artistas-travesti”. Na década de 60, as cidades de Brasil assistiam ao

aumento de pessoas que se autodenominavam *travestis* e que, basicamente, trabalhavam na prostituição. É a partir da década de 80 que as *travestis* se organizam e se configura o termo como uma identidade política. Se organizam pela luta contra a epidemia de DST e Aids.

Em 2015, Elias Ferreira Veras apresenta a Tese *Carne, tinta e papel. A emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza (CE), no tempo dos hormônios/farmacopornográfico*, requisito para o Doutorado em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Problematiza uma pesquisa sobre sujeitos midiatizados, a partir da História como disciplina. A pesquisadora define o problema/objeto a partir das seguintes perguntas norteadoras: “Em que momento histórico se passou a associar travesti e disfarce? Em que contexto se produziu a associação entre travesti e prostituição? Que dispositivos de saber-poder-produção de subjetividades legitimaram as verdades acerca das experiências *travestis*? Quais resistências e contra-discursos *travestis* foram elaborados à produção *heteronormativa* produtora de estigma? (VERAS, 2015, p. 28). Foi possível conferir algumas aproximações à definição, ou melhor, a uma possível descrição do *sujeito travesti* com a qual concordamos.

De acordo com o autor [*Leite Junior*], o sujeito conhecido como travesti no Brasil, ou seja, aquela pessoa que adota o gênero feminino, realiza intervenções cirúrgicas, usa cotidianamente roupas e adereços associados ao mundo feminino, mas, a priori, não deseja realizar a cirurgia de transgenitalização, é chamada em países estrangeiros de “transsexual secundário”. (VERAS, 2015, p. 32, grifo nosso).

O acompanhamento das edições dedicadas à explosão do carnaval na revista *Manchete* lhe permitiu observar a construção de um tipo de visibilidade que, a partir de meados de 1970, passou a associar *travesti* e corpo siliconado. A pesquisadora propõe que o sujeito travesti midiático se constrói a partir de uma nova temporalidade e subjetividade baseada na *fármaco dependência*.

Entre as edições que traziam a ousadia das “bonecas” e aquelas ilustradas por fotografias coloridas que destacavam os “peitos” siliconados, longos cabelos e corpos esculturais “dos” *travestis*, inaugurava-se uma nova temporalidade e subjetividade *fármaco pornográfica*, produtora de um novo sujeito público-midiático. A emergência dessa nova personagem público-midiática não poderia, contudo, ser realizada sem uma história do regime de visualidade que a constituiu. (VERAS, 2015, p. 46)



Víctor Pinheiro Grunvald, da USP, apresenta a Tese de Doutorado em Antropologia, *Existências, insistências e travessias: sobre algumas políticas e poéticas de travestismo*, em 2016. O ponto de partida da pesquisa de doutorado foi a experiência de percorrer a 31ª Bienal de São Paulo (dezembro de 2014) para problematizar a visibilidade travesti (a pesquisa inclui os subgrupos *trans*: *travesti*, *transexual*, *transgênero*, e também o grupo *não binário*) e a representação dos grupos sociais negados. Coloca a dimensão política na categoria travesti, que Víctor Grunvald (2016, p. 29) descreve assim “Travesti com muito orgulho”, frase que ecoa, em terras brasileiras, a assertividade da insolência obstinada de tomar para si o poder de se nomear, a ressignificação positiva da qual fala Campuzano<sup>46</sup> sobre a categoria travesti”.

O pesquisador evoca as práticas artísticas para refletir sobre os corpos, o gênero e a sexualidade. Coloca no foco da pesquisa os olhares da sociedade a respeito dos preconceitos sobre população sexo-genérica diversa. Achamos importante a visibilidade que dá às obras artísticas e performáticas, tanto do Brasil como da América Latina, como o “Museo Travesti de Perú” de Giuseppe Campuzano, “Yeguas del Apocalipsis. Las dos Fridas” dos míticos artistas chilenos Pedro Lemebel e Francisco Casas, e a videoinstalação “Sergio e Simone”, da artista Virginia Medeiros. Desse modo, a pesquisa nos permite configurar outros modos de representação dos corpos *trans* na esfera pública, através da arte.

---

<sup>46</sup> Giuseppe Campuzano é filósofo e performer peruano, criador do “Museu Travesti do Peru”.

## 4 OS DIÁLOGOS TEÓRICOS

A construção da pesquisa teórica não inicia nesse capítulo. Ela está presente desde o título e proposta de pesquisa. A pesquisa empírica e o planejamento metodológico também são concebidos como dimensões que se intercomunicam e relacionam entre si, para permitir um olhar abrangente que dê conta de um problema/objeto complexo que vamos observando e conferindo no devir da pesquisa e seus múltiplos desdobramentos. Nos são mostradas diferentes trilhas e somos convocados a seguir o caminho da percepção, da reflexão, da observação atenta, na perspectiva do pensamento crítico.

A problematização teórica deve provocar rupturas epistêmicas, que nos ajudem a enfrentar os obstáculos de que fala Gaston Bachelard (1971). Poderia ser o conhecimento não questionado, os hábitos intelectuais que fazem ancoragem em ideias fixas, e que podem ser limitadores no momento de adquirir o conhecimento científico. Para Bachelard (2001), a experiência inicial pode ser considerada como obstáculo, já que está construída sobre conhecimentos frágeis, em que o pensamento crítico não conseguiu ainda operar de modo profundo e desestabilizador. “O espírito científico tem de se formar *contra* a Natureza. [...] deformando-se. Perante a Natureza, ele não pode instruir-se se não purificando as substâncias naturais e ordenando os fenômenos naturais”. (BACHELARD, 1971, p. 170, grifo do autor). É assim que vamos desdobrando e construindo os caminhos da pesquisa, entendendo que realizamos processos de desconstrução, reconstrução, questionamentos onde os autores e as teorias também estão sendo problematizados, em termos epistemológicos e metodológicos.

Segundo Jiani Bonin (2011, p. 25), “a problematização teórica é outra linha arquetônica fundamental de um projeto de pesquisa consolidado”. Nesse sentido, a pesquisa se configura através de várias linhas arquetônicas como: pesquisa da pesquisa, pesquisa exploratória, pesquisa empírica, e pesquisa metodológica. Todas elas vão se problematizando e dialogando entre si, sem que nenhuma adquira uma centralidade ou prioridade sobre outra. A compreensão da participação e o aporte de cada uma delas faz parte do fôlego que pode alcançar a pesquisa em processo. Portanto, para a problematização teórica, precisamos voltar à arquitetura da problematização, para seguir avançando na pesquisa e manter o espírito científico. Acreditamos que o lugar da teoria, a partir do pensamento crítico, está dado pela

reflexão, o raciocínio crítico, o questionamento e a experimentação. (BACHELARD, 1971; MILLS, 1975; MALDONADO, 2011; BONIN, 2011; SARTRE, 2011).

A construção teórica nos fornece elementos para encontrar ângulos diversos por onde o problema/objeto pode ser abordado e repensado. Vamos caminhando para entender a construção de saberes, como lugar onde confluem os conhecimentos, as experiências, a observação atenta do empírico, as dúvidas, os aportes dos sujeitos da pesquisa, as vivências prévias e atuais do sujeito pesquisador. Nesse caminhar, Henri Lefebvre (2013, p. 335, grifo do autor, tradução nossa) nos lembra que:

O conhecimento é a aproximação eterna, infinita do pensamento ao objeto. O reflexo da natureza no pensamento do homem deve ser compreendido não em <<forma inerte>>, não em forma abstrata, não carente de movimento, não carente de *contradições*, mas sim no eterno *processo* do movimento, no surgimento das *contradições* e na sua solução[...].<sup>47</sup>

É assim que a pesquisa vai se costurando e encontrando parcerias que nos levam além das próprias teorias, para não ficar no conforto das tautologias teóricas e empíricas, tal como nos alertam as epistemologias do *pensamento crítico* e as *transmetodologias*. Com elas é que aprendemos a refletir, problematizar e pesquisar.

#### 4.1 A DIMENSÃO COMUNICACIONAL

Depois de gravar o áudio para o spot da “Parada livre de Guaíba”<sup>48</sup> com Cléo Soares<sup>49</sup>, parceira nessa pesquisa, com um roteiro construído em conjunto, falávamos dos encontros e

---

<sup>47</sup> Texto em espanhol: El conocimiento es la aproximación eterna, infinita, del pensamiento al objeto. El *reflejo* de la naturaleza en el pensamiento del hombre debe ser entendido, no en <<forma inerte>>, no en forma abstracta, no carente de *movimientos*, no carente de *contradicciones*, sino en el eterno *proceso* del movimiento, en el surgimiento de las *contradicciones* y en su solución [...]. (LEFEVBRE, 2013, p. 335, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>48</sup> A “Parada Livre de Guaíba” foi uma ação de visibilidade organizada pela ONG Igualdade Guaíba, sob a direção da Pitty Barbosa. Aconteceu em 25 de março de 2018. Fui convidada a participar da primeira reunião de organização que se efetuou em Guaíba na casa da Pitty, em 6 de janeiro. (“Escrita para uma travesti”, diário de campo, 6 de janeiro de 2018).

<sup>49</sup> Mais conhecida como Cléo, é uma pessoa que se auto reconhece como *travesti* e mora em Sapiranga. Ela estudou bacharelado em Design na FEEVALE em Novo Hamburgo, através dos programas de cotas para diversidades. Ela agora realiza fotografias e vídeos, sobretudo dos eventos da população *trans*, *travesti*, *transsexuais*, e das outras diversidades. Ela e as duas câmeras de foto e vídeo estão nas reuniões e eventos da população travesti. Tem um canal no *YouTtube* que se chama: “outros olhares”, onde se pode conferir seu trabalho de produção e edição de vídeo, disponível em: <[https://www.youtube.com/channel/UCp6uG0vz007B96v\\_SCxA1jw/videos](https://www.youtube.com/channel/UCp6uG0vz007B96v_SCxA1jw/videos)>.

desencontros entre a academia e a militância, os aportes das pesquisas às populações marginalizadas. Ela dizia “*que a pesquisa é uma forma de visibilidade também*”. Porém, enquanto aguardávamos o ônibus, ela me disse: “*é a pesquisa da comunicação que permite fazer outras abordagens com os grupos alvos, e realmente podemos experimentar fazer comunicação e não ficar só na teoria*”. Acredito que são as experiências *transmetodológicas* que estamos construindo, ao mesmo tempo em que caminhamos, nos permite pensar a comunicação não como um ato individual, mas sim como uma ação coletiva, como uma instituição social (WINKIN, 1998) em relação com os ambientes, os contextos, as necessidades que reconhecemos para participar da comunicação como sujeitos individuais e coletivos.

Nos encontramos com uma dimensão epistêmica, um campo comunicacional abrangente, que não se limita ao emissor-mensagem/canal/mídia/receptor, esquema espelhado pelas teorias clássicas da representação. Segundo elas, “o receptor da mensagem não pode se não registrar a realidade objetiva transportada pelo canal”. (SFEZ, 2000, p. 30). Anula, assim, a capacidade de agência do sujeito e limita as possibilidades perceptivas e expressivas, já que segundo este modelo “o representante tem, apenas ele, o poder de garantir a objetividade”. (SFEZ, 2000, p. 30). Na nossa compreensão da comunicação, o modelo de representação limitaria as possibilidades do exercício da cidadania comunicativa e reduziria a construção do sujeito comunicante a um simples receptor, que está preso à transmissão intencional de mensagens.

Para interpelar o paradigma da representação na comunicação, procuramos entender a comunicação a partir de múltiplas e diversas experiências, disciplinas, horizontes epistêmicos, saberes, pesquisas, territórios, que foram pensando a comunicação como um lugar de participação, de disputas simbólicas, de confluências de linguagens. Mas, sobretudo, de reconhecimento da participação dos sujeitos e atores sociais no processo de comunicação. Assim, na pesquisa teórica, encontramos a proposta da “nova comunicação”<sup>50</sup>.

A “nova comunicação” é muito mais exigente, porque rompe com o senso comum. Assim, o antropólogo Ray Birdwhistell dirá um dia: “Não nos

---

Acesso em: 5 mar. 2018. O bate papo que tivemos em 21 de fevereiro de 2018, na UNISINOS. (“Escrita para uma travesti”, diário de campo, 21 de fevereiro de 2018).

<sup>50</sup> Foi o antropólogo dos Estados Unidos John Weakland, em 1967, na revista *American Behavioral Scientist* que colocou o nome de “nova comunicação” em oposição a uma comunicação “velha” baseada na transmissão de mensagens do jeito unidirecional. Nessa “nova” denominação se encontravam pesquisadores dos mais diversos horizontes, pensamentos, disciplinas. Assim estavam: o antropólogo Gregory Bateson, o sociólogo Erving Goffman, os antropólogos estudiosos de linguística Ray Birdwhistell e Edward Hall. A informação citada, é do livro: “A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo” do autor Yves Winkin (1998).

comunicamos, participamos da comunicação”. A fórmula tinha um só objetivo: fazer compreender que a comunicação deve ser concebida não como um ato individual, mas sim como uma instituição social. O ator social participa dela não só com suas palavras, mas também com seus gestos, seus olhares, seus silêncios... A comunicação toma-se assim a performance permanente da cultura. (WINKIN, 1998, p. 14).

À procura dos fundamentos teóricos da comunicação, além dos conceitos prontos e fechados, foi Gregory Bateson (1979) que nos convidou a conhecer um pouco mais do grupo de pesquisadores que aportaram ao pensamento da “nova comunicação”. Depois, continuamos à procura de desafios teóricos que pudessem abrir trilhas para compreender a comunicação em diálogo com a antropologia, a sociologia, a psicologia, a etnografia e a linguística. Nessa abrangência, foi possível chegar à abordagem de Bateson (1979), que interpela a fragmentação das teorias, das epistemologias segmentadas, e coloca em uma inter-relação na qual se comunica a mente com o corpo, a palavra com o gesto, a razão e o coração. Para Bateson e Ruesch (1951 *apud* CENTENO, 2009, p. 42), “Nunca nos podemos abster de comunicar e, como seres humanos e membros de uma sociedade, somos biologicamente obrigados a comunicar”. É impossível escapar aos processos de comunicação, porque todos os elementos dos sistemas estão condicionados a interagir, e nesse processo se dá a comunicação.

Para continuar compreendendo a configuração do *sujeito comunicante travesti*, pensamos que a comunicação perpassa as dimensões do ser humano, na simplicidade e complexidade do agir comunicativo. Como seres humanos estabelecemos relações de intercâmbio com a natureza, com a sociedade, com as instituições criadas pelo sistema para nos organizar. Portanto, temos comunicações institucionalizadas a nível macro e micro no sistema social. Nos comunicamos com as máquinas, a tecnologia (não só através das máquinas, se não com a mesma máquina tal como propõe o paradigma maquinista, dando maior relevância à máquina que ao ser humano). Nos comunicamos entre nós, as estruturas sociais e o cosmos. Porém, essa comunicação não fica na homogeneidade, uma vez que existem pretensões de nos construir como massa amorfa. Temos ainda a capacidade de estabelecer as relações de modos pouco ortodoxos, assim como podemos seguir padrões de comportamentos comunicacionais hegemônicos. Esse mesmo movimento de massificação pode dar impulso a um outro movimento comunicacional, que interpele e questione as imposições hegemônicas, como está acontecendo com alguns movimentos ecologistas, feministas, negros, *trans*, camponeses e

indígenas, que estão nos demonstrando existir a possibilidade de abranger a compreensão, construção e exercício da comunicação.

Se a ligação de elementos de uma sociedade humana é ao mesmo tempo evidente e irrefutável, os modos dessa ligação variam ao infinito, o mesmo acontecendo, por conseguinte com as formas de aproximá-los pelo conhecimento. Pode se supor que cada domínio de conhecimento tem a sua própria definição de comunicação, definição específica do campo por ele recoberto. Poderíamos assim conceber a comunicação como “contato”, como “energia”, como “informação” e como “memória”. (SFEZ, 2000, p. 38, aspas do autor).

Com a proposta de Lucien Sfez (2000)<sup>51</sup>, foi preciso voltar aos *sujeitos travestis* e seus contextos, seus corpos, os modos em que elas habitam suas subjetividades e se auto percebem como *travesti*, como um lugar de resistências e de reconhecimento do seu entorno periférico. De encontrar na memória de suas transições a ligação que existe entre seus corpos “em transições” com os outros corpos, os ambientes familiares, sociais, a vizinhança, a escola, os contextos midiáticos e culturais, como as revistas, os programas da TV, os cantores e a música. Nessa ativação da memória, elas percebem seu lugar de enunciação desde as periferias, como um ato de rebeldia, de coragem, de se reconhecer como o *Outro* periférico. É através do corpo que as *travestis* estabelecem contato dissonante com a sociedade, porque não se representa do mesmo modo que a massa, que a chamada “maioria”. Como sujeitos sociais, estabelecem diálogos com os diferentes estamentos das instituições da sociedade civil e do Estado, desde a pessoa que está no mercadinho no bairro, até a representação nos Conselhos LGBT, onde se está propondo e construindo política pública, não apenas para a população *trans, travesti, transexual*, mas, para a sociedade toda.

---

<sup>51</sup>Lucien Sfez (2000) faz dois aportes para pensar as metáforas da máquina e o organismo. Duas metáforas que não precisam ser pensadas em relação de exclusão uma da outra, como “ou-ou”. Mas sim, compreender o antagonismo e aí estabelecer a relação uma com a outra. “Assim o pensar “máquina” e seu motor, a energia predis põem a utilizar a preposição *com*. Sou um ser vivo que se serve da máquina, que “faz com”. Situo-me como um ser completo, acompanhado de alguns instrumentos úteis, mas que permanecem exteriores à minha definição. O pensar “organismo”, em compensação, ao utilizar o conceito de informação, situa-se onde o sujeito orgânico está mergulhando, no ponto em que ele não pode se definir sem seu ambiente, nem seu ambiente sem ele, trata-se de um pensamento do “em”, preposição que domina a trajetória conceitual e prática: vivo *no* mundo e sou parte dele enquanto contribuo, por minha vez, para a constituição desse mundo”. (SFEZ, 2000, p. 40, grifo do autor). As metáforas na dinâmica social, acadêmica, pessoal, denotam posições políticas frente à vida, atitudes de pensamento e ação na sociedade.

Este trabalho de visibilidade, de contato com a sociedade não fica só no campo social, perpassa o campo comunicacional, já que são disputas simbólicas, discursivas, necessárias para sobreviver e para ser. Desse modo, geram o que Gregory Bateson (1979, p. 244, tradução nossa) chamaria *ontogenia*, “o processo de desenvolvimento do indivíduo, a embriologia mais todos os câmbios que possam impor ao ambiente e ao hábito”.<sup>52</sup>. É assim que, ao estar o sujeito inserido na ambiência comunicacional, tem a capacidade de interagir com as instituições do Estado e de propor estratégias, processos, mecanismos que aportam para a construção do *sujeito comunicante como indivíduo*, e a construção do *sujeito comunicante coletivo*. Aliás, estamos pensando na comunicação em termos de *ecologia da comunicação*, que além de pensar na diversidade e na interação, inclui a inter-relação que estabelece o ser humano em seus ambientes naturais, culturais, sociais, discursivos, simbólicos, emocionais, reconhecendo os lugares de enunciação, de lutas, de rebeldias e de leituras no mundo. Para continuar pensando que o exercício da *comunicação* não fica na relação com os sistemas midiáticos, ela está presente na construção e na invenção do cotidiano.

#### 4.2 A PERCEPÇÃO E A AUTO PERCEPÇÃO DOS *SUJEITOS* E DOS *CORPOS TRAVESTIS*

Entendemos que a problematização teórica está em diálogo com a problematização empírica. Em nosso caso, estamos problematizando a construção comunicante dos *sujeitos travestis* e o *exercício da cidadania comunicativa*. Nesse processo de diálogo e confluência teórico e empírica, estamos dando impulso à construção do espírito científico através da compreensão dos processos perceptivos. Nos questionamos: por que é importante teorizar os processos perceptivos na nossa pesquisa? Para tentar responder à pergunta, vamos abordar dois aspectos importantes da pesquisa, no âmbito *epistemológico*: a percepção do *corpo travesti* na configuração do *sujeito comunicante*; e, no segundo momento, no âmbito *metodológico*, a reconstrução das *histórias de vidas comunicacionais* que abordaremos no capítulo 4 com os tecidos cartográficos. Para refletir sobre a percepção, vamos nos apoiar nas propostas de autores

---

<sup>52</sup> Texto em espanhol: ontogenia el proceso de desarrollo del individuo; la embriología, más todos los caminos que pueden imponer el ambiente y el hábito. (BATESON, 1979, p. 244).

como Gregory Bateson (1979), Susan Buck-Morss (2012) e Henri Bergson através da leitura empreendida por Ecléa Bosi (1994).

Gregory Bateson (1979) propõe o processo de percepção como o começo da epistemologia empírica, tomando como ponto de partida a falta de consciência da construção das imagens que vemos e, em um segundo momento, os pressupostos que se incorporam à imagem em um ato de processo inconsciente<sup>53</sup>.

Os *processos* da percepção são para nós inacessíveis; apenas temos consciência dos produtos desses processos, e desde já, são esses *produtos* os que necessitamos. Estes dois feitos gerais são para mim, o começo da epistemologia empírica: primeiro, que eu não tenho consciência dos processos de construção das imagens que conscientemente vejo, e segundo que, nesses processos inconscientes aplico toda uma gama de pressupostos que se incorporam à imagem terminada.<sup>54</sup> (BATESON, 1979, p. 43, grifo do autor, tradução nossa).

Quando as *peessoas travestis* circulam pelos espaços públicos, as marcas que desestabilizam a ordem e alteram a normalidade estão nos corpos, que têm formas que não correspondem ao imaginário *heteronormativo* que o sistema social estabeleceu para os corpos sexuados masculino/feminino. Aliás, é à imagem padronizada social e individual que os corpos interpelam e se auto interpelam. As *travestis* também geram suas próprias auto percepções. As *peessoas travestis* não estão fora do sistema, elas estão engajadas e reproduzem os valores, marcas, papéis outorgados aos corpos sexuados através do regime do gênero binário. A percepção nessa pesquisa não é apenas para a observação atenta e crítica do *problema/objeto*. É para entender aspectos vinculados aos modos e mecanismos pelos quais os *sujeitos travestis* interagem com o campo social, midiático e familiar em que estão inseridos.

Por sua parte, Susan Buck-Morss (2012, p. 169) diz que “a percepção só se transforma em experiência quando se liga às lembranças sensoriais do passado”. Achamos que, em

---

<sup>53</sup>A reflexão que fez Bateson (1979) sobre a percepção tem seu fundamento numa experiência que teve em Nova York, no laboratório de Adalberto Ames Filho, ele esteve fazendo experimentações para entender como dotamos as nossas imagens visuais de profundidade. A explicação detalhada dessa experiência está narrada no livro: “Espírito y Naturaleza”, o nome da edição em espanhol.

<sup>54</sup>Texto em espanhol: Los *procesos* de la percepción nos son inaccesibles; sólo tenemos conciencia de los productos de esos procesos, y, desde luego, son esos *productos* los que necesitamos. Estos dos hechos generales son para mí el comienzo de la epistemología empírica: primero que yo no tengo conciencia de los procesos de construcción de las imágenes que conscientemente veo, y segundo, que en estos procesos inconscientes aplico toda una gama de presupuestos que se incorporan a la imagen terminada. (BATESON, 1979, p. 43, grifo do autor).



perspectiva semelhante à psicologia social, a lembrança cobra um sentido de afloramento do passado. Ademais, o corpo também é reconhecido como um lugar que guarda a memória do processo, através dos sentidos que nos percebem e recebem os estímulos do presente para misturar-lhes com a experiência do passado. Não vamos entrar no campo da psicologia, mas podemos olhar, enquanto vamos direcionando nossa pesquisa, para uma trilha metodológica que pensa as *histórias de vida comunicacionais*. Devemos pensar em ativar o processo de percepção tanto do *sujeito da pesquisa* como do *sujeito pesquisador*. Ou seja, as percepções imediatas do presente com as lembranças (o passado) que propõe Henri Bergson, e que Ecléa Bosi (1994) atualiza na pesquisa “Lembranças de Velhos”. Ela diz:

O discurso do pensador [*Henri Bergson*] está se interrogando sobre a passagem da percepção das coisas para o nível da consciência. A certa altura, introduz a reflexão seguinte: “Na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças”. Com essa frase, adensa-se e enriquece-se o que até então parecia bastante simples: a percepção como o mero resultado de uma interação de ambiente com o sistema nervoso. Um outro dado entra no jogo perceptivo: a lembrança que “impregna” as representações. (BOSI, 1994, p. 46, grifo nosso).

Junto a essa percepção, Susan Buck-Morss (2012) traz o conceito de *sistema sinestésico*, que auxilia a pensar o bombardeio de sensações que os *corpos travestis* recebem a partir de suas transformações. Também é pensada a construção de subjetividades em constante disputa simbólica com o *discurso heteronormativo* do poder, e que se materializa no mundo externo, no espaço público, onde as *travestis* se expõem aos olhares, onde seu circuito sensorial experimenta que são diferentes.

O circuito que vai da percepção sensorial à percepção motora começa e termina no mundo. [...] Como fonte dos estímulos e arena das respostas motoras, o mundo externo deve ser incluído para completar o circuito sensorial. [...] O campo do circuito sensorial, portanto, corresponde ao da “experiência” no sentido filosófico clássico de uma mediação entre sujeito e objeto, mas sua própria composição torna simplesmente irrelevante a chamada cisão entre sujeito e objeto [...]. Para diferenciar nossa descrição da concepção tradicional e mais limitada do sistema nervoso humano, que isola artificialmente a biologia humana do seu meio ambiente, daremos a esse sistema estético de consciência sensorial, descentrado do sujeito clássico – no qual as percepções sensoriais externas se unem às imagens internas da memória e da expectativa –, o nome de “sistema sinestésico”. (BUCK-MORSS, 2012, p. 164-165).

No esforço por recuperar o circuito das percepções, como uma *ação política comunicante*, de lutas cotidianas no contexto social, o corpo assume uma dimensão ontológica na configuração do *sujeito travesti* que está em permanente negociação com as tecnologias do *biopoder*. A experiência sensorial que abriga o *corpo travesti* o envolve completamente, e ao mesmo tempo o deixa fragmentado, vulnerável e desafiador.

#### 4.3 A CONSTRUÇÃO DO SISTEMA CORPO/DISCURSO/GÊNERO

Abordamos o *corpo*, o *discurso* e o *gênero* como um sistema, em que cada uma das categorias que o compõe evocará uma à outra. Entendemos que “um sistema é definido como um ‘complexo de elementos em interação, sendo essas interações de natureza não aleatória’”. (WINKIN, 1998 p. 25). Pensamos junto com os sujeitos da pesquisa os modos em que o *corpo/discurso/gênero* podem ser abordados como sistema devido às interações e influências que exercem entre si na compreensão da configuração do *sujeito comunicante travesti*.

Judith Butler insiste que pensemos os gêneros e os corpos como materializações político-culturais que não têm uma existência anterior à cultura ou à linguagem. Nem o corpo, nem o gênero têm uma origem prévia, natural e imaculada a partir do que posteriormente se transformem ou alterem por mediação de determinadas práticas discursivas. Discurso, gênero e corpo são inseparáveis. (TORRAS, 2007, p. 25, tradução nossa)<sup>55</sup>.

Em função da organização narrativa e à procura da inteligibilidade, vamos abordar cada uma de modo aparentemente fragmentado, mas vamos poder olhar como interagem uma na estrutura da outra.

---

<sup>55</sup> Texto em espanhol: “Judith Butler insiste en que pensemos los géneros y los cuerpos como materializaciones político-culturales que no tienen una existencia anterior a la cultura o al lenguaje. Ni el cuerpo ni el género poseen un origen previo, natural e inmaculado a partir del que posteriormente se transformen o alteren por mediación de determinadas prácticas discursivas. Discurso, género y cuerpo son inseparables [...]”. (TORRAS, 2007, p. 25).

### 4.3.1 Os Corpos

*A este cuerpo viviente lo queremos liberar, descuadrificar, desbloquear, descongestionar, para que se libere en sí mismo todas las energías, todos los deseos y todas las intensidades aplastadas por el sistema social de inscripción y de adiestramiento. Queremos recuperar el pleno ejercicio de cada una de nuestras funciones vitales con su potencial integral de placer.*<sup>56</sup>  
(GUATTARI, 1973).

No devir da pesquisa, foi possível entender que a configuração do *sujeito travesti* não pode escapar à complexidade do corpo na dimensão discursiva e ontológica, que está em constante disputa como as tecnologias disciplinares do poder *hétero binário* e normativo. Entendemos o *corpo travesti* como um espaço complexo que opera dentro dos limites da inteligibilidade de um sistema binário que organiza os sujeitos como corpos sexuados: feminino/masculino<sup>57</sup>. Nesta ambiência, os *sujeitos travestis* vão construir corpos subversivos e utópicos (FOUCAULT, 2008), que estão em constante negociação com os espaços padronizados do poder para ressignificar seus próprios corpos e exercer autonomia sobre as configurações sexo-genéricas. O *corpo travesti* é subversivo e procura ser representado por si mesmo, “[...] o corpo já não pode ser pensado como uma materialidade prévia e informe, fora da cultura e de seus códigos”.<sup>58</sup> (TORRAS, 2007, p. 25, tradução nossa). É parte integrante da ambiência social, política, comunicativa que desenvolve estratégias para questionar um sistema *heteronormativo* que implementa estratégias de disciplinamento e coerção.

Quando o *sujeito travesti* tem seu corpo como dispositivo comunicativo, configura seu próprio senso de realidade para problematizar o espaço discursivo. Configura-se como *sujeito político comunicante* e questiona os papéis e mecanismos de normalidade (papéis de gênero, comportamentos sociais, modos de vestir, falar e caminhar pré-estabelecidos para cada

---

<sup>56</sup> Em referência à informação da revista Fractal, o artigo do Felix Guattari, “Para acabar con la masacre del cuerpo”. “[Foi] escrito publicado originalmente de manera anónima en la revista francesa *Recherches* nº 12, 1973, edición consagrada a una “gran enciclopedia de las homosexualidades” titulada “Tres mil millones de perversos”, en la que participaron Gilles Deleuze, Michel Foucault, Jean Genet, Guy Hocquenghem, Daniel Guérin, Jean-Paul Sartre, entre otros. El gobierno francés decomisó y destruyó los ejemplares de la revista y tomó cargos contra Félix Guattari, director de la publicación, acusándolo de “afrontar a la decencia pública” Disponível em: <<http://www.mxfractal.org/RevistaFractal69FelixGuattari.htm>>. Acesso: 24 fev. 2018. (Espanhol na versão digital).

<sup>57</sup> “hembra/macho” acredito que em espanhol os termos têm uma construção de senso mais em relação com o corpo-sexo.

<sup>58</sup> Texto em espanhol: “[...]el cuerpo ya no puede ser pensado como una materialidad previa e informe, ajena a la cultura y a sus códigos”. (TORRAS, 2007, p. 25).

gênero) que somos forçados a representar como corpos sexuados masculinos e femininos. Nesta transgressão discursiva, é possível reconhecer o esforço por pensar além do *discurso hegemônico heteronormativo*, para conseguir um *poder/ser* na procura da aceitação de seu EU interno e externo, propondo o corpo utópico que opera no desejo e na marginalidade do sistema normativo. Nos termos de FOUCAULT (2008), poderíamos falar do corpo como o ator principal de todas as utopias.

A utopia é o lugar fora de todo lugar, mas é o lugar onde eu terei um corpo sem corpo; um corpo que será belo, límpido, transparente, luminoso, veloz, de uma potência colossal, com duração infinita, desatado, protegido, sempre transfigurado. **E é muito provável que a utopia primeira, aquela que é mais difícil de desarraigar do coração dos homens seja precisamente a utopia de um corpo incorporal.**<sup>59</sup> (FOUCAULT, 2008, p. 12, grifo do autor, tradução nossa).

O corpo utópico que propõe Foucault (2008) é o *corpo travesti* contraditório, que opera no desejo de ser e transgredir a biologia para representar-se de outras maneiras, indisciplinadas: quando usam maquiagem, tatuam-se as sobrancelhas e os lábios, constroem o corpo desejado com silicone ou usando próteses, e se vestem com decotes e roupas apertadas para deixarem de ser invisíveis. Ao mesmo tempo, têm a força para modificar seus corpos, mas caem na tragédia da coerção como mecanismo do poder que fragmenta os corpos para torná-los dóceis, capazes de serem submetidos e negados. (FOUCAULT, 2002, BUTLER, 2002, 2007). É preciso lembrar que esses corpos “incompreendidos” são resultado dos limites das normas do sistema, que os reconhece como corpos sofridos, doentes<sup>60</sup> por serem “anormais”, corpos culpáveis por

---

<sup>59</sup> Texto em espanhol: La utopía es un lugar fuera de todo lugar, pero es un lugar en donde habré de tener un cuerpo sin cuerpo; un cuerpo que será bello, límpido, transparente, luminoso, veloz, de una potencia colossal, con duración infinita, desatado, protegido, siempre transfigurado. **Y es muy probable que la utopía primera, aquella que es más difícil de desarraigar del corazón de los hombres sea precisamente la utopía de un cuerpo incorporal.** (FOUCAULT, 2008, p. 12, grifo do autor).

<sup>60</sup>O debate sobre a despatologização está no ambiente social do Brasil, como uma pauta colocada pelas organizações de trans, travestis, transexuais do Brasil, para tirar do lugar da enfermidade ao corpo travesti, porque a condição de “enfermidade/doente” não só afeita ao indivíduo, mas também a seu entorno como a família, amigos. Christine Détrez no livro “La construcción social del cuerpo”, desde uma perspectiva social, cultural da enfermidade: “en el cuerpo enfermo se establecen las condiciones estructurales que hacen que, por una parte, que las enfermedades tengan una geografía y una historia y, por otra, que manifiesten las representaciones y los valores que sostienen y determinan las relaciones que una sociedad o que un grupo social mantiene con su cuerpo (Herzlich y Pierret, 1989). La salud y la enfermedad no se reducen a enfermedades orgánicas, a estados de cuerpos individuales; una vez más Marcel Mauss figura como pionero en la materia y demuestra en 1926 -a partir de sus observaciones sobre sociedades tradicionales en Nueva Zelanda y Australia - “el efecto físico en el individuo de la idea de muerte sugerido por la colectividad” (Mauss, 1950, 1980); la

não respeitarem o sistema de padrões instituídos no imaginário social através da religiosidade, da família (burguesa), do consumo, dos padrões de urbanidade, do politicamente correto, do pudor, de mecanismos que respondem à configuração do discurso “único”, “padronizador”, que constitui o fundamento da organização social imposta pela hegemonia do poder.

Reconhecer que os *corpos travestis* se constroem no interior da imposição dos padrões, na periferia do sistema do poder *hétero binário* é fundamental para compreender o lugar de enunciação e seus modos de expressão. Os *sujeitos travestis*, enquanto sujeitos marginalizados a partir da periferia, como forma de espelho, também reproduzem o discurso hegemônico, os papéis, as representações da “centralidade” em condições de marginalidade e submissão social, econômica e cultural. É preciso lembrar que os corpos correspondem à construção das subjetividades de sujeitos que estão em permanente negociação com o poder hegemônico/disciplinar. A disciplina, entendida por Deleuze (2005, p. 35), “não pode ser reconhecida como um tipo de instituição ou aparelho, porque ela é um tipo de poder, uma tecnologia que atravessa todas as espécies de aparelhos e instituições para fazê-los convergir”, atribuindo à tecnologia disciplinar um lugar de privilégio na construção e manutenção do poder. Foucault (1999), por sua vez, problematiza o disciplinamento como instituições que obedecem aos sistemas de poder.

Definem certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova “microfísica” do poder; e porque não cessaram, desde o século XVII, de ganhar campos cada vez mais vastos, como se tendessem a cobrir o corpo social inteiro. Pequenas astúcias dotadas de um grande poder de difusão, arranjos sutis, de aparência inocente, mas profundamente suspeitos. Dispositivos que obedecem a economias inconfessáveis, ou que procuram coerções sem grandeza, são eles, entretanto que levaram à mutação do regime punitivo, no limiar da época contemporânea. (FOUCAULT, 1999, p. 165-166).

Quando Foucault (1999, p. 164) fala do disciplinamento dos corpos, alude aos “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade”. O disciplinamento na sociedade moderna se constitui em uma sofisticada engrenagem invisível de controle e dominação, que difere do tempo da escravidão, quando os mecanismos eram grosseiros e

---

exclusión social de un individuo en perfecta salud le hace deteriorarse físicamente, hasta llevarlo a la muerte.” (DÉTREZ, 2017, p. 69, espanhol, citações no texto).

evidentes. O corpo do escravo não pertencia a ele, mas ao “senhor” (dono de tudo, inclusive dos corpos de seus escravos), “o escravo é um homem que não é de si mesmo, mas de outro”. (AGAMBEN, 2017, p. 26). Já o disciplinamento funciona como instituição (Foucault) ou como poder (Deleuze), mas o certo é que o corpo materializa as políticas disciplinares e exerce influência sobre os processos de subjetivação dos sujeitos. Os mecanismos<sup>61</sup> grotescos, visíveis ou mais sofisticados do disciplinamento procuram gerar corpos dóceis e submissos. As políticas de coerção geram táticas e estratégias de manipulação que fazem efeito sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, gestos, desejos, emoções e comportamentos. (FOUCAULT, 1999). Imersos nesse ambiente de disciplinamento e coerção, os *sujeitos travestis* existem apesar da negação e da *patologização*<sup>62</sup> dos corpos e psiques, padronizados pela psiquiatria como “disforia de gênero ou transtorno de identidade de gênero”. A despeito desses qualificativos e etiquetas, os *corpos travestis* continuam nas ruas, parques, casas e sistemas midiáticos, visibilizando a existência de pessoas que se constroem na subjetividade do *corpo e do gênero*.

---

<sup>61</sup>Quando falamos do disciplinamento dos corpos, dos mecanismos grotescos, visíveis ou mais sofisticados, nenhum momento se tenta tirar a agência dos corpos travestis. Além disso, procuramos pensar em alguns mecanismos que o discurso *heteronormativo* gera para fazer prevalecer a norma, como é aquela do corpo doente, o corpo prostituído, o corpo que não pode chegar a SER, a EXSITIR. Enquanto as travestis estão demonstrando que SIM é possível existir, e reivindicando o desejo de SER para chegar a SER na diferença frente aos outros corpos, sendo a diferença uma categoria maior do corpo. Como diz o filósofo Jean-Luc Nancy (2012, p. 48). “Um corpo, corpos: não pode haver um só corpo, e o corpo traz a diferença. São forças dispostas e estendidas umas contra as outras. O “contra” (de encontro, em reencontro, contraposto “de perto”) é a categoria maior do corpo. Quer dizer, o jogo de diferenças, contrastes, resistências, capturas, penetrações, repulsões, densidades, pesos e medidas. Meu corpo existe contra o tecido de suas vestes, o vapor do ar que ele respira, o brilho das luzes ou o roçar das trevas”. O corpo travesti existe em relação e interpelando aos outros corpos. A diferença dos corpos dificultada, às vezes, o disciplinamento, porém, os mecanismos cada vez são mais e mais sofisticados, mais e mais coercitivos.

<sup>62</sup>O discurso de *patologização* do *sujeito travesti* (não só dos corpos) é uns dos discursos sofisticados e perversos que está no imaginário social, inclusive das pessoas *trans* e *travestis* que, em alguns casos, se reconhecem como pessoas que habitam corpos errados, corpos equivocados. Desse jeito, viram eles corpos culpados, corpos doentes. Por isso, no Brasil e na Espanha, por exemplo, existem pautas de luta contra a patologização das pessoas *trans* (*trans*, *travestis*, *transgênero*, *transexuais*...). São anos que a população se organiza e reivindica seus direitos. Assim, em 2012, se organizou uma convocatória que teve uma repercussão mundial e que teve origem em 2009. “La manifestación convocada para octubre [...] tiene sus orígenes en la iniciativa de las manifestaciones de visibilidad *trans* en París (llamadas *Existrans*) que llevan saliendo a las calles algo de diez años. A este acto se sumaron algunos colectivos del Estado español con la particularidad de incorporar a esta fecha la lucha contra el trastorno de identidad de género *trans*. Las primeras acciones se dieron el 2007 en Madrid y Barcelona, paralelamente a las de París, y para el 2008 eran ya 11 ciudades que se movilizaron por el 17 de octubre contra la patologización *trans*.” (Informação tomada do portal de ILGA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE LESBIANAS, GAYS, BISEXUALES, TRANS E INTERSEX. Disponível em: <<http://ilga.org/campa-a-contra-la-patologizaci-n-de-la-identidad-trans-alto-a-la-patologizaci-n-trans-2012>>. Acesso em: 8 mar. 2018). Em setembro de 2018, teve acesso à campanha de despatologização das identidades *trans* e *travestis*. Se pode conferir o vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=4gxNCSFzkNw&feature=youtu.be> Acesso em: 12 set. 2017.

### 4.3.2 Os Gêneros

Pensar a categoria de gênero não é tarefa fácil, devido aos múltiplos desdobramentos, enfoques e problematizações que existem a partir da década de 60, quando o movimento feminista<sup>63</sup>, na “segunda onda”, pegou com força a pauta política, os debates, bem como a construção de referências teóricas para problematizar o gênero. Nós teorizamos gênero como uma categoria problemática e problematizadora. Problemática devido à lógica binária em que opera, para responder a um discurso dicotômico polarizado do poder, que organiza o mundo político, social, econômico, laboral, em homens ou mulheres, femininos ou masculinos, vaginas ou pênis, entrando assim nesse sistema polarizado, na construção do corpo sexuado e *generificado*, como nos demonstra e questiona Judith Butler (1990, 2002, 2006, 2007).

O sistema binário é problemático para a categoria de gênero porque encaixa as pessoas em padrões fixos e gera uma lógica de dicotomias polarizadas, em que rege o estado de subalternidade do segundo elemento em respeito ao primeiro, ou seja: positivo/negativo, homem/mulher, branco/preto. Jacques Derrida (*apud* LOURO, 1997, p. 31) lembra que “o pensamento moderno foi e é marcado pelas dicotomias [...]. No "jogo das dicotomias", os dois polos diferem e se opõem e, aparentemente, cada um é um e idêntico a si mesmo. A dicotomia marca, também, a superioridade do primeiro elemento”. Essa lógica faz polarizar a construção da identidade de gênero em masculino e feminino, apagando qualquer possibilidade de construir subjetividades de gênero a partir de lógicas diversas que operam em princípios de alteridade e *outridade*. Assim, no imaginário social, naturaliza a existência de dois gêneros - e tudo o que fica fora deles é trasladado a um estado de anormalidade, de negação e invisibilidade.

Para avançar na problematização do gênero, vamos convidar Joan Scott (1995) e sua proposta a partir dos feminismos pós-estruturalistas como categoria analítica. Ela reflete o lugar da mulher na vida social, coloca as relações de poder (Michel Foucault) como constelações dispersas em relações desiguais, discursivamente constituídas em forças de campos sociais. No

---

<sup>63</sup> Para ampliar a perspectiva histórica, podem conferir mais informações com Joan Scott, 1995; Guacira, Lopes Louro, 2003; Heleieth I.B. Saffioti, 1999; Judith Butler, 2006. Como se pode olhar, são narrativas de lutas, reivindicações, experiências solidárias, capacidade organizativa que estão sendo pensadas e teorizadas desde as teorias *queer*, os estruturalistas e pós-estruturalistas, o pensamento descolonial e latino-americano e as teorias marxistas-.

entanto, reconhece a capacidade de agência do ser humano, dotado de uma linguagem conceitual que tem a possibilidade da negação, reinvenção, de reinterpretar-se e acudir a sua imaginação.

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional. (SCOTT, 1995, p. 86).

Dentro da proposta de gênero de Joan Scott (1995, p. 87), está a interpelação ao caráter binário, ao dizer que “o desafio da nova pesquisa histórica consiste em fazer explodir essa noção de fixidez, em descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva à aparência de uma permanência atemporal na representação binária do gênero”. Nesse caso, o binário é a representação da construção de uma tecnologia normativa que manteve em condições de subalternidade os *corpos travestis* por se reconhecerem de outros modos. O binário é a masculinidade e feminilidade imposta pelas práticas disciplinares coercitivas de poder.

“O gênero é construído, modelado e remodelado pela intersecção de uma sequência de práticas discursivas disciplinares”.<sup>64</sup> (HALL, 2003, p. 28, tradução nossa). Stuart Hall (2003), em acordo com Michel Foucault (1998, 1999, 2005, 2008, 2017), volta a nos lembrar das práticas disciplinares através do dispositivo discursivo. Por sua parte, Judith Butler (1990) compreende o gênero como a forma que os gestos corporais, os movimentos e as normas de todo tipo configuram a ilusão do eu *generizado*. Mas, em 2004<sup>65</sup>, ela avança ainda mais na

---

<sup>64</sup>Texto em espanhol: “el cuerpo es construido, modelado y remodelado por la intersección de una serie de prácticas discursivas disciplinares”. (HALL, 2003, p. 28).

<sup>65</sup>Em 2004, Judith Butler publica a primeira edição do livro em inglês, com o título original “*Undoing Gender*”, edição em espanhol (2006) “*Deshacer el género*” O trabalho da Butler procura interpelar os conceitos normativos e restritivos da vida sexual e do gênero. “Mi propio pensamiento ha sido influenciado por la «Nueva Política de Género» [New Gender Politics] que ha surgido en años recientes, una combinación de movimientos que engloban al transgénero, la transexualidad, la intersexualidad y a sus complejas relaciones con las teorías feministas y *queer*.” Creo, sin embargo, que sería un error suscribir una noción progresiva de la historia por la cual se entiende que diferentes marcos van sucediéndose y suplantándose unos a otros. No se puede narrar una historia sobre cómo uno se desplaza del feminismo al *queer* y al *trans* \* Y no se puede narrar tal historia sencillamente porque ninguna de esas historias pertenece al pasado: esas historias continúan ocurriendo de formas simultáneas y solapadas en el mismo instante en que las contamos. En parte se dan mediante las formas complejas en las que son asumidas por cada uno de esos movimientos y prácticas teóricas”. (BUTLER, 2006, p. 17).



discussão sobre o gênero e sua configuração, questionando o binário a partir da mesma estrutura da construção do gênero.

El género es el aparato a través del cual tiene lugar la producción y la normalización de lo masculino y lo femenino junto con las formas intersticiales hormonales, cromosómicas, psíquicas y performativas que el género asume. Asumir que el género implica única y exclusivamente la matriz de lo «masculino» y lo «femenino» es precisamente no comprender que la producción de la coherencia binaria es contingente, que tiene un coste, y que aquellas permutaciones del género que no cuadran con el binario forman parte del género tanto como su ejemplo más normativo. Fusionar la definición de género con su expresión normativa es re consolidar, sin advertirlo, el poder que tiene la norma para limitar la definición del género. El género es el mecanismo a través del cual se producen y se naturalizan las nociones de lo masculino y lo femenino, pero el género bien podría ser el aparato a través de los cual dichos términos se deconstruyen y se desnaturalizan. (BUTLER, 2006, p. 70).

Nesse ambiente binário disciplinar, os *sujeitos travestis* se apropriam da construção da identidade de *gênero* e da compreensão do *corpo* imerso no campo político (FOUCAULT, 2003; BUTLER, 2007). De modo evocativo, gênero e corpo estabeleceram o lugar onde as relações poder/ser operam, e deixam suas marcas de repressão e autoritarismo. Ao mesmo tempo, o corpo é o lugar de transgressão, onde mora o desejo e a possibilidade de ser, enquanto o gênero binário é desestabilizado. Nesse processo de construção do *gênero travesti*, voltamos a olhar sobre os corpos subversivos que negociam com o sistema normativo. Porém, seu lugar de disputa não está mais na hegemonia discursiva, mas na configuração de sua identidade, compreendida como o ponto de conexão dos discursos simbólicos, processuais e o reconhecimento das subjetividades. Para abordar a identidade como relações de tecidos discursivos que geram os *sujeitos*, propomos a problematização de Stuart Hall (2003, p. 20, tradução nossa) sobre “identidade”:

Uso “identidade” para referir-me ao ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e práticas que tentam nos “questionar”, nos falar ou nos pôr em nosso lugar como sujeitos sociais de discursos particulares, e por outro os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos suscetíveis de “dizer-se”. De modo tal, as

identidades são pontos de adesão temporária às posições subjetivas que as práticas discursivas nos constroem [...].<sup>66</sup>

Se ao invés de falar de identidade em geral nos remetemos à identidade de *gênero travesti*, a questão seria: De que modos os *sujeitos travestis comunicantes* constroem sua identidade de gênero? Para dar conta desta questão, propomos outra questão: pode-se reconhecer a existência de uma identidade de gênero *travesti*? Se entendemos as identidades como pontos de adesão temporária, às quais os *sujeitos travestis* e as populações transexuais, constroem sua identidade de gênero em discordância com o corpo sexuado-biológico, o que desconstrói a estabilidade tanto da “identidade de gênero” que opera no binário, como o corpo sexuado *heteronormativo*. Por isso, tornam-se sujeitos perigosos para o sistema sexo-genérico padronizado. (BENTO, 2011, 2014).

Por isso o sistema apaga seu potencial discursivo, porque desestabiliza aquilo que já está organizado e padronizado em uma sociedade binária complacente com o poder. Entram para quebrar a estabilidade *heteronormativa* de um “jogo marcado”, que têm na engrenagem sexo-genérico binário os limites que padronizam os corpos: a sexualidade, o desejo e a institucionalidade jurídica através do matrimônio, como a união de dois corpos que tenham sexos diferentes (com esse antecedente acredito que o matrimônio igualitário tornou-se uma bandeira de luta e de visibilidade do movimento LGBTI<sup>67</sup>). Nessa estrutura estável, institucionalizada, aceita e legítima, participam os *sujeitos travestis* com seus corpos utópicos e subversivos, na construção do gênero instável, para questionar a ordem e disputar espaços físicos e simbólicos.

Ainda que os corpos não escapem ao disciplinamento e às políticas de coerção, nos encontramos perante corpos modificados em constante trânsito, a partir dos quais os *sujeitos travestis* pensam e constroem suas subjetividades. Isto é, não é o gênero que dá uma identidade ao *sujeito travesti*. É o sistema corpo-discurso-gênero que lhes permite pensar uma *generidade* diferente à binária, porque são os corpos performáticos, ritualizados e em permanente transição

---

<sup>66</sup>Texto em espanhol: Uso <<identidad>> para referirme al punto de encuentro, el punto de sutura entre, por un lado, los discursos y prácticas que intentan <<interpelarnos>>, hablarnos o ponernos en nuestro lugar como sujetos sociales de discursos particulares y, por otro los procesos que producen subjetividades que nos construyen como sujetos susceptibles de <<decirse>>. De tal modo, las identidades son puntos de adhesión temporaria a las posiciones subjetivas que nos construyen las prácticas discursivas [...].” (HALL, 2003, p. 20).

<sup>67</sup>Lésbica, gay, bissexual, transexual, intersexual.

que propõem a construção de uma identidade de gênero, que não está só determinada pelo sexo biológico, mas que é mediada pela formação discursiva dos *sujeitos travestis*.

Segundo Pitty Barbosa “A *travesti* não quer ser mulher, ela apenas quer ter a figura, corpo, silhueta feminina. Afronta a sociedade *heteronormativa*, as nossas maneiras, nossas posturas, nossa maquiagem, nosso corpo, a gente faz uma subversão em silêncio”<sup>68</sup>. A configuração do *sujeito travesti* se constrói na interpelação às lógicas binárias do gênero, para entender um gênero instável, que se desloca fora dos limites normativos, construindo discursos na subjetividade de seu próprio corpo, que têm a capacidade de se dizer, se expressar e se mostrar. O *sujeito travesti comunicante* se constrói na *performatividade*<sup>69</sup> do gênero como “a prática reiterativa e referencial, mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia”.<sup>70</sup> (BUTLER, 2002, p. 18, tradução nossa). Sem perder de vista a agência e as rupturas dos *sujeitos travestis*, trazemos a reflexão de Judith Butler, que propõe que a materialidade dos corpos responde às normas reguladoras, a exemplo, do sexo (corpo sexuado) constituindo a materialidade do efeito mais produtivo do poder.

Nessa linha de análise, também nos questionamos sobre a autonomia e a capacidade de agência dos *sujeitos travestis*, para voltar a pensá-los inseridos como resultado das tecnologias

---

<sup>68</sup>Narração feita na pesquisa empírica. Diário de campo: “Escrita para uma travesti”, 11 de setembro de 2017.

<sup>69</sup> Pensamos a *performatividade* como uma ação de repetição e reiteração. Acreditamos também que não é um conceito fácil de compreender, e que muitas das vezes podemos usar como um operador semântico, apagando a capacidade significativa que tem para a compreensão do gênero, o corpo, os mecanismos normalizadores. Acreditamos assim mesmo, que Judith Butler nos auxilia para entrar no caminho da compreensão da performatividade a partir da formulação dos atos performativos: “Los actos performativos son formas del habla que autorizan: la mayor parte de las expresiones performativas, por ejemplo, Son enunciados que, al ser pronunciados, también realizan cierta acción y ejercen un poder vinculante.” Implicadas en una red de autorización y castigo, las expresiones performativas tienden a incluir las sentencias judiciales, los bautismos, las inauguraciones, las declaraciones de propiedad; son oraciones que realizan una acción y además le confieren un poder vinculante a la acción realizada. Si el poder que tiene el discurso para producir aquello que nombra está asociado a la cuestión de la performatividad, luego la performatividad es una esfera en la que el poder actúa como discurso”. (BUTLER, 2002, p. 316).

Achamos que os *atos performativos* do gênero, contém a reiteração da normatividade que regula o corpo sexuado e que opera na constituição do gênero binário. “[...] recordemos que las reiteraciones nunca son meras réplicas de lo mismo. Y el "acto" mediante el cual un nombre autoriza o desautoriza una serie de relaciones sociales o sexuales es, necesariamente, una repetición. Derrida se pregunta: "¿Podría surtir efecto una expresión performativa, si su formulación no repitiera una enunciación 'codificada' y repetible [...] si no se la identificara de algún modo como una 'cita'?" Si una expresión performativa surte efecto provisoriamente (y yo sugeriría que su éxito sólo puede ser provisorio), ello no se debe a que haya una intención que logra gobernar la acción del habla, sino únicamente a que esa acción repite como en un eco otras acciones anteriores y acumula la fuerza de la autoridad mediante la repetición o la cita de un conjunto anterior de prácticas autorizantes”. (BUTLER, 2002, p. 318).

<sup>70</sup>Texto em espanhol: performatividad del género “como la práctica reiterativa y referencial mediante la cual el discurso produce los efectos que nombre”. (BUTLER, 2002, p. 19).

normativas do poder *hétero binário*. Por vezes, as construções simbólicas e performativas de *travestis*, no interno dos seus discursos, e materializações dos corpos voluptuosos e profanos, também consolidam o imperativo heterossexual. São as contradições nas quais operam os sujeitos na sua complexidade.

### 4.3.3 Os discursos e o discurso da *vitimização*

A abordagem do discurso no contexto dessa pesquisa tem como foco o relacionamento com o *sistema corpo/discurso/gênero*, inserido na configuração do *sujeito comunicante travesti*. A semiose discursiva é pensada como construção dinâmica, social, cultural do *sujeito travesti*, que ainda está em constante disputa simbólica com os discursos hegemônicos de poder. Ingressamos na compreensão de uma complexidade discursiva, construída pelos sujeitos e atravessada o tempo todo pelo desejo. Desejo de ser aquilo que a sociedade nega, se expressar e existir, desejo de SER e romper estereótipos. Desejo que é expressado por Bruna, Cléo, Ana Paula, Pitty... na compreensão de seu corpo e no reconhecimento de seu desejo. Acreditamos que nossa experiência na construção de sentidos do *corpo e do desejo travesti* não pode ser traduzida ou, com mais clareza, transcrita a uma linguagem só. Este corpo precisa ser mostrado a partir da hipertextualidade, da confluência de várias linguagens, porque na tradução textual dele perdemos as texturas, as tonalidades do discurso sonoro. Nele se combinam palavras, sonoridades, emoções, ruídos, sotaques, corporeidades que não se podem traduzir. Porém, podem escutar, ler, olhar, sentir.<sup>71</sup>

*O corpo travesti é o corpo que eu quero ter. O corpo com o qual eu expresse todo meu desejo de afirmar a minha existência enquanto travesti numa sociedade que não me vê, que não me enxerga, que não quer que eu exista. O corpo de uma travesti antes de mais nada é um objeto de sobrevivência, de luta, de trabalho, de desejo, desejo esse inclusive de me reconhecer enquanto mulher, ou enquanto não homem. Nessa sociedade hipócrita e machista, que nos consome, nos usa, mas ao mesmo tempo quer apagar o desejo por esse corpo. Desejo que o corpo causa. Ele causa emoções, sensações, a tal ponto de fazer as pessoas crerem que esse corpo não existe.* (Bruna Benevides, entrevista pessoal. “Escrita para uma travesti”, diário de campo, 17 de novembro de 2017).

---

<sup>71</sup>Essa reflexão foi feita após escutar uma e outra vez os depoimentos, as conversações informais com as pessoas *travestis*, assim como as reflexões com a Cléo Soares. Por isso, na dissertação, apresentaremos também áudios, fotografias e depoimentos feitos pelas colegas *travestis*.

Com esse depoimento, compreendemos o desejo como transversal na configuração do discurso *travesti*. Podemos enxergar “discurso no que a palavra forma parte do gesto, no que a voz não está afastada do corpo, da paixão, da pulsão. E nessa medida que é história”.<sup>72</sup> (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 151, tradução nossa). Não podemos deixar de reconhecer a importância que o desejo tem na configuração do discurso e do *sujeito travesti*. Ele está presente de modo reiterativo e, talvez, onipresente durante a pesquisa toda.

Na dimensão teórica, o *discurso travesti* será abordado a partir da teoria dos discursos sociais, o discurso como acontecimento e prática, inserido nos contextos sociais, pessoais, midiáticos. (VERÓN, 1993, 2006; MARTÍN-BARBERO, 2015). Como podemos observar no depoimento da Bruna, o *discurso travesti* não pode ser abordado sem um enfoque de relações de poder, e sem se considerar como parte de um processo histórico, de narratividades, de experiências pessoais. Ele pode se constituir no meio para lutar contra o poder, assim como se constituir no poder mesmo. (FOUCAULT, 2005). No caso dos *discursos travestis*, são discursos vigentes que estão abrindo trilhas e narrativas, por vezes transgressoras e, outras vezes complacentes. Judith Butler (2004) nos lembra que as narrativas das diversidades são processos do presente, que estão acontecendo agora mesmo.

No se puede narrar una historia sobre cómo uno se desplaza del feminismo al *queer* y al *trans*\*. Y no se puede narrar tal historia sencillamente porque ninguna de esas historias pertenece al pasado: esas historias continúan ocurriendo de formas simultáneas y solapadas en el mismo instante en que las contamos. En parte se dan mediante las formas complejas en las que son asumidas por cada uno de esos movimientos y prácticas teóricas. (BUTLER, 2006, p. 17, grifo do autor).

Há que se reconhecer que os discursos, enquanto *travestis*, estão se gerando no presente. São narrativas de lutas, disputas pelo reconhecimento, reivindicação de direitos, propostas, projetos de lei, execução e exercício de política pública no nível da *macro política*. No escopo da *micropolítica*, são gritos de alerta para proteger a vida de seres humanos que são espancados nas ruas por decidirem construir discursos próprios através de outras formas, de se manifestar com seus corpos, subjetividades que rompem as normas, que produzem sentido e interpelam

---

<sup>72</sup>Texto em espanhol: “Discurso en el que la palabra forma parte del gesto, en la que la voz no se ha separado del cuerpo, de la pasión y la pulsión. Y es en esa medida que es historia”. (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 151). O autor desdobra esse texto quando está explicitando o discurso profético que opera no plano dos acontecimentos.

aos imaginários de masculinidade e feminilidade na *micropolítica*. Na atualidade, estão exercendo pressão sobre as estruturas macro do estado para negociar Projetos de Lei (PL) como o do “nome social”<sup>73</sup>, construído, debatido e finalmente aprovado no primeiro trimestre de 2018. Porém, o processo não finalizou. Agora é preciso aguardar o reconhecimento e exercício desse direito por parte das *trans*, *travestis*, *transgênero*, quando recorram às instituições respectivas para fazer a troca do nome por aquele que lhes representa.

Nomear e ser nomeada é uma disputa das pessoas *travestis* nos campos jurídico e social, para receberem nome do jeito que quiserem. “O nome social é aquele pelo qual queremos ser chamados, de acordo com nossa identidade de gênero. Se me apresento como mulher, me trate no feminino! Se me apresento como homem, me trate no masculino!”<sup>74</sup>. A professora Berenice Bento, em um artigo publicado em 2014, reflete em torno da temática:

O Brasil é o único país do mundo onde, no vácuo de uma legislação geral, instituições garantem um direito negado globalmente. Aqui transmutamos o respeito à identidade de gênero em “nome social”. Universidades, escolas, ministérios e outras esferas do mundo público aprovam regulamentos que garantem às pessoas trans a utilização do “nome social”. Mudar sem alterar substancialmente nada na vida da população mais excluída da cidadania nacional. Assim, por exemplo, uma estudante transexual terá seu nome feminino na chamada escolar, mas no mercado de trabalho e em todas as outras dimensões da vida terão que continuar se submetendo a todas as situações vexatórias e humilhantes e portar documentos em completa dissonância com suas performances de gênero. (BENTO, 2014, p. 174).

Portanto, pensar na produção de sentido *travesti* é pensar no funcionamento da semiose social (VERÓN, 1993, 2006), como representações simbólicas e processos de lutas que cobram o sentido discursivo. Não são apenas lutas com a institucionalidade do poder, são lutas

---

<sup>73</sup>A aprovação da ADI 4275 por parte da Suprema Corte do País, que autoriza às pessoas *trans*, *travestis*, *transsexuais*, *transgênero* acessar o “nome social”, sem a obrigatoriedade de se realizar a *redesignação* de sexo, constitui uma referência importante na compreensão da diversidade e a complexidade do universo *trans* e suas diversidades. Esse acontecimento tem vários pontos que podem ser problematizados e analisados como “violências simbólicas” em palavras de Bourdieu (2006), ou seja, os mecanismos, tecnologias, dispositivos que o poder hegemônico ativa para exercer pressão e debilitar os exercícios de cidadania da população. Assim, por exemplo, podemos analisar o tempo que levou à Câmara dos Deputados (Brasil), e a Comissão de Direitos Humanos para dar passo ao projeto de lei apresentado em 2013 (PL 5002/2013; BENTO, 2015, p. 175), a emissão de um atestado médico para autorizar o uso do “nome social”. Assim, podemos seguir enumerando as violências que o Estado comete por falta de sensibilidade e conhecimento das demandas “legítimas de pessoas” conscientes de suas diversidades.

<sup>74</sup>Fragmento do roteiro feito pela Cléo Soares e Yvets Morales, para o áudio promocional da “Parada livre de Guaíba”, que aconteceu em 25 de março de 2018.

cotidianas, de dignidade, que estão em constante diálogo com os imaginários sociais. Então, nos encontramos com uma construção social do real, remetendo-nos a Verón (1993). No entanto, os discursos não são produções livres e espontâneas. Eles também estão sujeitos a regulações tanto de produção como de circulação, já que respondem e estão inseridos em estruturas de poder.

E devido a que o discurso é poder, o Poder está reclamando seu controle, desde que os homens comecem a sê-lo: a juntar-se e falar. Não há sociedade por menor que seja que não regule a produção e a distribuição dos discursos. [...] O que, o quem, o como, e o com que, todo o dispositivo da fala é objeto de uma cuidadosa, e constante regulação social.<sup>75</sup> (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 150, tradução nossa).

#### 4.4 SUJEITOS E CORPOS MEDIATIZADOS

Como havíamos indicado anteriormente, o *discurso travesti* é problemático para o sistema social normatizado, já que questiona a norma *hétero binária*. É um discurso que se constrói na transição, porque está se modificando e ressignificando de forma permanente. Constrói-se na contradição de questionar o poder normativo e, ao mesmo tempo, representar as estéticas e comportamentos *hiperfeminizados* de seus corpos e suas subjetividades, de modos de feminilidade impostos através dos dispositivos de disciplinamento: meios de comunicação, família, escola, saúde, entre outros. Dentro dessa dinâmica “singular”, se pode observar que os sistemas midiáticos hegemônicos representam os corpos *travestis* como corpos "anormais e sofridos", que não importam para a sociedade. Por isso, quando se produz uma notícia de homicídio de *pessoa travesti*, o espaço dedicado é mínimo e se evidencia a repetição permanente de modelos de discriminação, exclusão, falta de respeito e invisibilidade.

Como exemplo, vamos tomar o caso do homicídio de Patrícia Tavares, que aconteceu em julho de 2016 em São Leopoldo. A notícia, publicada em 9 de julho de 2016, teve a seguinte manchete: "*Travesti é morta a facadas e namorado é principal suspeito do crime*". Entre os elementos que chamam a atenção para esta notícia, a foto é quase do mesmo tamanho que o

---

<sup>75</sup>Texto em espanhol: Y puesto que el discurso es poder, el Poder ha reclamado su control desde que los hombres empezaron a serlo: a juntarse y hablar. No hay sociedad por pequeña que sea que no reglamente la producción y la distribución de los discursos. [...] El qué, el quién, el cómo y el con qué, todo el dispositivo del hablar es objeto de una cuidadosa y constante regulación social. (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 150).

texto (o importante para o jornal é que se reconheça que é *travesti*, tal como está enunciado na manchete); não informam a idade e ocupação; dizem que o suspeito era seu namorado há quatro anos, mas em nenhum momento se fala do maltrato nem mesmo dentro da família. O que se menciona é: “*A casa da vítima também funcionava como salão de cabeleireiro*”. Não se informa nada mais do ocorrido. A manchete “namorado é principal suspeito do crime” deveria ter um tratamento similar a um “*feminicídio*”, mas por ser uma *travesti* o caso se relaciona mais com “briga de rua” do que com as problemáticas graves pelas quais passam *peessoas travestis*. A naturalização das mortes das *travestis* na rua contém um correlato de vitimização das *travestis*, porque são corpos que não importam à sociedade, ficando no imaginário o discurso da marginalidade, de estarem envolvidas em brigas e atos violentos.

Quando se faz o exercício de análise das matérias, é possível enxergar que os meios estão colocando as pessoas *travestis* em lugares de marginalidade, naturalizando e lhes responsabilizando pelas violências. Então, nos encontramos com sujeitos descartáveis, corpos que não importam. É possível olhar que esses modos de publicar as matérias tiram dos sujeitos a capacidade de agência, porque os (re) vitimam e marginalizam. Não se fala que a *travesti* tinha sonhos a cumprir, anseios a conseguir, desejos de viver. O foco é a violência, ela não tem direitos.

O exemplo citado não é um caso isolado. As *travestis* têm sido esvaziadas de sentido como sujeitos políticos e privadas de seus direitos cidadãos, o que as leva a habitar espaços de violência sexual que chegam a mortes violentas em muitos casos. Violências físicas, emocionais e simbólicas acometem tanto os corpos e subjetividades desta população, como na construção de imaginários das sociedades. Segundo o Informe 2016 do Observatório de Pessoas Trans Assassinadas – TTM (siglas em inglês: Trans Murdering Monitoring Project), a região da América Latina e do Caribe concentra 78% dos homicídios relatados entre 2008 e 2016. Desta porcentagem, somente o Brasil é responsável por 39,6%<sup>76</sup>, encabeçando a lista da região. Não se pode responsabilizar apenas o sistema midiático por esses fatais acontecimentos, mas é possível dizer que eles têm responsabilidade, já que colocam a problemática *trans e travesti* em condições de subalternidade e desigualdade, reforçando a existência de sujeitos marginalizados pelo sistema, além de reforçar preconceitos como pessoas anormais, pessoas doentes que

---

<sup>76</sup> Informação obtida do Informe 2016 do Observatório de Pessoas Trans Assassinadas – TTM (siglas em inglês: Trans Murdering Monitoring Project).



causam danos à sociedade, pessoas que devem ser eliminadas porque são portadoras de HIV, entre outros.

A grande mídia esquece que as *travestis* também estão inseridas numa realidade histórica, cultural, familiar e pessoal que determina os modos de relacionamento com os meios. Para aprofundar nesse relacionamento, se propõe compreender a interação entre os sistemas midiáticos e os atores sociais, em diálogo com os conceitos de “*zona de contato*” (FAUSTO NETO, 2010; FAUSTO NETO; SGORLA, 2013) e “*zonas de interpenetração*” (LUHMANN, 2005), “na qual se tecem contatos e interações entre a realidade midiática e os outros atores”. (FAUSTO NETO; SGORLA, 2013). Numa compreensão própria, se pode entender a zona de contato como esse espaço do processo de produção da comunicação, onde as instituições midiáticas e o campo social interagem em condições de itinerância, que não é uma ação estática e continua. É como o sentimento de felicidade que está no ambiente, mas se materializa só em momentos específicos. É assim que a *zona de contato* pode ser veiculada através da gramática de produção. Por exemplo, no caso da produção dos telejornais, quando o jornalista coloca na tela os problemas da comunidade mais imediata, ele está procurando uma *zona de contato* através do imaginário do território, da cotidianidade.

Na compreensão da *zona de contato* e de *interpenetração*, foi preciso observar os modos pelos quais os *sujeitos travestis* e seus *corpos* estão sendo representados nos meios canônicos. Desta observação, foi possível reconhecer que os meios de comunicação estão reproduzindo um discurso que chamamos ***discurso da vitimização***. Se estabelece num modo de agir dos meios para espetacularizar os corpos, as vidas das *travestis*, seja em programas televisivos ou matérias dos jornais. Consideramos que existe uma diferença entre reconhecer que são vítimas dos preconceitos, das desigualdades do sistema, da *transfobia*, e entre reproduzir e espalhar no imaginário um *discurso da vitimização*, já que através dele o que se consegue é deixar o ser humano em situação de inatividade, de negação. O sujeito fica despido da agência política e social.

Problematizando o ***discurso da vitimização***, nos perguntamos as maneiras pelas quais a mídia está representando as *travestis*, a partir de seus inúmeros processos tecnocomunicacionais que veiculam pela rádio, imprensa, televisão e internet. Se os meios de comunicação têm capacidade de influenciar os processos sociais, a problematização nos remete aos modos de representação que os sistemas midiáticos estão fazendo dos processos discursivos

desses sujeitos, do papel de referência na construção de um imaginário *travesti* na sociedade. Acreditamos que as lógicas dos meios de comunicação estão longes de interagir em condições de igualdade, com os campos sociais, enquanto existam populações periféricas, cuja produção de sentido é apagada, o que anula (de algum jeito) essa rede significativa que propõe Eliseo Verón (1993, 2006).

No entanto, a necessidade de aceitação e participação em um sistema que marginaliza faz com que populações periféricas como as *travestis* interajam com as lógicas das mídias para estabelecer vínculos de recepção, colocando *as travestis* como receptoras dos conteúdos pautados pelos sistemas midiáticos. Estabelecem uma espécie de *contratos de leitura* tácitos para converterem-se em consumidoras do dispositivo televisivo, já que a imagem, os corpos em movimento e os corpos performáticos que se apresentam nas telas são referenciais de sua própria *performatividade*.

Os programas como telenovelas e *reality shows*, que se transmitem pelos sistemas midiáticos, são espaços de espetacularização e representação, que geram vínculos de reconhecimento e identificação com a cotidianidade, com o desejo de representar discursos feitos na lógica do consumo, para inserir o que Guy Debord (1967) denomina como a sociedade do espetáculo. Mesmo assim, nenhuma das interfaces midiáticas realizam produções específicas para as pessoas *travestis*, e isto ocorre devido a dois fatores básicos: por uma parte, representam uma minoria quantitativa, que não é representativa para as dinâmicas comerciais; e outra, porque ao serem marginalizadas nas economias, a capacidade de consumo não é interessante para o mercado na lógica de acumulação de capital.

Além disso, as *travestis* se apropriam dos programas da televisão e fazem deles os espaços de entretenimento, informação e compreensão da realidade. Nos salões de beleza de *travestis*, a tela está sempre ligada e não passa despercebida, é um ator a mais na cena social do ambiente. Atualizam os pactos de leitura, em que as pessoas aceitam o papel de *sujeitos comunicantes* estabelecendo zonas de identificação com as gramáticas de produção das telenovelas, *reality shows* e programas de espetáculo, especialmente programas ao vivo, que fazem referência às cotidianidades.

Para os estudos de recepção, se pode problematizar o consumo dos produtos televisivos pelos *sujeitos travestis* entendendo que é um tipo de receptor que ainda se deixa influenciar pelas mensagens dos dispositivos midiáticos da indústria cultural, sem desenvolver filtros de

criticidade. Esta situação pode acontecer pelas dificuldades de acesso à educação, falta de desenvolvimento de competências comunicacionais, entre outras. A partir dessa reflexão, se pode dizer que os grupos sociais se encontram em diferentes fases de midiaticização, estabelecendo fluxos e contra fluxos com as instituições midiáticas. No caso das *travestis*, o processo de midiaticização está condicionado à marginalização econômica, educativa, de classe e, inclusive, de representatividade. Bruna Benevides aporta à nossa reflexão:

*Todo preconceito tem um fundo biológico, porque sempre é um uso de atributos físicos para discriminar. Um negro sofre racismo porque tem a pele preta, um gordo porque é gordo, a magra por ser magra demais, e a travesti porque ela não é mulher e nunca vai ser. A pressão é tão forte, que para você ser mulher necessita ter peito, então eu quero esse peito. Para você ser mulher necessita essa vagina, então eu quero essa vagina [...]. É uma pressão cotidiana, e a mídia faz um papel muito forte. Falo das grandes mídias. Porque as mídias alternativas têm feito um papel social muito importante, com comprometimento, principalmente em ouvir os movimentos, eu acho que não deve ser só movimento, e não deve ser só academia e pesquisa, tem que estar tudo entrelaçado, é um processo [...]. A mídia é isso, um padrão muito forte. Só se fala de travesti em matérias que são criminosas, de assassinatos, de chacota. Assim, vou fazer um filme, eu quero uma travesti, aí chega uma “Luiza”, ela é atriz, e dizem não, você não está dentro do padrão porque eu quero uma travesti que tenha um aspecto masculino, eu quero uma travesti..., entendeu? Para reforçar o estereótipo. A maioria dos canais seriam incapazes de contratar a “Luiza” para ser uma travesti, porque ela vai estar muito bonita para ser uma travesti, ou muito bem vestida..., sabe, então fica reforçando esse estereótipo. E a gente vai repetindo nossas falas [...]. A gente vê que é um reforço enorme [ao estereótipo] o que a mídia está vendendo. (“Escrita para uma travesti”, diário de campo, 17 de novembro de 2017).*

Nesse percurso voltado ao *sujeito travesti* enquanto *sujeito periférico*, é possível reconhecer as marcas que a sociedade midiaticizada deixa em populações com identidades frágeis. Marcas tais como o poder do consumo da indústria cultural, a reprodução das estéticas comercializadas *hiperfeminizadas*, o uso de silicones e de cirurgias e o disciplinamento dos corpos que permitem olhar o atravessamento das lógicas midiáticas sobre os *sujeitos travestis*. O papel do receptor como consumidor dos produtos midiáticos se deve, entre outras razões, à necessidade de pertencer a um sistema social que interage com o campo comunicacional e que reproduz as lógicas midiáticas. Na história, *as travestis* sofrem processos de invisibilidade nos sistemas midiáticos e preconceitos no imaginário social.

Pensando a partir da semiose social de Verón (1993, 2013) e no depoimento da Bruna Benevides, é preciso reconhecer que o *sujeito travesti* também constrói seu senso de realidade, para dar passos em direção a uma produção de discursos sofisticados, que se materializam nas

transgressões e transições dos corpos, e na construção de uma identidade de gênero que dialoga com os feminismos e as masculinidades. O lugar de enunciação *travesti* é a periferia e, desde esse lugar, é que pretendem representar os discursos da centralidade em condições de marginalidade. São consumidoras dos modelos padronizados de beleza, impostos através das instituições midiáticas e procuram ficar o mais próximo possível dessa imagem, intervindo sobre seus corpos com maquiagem, vestuário, cabelo, com o uso de perucas e com sapatos de salto alto, entre outros. São alguns dos gestos com os quais as *trans* representam o discurso hegemônico e constroem seu discurso.

#### 4.5 A CONFIGURAÇÃO DO DISCURSO *TRAVESTI* NO ESPAÇO POLÍTICO E MIDIÁTICO

A introdução dessa seção tem duas motivações. A primeira é colocar as narrativas discursivas das candidatas a senadora e deputadas *trans*, *travestis*, *transexuais* como um contraponto ao discurso de vitimização. Assim, aproveitamos os acontecimentos das eleições do Brasil em 2018 para encontrar no discurso político um outro olhar das travestis na cena pública. Por outro lado, interessa juntar a observação dos meios de comunicação com a ocupação dos espaços políticos. Observamos que os próprios *sujeitos travestis* configuram o discurso político inserido na realidade política e social do Brasil. A explosão das candidaturas *trans*, *travestis*, *transexuais* irrompem com força na semiosfera dos partidos políticos, a ponto de os sistemas midiáticos não poderem negar os acontecimentos na disputa eleitoral.

O ano de 2018 se caracterizou pelas eleições Presidenciais, Legislativas e as representações estaduais no Brasil. Nesse contexto, a participação das candidaturas dos *sujeitos trans*, *travestis*, *transexuais* reverberou qualquer expectativa. O modo de se nomear ou o nome que cada pessoa tem é quase um ato identitário naturalizado no cotidiano social. Porém, nas *populações trans*, *travestis* e *transexuais*, essa discussão está vigente o tempo todo, em pauta pela restituição e exercício de direitos. O nome para as *travestis* não é só um jeito naturalizado de inscrição, registro legal ou batismo. Ele constitui um gesto político, que contribui para configurar os *sujeitos travestis* como cidadãos, já que evoca a relação de consonância entre a imagem externa e a imagem do desejo que querem representar no imaginário social.

Esse discurso evocativo se converte em um desejo cumprido quando conseguem que o “nome social” (como é conhecido) seja reconhecido como o “nome de urna” nas eleições do Brasil em 2018. Isso nos provoca a reflexão sobre a interpelação e os tensionamentos dos campos, em termos de Bourdieu (2004). Podemos observar como o campo jurídico avançou na construção e implementação de políticas públicas afirmativas, que facilitam a participação dos sujeitos no campo político. O sistema, de certo modo, facilita essa inserção dos grupos marginalizados, com uma aparente abertura e permissividade, mas não é possível esquecer que há instituições de controle e regulamentação dos corpos que operam no regime do *biopoder*. (FOUCAULT, 2005).

Os sistemas midiáticos não ficam fora da discussão, porque eles legitimam uma produção/reprodução imagética (SODRÉ, 2002) da realidade que espelha uma visão mítica, religiosa, moralista no marco jurídico social para regular e controlar o sentido de bem-estar da sociedade. Entretanto, que acontece nesse cenário regulador? Às vezes a sociedade civil, os grupos despojados dos seus direitos, vão atrás deles, reivindicam e exigem ser restituídos. O poder, a partir dos sistemas midiáticos e das tecnologias comunicacionais, têm a possibilidade de gerar processos de apagamento, ocultamento e invisibilidade, mediante estratégias como a espetacularização, a vitimização, a fragmentação dos discursos e dos corpos para relativizar o efeito do gesto político, discursivo e simbólico *disruptor* dos sujeitos, o que causa efeito no imaginário de uma sociedade anestesiada.

A pressão dos grupos periféricos também pode ser tão forte que se veem obrigados a colocar no debate público, como aconteceu com as 53 candidatas *trans*, *travestis*, *transexuais* que entraram na campanha eleitoral de 2018. Essa não é uma reivindicação dos sistemas midiáticos. É um trabalho “individual” e “coletivo” das *pessoas trans*, *travestis*, *transexuais* que lutam pelos seus direitos, construindo uma esfera pública deliberativa e política, a partir das lógicas das periferias. Nesse trabalho de recuperação e ocupação da esfera pública, as dinâmicas da centralidade do poder (colonial, patriarcal e hegemônico) continuam mantendo-as em condições de vulnerabilidade e subordinação às instituições de controle.

Nos encontramos com o que as periferias estão ressignificando, o direito a ocupar espaços públicos, a confrontar os discursos midiáticos, a interpelar uma cultura homogênea e individual. Recuperamos narrativas onde palpitam as cores da pele e as performáticas de

gênero, em diálogo com as normas de regulação, mas também ressignificando desde suas próprias circunstâncias de vida, o ato político de reconhecer-se como periféricas.

Portanto, a construção da esfera pública política das *trans*, *travestis*, *transexuais* não é uma reivindicação das instituições do Estado-nacional, nem da sociedade civil em geral. É a construção de condições mínimas de visibilidade e representatividade, que as próprias pessoas *trans*, *travestis*, *transexuais* produzem para recuperar direitos nas periferias do sistema. Falamos então de recuperação, porque no momento em que as pessoas *travestis* se auto reconhecem como *travestis*, o sistema de poder *heteronormativo* gera estratégias de pressão, de exclusão, de subalternidade para tirar os direitos dos corpos e das subjetividades dos sujeitos, através das instituições de controle (educação, saúde, sistemas midiáticos, **sistema** jurídico). Deixam de ser cidadãs por um gesto perverso do sistema, que mediante suas instituições de controle e regulação simulam fazer enormes esforços para devolver a essas populações os direitos que lhes foram tirados. Além disso, é preciso reconhecer que as lutas pela dignidade na construção do espaço público são geradas pelas próprias pessoas *trans*, *travestis*, *transexuais* que se organizam e, por momentos, se desorganizam, mas estão na luta para recuperar seus direitos.

Fazemos essa reflexão a partir da matéria intitulada “Decisão do TSE deve aumentar participação de *trans* nas eleições” publicada no jornal Correio Braziliense<sup>77</sup>, em 2 de março de 2018. Nesse texto, fazem menção à importância do uso do nome social das *trans* para a candidatura das eleições 2018:

A pré-candidata a deputada distrital Ruby da Saúde foi uma das beneficiadas com os novos direitos. “Em 2014, quando eu fui candidata, a foto (na urna) era feminina, mas o nome era masculino. E agora, eu quero vir de novo como candidata, e vai ser com nome feminino. Será um novo visual”, firmou. Segundo Ruby, a decisão pode até aumentar o número de transexuais candidatas. “Eu fui a primeira trans do DF, mas muitas queriam vir. O

<sup>77</sup> A matéria publicada na seção “Especial para o Correio”, coloca na manchete o texto: “Corte Eleitoral permitiu que os candidatos transgêneros usem o nome social na urna eletrônica e participem da cota feminina dentro dos partidos”. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/03/02/internabrazil,663302/decisao-do-tse-deve-aumentar-participacao-de-trans-nas-eleicoes.shtml>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

A Agência Brasil de notícias também publicou uma matéria, em 3 de abril de 2018, para informar sobre a decisão do TSE de reconhecer o “nome social” dos e das eleitoras, o que contribuirá também para o registro das candidatas, diz a matéria intitulada: “Transexuais e travestis já podem incluir nome social no título de eleitor”. Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2018-04/transexuais-e-travestis-ja-podem-incluir-nome-social-no-titulo-de-eleitor>>. Acesso 1 dez. 2018.

problema é que elas ficavam com vergonha de colocar o nome, porque muitos amigos delas não sabiam do nome masculino delas”, contou. (FORTUNA, 2018)<sup>78</sup>.

A problemática do nome social, do direito a nomear-se e ser nomeada do jeito que decidir, será retomado mais adiante, quando falarmos da cidadania comunicativa. Agora, vamos olhar os modos pelos quais as pessoas *travestis* estão ocupando espaços para construir a esfera pública deliberativa (HABERMAS 2006 *apud* GOMES, 2008) e a esfera pública política. (GOMES, 2008). As *travestis* se apropriam da disputa de sentido da esfera pública deliberativa e evidenciam que as discussões feitas no âmbito público, tanto entre a sociedade civil como com os representantes das instituições estaduais, não estão mediadas por relações de respeito e equidade, mas, pelo contrário, emergem relações de poder onde as *travestis* continuam ocupando lugares de subalternidade, de apagamento e invisibilidade. Apesar disso, as *travestis* seguem falando<sup>79</sup>, liderando bandeiras que beneficiam à sociedade, tendo um discurso sofisticado e político.

Seus corpos as delatam e suas performáticas de gênero são subalternizadas na configuração do debate público. Ainda nessas circunstâncias, continuam falando e, através de suas lutas, conseguem se organizar e permanecem juntas nas ruas. São as lutas que lhes permitem conformar um discurso comum, próprio e diverso para enfrentar os discursos conservadores, tanto no campo da *macro* como da *micropolítica*. São as fissuras da sociedade que elas procuram para se inserir e gritar que existem. Ocupam espaços cotidianos como as ruas, os ônibus, os serviços de saúde, assim como os espaços de decisão quando são eleitas representantes nos conselhos estaduais LGBT, nos conselhos de direitos humanos, nas Assembleias estaduais e federais, nas universidades. Ainda que seus corpos sejam fragmentados, em trânsitos, modificados, continuam sendo corpos estranhos e não inteligíveis para a sociedade.

---

<sup>78</sup>FORTUNA, Deborah. **Decisão do TSE deve aumentar participação de trans nas eleições**. Correio Brasiliense, Brasília, 2 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/03/02/interna-brasil,663302/decisao-do-tse-deve-aumentar-participacao-de-trans-nas-eleicoes.shtml>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

<sup>79</sup>Numa conversa com Pitty Barbosa, coordenadora da Igualdade Guaíba, dizia algo assim: “ainda não querem nos escutar nas Assembleias, nos Conselhos, mas nós seguiremos falando e ocupando espaços” assim o problema não é de quem fala, mas sim de quem não quer escutar, sobretudo se quem não quer escutar é um funcionário público e eleito por voto popular.

Em 9 de julho de 2018, o “Jornal Estadão” publica na seção “Política”, uma matéria com uma manchete que diz: “Seis mil eleitores 'trans' votarão com nome social”<sup>80</sup>. Portanto, o uso do nome social nas próximas eleições tem impacto nas candidaturas e no registro de pessoas trans, que exercerão seu direito ao voto com o registro de seu nome social, esta ação que é simbólico é também importante para as estatísticas. Assim, segundo o Tribunal Supremo Eleitoral (TSE), 6.256 eleitores com nome social registrado concorreram nas urnas.

Voltando à configuração do discurso e os espaços políticos disputados no processo de inscrições para as eleições nos Estados do Brasil, as pessoas que se autodefinem como *travestis*, *transexuais*, *trans*, *mulheres trans*, estão presentes na contenda eleitoral. Pela primeira vez, temos uma candidata *trans* para o Senado da República do Brasil, Duda Salabert<sup>81</sup>, candidata pelo PSOL de Minas Gerais. Ela é professora, feminista e como *transfeminista* levanta a bandeira do *ecofeminismo* para juntar duas dimensões: a ambiental e o feminismo. Diz que o grupo mais vulnerável dentro das *mulheridades* são as mulheres *travestis* e transexuais. Se refletimos com alguns feminismos da América Latina, podemos dizer que o feminismo tem um fundamento teórico político, ancorado nas dimensões ambiental-ecológica, comunitária e diversa para acolher a multiplicidade de corpos e subjetividades que existem na nossa América. Essas dimensões fazem com que corpos, gêneros e discursos dissidentes sejam parte da configuração de um feminismo latino-americano como expressão política. Quando, no imaginário, pensamos no comunitário, estamos interpelando e questionando o pensamento único, hegemônico e violento.

A surpresa das eleições do ano foram as 53 *trans*, *travestis*, *transexuais* que foram candidatas para cargos de deputadas estaduais e federais: “é a primeira vez no país que temos

---

<sup>80</sup>A matéria completa disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/seis-mil-eleitores-trans-votarao-com-nome-social/>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

<sup>81</sup>Para conhecer o discurso político da Duda Salabert, indicamos assistir aos vídeos de campanha dela. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=htNiasbeCe0>> publicado pela Mídia NINJA no 29 de agosto de 2018. O 11 de setembro de 2018 o canal de youtube da Assembleia de Minas Gerais publica uma entrevista com a Duda, onde ela expõe seus planos para o mandato. O olhar abrangente que tem como política e professora dirige seu agir até a fiscalização da dívida pública, a reforma agrária, o direito à educação de qualidade, além de uma pauta fechada de gênero *trans*, *travestis*. Essa é a força que estão tendo as novas candidatas brasileiras que impulsionam um cenário político brasileiro muito conservador e populista. Pensar desde seu lugar as necessidades de uma sociedade onde elas desejam ser inseridas. Portanto, estão pensando legislar para o conjunto da sociedade, pensando em sociedades diversas, onde exista a possibilidade de existir, lembrando os limites das instituições do controle do biopoder do sistema social capitalista que vivemos, e que nos fala Foucault. Assista à entrevista pelo *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O1E78STmBtI>>. Acesso em: 1 dez. 2018.



01 candidata ao Senado Federal; 02 candidatas a Dep. Distrital pelo DF; 17 a Dep. Federal; e 33 Dep. Estadual”. (ANTRA, 2018). As agências de imprensa como G1<sup>82</sup> pegam a informação gerada pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais ANTRA, que tiveram a iniciativa de fazer um mapeamento das candidaturas, como um gesto a mais da sua força política e iniciativa organizativa. Na página web da ANTRA, a manchete “Candidaturas trans 2018” tem o seguinte texto:

População Trans reage à Transfobia se candidatando em 2018. A exemplo do que fizemos em 2014 e 2016, a ANTRA vem a público lançar apoio às 53 candidaturas corajosas e aguerridas de pessoas Trans que se colocaram diante deste desafio. Estivemos levantando os dados através de campanha própria, manualmente, sem apoio e sem fins lucrativos, com o objetivo de incentivar e dar visibilidade à população de Travestis e transexuais que virão candidatas/as em 2018. (ANTRA<sup>83</sup>, 2018).

O fato de as pessoas *trans* estarem ocupando espaços na esfera política constitui um ato simbólico e um desafio ao *status quo* instaurado pelos partidos políticos tradicionais e conservadores. Mostram, assim, que as lutas se fazem dentro das estruturas institucionalizadas do poder para demandar sua existência cidadã.

No Rio Grande do Sul, tivemos duas candidatas. Uma a Deputada Federal pelo PSOL, Luíza Eduarda dos Santos<sup>84</sup>, nascida em Novo Hamburgo, 42 anos, jornalista e redatora. A outra é Natasha Ferreira<sup>85</sup>, nascida em Sapiranga, mas que morou a vida toda em Novo Hamburgo e atualmente está em São Leopoldo. Foi candidata a deputada Estadual pelo PC do B. Solicitamos uma entrevista com Natasha, realizada uma semana antes das eleições do primeiro turno. A entrevista aconteceu na quinta-feira, 27 de setembro, dia em que o candidato Fernando Haddad

---

<sup>82</sup>No portal informativo de O Globo, com data de 30 de agosto de 2018, se publica uma matéria com a manchete: “Eleições 2018: Número de candidatas trans e *travestis* cresce 10 vezes e mira Congresso”. A notícia começa com os dados obtidos pela ANTRA, com fonte de informação, o que ratifica a importância, vigência e legitimidade que tem os dados das organizações *trans*, *travestis*, *transexuais* no Brasil.

<sup>83</sup>Matéria completa. Disponível no site da ANTRA: Disponível em: <<https://antrabrasil.org/candidaturas2018/>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

<sup>84</sup>Informação publicada na Gazeta do Povo sobre a candidata. Disponível em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/rs/deputado-federal/luiza-eduarda-5018/>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

<sup>85</sup>Informação publicada na Gazeta do Povo sobre a candidata. Disponível em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/rs/deputado-estadual/natasha-ferreira-65657/>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

(da coalisão PT-PC do B) visitava o Rio Grande do Sul e finalizava a campanha política em Porto Alegre.

A entrevista foi feita em setembro de 2018, e ofereceu uma compreensão abrangente da realidade social e das necessidades políticas. A proposta de campanha se centrou na auditoria da dívida pública. Natasha acredita que as competências dos deputados estaduais são legislar e auditar. O foco da sua campanha se caracterizou em oferecer transparência aos orçamentos públicos, para que as instituições públicas recuperem e se fortaleçam economicamente. Os governadores e prefeitos não tinham pretexto para não fazer obras públicas como escolas, centros de saúde, casas de acolhimento para pessoas LGBTI em situação de vulnerabilidade, etc. Sua estratégia de comunicação teve seu fundamento no contato pessoal, boca-a-orelha, bater palmas nos bairros, falar com as pessoas, escutar suas necessidades. E, também, nas redes sociais para ampliar seu escopo de ação. No Apêndice A, é possível conferir a entrevista completa e editada.

Até aqui, podemos observar as estratégias na disputa das *travestis* por existirem nos espaços públicos, no bairro, na rua, no mercado, na loja, no posto de saúde, na escola, onde seus corpos causam estranhamento na *micropolítica* da sociedade. Agora, esses mesmos corpos causam estranhamento nas instituições que compõem a *macro política* do Estado, principalmente quando buscam promover serviços sociais eficientes, exigir auditorias dos orçamentos públicos, sistemas de saúde eficientes, acesso à educação sem preconceitos, entre outros.

Trabalham no cotidiano da *micropolítica*<sup>86</sup> e da *macro política*<sup>87</sup> para recuperar direitos. Poucas pessoas conhecem as lutas cotidianas, individuais e coletivas. Podemos ver no comportamento dos meios de comunicação, quando espelham os acontecimentos das *travestis*. Precisa acontecer algo espetacular para que se cause interesse, seja com as mortes ou com uma aparição sofisticada dos corpos para que os produtores da comunicação coloquem seu foco de

---

<sup>86</sup>Para Félix Guattari e Suely Rolnik (1986, p. 28) “a micropolítica não se situa no nível da representação, mas no nível da produção de subjetividade. Ela se refere aos modos de expressão que passam não só pela linguagem, mas também por níveis semióticos heterogêneos.”. Rolnik (2016) nos explica que, no plano das *micropolíticas*, encontramos apenas intensidades, podemos encontrar listas de afetos que seriam parte da compreensão e os agenciamentos dos corpos e, portanto, em íntima relação com o mundo. Assim, podemos entender que tanto a compreensão como a produção de subjetividades onde se articulam os desejos dos corpos dialogam, se mexem com as dinâmicas do mundo.

<sup>87</sup> Suely Rolnik (2016, p. 60) coloca a macro política no plano dos territórios, onde é possível ter visibilidade. “Só nesse plano que a individuação forma unidades e a multiplicidade, totalizações”.

atenção nelas. Não é fácil competir na atenção dos sistemas midiáticos com temas como “operação lava-jato”, “a intervenção do exército na favela da Maré”, “Os atos de corrupção dos governos locais e estaduais” e a “Lei da previdência” que atingem milhões de trabalhadores. Nesse contexto de acontecimentos, só aqueles radicais, como a subida exponencial do número de candidaturas *trans* pode ser manchete de um jornal. Por exemplo: em 2014 só se registraram 5 candidaturas no território nacional, enquanto agora temos 53, nove vezes mais segundo a Associação Nacional de Trans e Travestis - ANTRA. Em apenas quatro anos, as pessoas e as organizações *travestis* avançaram na sua legitimidade social, situação que teve repercussão nos sistemas midiáticos.

Podemos encontrar essa informação em matérias dos jornais. Na procura feita nos portais de notícias, conferimos que, em 23 de setembro, a Folha de São Paulo<sup>88</sup> fez uma notícia comparativa, dizendo que em 2010 tinham apenas 5 candidatos LGBTI, mas em 2018 tinham 45 candidatos *travestis e transexuais* disputando cargos no legislativo. A reportagem intitulada “Candidaturas de transexuais e travestis batem recorde em 2018”, publicada na seção “Eleições 2018”, abria com o depoimento da Amanda Palha<sup>89</sup> (nome social na urna) candidata a deputada Federal por Pernambuco com o Partido Comunista Brasileiro (PCB)<sup>90</sup>, “‘Nada sobre a gente sem a gente’: a candidata a deputada federal defende o aumento da representatividade no processo eleitoral, mas reconhece que há limite. ‘Conseguir maioria no Congresso Nacional é irreal’, disse”<sup>91</sup>.

Amanda Palha identifica e legitima a visibilidade da população *travesti* na esfera política e demonstra que conhece a realidade social e política do país, sem esquecer a fragilidade em que

---

<sup>88</sup>A Folha de São Paulo sugere o seguinte texto, em caso de citação das publicações. Copio o texto para evitar qualquer tipo de erro de citação: “Para compartilhar esse conteúdo, por favor utilize o link <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/candidaturas-de-transexuais-e-travestis-batem-recorde-em-2018.shtml> ou as ferramentas oferecidas na página. Textos, fotos, artes e vídeos da Folha estão protegidos pela legislação brasileira sobre direito autoral. Não reproduza o conteúdo do jornal em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização da Folhapress ([pesquisa@folhapress.com.br](mailto:pesquisa@folhapress.com.br)). As regras têm como objetivo proteger o investimento que a Folha faz na qualidade de seu jornalismo. Se precisa copiar trecho de texto da Folha para uso privado, por favor logue-se como assinante ou cadastrado.”

<sup>89</sup>Informação disponível na Gazeta do Povo. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/pe/deputado-federal/amanda-palha-2122/>. Acesso em: 7 dez. 2018.

<sup>90</sup>Na web do partido PCD, é possível conferir as propostas e pautas da Amanda Palha. Com o título: “Pautas e compromissos. O que esperar e cobrar de Amanda quando chegarmos ao Congresso Nacional?” Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/20764/pautas-e-compromissos-amanda-palha-2121/>. Acesso em: 8 dez. 2018.

<sup>91</sup>Primeiro parágrafo tomado da Folha de São Paulo, 23 setembro 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/candidaturas-de-transexuais-e-travestis-batem-recorde-em-2018.shtml>. Acesso em: 8 dez. 2018

operam as pessoas e os coletivos *travestis*. Os correlatos das realidades múltiplas são evidentes. Por um lado, elas constroem seu relato próprio, mas não perdem de vista a realidade construída pelas instituições do Estado que controlam o poder. Essa condição lhes permite pensar em estratégias de representatividade e lutas que se atualizem no tempo.

O Jornal Sul21 publicou em 8 de outubro de 2018 a seguinte matéria: “Três deputadas transexuais negras são eleitas; duas delas integram mandatos coletivos”<sup>92</sup>. Isso ocorreu no dia seguinte ao primeiro turno das eleições, quando tinham sido conferidos os resultados do legislativo. Colocam a foto de Erica Malunginho como principal e, na sequência, o seguinte texto: “Erica Malunginho será primeira mulher transexual a exercer mandato de deputada em São Paulo”. (SUL21, 2018). A Bancada Ativista de São Paulo, grupo político organizado por ativistas que atuam em múltiplas causas sociais, também ganhou um lugar na Assembleia Legislativa, uma candidatura coletiva integrada por Erika Hilton, mulher transexual negra e por Chirley Pankará, mulher indígena, com um discurso integrador de colaboração e fortalecimento. “Assim, compartilhariam as responsabilidades e tomariam decisões juntas em uma experiência totalmente coletiva e colaborativa, juntando suas ideias, vozes e forças para enfrentar os desafios da Assembleia Legislativa de São Paulo”, afirmam”. (SUL21, 2018).

São Paulo não é o único estado a reivindicar o modelo de candidatura coletiva. Pernambuco também ganhou uma candidatura coletiva de cinco mulheres. Uma delas é Robeyonce Lima, mulher *trans*, negra, advogada e técnica administrativa, ativista pelos direitos LGBT e das populações negras. A matéria conclui com o depoimento da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA): “as eleições das três candidatas significam que a Alesp e a Alepe “nunca mais serão as mesmas”. [É um] dia histórico para o movimento de travestis e transexuais do Brasil, pela primeira vez conseguimos eleger três deputadas estaduais”. (SUL21, 2018). E com a foto coletiva da Bancada Ativista de São Paulo.

---

<sup>92</sup>A matéria completa está disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/eleicoes-2018/2018/10/tres-deputadas-transexuais-negras-sao-eleitas-duas-delas-integram-mandatos-coletivos/>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

## Imagem 1 – Bancada Ativista de São Paulo



Erika Hilton (esquerda) é uma das cinco integrantes da bancada ativista | Foto: Divulgação/ Facebook

Fonte: Sul21 (2018).

Além disso, constroem uma esfera política e de conquista por espaços no coração das instituições públicas como são as Assembleias Legislativas Estaduais. As pessoas *trans*, *travestis* e *transexuais* se enxergam como lutadoras sociais e ambientais, para se articular com processos coletivos não hegemônicos, estabelecendo diálogos deliberativos entre os diferentes segmentos da população. Assim, se comprometem com ativismos relacionados a mulheres, negras e indígenas. Isso provoca agenciamentos que lhes permitem sair da bolha LGBT para interagir com diálogos interseccionais de raça, classe, território, bem como espaços críticos não hegemônicos de enunciação do EU e do outro como sujeito coletivo, mais que como sujeitos individuais, para aportar ao tecido social na execução dos seus deveres e exercício dos seus direitos.

É preciso, também, reconhecer a importância da atuação das organizações de nível nacional, como a Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA, com ações que

fortalecem seu trabalho, assim como a perspectiva abrangente do seu acionar. O fato de mapear as candidaturas *trans* das eleições 2018 no Brasil se constituiu em um gesto de visibilidade política e agenciamento deliberativo, já que coloca no centro do debate a participação no processo eleitoral das 53 *trans*, *travestis* e *transexuais*. Além de ser um ato reivindicativo, também se converteu em uma ação que legitima a existência de uma organização nacional da sociedade civil que representa as *pessoas trans, travestis e transexuais*. Segundo Maria Helena Weber (2017, p. 36), “na esfera de visibilidade pública ocorrem os debates, as manifestações, os discursos e o jogo de linguagens e performances com a participação ativa dos meios de massa”. O mapeamento da informação gerada e publicada na página web da ANTRA<sup>93</sup> foi tão significativa que Jornais como O Globo e Sul21 tomaram os dados e depoimentos para embasar as matérias publicadas nos jornais.

Os espaços públicos na *micropolítica* e na *macro política* estão sendo construídos pelas pessoas e coletivos *trans, travestis, transexuais* em articulação com os diferentes espaços da sociedade, fazendo uso das tecnologias da comunicação e dialogando com os sistemas midiáticos, facilitando a informação e, também, questionando os enfoques, a modelização e a ingerência disciplinadora em seus corpos através da publicidade. As *trans, travestis e transexuais*, constroem novos atores, outros cenários e interesses plurais que beneficiam a sociedade e o fortalecimento da democracia. O mais interessante do discurso político configurado pelos *sujeitos políticos comunicantes trans, travestis, transexuais* é que conseguem sair da bolha *trans* para desdobrar um olhar abrangente da sociedade em suas multidimensionalidades. Isso permite ingressar no fluxo do circuito político, com estratégias discursivas de interesse público e interesse privado, que lhes fortalece em termos de visibilidade e legitimidade.

#### **4.5.1 A vulnerabilidade do *corpo travesti* na esfera política**

Não é possível negar a presença dos *corpos travestis* nos eventos violentos que são noticiados pelos jornais locais e nacionais. Junto aos enunciados da participação positiva nas eleições, também encontramos evidências midiáticas dos acontecimentos violentos que

---

<sup>93</sup> O artigo publicado pela ANTRA com os dados do mapeamento de candidatas transexuais, *travestis*, *trans* no Brasil. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/candidaturas2018/>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

ocorreram durante o processo eleitoral, mediante o que se denomina discursos e ações de ódio, com claro enfoque transfóbico. Os sistemas midiáticos recolheram os fatos e os colocaram em circulação no processo de midiatização dos acontecimentos. Os fatos em si mesmo não são uma novidade para a abordagem midiática. O que os singulariza é a época e o caráter transfóbico, misturado ao fanatismo político e religioso. Assim, em um monitoramento de meios entre 12 e 21 de outubro de 2018, durante o segundo turno da campanha eleitoral no Brasil, encontramos matérias jornalísticas que relacionam a vulnerabilidade dos *corpos travestis* com discursos políticos homofóbicos, transfóbicos e misóginos.

Tabela 3 – Matérias jornalísticas segundo turno das eleições

Sistema midiático	Manchete da matéria	Data de publicação	Link
UOL	Transexual é agredida no Rio: "Estão usando Bolsonaro para nos atacar"	10/10/2018	<a href="https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/10/transexual-agredida-rio-apoiadores-bolsonaro.htm">https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/10/transexual-agredida-rio-apoiadores-bolsonaro.htm</a>
BBC Brasil	Eleições 2018: Semanas antes do segundo turno, denúncias de agressões se espalham pelo país”	12/10/2018	<a href="https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45826628">https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45826628</a>
Globo	Travesti é morta a facadas durante briga em bar no Centro de São Paulo. (Testemunha ouviu gritos de 'Bolsonaro' durante discussão em que ela foi ferida no Largo do Arouche.)	16/10/2018	<a href="https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/10/16/travesti-e-morta-a-facadas-durante-briga-em-bar-no-centro-de-sp.ghtml">https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/10/16/travesti-e-morta-a-facadas-durante-briga-em-bar-no-centro-de-sp.ghtml</a>
Revista lado A	Travesti é morta a facadas em São Paulo por eleitores de Bolsonaro.	19/10/2018	<a href="https://revistaladoa.com.br/2018/10/noticias/travesti-e-morta-a-facadas-em-sao-paulo-por-eleitores-de-bolsonaro/">https://revistaladoa.com.br/2018/10/noticias/travesti-e-morta-a-facadas-em-sao-paulo-por-eleitores-de-bolsonaro/</a>
El Pais-Brasil	Gays, negros e indígenas já sentem nas ruas o medo de um governo Bolsonaro	21/10/2018	<a href="https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/politica/1539891924_366363.html">https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/politica/1539891924_366363.html</a>

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Podemos observar que as estratégias de representatividade ainda não alcançam as condições de respeito e aceitação dentro da esfera social e política. As violências que se

espalham contra corpos que são esquecidos, “corpos que não importam”, como diria Judith Butler, nos leva a refletir sobre a condição de vulnerabilidade dos *sujeitos travestis* e seus corpos. Desde a problematização, passando pela pesquisa exploratória, nos perguntamos onde estão *os corpos travestis*? Mesmo que elas se reconheçam nas periferias, precisamos interpelar à sociedade e aos sistemas midiáticos para saber o lugar que ocupam na esfera pública, no debate público e na esfera discursiva?

Com nosso enfoque reflexivo e metodológico, vamos refletir sobre os sistemas midiáticos. Voltar à construção da esfera de visibilidade pública<sup>94</sup> é importante porque os sistemas midiáticos se constituem em sofisticados mediadores entre os discursos da sociedade civil e as instituições do Estado. Colocam em debate temas de interesse público e privado, que geralmente os meios de comunicação conseguem tornar públicos para beneficiar os interesses de alguns poucos, ou, melhor dito, de seus interesses particulares. Estamos aludindo, sobretudo, aos sistemas midiáticos financiados por capital privado. Não esqueçamos que os sistemas midiáticos estão relacionados com as procedências do capital que os ampara e financia; assim, temos sistemas midiáticos privados, públicos, comunitários, alternativos, todos com diferentes enfoques editoriais. Além disso, os mecanismos de financiamento podem ser determinantes no momento de pensar o lugar de enunciação. Nesta pesquisa, não vamos aprofundar os modos de financiamentos e linhas editoriais que cada sistema midiático tem, mas é importante reconhecer quando falamos de esfera de visibilidade pública, as relações econômicas e empresariais de cada meio, se tomamos em conta que são os mediadores dos debates dos temas de interesse público.

Durante a campanha eleitoral de 2018 no Brasil, ficou evidente a existência pública e política das *travestis*, não só nos espaços de poder, mas também no cotidiano da vida. Nas ruas, nos ônibus, nos bares e nas universidades seus corpos são políticos, portanto não precisam colocar um cartaz na frente ou atrás. Elas por si mesmas acionam um discurso dissidente nos espaços públicos. A BBC Brasil, por exemplo, recolheu o testemunho de Julyanna Barbosa, cantora transexual de 41 anos, que “diz que foi agredida na rua por homens que diziam que

---

<sup>94</sup>Segundo Maria Helena Weber (2017, p. 36, grifo da autora), “Concorrem para a formação da *esfera de visibilidade pública*, as mídias de massa que mediam o mundo, a realidade através de produtos informativos, culturais, artísticos e de entretenimento que sustentam diferentes discursos. Nesta perspectiva, a *esfera da visibilidade pública* pode ser entendida como um *locus* privilegiado de debates não necessariamente deliberativos e que têm a participação das mídias que ingressam com seus interesses particulares, agendamentos e enquadramentos”.



'Bolsonaro tem que ganhar mesmo, pra tirar esses lixos da rua"'. (BBC BRASIL, 2018)<sup>95</sup>. O texto abria a matéria sobre as violências que estavam atingindo a campanha eleitoral do Brasil, a propósito do discurso homofóbico, transfóbico e misógino de um dos candidatos à presidência. A matéria recolhe as violências contra os corpos de *trans*, *mulheres*, *negros e jovens*. Corpos que se reconhecem como vulneráveis dentro de um sistema de exercício de poder discriminatório e que recorre à pedagogia do terror como tática de silenciamento.

O mesmo acontecimento é tratado em notícia pelo Portal UOL<sup>96</sup>, detalhando um pouco mais o depoimento da Julyanna:

Quando passava pela passarela, começou a ser ofendida com gritos homofóbicos. "Antes de eu chegar na passarela, começaram a gritar 'viado', 'lixo', 'tem que matar esse lixo', 'tomara que o Bolsonaro ganhe para matar esse lixo'. Aí começaram a falar de doença, ligado a Aids, e acho que isso é pegar pesado então reagi: disse: 'Fala na minha cara.' Um dos caras pegou uma daquelas barras de ferro de segurar barraca e bateu na minha cabeça [...]. **Barbosa sentiu-se impotente** porque disse que, de início, poucas pessoas a ajudaram e havia muitas pessoas no ônibus indo para o trabalho. **"Enquanto isso, eu era executada como um bicho. Fiquei muito triste."** (MATOS, 2018, grifo nosso)<sup>97</sup>.

O segundo parágrafo da citação remete ao momento de fragilidade da história, quando o sujeito é consciente da sua vulnerabilidade diante do agir violento. "No podemos comprender la vulnerabilidad como privación sin entender qué necesidad permanece insatisfecha". (BUTLER, 2006, p. 58). É nesse momento que a pessoa *trans* toma consciência de que não tem nenhum gesto de humanidade por parte dos sujeitos que estavam perto. Talvez, assustados pelas violências ficaram anestesiados. Além disso, o problema não é somente que seja *trans*, *travesti*, *transexual*. O problema maior é que os indivíduos naturalizam as violências e perdem o sentido de solidariedade, de proteção do coletivo. O círculo das violências não poderá ser resolvido ou desarticulado se o sujeito está individualizado, se não existe a relação de cuidado mútuo. Se para lutar contra as violências se autoriza a agir com mais violências. Esse é o caminho mais

<sup>95</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45826628>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

<sup>96</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/10/transsexual-agredida-rio-apoiadores-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

<sup>97</sup> MATOS, Rodrigo. Transexual é agredida no Rio: "Estão usando Bolsonaro para nos atacar". **UOL**, Rio de Janeiro, 10 out. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/10/transsexual-agredida-rio-apoiadores-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

rápido que a sociedade está escolhendo, porém, o menos eficiente porque terminamos com o sentido de humanidade e de comunidade.

No livro “Vida Precária”, Judith Butler fala sobre as violências raciais alimentadas pelos Estados Unidos da América:

Varias alertas de terror emitidos por los medios autorizan y aumentan la histeria racial por la cual el miedo se orienta en cualquier dirección, por lo cual se le pide a la gente que esté alerta pero no se le dice en contra de qué, de modo que cualquiera tiene la libertad de imaginar e identificar la fuente del terror. (BUTLER, 2006, p. 67).

O espalhamento estratégico do medo faz com que o sujeito que não se enquadra nos padrões hegemônicos seja o alvo da raiva, da ira, da violência e do desejo reprimido. Encontra-se no outro vulnerável o indivíduo com quem se pode exercer o suposto poder através da força, das violências físicas e simbólicas.

Com o título “Travesti é morta a facadas durante briga em bar no Centro de São Paulo”, o jornal G1 publicou a notícia da morte de uma *travesti*, enquanto a Revista A, publicou a mesma notícia com o título: “Travesti é morta a facadas em São Paulo por eleitores de Bolsonaro”. Os dois jornais publicam a mesma foto da rua com sangue no chão, da “*travesti*”, já que não precisa mostrar o corpo espancado, porque são corpos ininteligíveis, cujas marcas de existência se registram enquanto suas mortes causam morbo.

Na narrativa discursiva, a foto guarda o símbolo imagético do sangue. No relato da notícia, nos depoimentos dos vizinhos, eles dizem haver escutado o nome do candidato a presidente enquanto agrediam a *travesti*. Os corpos que não importam tomam importância quando morrem, mas não quando vivem. Eles não são merecedores de viver, eles não têm desejos. Então, nos perguntamos: por que só importam quando morrem? Por acaso é um ato de compaixão do estado e da sociedade que, através dos sistemas midiáticos, devolvem para eles a dignidade? Pois não, é bem mais complexo que isso. É um ato desumanizador de controle da vida, porque suas vidas não tinham valor e seus corpos não são libertados, portanto é possível mostrar a precariedade da morte como um acontecimento público mediado pelos sistemas midiáticos. Segundo Butler (2006, p. 61):

El problema no se reduce a la existencia de un "discurso" deshumanizador que produce estos efectos, sino más bien a la existencia de límites para el discurso

que establecen las fronteras de la inteligibilidad humana. No sólo se trata de una muerte pobremente marcada, sino de muertes que no dejan ninguna huella. Tales muertes desaparecen no tanto dentro del discurso explícito sino más bien en las elipsis por las cuales funciona el discurso público.

No início de 2018, a “Agência Brasil” de comunicação realizou uma matéria sobre as mortes das *travestis e transexuais* no Brasil. No primeiro parágrafo, faz referência à morte brutal da *travesti* Dandara, assassinada em Fortaleza. Os vídeos foram espalhados na rede, mas pessoalmente não consigo assistir aos vídeos por mais de 30 segundos. Constituem uma agressão à sensibilidade. Aliás, o caso é bandeira de luta das organizações pelos direitos humanos e das organizações *trans, travestis e transexuais*.

A matéria recolhe a informação gerada pelo mapa de Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017, feito pela Bruna Benevides, Secretária da Articulação Política da ANTRA, que disse: “A gente diz que o machismo é a semente do ódio e do preconceito. É como se os corpos dessas pessoas que desafiam as normas tivessem que ser expurgados da sociedade. E é isso que a sociedade<sup>98</sup> tem feito”. (MARTINS, 2018)<sup>99</sup>. Segundo Efendy Maldonado (2018)<sup>100</sup>, “Essa denominação genérica de sociedade oculta os protagonistas, as ideologias e culturas responsáveis pelos fatos. Homogeneizar a sociedade é grave e está fora da multiplicidade sociocultural”. Em total acordo, consideramos prudente ter mais cuidado no momento de adjetivar de forma genérica à sociedade. A partir da experiência nesta pesquisa, é possível olhar que as *travestis* não fazem essa discriminação, não somente por desconhecimento, mas sim pela pressão familiar, social, econômica, política, sexual, laboral e educativa que exerce, a sociedade em geral, sobre seus corpos e subjetividades no cotidiano.

Para fechar o capítulo, gostaríamos de reconhecer que durante o processo mais duro das eleições, ficaram evidentes os limites do discurso para nomear a naturalização das violências. Para além disso, a constituição da esfera política arquitetada pelas pessoas e organizações *trans, travestis, transexuais*, estão demonstrando ao mundo que existe um Brasil que vai com maturidade até construir uma sociedade baseada na diversidade e na *outriedade*. Ainda que com governos autoritários, fundados em lógicas patriarcais, coloniais, hegemônicas, onde as

<sup>98</sup> Reflexão feita pelo professor Efendy Maldonado durante a orientação da pesquisa.

<sup>99</sup> MARTINS, Helena. Número de assassinatos de Travestis e Transexuais é o maior em 10 anos no Brasil. **Agência Brasil**, Brasília, 25 jan. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.abc.com.br/geral/noticia/2018-01/assassinatos-de-travestis-e-transexuais-e-o-maior-em-dez-anos-no-brasil>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

<sup>100</sup> Reflexão feita pelo professor Efendy Maldonado durante as orientações dessa pesquisa.

violências se constituem em veículos reguladores mediados pela pedagogia do terror. Mesmo mediados por sistemas midiáticos tradicionais, que reproduzem discursos hegemônicos, reiterativos e normativos, podemos dizer que na sociedade civil e nos grupos dissidentes está reverberando a possibilidade de ressignificar o sentido de sociedade, de coletividade, de democracia, desde outros lugares, sejam periféricos, centrais ou dissidentes, ampliando estratégias de articulação social que interpelem às instituições normativas de controle do *biopoder*.

Enrique Dussel (1973) nos lembra que o sujeito periférico, num gesto político, se liberta da situação de subalternidade no momento que se reconhece como periférico. Judith Butler nos desafia a pensar que é possível sair da vulnerabilidade das violências sem morrer ou estar morto. O mais importante é não cair nas lógicas da violência e reconhecer nossas vulnerabilidades.

Tal vez exista otra forma de vida en la que uno no quede convertido emocionalmente en un muerto ni numéricamente en un violento, un modo de salir completamente del círculo de la violencia. Esta posibilidad se relaciona con la exigencia de un mundo donde la vulnerabilidad corporal esté protegida sin ser erradicada, subrayando la línea que separa a una de la otra. (BUTLER, 2006, p. 70).

Finalmente, o que está em disputa é a vida. Uma vida com dignidade, em que os modos de lutar façam diferença, mas também interpelem aos sistemas midiáticos, como responsáveis das estratégias modelizadoras da realidade da sociedade, mediante a padronização e a homogeneização das narrativas discursivas. Desde uma postura crítica, o sujeito é capaz de reagir frente à padronização. Estamos observando que as estratégias discursivas midiáticas estão se inserindo no espaço privado dos sujeitos e afogando-os com incertezas, deixando-lhes vulneráveis diante de violências simbólicas, físicas e discursivas que atingem os corpos e tiram o sentido de humanidade da sociedade midiaticizada.

#### 4.6 A CIDADANIA COMUNICATIVA EM DISPUTA SIMBÓLICA E POLÍTICA

*Sólo puedo reunir un "nosotros" encontrando el camino que me liga a "ti", tratando de traducir, pero dándome cuenta de que mi propio lenguaje tiene que quebrarse [...]. Eres lo que gano a través de esta desorientación y esta pérdida. Así es como surge lo humano, una y otra vez, como aquello que todavía tenemos que conocer. (JUDITH BUTLER, 2006, p. 78).*

Para problematizar o *exercício da cidadania comunicativa* interpelamos à existência do *sujeito comunicante travesti*. Mediante o diálogo com os sujeitos da pesquisa, procuramos aprofundar a compreensão das dimensionalidades comunicantes, ontológicas e cidadãos do *sujeito comunicante travesti*.

É possível pensar os sujeitos em comunicação como sujeitos ativos que interagem com os sistemas midiáticos. “Os sujeitos em comunicação, hoje, são seres sociais que vivem e experimentam suas práticas de sentido em contextos múltiplos (WINKIN, 1994), em diversas esferas (técnicas, semióticas psíquicas, sociais) e em múltiplas dimensionalidades”. (MALDONADO 2013, p. 90). Desde a perspectiva *transmetodológica*, interpelamos à compreensão positivista e funcionalista do *receptor de massas*, que limita o “indivíduo” a um simples receptor, capaz apenas de absorver os conteúdos sem desenvolver estratégias de reflexão, portanto sem capacidade de gerar suas próprias experiências comunicativas, subjetivas e *tecnoculturais*. Como resposta ao paradigma do *indivíduo comunicante invisibilizado*, acreditamos que é preciso pensar em sujeitos em comunicação capazes de produzir seu próprio *sentido de realidade*, “qualquer que fosse o suporte material, o que chamamos um discurso ou um conjunto discursivo não é outra coisa que uma configuração espaço-temporal de sentido”.<sup>101</sup> (VERÓN, 1993, p. 127, tradução nossa).

A partir dessa perspectiva, reconhecemos sujeitos no processo de produção de discursos, que podem estar mediados pelo próprio corpo, pela linguagem, pelos meios tecnológicos, pela *tecno cultura*, a cultura e as tradições; o exercício dessa atividade discursiva lhes proporciona

---

<sup>101</sup> Texto em espanhol: “cualquiera que fuere el soporte material, lo que llamamos un discurso o un conjunto discursivo no es otra cosa que una configuración espacio - temporal de sentido”. (VERÓN, 1993, p. 127).

as competências para ressignificar, repensar e atualizar os discursos com os quais interatua na cotidianidade.

Portanto, os sujeitos em comunicação têm um lugar de enunciação e um lugar de ressignificação, que se articulam nos fluxos não lineares e complexos da semiose social, processos de produção, circulação e reconhecimento. (VERÓN, 1993, 2013). São três processos que interagem e se afetam entre si na produção das semioses. Quando nos referimos aos sujeitos, eles não podem ficar fora de seu contexto. É aí onde eles constroem a experiência comunicativa, em contextos sociais que se encontram atravessados pelos sistemas midiáticos. São parte constitutiva do modelo comunicacional moderno, baseado no consumo, na mercantilização e na imposição de acumulação de capital.

O campo comunicacional está configurado por sujeitos comunicantes, instituições midiáticas, paradigmas tecnológicos, estruturas normativas e disciplinares, sistemas midiáticos, movimentos socio comunicativos, comunidades, coletivos comunicantes e meios alternativos. É um campo dinâmico que se encontra imerso em constantes disputas discursivas, simbólicas, de conteúdos e formas, em relação com o *exercício do poder*. Na vertente *transmetodológica*, o poder é um problema em construção, “o exercício do poder supõe uma constante fabricação de táticas que permitem manter a preponderância tanto nas negociações com os aliados, como nos conflitos com os opositores”.<sup>102</sup> (MALDONADO, 2015, p. 64, tradução nossa).

Assim, quando se pensa em sociedades midiaticizadas e em sujeitos que operam a partir das periferias sociais, econômicas, culturais, discursivas (como a população *travesti*), é importante problematizar os modos em que os grupos subalternos interagem com as relações do poder e com os sistemas midiáticos hegemônicos, seja em condições de aliados, seja em condições de opositores. É igualmente necessário mergulhar na gramática de produção e de reconhecimento (VERÓN, 1993), no consumo midiático em que elaboram pactos de leitura em situação de subalternidade, para estabelecer estratégias que lhes permitam quebrar a vedação do discurso único e hegemônico que representa o poder.

A partir da perspectiva comunicacional, o *exercício de cidadania* e da *cidadania comunicativa* contribui à configuração do *sujeito comunicante travesti*. É na dimensão comunicativa que o sujeito revela suas subjetividades, a instabilidade das singularidades,

---

<sup>102</sup> “El ejercicio del poder supone una constante fabricación de tácticas que permiten mantener la preponderancia tanto en las negociaciones con los aliados, como en los conflictos con los opositores”. (MALDONADO, 2015, p. 64).

ressignifica sua realidade em interação com os entornos e contornos nos quais habita. Os *sujeitos travestis* articulam seus discursos no reconhecimento das transições de seus corpos, discursos que são feitos no reconhecimento da sua própria existência e na lembrança dos seus padrões de feminilidade que estão espelhados na memória da família, da vizinhança, na rua e nas produções feitas pelos sistemas midiáticos. Os corpos entram no fluxo discursivo que se constrói na *diferença* com os sistemas discursivos dos outros corpos.

No sentido da *diferença*, podemos compreender que para “*a realidade aí fora e a percepção aqui dentro, a ponte deve ter sempre a forma de uma diferença*” tal como manifesta Bateson (1979 *apud* VERÓN, 2013, p. 55). Entender o conceito da *diferença* a partir do corpo – mente<sup>103</sup>, do “organismo”<sup>104</sup> *batesoniano*, pode ser a chave para chegar a refletir sobre a existência do espelho. “*Una diferencia allá, afuera, precipita una diferencia codificada, una diferencia correspondiente, en ese agregado de diferenciación que llamamos “la mente” del organismo*”. (BATESON *apud* VERÓN 2013, p. 55). É na *descontinuidade*, na *ruptura da percepção* de si mesmo na norma estabelecida, que se constrói a realidade da *travesti* (talvez de todo sujeito, mas vamos evitar generalizações). É o reconhecimento da *diferença* como parte constitutiva dos *sujeitos travestis*, que levam a questionar sobre o *exercício da cidadania comunicativa*, de sujeitos que se colocam na periferia.

Um dos conceitos mais enunciados na pesquisa é “*periferia*”<sup>105</sup>, e talvez até agora não tenhamos compreendido a sofisticação desse lugar; o que é a periferia no sistema social, político, econômico, moderno e capitalista que habitamos. No entanto, a partir da pesquisa empírica, é possível inferir que a periferia é um espaço discursivo que apela ao gesto simbólico da marginalidade, da vulnerabilidade, das alegrias, dos desejos, do coletivo, e às vezes da comunidade, como modo de se ressignificar no cotidiano para interpelar o discurso da centralidade capitalista. (GUATTARI; ROLNIK, 1986). Então, a pergunta que surge é: como

---

<sup>103</sup> A ‘mente’ também pode se traduzir como “espírito” em espanhol, segundo nota do tradutor do livro “Espíritu y naturaleza”: “‘*Mental images*’ también podría traducirse (dado que “mental” deriva de “mind”, “espíritu”) “*imágenes espirituales*”. [N.T.]”. (BATESON, 1979, p. 78).

<sup>104</sup> A reflexão do corpo – mente do “organismo” de Bateson (1979) nos alerta da existência de uma corporeidade “espiritual” do sujeito, em que podemos observar as marcas, os rastros do disciplinamento, das normatividades, assim como dos desejos, das transições que compreendem as subjetividades do sujeito. Portanto, questionar o essencialismo biológico nos abre caminho para abordar uma sofisticada configuração do corpo que opera nas subjetividades para reconhecer a singularização do sujeito, e do sujeito travesti no caso dessa pesquisa.

<sup>105</sup> Talvez uma das grandes dívidas da pesquisa será não aprofundar esse lugar periférico como lugar de enunciação e de ressignificação das travestis. Apesar de, ao longo do texto, conseguirmos propor algumas reflexões, não conseguimos visibilizar a sofisticação que tem esse lugar.

se exerce *ciudadania comunicativa* quando se habita a periferia? É possível reconhecer-se como *sujeito travesti periférico*?

Para responder, vamos problematizar a *ciudadania*. Entendemos a cidadania como uma construção individual e coletiva, que opera na subjetividade. É possível dizer que a cidadania é uma configuração simbólica de pertença à comunidade, na que o cidadão circula, interage em termos de respeito para se mesmo e para o *outro*. Segundo Efendy Maldonado (2018)<sup>106</sup>, “o sentido de pertença não é só representação, ela é sentida, vivida, exercitada, confrontada, dialogada, inventada, construída e reconstruída, expressa”.

Desde uma perspectiva liberal, pode-se reconhecer a *ciudadania* como um sistema de valores que regula a convivência da sociedade. (CORTINA, 1997). A teoria liberal fundamenta o conceito de *ciudadania* na teoria da justiça e na necessidade de pertencer a uma comunidade, para gerar sentido de compromisso com esse grupo social. Segundo Adela Cortina (1997), a cidadania é um conceito mediador, porque integra exigências de justiça e sentido de relação com a comunidade. Junta a racionalidade da justiça com o calor do sentimento de pertença. Propõe, então, o sentido de pertença apelando à emoção e aos afetos. Assim, por um lado, está a justiça baseada na igualdade, que é uma *quimera* em sociedades capitalistas globalizadas e, por outro, a necessidade de gerar sentido de pertença a sociedades como a *moderna hegemônica*, que condiciona a marginalidade das *periferias* para priorizar o desenvolvimento da centralidade.

Se problematizamos a proposta da Adela Cortina (1997)<sup>107</sup> a partir das condições de vulnerabilidade, marginalidade e exclusão da população *travesti*, poderíamos perguntar se a

<sup>106</sup> Reflexão feita pelo professor Efendy Maldonado durante as orientações dessa pesquisa.

<sup>107</sup> Não queremos reduzir a compreensão do planejamento da autora Adela Cortina (1997) nessa breve reflexão. Estamos conscientes da proposta de cidadania multicultural e intercultural, que procura sair da caixa jurídica para avançar na proposta de um espaço de diálogos, para o encontro da riqueza humana como a mesma Adela Cortina (1997) disse. Além disso, em consonância com nossa pesquisa e reflexão teórica, acreditamos que se pensamos a cidadania em termos de interculturalidade, deveríamos interpelar a configuração identitária do “indivíduo” e avançar na compreensão da singularização do sujeito coletivo. Para falar de cidadania intercultural é preciso abrir o debate da cultura. Assim, por exemplo, para Guattari e Rolnik (1986, p. 70, grifo do autor) “*os conceitos de cultura e de identidade culturais são profundamente reacionários*: a cada vez que os utilizamos, veiculamos sem perceber modos de representação da subjetividade que a reificam e com isso não nos permitem dar conta de seu caráter composto, elaborado, fabricado. Da mesma forma que qualquer mercadoria no campo dos mercados capitalísticos”. Enquanto Adela Cortina (1997, p. 160, grifo da autora) no capítulo 6 do livro “*Ciudadanos del Mundo. Hacia una teoría de la ciudadanía*” se refere à caracterização da <<cultura>> nos seguintes termos: “El primer problema consiste em determinar qué sea cultura, cuestión harto debatida. Sin embargo, para lo que aquí nos importa, podemos allanar dificultades entendiendo por <<cultura>> el conjunto de pautas de pensamiento y de conducta que dirigen y organizan las actividades y producciones materiales y mentales de un pueblo, en su intento de adaptar el medio en que vive a sus



*ciudadania* se poderia configurar como um dispositivo de controle<sup>108</sup>? Entendendo que as *travestis* quebram com as normas da convivência reguladas através dos discursos *hétero binários*, do corpo doente, do corpo sexuado homem/mulher, feminino/masculino. A compreensão da *ciudadania* ficaria, assim, reduzida a garantir um sistema de privilégios para aqueles “bons cidadãos”, que cumprem as normas estabelecidas e, assim, garantem a sobrevivência do estado liberal que normatiza a existência de uma sociedade do controle e da auto regulação. Portanto, não vamos operar com essa compreensão da cidadania.

Nosso interesse é compreender a *ciudadania comunicativa* como um espaço criativo, de disputa e reivindicação de direitos e reconhecimento de discursos próprios e locais, para experimentar trilhas comunicacionais que se constroem no local e no global. Em teorias críticas latino-americanas, a “*comunicación ciudadã* é um campo de luta e criação que deve ser assumido mediante a confluência *transmetodológica* de estratégias, táticas e culturas, que configurem dimensões de conhecimento, liberdade, arte, prazer e energias produtivas”. (MALDONADO, 2012, p. 29, grifo do autor). Então, acreditamos que a *ciudadania comunicativa* deve ser refletida e problematizada a partir dos sujeitos, seus processos e territorialidades. Neste contexto, consideramos que a *ciudadania comunicativa* é um exercício que se encontra dinamizado pela disputa de sentidos e de direitos no cotidiano.

Quando pensamos a *ciudadania comunicativa* como um espaço de disputas cotidianas, também reconhecemos que as *travestis* não exercem cidadania em condições de equidade, porque se estabelecem as relações de tensão entre os sujeitos das periferias e a cidadania comunicativa no cotidiano, ao viver e experimentar suas práticas de sentido em contextos múltiplos (MALDONADO, 2013). Esses exercícios nos desafiam a reconhecer a fragilidade na que operam os sujeitos que exercem *ciudadania comunicativa* em intensidades diversas. Assim podemos observar que:

---

necesidades, y de diferenciarlo de cualquier otro. La cultura incluye por tanto, repertorios de conducta, regulados por repertorios de normas y sustentados por un conjunto de valores que los legitiman y hacen comprensibles, pero también un conjunto de prácticas legitimadas e institucionalizadas, siendo la religión el mecanismo usual de legitimación”. Como em nossa pesquisa a <<cultura>> não foi uma categoria aprofundada, acreditamos que o debate não se esgota na cidadania, mas em uma compreensão abrangente que pode abordar a *ciudadania* e a *ciudadania comunicativa*. Sempre cuidando da ambiguidade das categorias e conceitos, ou o abuso dos essencialismos universalistas que esvaziam de sentido as construções narrativas.

<sup>108</sup> Para Foucault (2005), a sociedade moderna passou dos dispositivos de disciplinamento a modos mais sofisticados para manter o controle através da norma e a regulação das relações sociais frente ao Estado e à sociedade.

1. A *cidadania comunicativa* é um processo social, mas não necessariamente comunitário<sup>109</sup>. Disputa-se nas relações de poder que estabelecem com o Estado e as normas que autorregulam os grupos sociais. Portanto, é um processo aglutinador de subjetividades, normas, necessidades, direitos e obrigações. Opera não só no campo comunicacional, mas vai além para se desdobrar nas tensões com o campo político, jurídico, social e econômico, para nomear alguns. Nesse cenário, o *corpo travesti*, enquanto produtor de sentido, disputa seu direito a circular pelas ruas, bairros e outros espaços públicos, assim como no espaço privado; ainda sob o olhar do estranhamento, as *travestis* disputam espaços cidadãos e constroem narrativas divergentes.
2. Se entendemos que todos os seres humanos são diferentes e diversos, a *cidadania comunicativa* deve ser construída sobre o respeito às diferenças e aos discursos divergentes. Além disso, as pessoas que estão nas periferias em condições de subalternidade e marginalidade têm que desenvolver capacidades de sobrevivência, o que lhes obriga a elaborar estratégias e táticas de comunicação para proteger suas vidas. Entre outras estratégias, está a negação do próprio ser *travesti*, já que a auto invisibilidade pode ser uns dos mecanismos para sobreviver. Também existem outras estratégias, como a ocupação dos espaços de decisão política nas instituições do Estado, com táticas de perseverança e simpatia. “El crecimiento indefinido del sentimiento de ‘simpatía’, que lleva a socorrer y a rehabilitar a los débiles en vez de eliminarlos (MATTELART, A., 1996a, p.190). Sería una ‘ley natural de apoyo mutuo’ que reharía el otro elemento vital que es la ‘lucha por la existencia’”. (MALDONADO, 2015, p. 132). Mattelart se refere ao “sentido de *simpatia*”, desdobrado pelo teórico anarquista Kropotkine, estudioso de Darwin e das teorias da evolução. Entre elas, podemos considerar a ‘lei da luta recíproca’. A partir dessa lei, Kropotkine desenvolve a ‘lei de ajuda recíproca’ (MALDONADO, 2015). Talvez Kropotkine, Mattelart e Maldonado estão nos ofertando outra chave para compreender que a *cidadania comunicativa* opera na possibilidade da cooperação recíproca, do reconhecimento do outro para a existência do ser humano. Assim, a *cidadania comunicativa* cobra um sentido ontológico.

---

<sup>109</sup> Se nos decantamos por usar o comunitário, estaríamos fechando as portas aos processos sociais que não operam o comunitário, o que seria um erro de compreensão do poder político, social, ontológico das construções comunitárias.

3. Pensar a *cidadania comunicativa* em termos de disputas e lutas nos leva a pensar em territórios simbólicos, espaciais e sociais. As *travestis* nos ensinam a ocupar espaços para existir e sobreviver. Quando elas reconhecem seu lugar de enunciação na periferia, compreendem que o *exercício da cidadania* vai ter dificuldades, porque o sistema está feito para privilegiar quem se rende à norma reguladora do sistema *heteronormativo*. Não significa que as *travestis* gostem de ser marginalizadas e subalternizadas. Elas gostam de ser respeitadas, mas essa não é a realidade. Por isso, suas disputas de sentido são cotidianas, perseverantes e criativas. Quando a Pitty vai *uma, e outra, e outra vez*, até o Conselho Estadual de Guaíba para ser escutada, expor suas ideias e de sua comunidade, está disputando *cidadania comunicativa* na dimensão simbólica. Quando em Caxias do Sul as *travestis, trans e transexuais* ocupam o palco do Conselho Estadual para debater sobre o direito a uma educação sexual e de gênero sem preconceitos, estão disputando na dimensão simbólica e na política. E, quando o único vereador que participou no debate era o proponente, e decidiu sair da Assembleia sem escutar as “*cidadãs*” *trans, travestis, transexuais*, com a justificativa de “compromissos familiares”, os sujeitos *trans, travestis, transexuais* se puseram de pé e deram as costas batendo palmas para se opor à falta de respeito, à negação e à vulnerabilidade. Então, exercem seu direito a dissentir, em condições de subalternidade; essa ação também é simbólica, além de política. Podemos seguir com exemplos na rua, no trem, nos palcos, nas telas, nos serviços de saúde, nas escolas, nas universidades e nas casas. Fica evidente a condição de subalternidade, marginalidade e vulnerabilidade, a partir de onde elas estão exercendo a *cidadania comunicativa*.
4. A fragilidade econômica, social e familiar na que operam os sujeitos *travestis* nos leva a pensar a *cidadania comunicativa* como um fato instável e limitado para o exercício concreto. Aliás, essa disputa é permanente, com estratégias de lutas criativas, improvisadas, adaptáveis aos múltiplos contextos onde têm que se comunicar. Portanto, reconhecer os contextos múltiplos nos que atuam os sujeitos em comunicação é válido para refletir o exercício de *cidadania comunicativa*. Porém, não podemos desconhecer que a falta de recursos econômicos também afeta o acesso à arte, a leituras, ao lazer, ao sistema educativo, assim como à tecnologia, que são insumos com os quais é possível

construir competências para exercer uma *cidadania comunicativa* abrangente, crítica e criativa.

#### 4.6.1 Um espaço para pensar a “*cidadania precária*”

A cidadania precária representa uma dupla negação, nega a condição humana e de cidadão/cidadã de sujeitos que carregam no corpo determinadas marcas. Essa dupla negação está historicamente assentada nos corpos das mulheres, dos/as negros/as, das lésbicas, dos gays e das pessoas trans (travestis, transexuais e transgêneros). Para adentrar a categoria de humano e de cidadão/cidadã, cada um desses corpos teve que se construir como “corpo político”. No entanto, o reconhecimento político, econômico e social foi (e continua sendo) lento e descontínuo. (BENTO, 2017, p. 167).

Quando problematizamos a *cidadania precária* com o exemplo do direito ao nome, acreditamos que nenhuma população evidencia com mais clareza a importância de nomear-se e ser nomeada como a *travesti*. A existência de um “nome social” e de um “nome civil” para as pessoas *trans*, *travestis transexuais*, evidencia a necessidade que tem o Estado de visibilizar a vulnerabilidade e o controle sobre a existência das pessoas periféricas. É nessa disputa de sentido que as *travestis* exercem cidadania, a partir da negação dos corpos e dos direitos mais sensíveis. Trazer à tona o exemplo do “nome social” nos permite exacerbar a tensão que existe entre cidadania e humanidade, dimensões do ser humano reguladas pelas relações de poder com o Estado nacional. A partir da legislação do “nome social” em 2009, o Brasil reconhece a existência de cidadãos que operam fora da norma do corpo biológico-sexuado, e as marcas não podem ser esquecidas. Por isso, é preciso desenvolver normas onde possam ser regulados e disciplinados.

O Brasil reconhece a existência do “nome social”<sup>110</sup> como uma alternativa ao “nome civil”, ao pensar em pessoas *transexuais*, uma espécie de dádiva ou solução benévola, que implementa o Estado, para “evitar” preconceito e situações constrangedoras às pessoas sexo-

<sup>110</sup> Em todo o Brasil, o primeiro diploma normativo que temos notícia a regular a utilização do nome social foi editado pela Secretaria de Estado de Educação do Estado do Pará que, por meio da Portaria nº. 16/2008-GS, estabeleceu, de forma sucinta, que: “a partir de 02 de janeiro de 2009, todas as Unidades Escolares da Rede Pública Estadual do Pará passarão a registrar, no ato da matrícula dos alunos, o pré-nome social de travestis e transexuais”. Matéria realizada por Rodrigo Mendes Cerqueira, publicado no portal digital JUS.COM.BR. em dezembro de 2019. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/45219/nome-social-proposito-definicao-evolucao-historica-problemas-e-particularidades>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

genéricas diversas. Além disso, o Estado determinou que todas as pessoas que se auto definem como *trans*, *travestis*, *transexuais* devem fazer a troca do órgão sexual, como um requisito para conquistar o “nome social”. Com esse protocolo, as pessoas *travestis* tinham que demonstrar ao sistema que elas também precisam trocar o nome, mediante avaliação médica, psicológica, às vezes fingindo que queriam fazer a operação para conseguir os atestados. Ou seja, são os profissionais da saúde e da justiça os que decidem se a pessoa tem direito ou não a cumprir com seu desejo da troca de nome e exercer o direito a “nome social”. Demostramos uma vez mais que a norma feita na lógica do *biopoder* é limitada. Acredita que, se o corpo é vestido em códigos femininos, cabelos compridos e unhas pintadas, então esse corpo precisa de uma vagina. Não consegue enxergar outros corpos além dos corpos sexuados masculino e feminino.

Por que as *travestis* estão obrigadas a interpelar a norma? Elas não precisam trocar seus órgãos sexuais. Elas não têm problema com seu corpo sexuado. Elas não querem tirar seu pênis. Elas ressignificam sua subjetividade. Seu pênis é parte da memória do desejo. Uma vez mais se demonstra que são as leis, baseadas em normas restritivas que tornam vulneráveis os direitos das pessoas, assim como projetos de lei feitos sem conhecimento das especificidades da população *trans*, suas dissidências, particularidades e diferenças. Porém, elas dão um jeito de conseguir os atestados médicos, fazem trâmites longos demais que podem durar até dois anos para alcançar a carteirinha do “nome social”.

Com base na Constituição do Brasil<sup>111</sup>, se insiste em justificar através das normativas jurídicas e biológicas a troca do “nome” das pessoas *travestis*. Em 2009, “a Terceira Turma, em decisão inédita, garantiu ao transexual a troca do nome e de gênero em registro, sem que constasse a anotação no documento. O colegiado determinou que o registro de designação do sexo alterado constasse, judicialmente, apenas nos livros cartorários.” (SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA, 2016).<sup>112</sup> Em 2016, a Presidenta Dilma Rousseff emite o decreto 8.727, que diz: “Art. 1º. Este Decreto dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento

---

<sup>111</sup> Art.1 Constituição Federal de 1988: Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. (BRASIL, 1988).

<sup>112</sup> SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA. O direito dos indivíduos transexuais de alterar o seu registro civil. **Jusbrasil**, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<https://stj.jusbrasil.com.br/noticias/154275355/o-direito-dos-individuos-transexuais-de-alterar-o-seu-registro-civil>>. Acesso em: 17 dez.2018

da identidade de gênero de pessoas *travestis* ou transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional”. Em 2013, se apresenta o Projeto de Lei para a troca de nome das pessoas *trans*, *travestis*, *transexuais* sem a obrigatoriedade de apresentar atestados médicos, nem a obrigatoriedade de trocar de órgãos sexuais. Depois de 5 anos, a lei foi aprovada em 28 de fevereiro de 2018<sup>113</sup>. Assim, as pessoas *trans*, *travestis*, *transexuais* podem fazer a troca do “nome civil” em um cartório, segundo autorização do Supremo Tribunal Federal (STF). Essa rede de acontecimentos mostra a dificuldade do sistema em enxergar a complexidade do ser humano, em suas diferenças e singularidades. Apenas em 2018 os Ministros do STF reconhecem que o nome é um direito de dignidade. A matéria citada diz: “O princípio do respeito à dignidade humana foi o mais invocado pelos ministros para decidir pela autorização”. (POMPEU, 2018)<sup>114</sup>.

Dando uma volta em nossa problematização e voltando ao campo da comunicação e à compreensão dos discursos *travestis*, gostaríamos de olhar o “nome social” como um exercício de cidadania comunicativa; e, talvez, reconhecer a cidadania precária que fala Berenice Bento, como esse lugar de disputa, de interpelação a uma cidadania feita e legitimada pela sociedade, que opera no controle e no autocontrole das lógicas do *biopoder* implementadas pelos estados nacionais. O “nome social” se constitui em uma luta política das *travestis*, e é aí onde queremos focar a reflexão nessa pesquisa, porque o nome é um enunciado simbólico que nomeia corpos políticos. Segundo Mikhail Bakhtin (1997, p. 300-301, grifo do autor):

Em qualquer enunciado, desde a réplica cotidiana monolexemática até as grandes obras complexas científicas ou literárias, captamos, compreendemos, sentimos o *intuito discursivo* ou o *querer-dizer* do locutor que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras. Percebemos o que o locutor *quer*

---

<sup>113</sup> No portal “Consultor Jurídico”, com a manchete: Direito à autodeterminação. STF autoriza pessoa *trans* a mudar nome mesmo sem cirurgia ou decisão judicial. “Todo cidadão tem direito de escolher a forma como deseja ser chamado. Assim definiu o Supremo Tribunal Federal nesta quinta-feira (1º/3), por unanimidade, ao reconhecer que pessoas *trans* podem alterar o nome e o sexo no registro civil sem que se submetam a cirurgia. O princípio do respeito à dignidade humana foi o mais invocado pelos ministros para decidir pela autorização. A sessão retomou julgamento desta quarta (28/2), que já havia formado maioria com esse reconhecimento. A controvérsia na corte foi definir se a medida vale inclusive sem decisão judicial — entendimento que acabou prevalecendo, por maioria. Com o resultado, o interessado na troca poderá se dirigir diretamente a um cartório para solicitar a mudança e não precisará comprovar sua identidade psicossocial, que deverá ser atestada por auto declaração. O STF não definiu a partir de quando a alteração estará disponível nos cartórios.” - PORTAL CONSULTOR JURÍDICO.

<sup>114</sup> POMPEU, Ana. STF autoriza pessoa *trans* a mudar nome mesmo sem cirurgia ou decisão judicial. **Consultor Jurídico**, São Paulo, 1 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2018-mar-01/stf-autoriza-trans-mudar-nome-cirurgia-ou-decisao-judicial>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

dizer e é em comparação a esse intuito discursivo, a esse querer-dizer (como o tivermos captado) que mediremos o acabamento do enunciado. Esse intuito determina a escolha, enquanto tal, do objeto, com suas fronteiras (nas circunstâncias precisas da comunicação verbal e necessariamente em relação aos enunciados anteriores) e o tratamento exaustivo do objeto do sentido que lhe é próprio [...]. O intuito, o elemento *subjetivo* do enunciado, entra em combinação com o objeto do sentido — *objetivo*— para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores: seus enunciados. É por isso que os parceiros diretamente implicados numa comunicação, conhecedores da situação e dos enunciados anteriores, captam com facilidade e prontidão o intuito discursivo, o querer-dizer do locutor, e, às primeiras palavras do discurso, percebem o todo de um enunciado em processo de desenvolvimento.

Eis que o *nome* como *enunciado* se atualiza na cotidianidade da *travesti*, é constitutivo da construção discursiva do sujeito, portanto o direito a ter um nome deve ser problematizado na dimensão simbólica e política do ser humano. Na estrutura binária masculino/feminino, o nome é naturalizado. No caso das *travestis*, o *nome* se insere na dimensão discursiva simbólica, estabelecendo uma relação de continuidade entre o corpo e a comunicação verbal, o que vincula o sujeito com a realidade concreta e com a subjetividade do seu corpo. O nome é escolhido na relação do sujeito com o desejo, e a liberdade de encontrar o nome entre seus referentes familiares, midiáticos e sobretudo artísticos. Encontramos as marcas de um exercício de *cidadania comunicativa* criativo, livre, voluntário e também fora do sistema judicial, porque muitas *travestis* não têm o reconhecimento jurídico do nome social, mas tem o reconhecimento social do “nome político”.

Assim, procuramos a *cidadania comunicativa* com a possibilidade de pensar o *humano* do *ser humano*, de procurar a *humanidade da cidadania*, sem esquecer a diferença que existe entre cidadania e humanidade<sup>115</sup>. Propomos que as *travestis* exercem *cidadania comunicativa* como um ato participativo de sujeitos históricos coletivos, na reivindicação de direitos que foram

---

<sup>115</sup> Berenice Bento (2001, 2014) é oportuna para esclarecer a diferença entre cidadania e humanidade: “O que torna uma pessoa cidadã? Qual a diferença entre cidadania e humanidade? Estes dois termos parecem intercambiáveis, mas não são. A noção de cidadania está amarrada ao construto Estado-nação. Os/as cidadãos/cidadãs são aqueles/as que fazem parte e são reconhecidos como pertencentes a um espaço delimitado geograficamente, com uma população e um (ou vários) idioma oficial. Quando dizemos “ser humano” ou “humanidade” nos movemos em um campo de tensão e pertencimento anterior ao da cidadania. Ao confundirmos cidadania e humanidade estamos atribuindo um valor englobante de produção de significados para o Estado, materializando, assim, o maior desejo do Estado: ser um ente total. Mas o Estado não esgota os significados da humanidade, tampouco da existência. É no mínimo temeroso conferir-lhe tal poder”. (BENTO, 2014, p. 179).

usurpados, no reconhecimento de discursos que foram apagados, na construção de experiências comunicativas que dão respostas a problemas concretos e significativos de caráter local, com capacidade de irradiar-se em forma de saberes. A *cidadania comunicativa* é um campo de disputa de sentidos, de construção política e simbólica, que opera na diversidade e pluralidade das subjetividades, singularidades e desejos, assim como de corpos, saberes e discursos que nos permitem ressignificar a *cidadania* à procura de uma sociedade onde dialogam humanidades fragmentadas, fragilizadas e sensíveis.



## 5 OS CAMINHOS DAS CARTOGRAFIAS, O ENCONTRO COM TECIDOS DE MEMÓRIAS

Gostaríamos de iniciar o capítulo explicando as motivações para fazer cartografias, que nos permitiram acercar-nos às memórias de vidas comunicacionais, que inter-relacionam corpos e subjetividades do cotidiano de pessoas auto definidas como *travestis*. Uma das motivações foi estabelecer o diálogo entre a construção das subjetividades dos *sujeitos travestis* e os processos de mediação. A amplitude dessa motivação não vai se esgotar nessas cartografias, porque elas não são fundacionais e, tampouco, conclusivas. São apenas a possibilidade de ingressar na comunicação a partir do cotidiano dos sujeitos comunicantes, com a provocação de vidas que viajam de seu jeito no cotidiano entre corpos, desejos, olhares, paisagens. Uma realidade arquitetada por elas e para elas. Assim, nos encontramos com três conceitos (desejo, subjetivação, mediação) que vão apresentar-se ao longo das cartografias. Elas nos problematizaram em alguns momentos e, em outros, nos desafiaram, mas elas não serão menos desafiantes e contraditórias que o *sistema corpo/discurso/gênero*, que nesse capítulo estará mais evidente e sendo colocado em diálogo com os depoimentos e reflexões dos sujeitos.

Chegamos aqui a outra das questões centrais da pesquisa: como cumprimos com a proposta de definir a configuração do *sujeito travesti*? Devo me adiantar e advertir que não vamos conseguir fazer definições fechadas do *sujeito comunicante travesti*. Não por falta de vontade, mas pelo contrário, por encontrar cada vez mais aprofundada uma categoria política, complexa e contraditória, que nos desafia a pensar os *sujeitos travestis* em *processos de singularização* atravessados pelos desejos. Para Guattari e Rolnik (1986, p. 45) “o termo “singularização” é usado para designar os processos disruptivos no campo da produção do desejo: trata-se dos movimentos de protesto do inconsciente, contra a subjetividade capitalística, através da afirmação de outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outra percepção, etc.”. Portanto, sem justificar retoricamente, nosso interesse será pensar em sujeitos singularizados, e não em um sujeito universal e individualizado.

Podemos, agora, abordar uma motivação experimental metodológica, com vontade de aceitar a tentação de pensar na produção de cartografias, e mergulhar na memória de sujeitos para, através deles, encontrarmos a discussão da sociedade moderna mediada. Para

experimentar a tarefa do cartógrafo de “dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhando nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias [...]”. (ROLNIK, 2016, p. 23). Vamos ver que as vidas com as quais entramos nessa aventura se articulam em *corpos travestis*, porém suas memórias midiáticas têm recorridos diferentes sobre paisagens próprias e singularizadas.

Para uma das *travestis*, a experiência da transição da voluptuosidade do corpo está priorizada nas lembranças dos modos em que esse corpo foi se modificando, vestindo, adornando, maquiando no cotidiano político midiático, o que nos faz problematizar o corpo como lugar da memória e das marcas da vida. Por outro lado, outro sujeito vai nos permitir transitar pelos desejos, o amor e a música para procurar o espaço da midiaticização. As duas vidas se inter-relacionam a partir dos *corpos travestis*, e suas experiências de transições em tempos e territórios diferentes. As diferenças encontradas são interessantes para entender como podemos caminhar junto ao empírico e escutar ele, em vez de manipular sua realidade para obter os resultados perseguidos pela pesquisa.

Porém, antes de entrar nessas memórias de vida, é preciso problematizar a cartografia com a figura do mapa, do território. Quanto mais pensamos nela, mais sentimos desconforto. Portanto, junto com Suely Rolnik (2016)<sup>116</sup>, gostaríamos de recorrer à metáfora do mapa que a cartografia provoca, como se tratasse de um território. O território me remete a fronteiras, a limites - e esse é o desconforto. Por isso, nos desafiamos a tentar ressignificar a cartografia como um tecido que se forma de movimentos amorfos por espaços que contêm desejos, emoções, afetos, corpos e semioses que vão entrelaçando entre si. Assim, a metáfora fica mais perto de um tecido de cores infinitas, que se afetam umas às outras. É um tecido que nos remete tanto à *transmetodologia* (cores que se relacionam e afetam entre si), quanto à cartografia (quando entendemos que mergulhamos entre texturas que se mostram, se sentem e se abrem às nossas percepções).

A reflexão *transmetodológica* nos faz pensar o *sujeito comunicante* para compreender que os processos de subjetivação estão em profunda oposição com os processos de

---



<sup>116</sup> Seguimos dialogando com a Suely Rolnik (2016, p. 62, grifo da autora), enquanto nos ajuda a pensar o corpo e a refletir sobre os sentidos que procuramos nas palavras. “(A cartografia, diferente do mapa, é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações; ela acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da terra – aqui movimentos do desejo –, que vão transfigurando imperceptivelmente, a paisagem vigente)”.

individualização<sup>117</sup> capitalista. Com Félix Guattari e Suely Rolnik (1986, p. 31), entendemos que “a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social”. Aí, se pode interpelar os valores capitalísticos (GUATARRI; ROLNIK, 1986) para reconhecer os esforços e agenciamentos sociais que, nas micropolíticas, estão disputando o sentido essencialmente social da subjetividade mediante a articulação de processos de singularização. Nesse contexto, vamos tentar uma metáfora para essas cartografias, pensando em tecidos multicolores e transtexturas que se afetam, transitam e transbordam os corpos e os desejos.

Na costura do tecido, temos alguns bordados especiais, como vídeos, áudios e fotografias, que são conduzidos na narrativa. Eles formam um todo e uma parte, para serem escutados, observados, a fim de complementar as paisagens e as trilhas que estamos propondo para vocês. A qualidade dos vídeos e dos áudios não é muito boa, é um recurso que complementa a narrativa da pesquisa. O interesse é mostrar as marcas que vai deixando a pesquisa, os modos de registro que nem sempre são controlados, sobretudo quando o interesse do registro não se coloca na noção da representação, mas sim na riqueza expressiva que tem a vida no cotidiano, ou o cotidiano da vida. Desse jeito, vamos organizar as cartografias de um modo *hipertextual*, onde confluíram formações discursivas *pluri* sensoriais, disponibilizando links, áudios, sons, vídeos, textos, fotografias.

Quando observar os seguintes ícones, deve procurar um vídeo, um áudio ou fotografia digital.

Figura 3 – Legendas

	<i>Vídeo</i>
	<i>Áudio</i>
	<i>Fotografia digital</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

<sup>117</sup> Entendemos o sujeito em termos de singularização, mas não de individualização. Continuando com a proposta de Guattari e Rolnik (1986, p. 47), como um modo de reagir à produção mecânica dos valores capitalistas. “O que estou chamando de processos de singularização é algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreita, de todos os lados”.

## 5.1 “O TEMPO NÃO PARA” (CAZUZA)

*Não foi fácil dar um título a este segmento e, mais ainda, um começo, mas temos que iniciar.*

Foi em uma tarde de janeiro de 2018, em Sapiranga. Enquanto o gato passeava mimoso e livre sobre as mesas e em frente à tela do computador, a conversa iniciou sem roteiro antecipado. Começou com provocações para pensar os modos pelos quais a mídia intervém no processo de transição e de decisões, sobre os modos que os corpos e os gêneros vão se configurando na vida de uma pessoa que se assumia em modos femininos, do prazer de botar saias e vestidos curtos, chinelos vermelhos e cabelos cumpridos.

Um sorriso, um suspiro, “*vamos aí guria...*” diz a Cléo. Nos deslocamos à década de 80, nos povoados do interior de Rio Grande do Sul, especificamente Cruz Alta<sup>118</sup>.

**Cléo.** “*A gente não tinha muito acesso a muita informação (finais de 70, começos de 80): revista ou televisão. Música só se escutava pelo rádio de pilha. Lembro uma vez que, junto com minha irmã, fomos buscar uma prima que trabalhava como empregada doméstica num povoado vizinho, onde tinha energia elétrica. E lá sentada, assistindo ao jornal ‘HOJE’, apresentado pela Leda Nagli<sup>119</sup>, ela estava fazendo uma entrevista com o Cazuzza<sup>120</sup>. Ele havia acabado de sair do grupo<sup>121</sup> que não lembro o nome. Estava fazendo a carreira solo. E quando vejo aquela imagem daquele menino crespo de cabelos encaracolados, aquela força, aquela vitalidade, eu me apaixonei na hora. Era muito forte a imagem do Cazuzza”.*

<sup>118</sup> Município de Cruz Alta. A População Total é de 63.776 de habitantes, de acordo com a estimativa do IBGE (2015). Sua Área é de 1.360,37 km<sup>2</sup> representando 0.5059% do Estado. Ano de Instalação: 1833. Localizada no Noroeste Rio-Grandense. Informação tomada do portal do Município de Cruz Alta. Disponível em: <<https://cruzalta.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/36>>. Acesso em: 25 nov.2018

<sup>119</sup> Na sequência disponibilizamos o link com a entrevista da Leda Nagli ao Cazuzza. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IMek-xs3Ot4>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>120</sup> Cazuzza é o apelido do cantor e poeta brasileiro Agenor de Miranda Araújo Neto, nascido em 4 de abril de 1958. Um dos artistas mais reconhecidos do rock brasileiro. “Na definição do dicionário, “cazuzza” é um vespídeo solitário, de ferroada dolorosa. Deriva daí, provavelmente, o outro significado que o termo tem no Nordeste: o de moleque. Foi por isso que João Araújo, de ascendência nordestina, certo de que sua mulher Lúcia teria um menino, começou a chamá-lo de Cazuzza, mesmo antes de seu nascimento.” Tomado do link: <<http://cazuzza.com.br/event/um-garoto-de-ipanema/>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

<sup>121</sup> O grupo que não lembra é Barão Vermelho, um grupo de música do Brasil.

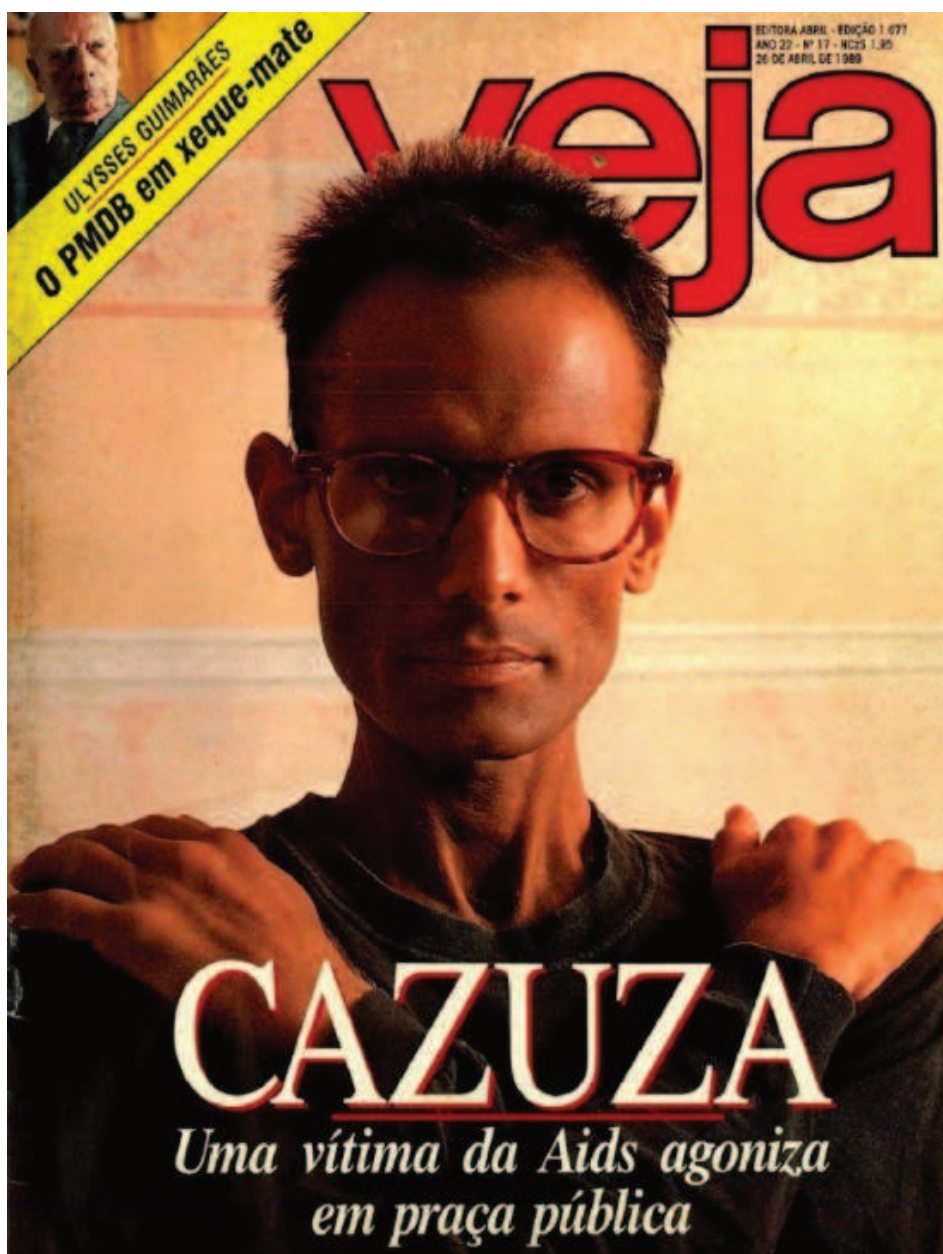
Com quanto pudor um menino do povo, com o gênero masculino, guardou para ele o sentimento de se apaixonar por outro menino de cabelos encaracolados, fosse na fantasia que nos coloca a tela. Nos encontramos articulando afetos, desejos que se imprimem nos corpos, e nos mostram os modos de operar nas fronteiras da normatividade. Desejos que o sistema *heteronormativo* pretende domesticar, mercantilizar, industrializar e, muitas vezes, apagar. Eles, por sobrevivência, resistem e moram na memória dos corpos, nos sentimentos, nos movimentos do inconsciente que palpita na memória como *imagem-lembrança*, que são os modos que intervêm no tecido cartográfico, que estamos tecendo.

A lembrança pura, quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí, também o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória. Sonho e poesia são tantas vezes feitos dessa matéria que estaria latente nas zonas profundas do psiquismo, a que Bergson não hesitará dar o nome de “inconsciente”. (BOSI, 1994, p. 49).

São as *imagem-lembrança* que provocam as *travestis* a recuperar seu lugar na história do país, quando elas foram divas nos palcos, ou perseguidas nas ruas e assassinadas. Mas também reivindicam seu direito a existir, no cotidiano em que elas operam. Numa sociedade midiaticizada, os mitos, referentes, nomes, performances pegam das telas, revistas, novelas, documentários, fotografias das estrelas do mundo do espetáculo. Um mundo que se amalgama entre fantasia, ficção e realidade.

**Cléo.** “*Depois, com minha família viemos morar em Sapiranga. Um tempo mais tarde, eu vejo uma foto dele (Cazuza) na capa da Revista Veja, falando como se o artista estivesse agonizando em praça pública. Quem estava expondo-o numa situação tão horrível daquelas foi a revista Veja, uma revista elitista, uma revista que não se preocupa com a dor do outro, expondo o Cazuza, um poeta, um artista respeitado. Obrigando-o a revelar sua soropositividade. A imprensa, às vezes, é muito cruel. Essa capa do Cazuza na Veja é icônica, uma das capas mais polêmicas. Uma vergonha para a revista ter essa capa*”.

Imagem 2 – Capa da revista Veja do dia 26 de abril de 1989



Fonte: Site Medium (2018).<sup>122</sup>

<sup>122</sup>Disponível em: <<https://medium.com/observat%C3%B3rio-de-m%C3%ADdia/quando-a-veja-matou-cazuza-15933a4f909a>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

Na década de 80 se conheceram os primeiros casos de HIV/Aids<sup>123</sup> no mundo. A epidemia causava mortes e estava acabando com pessoas que viviam com o vírus em condições de exclusão, segregação, marginalidade, em um contexto mundial e brasileiro, onde o vírus era a marca da perversão, de corpos culpados por romper a norma do imperativo homonormativo e homoafetivo. É nesse contexto que a revista VEJA coloca essa capa em circulação, com a morte simbólica de um ídolo do Brasil, de um irreverente do sistema. Não é possível acreditar que a capa não teve um correlato discursivo sancionador e exemplificador para as pessoas homossexuais, *trans*, *travestis*, *transexuais*, que eram a população mais atingida pelo vírus. Colocar na capa: “Cazuza. Uma vítima da Aids agoniza na praça pública”, por acaso não é violência discursiva midiática? Uma afronta para uma pessoa que estava viva, produzindo, refletindo, cantando, denunciando, resistindo em um sistema muito limitado e preconceituoso. Se publica na capa de uma das revistas do Brasil, dizendo que “está agonizando na praça pública”, com uma foto que aflige. Além desse atentado contra o direito à vida, Cazuza continuou cantando e provocando. Suas canções são de contestação e se mantêm no tempo. Em dezembro de 2017, Beatriz Riberio faz uma análise da capa da Revista Veja, com uma interessante manchete: “Quando a Veja matou Cazuza?”<sup>124</sup>.

**Cléo.** *“Eu fiquei triste de ver aquele menino por quem tinha me apaixonado, ver daquela maneira tão caótica, tão destruída. Como debochado que ele (Cazuza) era, depois para receber um prêmio que deram para ele, foi receber numa cadeira de rodas, só por deboche. Ele estava caminhando, mas ele foi por deboche. A revista o matou antes dele morrer. Ele entra numa depressão e foi cada vez pior. Em um programa com a Marília Gabriela<sup>125</sup>, ela já sabia que estava como o vírus, e ele se recusou de falar do tema. Mas em um intervalo das gravações, ela falou para ele e diz que ele deveria falar sobre a sorologia, porque um cara que cantou ‘Brasil mostra tua cara’<sup>126</sup>, deveria falar disso. Durante a época que ele estava convivendo*

<sup>123</sup> Para mais informação sobre HIV/AIDS, pode consultar o site de UNAIDS Brasil. Disponível em: <<https://unaid.org.br/informacoes-basicas/>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

<sup>124</sup> Matéria disponível em: <<https://medium.com/observat%C3%B3rio-de-m%C3%ADdia/quando-a-veja-matou-cazuza-15933a4f909a>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

<sup>125</sup> A entrevista com Marília Gabriela foi transmitida em 1988. Aqui, disponibilizamos a entrevista completa: Cazuza no programa Cara a Cara com Marília Gabriela, 1988. (Entrevista Completa). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dPj543V8xVQ>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

<sup>126</sup> Enquanto nossa conversa fluía, no *YouTube*, a Cléo procurava as músicas na tela do computador na casa dela. O gato continuava nos cumprimentando com a sua presença. As músicas que vamos apresentar nesse texto, foram escutadas e degustadas na tarde de janeiro de 2018, em Sapiroanga. Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D4GWxVQqV9M>>. Acesso em: jan./ nov. 2018.

com o vírus ele produz muita coisa boa, gravou: ‘Ideologia’<sup>127</sup>, ‘O tempo não para’<sup>128</sup>, ‘Burguesia’<sup>129</sup>

“Sua piscina está cheia de ratos,  
suas ideias não correspondem aos fatos  
O tempo não para” (Da canção “O tempo não para”)

“Meus heróis morreram de overdose  
E, meus inimigos estão no poder  
Ideologia eu quero uma pra viver” (Da canção “Ideologia”)

“A burguesia feeeeeddeeee!!! (Tom da voz de deboche da Cléo)  
A burguesia quer ficar rica  
Enquanto houver burguesia  
Não vai haver poesia” (Da canção “Burguesia”)

As imagens-lembranças que Cléo traz até o presente aconteciam na década de 80, quando ela transitava a adolescência, a juventude, o ensino médio, e sua família já estava radicada em Sapiranga, com poucos recursos econômicos. Priorizaram a educação dos e das filhas (4 em total). Durante as conversas, é possível reconhecer a importância que imprime o acesso que teve à educação, o que lhe permitiu desempenhar trabalhos como desenhista gráfico em um jornal local, assim como chegar ao ensino superior, para ser bacharel em design gráfico pela FEEVALE, graças à política inclusiva PROUNI<sup>130</sup>. Mesmo assim, por ser *travesti*, ter um título universitário não garante o acesso ao trabalho qualificado. Os conhecimentos são utilizados no ativismo, no movimento *trans*, *travesti*, *transsexual*, especialmente no Rio Grande do Sul. Realiza vídeos, retrospectivas, documentários, que coloca no seu canal de *YouTube* “Outros Olhares”<sup>131</sup>.



Fotoreportagem1\_travesti

<sup>127</sup>Vídeo Clip original da canção “Ideologia”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UioudOtAsCQ>>. Acesso em: jan./nov. 2018.

<sup>128</sup>Vídeo Clip original da canção “O tempo não para”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5ITetP186yQ>>. Acesso em: jan./nov. 2018.

<sup>129</sup>Vídeo Clip original da canção “Burguesia”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BpyzUg8yPNY>>. Acesso em: jan./nov. 2018.

<sup>130</sup>Programa Universidade Para Todos (PROUNI), política pública do Brasil que pretende articular o efetivo exercício da igualdade no acesso à educação superior.

<sup>131</sup>Canal no *YouTube* OUTRO OLHARES. Disponível em: <[https://www.youtube.com/channel/UCp6uG0vz007B96v\\_SCxA1jw/videos](https://www.youtube.com/channel/UCp6uG0vz007B96v_SCxA1jw/videos)>. Acesso em: 25 nov. 2018.



Assim, nos aproximamos a pensar a configuração do sujeito, na necessidade de entender o sujeito nos processos comunicacionais, como consumidores ativos<sup>132</sup> e de sentido discursivo. Nos inspiramos no trabalho de Efendy Maldonado, quando no livro “Epistemología de la Comunicación. Análisis de la vertiente Mattelart en América Latina” dedica um capítulo completo a refletir sobre o sujeito histórico comunicante<sup>133</sup>, inspirado por sua vez na produção de Armand Mattelart e seus aportes teóricos. Maldonado apresenta a reflexão sobre os sujeitos com suas especificidades: “o *sujeito comum* que se converte em uma problemática importante para as Ciências Sociais” (2015, p. 71, grifo do autor). A partir do que o autor denomina de vertente Mattelart, em palavras de Maldonado (2015), na década de 80 o teórico faz uma reformulação metodológica colocando o sujeito como elemento importante de suas pesquisas. Porém, não era uma reflexão qualquer. O teórico concebe um sujeito social-histórico. “En sus palabras [Mattelart] las ‘experiencias personales son experiencias sociales’, y al profundizar en esa línea se pregunta acerca de la ‘pasión’, del ‘sentimiento de los actores sociales’ en los procesos de comunicación [...]”. (MALDONADO 2015, p. 68).

Pensamos junto com a recuperação das *imagens-lembranças* da Cléo que o *sujeito travesti* é um sujeito *social-histórico* que, a partir de suas escolhas comunicativas, vai também configurando experiências de vida políticas, corporais, comunicacionais para pensar em um ***sujeito comunicante travesti singularizado***. Assim, podemos ver que Cléo nos proporciona um percorrido histórico inserido em contextos sociais, familiares, territoriais, midiáticos que lhe permite produzir sentido e interpelar ao sistema midiático e analisar a perversidade de um meio de comunicação quando se permite matar (simbolicamente) um ser humano.

**Cléo.** “Durante um tempo, eu costumo dizer que fui travesti. Hoje não sou mais travesti, sou uma mulher, uma trans, “a loca”, risos. Eu digo que sou travesti por uma questão de resistência, de empoderamento da identidade travesti. **Na verdade, eu sou a Cléo. Simplesmente me visto de acordo ao que expressa minha alma, meu corpo está adequado ao que eu sinto. Nessa época, eu sinto que fui travesti**

<sup>132</sup> Esteve tentada a propor e refletir sobre a existência de um consumidor crítico. Porém, quanto mais me adentro no campo comunicacional e na atual conjuntura social das *Fakes News* e os sofisticados mecanismos de intervir nos espaços discursivos dos sujeitos, terminei por acreditar que poderia ser um tanto *a-priori* e até obsceno falar de um consumidor crítico de meios de um jeito geral. Sobretudo quando na América Latina a educação e o desenvolvimento das capacidades de pensamento, razoamento, reflexão dos sujeitos está sendo cada vez mais limitadas, como uma estratégia do sistema de poder hegemônico capitalista, para continuar mantendo o domínio sobre os corpos, as subjetividades e os consumos.

<sup>133</sup> Vê-se *Capítulo III Sujeto histórico comunicante, consumo simbólico, multidimensionalidad*. (MALDONADO, 2015, p. 65-96).

*(entre 14 a 26 anos), porque me fingia de homem para poder transitar socialmente, e foi a época que trabalhei no jornal, mas não tinha formação jornalística ou acadêmica. Tinha feito alguns cursinhos de computação gráfica, não sabia como trabalhar com os programas de editoração gráfica. Nessa época meio que vendi minha alma ao diabo para poder sobreviver, para pagar minhas contas. Hoje em dia eu não tenho certeza se vou conseguir pagar as contas do mês, mas não vendo mais meus ideais. Estou tentando, vamos ver até quando eu consigo. Eu não sei o que me mantém viva, se são meus ideais ou aqueles 10 anos que eu vivi fingindo ser homem. Agora estou com 45. A média é 35 anos de vida para trans. Eu vou viver bem mais.*

*Quando era menino, era meio andrógino, ficava na dúvida, não se sabia se era menino ou menina. Eu gostava do olhar de desejo dos meninos quando olhavam meu corpo, com forma de ser menina, isso me envaidecia. Era pelas mulheres que eles sentiam desejo, não era pelos homens. Era conforme eu queria ser vista, ser lida, eu não suportava me ver no espelho travestida de homem.*

*Eu até que convencia como homem, sempre fui boa atriz, “a loca” risos. Eu ganhei concursos de beleza como homem, mas era tudo uma mentira, tudo uma personagem, não tinha nada a ver comigo. E quando pude ser eu mesma: adorei os vestidos, adorei o espelho, a câmera. Depois, foi também libertador ver que todas as pessoas envelhecem, tem o cabelo branco, até com as atrizes acontece isso. E eu, uma simples mortal, por que não? Também foi maravilhoso. Comecei falando do Cazuza e terminei falando de mim, risos”. (grifo nosso).*

O *sujeito comunicante travesti* se constrói na subjetivação e no caos, de tentar se entender para ser aceito em uma sociedade padronizada, normatizada, regularizada, por uma sociedade que se instaura no controle e no autocontrole como mencionamos ao longo do texto. Nessa perspectiva, nos encontramos com o *sistema corpo-discurso-gênero* operando de um modo normativo, quando se coloca dentro das normas hegemônicas, *hétero binárias*. Mas é também liberador, quando o sujeito adquire certo nível de autonomia e traz à tona sua decisão de habitar seu corpo desafiando os valores instaurados e impostos pelas lógicas disciplinares biologistas.



*Al\_Pitty\_o gênero*

Além de sentir o medo, a dor, o desejo de aceitação, há algo muito mais forte que é o desejo de estar frente ao espelho e aceitar-se, disputar o direito a construir sua própria vida. Quando Suely Rolnik (2016)<sup>134</sup> fala do desejo e do agir do cartógrafo, nos permite encontrar a

<sup>134</sup> No manual do cartógrafo, Suely Rolnik (2016, p.69) fala de uma regra muito simples, mas necessária para saber os limites do cartógrafo a respeito do outro. Essa é a **regra de prudência**. Desde essa perspectiva, diz a autora:

prática política e a produção de sentido do tecido cartográfico, onde com os sujeitos que intervimos mostramos nossas pegadas.

[...] desejo é artifício; são aglomerados de afeto-e-língua, indissociáveis formando constelações existenciais singulares. É esta a sua natureza. Portanto, dizer aqui que a prática de análises é política tem a ver com o fato de que ela participa da ampliação do alcance do desejo, precisamente em seu caráter de produtor de artifício, ou seja, de produtor de sociedade. Ela participa de potencialização do desejo, nesse seu caráter processual de criador de mundos tantos quantos necessários, desde que sejam facilitadores de passagem para as intensidades vividas de forma aleatória nos encontros que vamos tendo em nossas existências. (ROLNIK, 2016, p. 69).

Na procura dos desejos, dos corpos, da compreensão dos discursos sofisticados das *travestis*, caminhamos e habitamos ruas de cidades, cafeterias, casas, mercados que iam se constituindo em espaços de intensas construções de sonhos, de projetos sem orçamento, de corpos políticos que ocupavam espaços, de confusões teóricas. O Mercado Central de Porto Alegre foi o escritório que nos acolheu. Junto com Pitty falávamos da vida, da família, dos afetos, das necessidades das pessoas *trans*, *travestis*, *transexuais*, os direitos humanos, os projetos, a vida.

**Pitty.** *“Essa é minha luta. Vou continuar dizendo que sou travesti. A sociedade impõe as coisas para nós. Se hoje estamos sentados fazendo políticas, é porque as travestis barraqueiras, que mostravam o peito, que se cortavam, já estavam fazendo uma política de direitos, uma política agressiva, uma política de confronto, uma política de se auto mutilar, daquela maneira elas foram se construindo. Hoje nos sentamos à frente do gestor por mais que eles não nos escutem, mas nós estamos à frente deles discutindo nossos direitos. Agora temos nossos encontros, nossos seminários para garantir nossos direitos. Mas ninguém fala daquela travesti barraqueira. Ela está fazendo uma política para se defender. Obviamente não é uma política organizada, é de confronto, de mutilação, mas foi através daquilo que estamos agora aqui sentados. Eu era criança quando saí para a rua com doze anos, quando éramos presas, as travestis mais velhas se cortavam, pegavam o sangue delas e passavam em nós. Levavam-nos para o “Pronto Socorro” e daí fugíamos. Já era uma política, uma política de mutilação, mas já era”.*

---

“[...] afirmávamos que ela [a vida] diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. Agora podemos dizer que ela é, em si mesma, um espaço de exercício ativo de tais estratégias. Espaço de emergência de intensidades sim nome; espaço de incubação de novas sensibilidades e de novas línguas ao longo do tempo. A análise do desejo, desde esta perspectiva, diz respeito à escolha de novos mundos, sociedades novas. A prática do cartógrafo é aqui imediatamente política”.



V-Pitty.

**Assista um depoimento da Pitty Barbosa. Atenção: o som não é muito bom.**

As disputas no campo social pelo reconhecimento e o exercício de direitos: respeito, saúde, educação, trabalho e a possibilidade de construir paisagens discursivas fazem das *travestis* sujeitos que, ao mesmo tempo, estão dentro da lógica do sistema econômico capitalístico, mas interpelam uma normatividade do corpo sexuado para avançar em processos de lutas cotidianas, por reivindicar seus corpos. Com isso, o Brasil vai construindo políticas públicas para pessoas *trans*, *travestis*, *transexuais*, com processos fragilizados e pouco “organizados”. As *travestis* estão se apresentando ante a sociedade com dignidade e com propostas de política pública para ter acesso a uma lei que lhes permita ter um nome. Portanto, devemos refletir a configuração do *sujeito comunicante travesti* a partir do reconhecimento das reivindicações, dos processos de lutas cotidianas no nível da *micro* e *macro política*. (GUATTARI; ROLNIK, 1996; ROLNIK, 2006). Quando elas dizem “nossas lutas são cotidianas” é uma realidade que tem entrecruzamentos com os preconceitos de uma sociedade capitalista, baseada no consumo e em um Estado de lógicas patriarcais, coloniais, disciplinares, *binárias* e *heteronormativas*.

Além disso, devem enfrentar a sua própria subjetividade individualizada e regulada, que opera em determinações econômicas, de consumo, de acesso às tecnológicas, de padronização das mídias. Para Efendy Maldonado (2015, p. 79), “El conjunto de procesos socioculturales de apropiación y uso de los productos’ está condicionado por la racionalidad económica capitalista de ‘maximización del lucro’; sin él el sistema no funcionaría”. Portanto, ao mesmo tempo em que reconhecemos as lutas, também identificamos as fragilidades de um grupo social que é marginalizado, mas não está excluído do sistema de consumo. De um jeito perverso, o sistema as exclui dos benefícios da centralidade, mas lhes incentiva a se constituir em indivíduos consumidores que aportam à ‘maximização do lucro’, mediante a domesticação do desejo e a economia do desejo.



Fotoreportagem1\_coletivos\_travesti

**Pitty.** “Era fins dos 80 para os 90. A maquiagem. O primeiro vestido de mulher que usei foi uma jardineira, meu sapato era anabela de cortiça. A maquiagem era

*azul, e um lencinho amarrado, o corte de cabelo que era o auge era aquele Pigmaleão que cortava o Toni Camalo e depois enrolava, usava rolo. Era o lado glamour.*

*Não podíamos entrar na farmácia para comprar remédios. Nem uma calcinha podíamos comprar na loja. As putas nossas amigas compravam para nós, até a maquiagem. Quando eu tinha barba, eu usava cera que era uma cera preta que parecia petróleo, para tapar os shushus, a gente comprava “minancora” passava por toda a cara. Depois uma base, depois os três pós. E antes passava gelo na cara. Ficava a cara carquejada, dura.*

*O auge do silicone era um linjol. Quando eu botei pela primeira vez silicone era com barra 1000, em São Paulo, com o falecido João. Ele fazia nossos quadris, nossos corpos com silicone industrial e ninguém morria. Nessa época eu estava com 15 ou 16 anos. Eu tenho 12 litros de silicone. Se o mundo termina em água, meu corpo fica boiando. E se o mundo termina em fogo, minha bunda explode, risos. Nessa época a gente tomava banho com o sabão gaúcho, que era um sabão de pedra. Ele pegava um iodo vermelho, ficava manchada. E daí pegava as agulhas do porte de um dedo e te picava. E a dor é uma dor de desespero. O silicone vai entrando e depois, com uma toalha úmida, ia fazendo a massagem. O silicone industrial é o fluido de freio de avião. O que inventam né.*

*É a dor da beleza. É uma dor, uma dor, uma dor, uma doooooor com o silicone”.*



A2\_Pitty\_o corpo

**Cléo.** *“Mas a vontade de existir, a maneira como se imagina, a maneira como teu interno se vê é mais forte. Porque você não se vê refletido na imagem que o espelho te mostra. Quando você está mergulhando nos próprios pensamentos, esse desejo se vê aquela mulher maravilhosa. Quando se olha no espelho, vai ver a imagem que os outros estão vendo: um corpo masculino. Então para você poder convencer os outros daquilo que está dentro de você, que é interno, vai passar por qualquer dor e por qualquer risco. Não importa, está assumindo, sabe todos os perigos, mas você enfrenta”.*

Podemos refletir junto com *sujeitos comunicantes travestis diversos* que operam no desejo e na dor, de corpos que de qualquer jeito vão ser modificados, as lutas cotidianas em confronto com a hipocrisia de uma sociedade que as marginaliza e, ao mesmo tempo, as resgata para que cumpram seu papel de consumidores. O processo de subjetivação respondeu aos processos de sobrevivência que se debatem entre a individualização e a singularização, sendo o imperativo individual uma marca dos sujeitos que convivem no sistema moderno capitalista. *As travestis não fogem dessa realidade.*

Elas estão dentro do sistema, portanto as lutas que empreendem estão em constante disputa com a imagem *heteronormativa* estabelecida, procurando se inserir nela de forma

“natural e naturalizada”. Seu pensamento está determinado pela normativa social de corpos sexuados de vaginas e pênis. E, ao mesmo tempo, sabem que estão infringindo a norma, e que só quando assumem que podem fazer essas rupturas, reinventar-se, transitar na subjetividade de seus corpos na relação com os outros corpos, é que conseguem se auto definir e auto determinar do jeito que quiser. “Las cosas no son como aparecen sino como las decimos. Sin mayores teorías: así somos, actuamos, pensamos y hablamos”. (REGUERA, 2009, p. 77)<sup>135</sup>. É desde uma postura política que a *travesti* cobra força e resistência para lutar e reivindicar um princípio básico que é o *respeito* a viver e a ser, a se nomear e existir.

## 5.2 A SOCIEDADE MUDIATIZADA, A SOCIEDADE MEDIADA

Para compreender a sociedade midiaticizada em que operam as pessoas *travestis*, precisamos compreender os processos sociais, políticos e econômicos que resultam de processos históricos não apenas de um país, mas de um modelo de sistema capitalista baseado na acumulação de capital e na individualização dos sujeitos. É nesse sistema que as lógicas de consumo são cada vez mais evidentes e doutrinantes, e os sistemas midiáticos se consolidam para fortalecer um modelo de sociedade moderna ocidental.

A mídia fala do mundo para vendê-lo ou para agilizá-lo, em termos circulatórios sua verdadeira agenda é a do liberalismo comercial. Sua moral utilitarista, com o mercado como vetor de mudanças (portanto uma moral liberal de comerciantes, anglo-saxônica em seu velho acento liberal sobre o individualismo e mercado), não contempla a utilidade social, pelo contrário, é privatista e redutora da sensibilidade quanto ao coletivo. (SODRÉ, 2002, p. 64).

Além de compreender que o sistema midiático opera sobre ou baixo lógicas de um sistema social capitalista de acumulação de poder e capital, também é importante ressaltar que nossa pesquisa percorre o campo comunicacional com a perspectiva teórica da *Escola de Palo Alto*, com os pesquisadores da “nova comunicação”. Estamos motivados a pensar os processos

---

<sup>135</sup> Isidoro Reguera é catedrático de Filosofia na Universidade de Extremadura-Espanha. Tradutor ao espanhol de Ludwig Wittgenstein. Realiza o estudo introdutório do livro “TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS INVESTIGACIONES FILOSÓFICAS SOBRE LA CERTEZA” de Ludwig Wittgenstein publicado por Editorial GREDOS, na edição de 2009. Edição que publica três obras do filósofo alemão: “Logisch-philosophischeabhandlung” (“Tractatus logico-philosophicus”), “Philosophischeuntersuchungen” (“Investigaciones filosóficas”), “Übergewissheit” (“Sobre la certeza”).

de midiaticização na pesquisa em comunicação, questionando “dentre os milhares de comportamentos corporalmente possíveis, quais são aqueles retidos pela cultura para constituir conjuntos significativos?” (WINKIN, 1998, p. 31). Com essa pergunta e a problematização da pesquisa no tecido cartográfico, vamos olhar os modos pelos quais a Cléo vai compreender sua relação com os sistemas midiáticos, ligados a seu contexto familiar, territorial, afetivo e corporal. Vamos observar que o sujeito da pesquisa ingressará no coração da investigação para evidenciar a necessidade de pesquisar e refletir os modos de comunicação espaciais, gestuais e contextuais que privilegiam a interação e as relações (MALDONADO, 2015) tanto com o seu espaço social como com os sistemas midiáticos.

A “nova comunicação” nos dá as bases teórico-metodológicas para pensar os processos midiáticos e de mediações de um jeito abrangente. As *travestis* também estão inseridas numa realidade histórica, cultural, familiar e pessoal que determina os modos de relacionamento com os meios. Os referentes estéticos, de comportamento e de feminização dos *corpos travestis* encontram reflexos nas suas famílias, vizinhança e nas ruas. Os sistemas midiáticos são os dispositivos normalizadores de maior impacto na construção das subjetividades *travestis*, com destaque para a televisão e, nas últimas décadas, o *boom* da internet. Para aquela geração dos 35 anos em diante, é na tela da televisão onde encontraram os padrões de beleza, glamour e espetacularização. Também é na tela onde as divas *travestis* se tornaram conhecidas, como o caso da Rogéria “A *travesti* da família brasileira”.

São os meios de comunicação que determinam os modos em que os corpos devem se estetizar, em uma espécie de produção *fordiana*, onde os corpos e subjetividades são homogeneizadas, baseadas em um sentido singularizado, para lhes tornar indivíduos normatizados e modelizados de acordo com um padrão de regularização estética e de consumo. Assim, o sujeito-indivíduo poderá ser aceito dentro da normalidade do sistema, e se beneficiar das recompensas que o sistema outorga para quem se submete a seus dispositivos de controle e regulação. Segundo Muniz Sodré (2002), as mediações precisam de bases materiais, que se consubstanciam em instituições ou formas reguladoras do relacionamento em sociedade.

### 5.3 NO ESPELHO DAS ATRIZES DAS TELENOVELAS

**Cléo.** “As atrizes têm a capacidade de emprestar o corpo e a voz delas para dar vida a outras mulheres, a outros personagens e sempre são mulheres glamorosas, sofisticadas. Eu procuro ver as atrizes e me espelhar<sup>136</sup> nelas. As mulheres da minha família são principalmente meus referenciais. Mas outros referenciais de comportamento, de postura, de estética, busco nesses personagens glamorosos representados por essas atrizes, **é um referencial estético. Mas tua essência vem da tua família.**

Você pode até querer ser uma Regina Duarte, uma Fernanda Montenegro, mas não tem talento para isso. Tu podes te espelhar em alguns personagens que interpretaram para construir um feminino que se idealiza como feminino. Também adoro a Gloria Pires, Dora Casaquis e tantas outras atrizes brasileiras: a Irene Ravache, eu sou das antigas. Adoro a Gloria Pires na novela das 8. A Fernanda Montenegro é a maior, o dia que ela morrer acho que o país vai parar. Ela ganhou um Oscar pela atuação, um reconhecimento internacional. Gostava da Malu Mader, mas ela agora está atuando mais por trás das câmeras, por trás dos bastidores.

Novelas que marcaram minha infância: “**Top Model**”<sup>137</sup>, tanto é que eu trabalhava numa empresa que fazia roupas, assinava alguns figurinos da novela. Algumas das roupas que eram confeccionadas em couros, eram feitas na fábrica. A gente vende as roupas que eram usadas pelas atrizes depois. Na história da novela era uma personagem que desenhava e que era uma estilista famosa. Mentira, era feito por nós. A gente sabia disso. Desde a época, eu sabia o quanto a televisão vendia mentira e ilusão. Mas eu queria estar por trás disso vendendo essa mentira ou esse sonho. Está entendendo o que quero dizer, isso me fascinou.

Eu sempre quis fazer tanto e sempre fiz testes. Fiz um teste para entrar na escola da Globo, mas cheguei atrasada cinco minutos e já não consegui. Tinha que esperar até o ano seguinte. Eu pensei ‘eu sou uma boa atriz’. Mas nunca mais voltei. Tinha que estar na hora certa.

Agora eu me realizo através da retrospectiva trans, porque aí tenho um pouco da atriz. Eu não fiz jornalismo. Eu não tenho o menor conhecimento jornalístico. O que faço é atuar para uma câmera. Agora estou começando a pensar um pouco. Estou pensando que através desse trabalho posso dar visibilidade ao trabalho dos

<sup>136</sup> Nessa pesquisa não vamos desdobrar a metáfora do espelho com a rigorosidade que demanda, pois é preciso deixar a necessidade de aprofundar e olhar com mais sofisticação o espelho no processo de midiatização. Fazemos eco com o trabalho do professor Muniz Sodré sobre a antropologia do espelho, e foi a partir da leitura do livro que comeci a prestar a atenção à figura do **espelho** na retórica travesti. “O espelho é, na História humana, a prótese primitiva que mais se assemelha ao médium contemporâneo, guardadas as devidas diferenças. É que o espelho – superfície capaz de refletir a radiação luminosa – traduz reflexivamente o mundo sensível, fechando em sua rasa superfície tudo aquilo que reflete. O médium, por sua vez simula o espelho, mas não é jamais puro reflexo, por ser também um condicionador ativo de aquilo que diz refletir”. (SODRÉ, 2002, p. 21).

<sup>137</sup> Para saber sobre a trama, assistir aos vídeos e mais informações da divertida novela Top Model, exibida entre 1989 e 1990 pela Rede O Globo, da autoria de Walther Negrão e Antonio Calmon. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/top-model/trama-principal.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2018.



*meus amigos que são maquiadores. Então eu posso botar nos créditos. A gente não tem recurso de ninguém, depende do outro, então tem que promover o trabalho deles também, eu penso assim. A gente só pode pagar com agradecimento por enquanto”.*

O *sujeito comunicante travesti* que, por situações estruturais da sociedade, se encontra em situação de marginalidade, tem que apelar à sua criatividade e solidariedade. Não chegamos a encontrar nessa pesquisa rastros de comunidade, mas de solidariedades conjunturais que fazem parte das dinâmicas da população. Portanto, pensando no campo da comunicação em termos midiáticos, o acesso à tecnologia não é suficiente. É preciso ingressar nas fronteiras dos grupos sociais e aprender os modos de sobreviver em confluências multidimensionais operando na solidariedade epistêmica, em termos políticos, no nível micro político, e de habilidades e destrezas que se colocam a serviço de quem precisa e não só de quem paga por um *desejo* de fazer uma produção comunicacional.

**Cléo.** *“Para mim a tela é importante. A escolha da minha profissão como designer também foi influenciada pela televisão. Havia uma novela que achava fantástica, que se chamava ‘Meu bem, meu mal’<sup>138</sup> do Cassiano Gabus Mendes que tinha como protagonista uma modelo gaúcha que estava sendo lançada como atriz, a Sylvia Pfeifer, e ela era uma designer aquela personagem, muito sofisticada, linda, aquelas mãos lindas, aquelas joias lindas. Primeiro, era um desenho, depois foi se tornando em um produto, depois aquela mão entrando. Tudo aquilo, você poder fazer tudo e criar tudo (foi uma bela evocação). Eu pensei assim, ‘que mágica essa profissão’. Poder atuar como designer não só fazendo produto como fazendo imagens também. Essa profissão que eu quero para mim. Por influência do Hans Donner, eu via sempre as vinhetas do Hans Donner. Mas é a TV para mim que tem uma influência muito grande na minha vida.*

*Mas a tela que me capturou, que me seduziu durante muito tempo, agora não me seduz mais. Justamente por ela ter me seduzido por tanto tempo, eu via as artimanhas que usava para me seduzir. Eu sempre estive consciente, principalmente no trabalho de telejornalismo. Talvez na minha infância, adolescência, eu não tinha tanta consciência. Agora tenho a visão mais crítica. Às vezes me dá um nojo olhar um telejornal, principalmente da Rede Globo, me dá nojo do quanto que massacram um assunto, insistem, insistem em um assunto e deixam passar outros que tem mais relevância. Eu acho que não tem compromisso com o povo”.*

---

<sup>138</sup> Uma novela da Rede Globo, que foi transmitida no período de 1990-1991, no horário das 20h30. Com a atuação estelar da Silvia Pfeifer. No Site da Globo tem uma galeria de todas as novelas produzidas. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/meu-bem-meu-mal/galeria-de-personagens.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

Parte da sofisticação do sentido de realidade das *travestis* está no sentido crítico. Habitar em condições de periferia permite enxergar o prisma social de diferentes posições. Assim, o reconhecimento da fascinação que exercem as produções midiáticas sobre nossas subjetividades se constitui em um gesto de libertação, de ganhar a batalha ao poder midiático, porque alguns dos mecanismos de sedução foram descobertos. Nem sempre os meios conseguem impor seu discurso, baseado na construção de mundos fantásticos, a criação de personagens referenciais no cotidiano, modos de viver e de agir padronizados para cumprir com o objetivo de homogeneizar a sociedade. A Cléo, nesses depoimentos, tem a capacidade de se distanciar da experiência midiática, e observá-la com criticidade, para questionar os discursos reguladores e normalizadores que são difundidos e expandidos através da TV, das revistas, nos espaços de Internet, nos jornais, na rádio, entre outros mecanismos dos sistemas midiáticos.

#### 5.4 DE QUE SE FALA QUANDO SE FALA<sup>139</sup> DE *TRANSFAKE*?

**Cléo.** *“Quando é uma reportagem e estão entrevistando personagens, pessoas, vivências daquela situação, e quando o jornalista não se apropria dos fatos como se fosse uma realidade dele e mostra o fato como é, eu me sinto representada. Eu não me sinto representada quando vejo atores cisgêneros interpretando personagens trans, porque acho isso um deboche, ‘Transfake’, já que existem atores e atrizes maravilhosas trans. Então deem oportunidades de trabalho para essas pessoas que já vivem marginalizadas. Porque visibilidade não tira eles da marginalidade. Uma atriz branca ou cisgênero tem mais possibilidades de interpretar uma personagem. Aquele corpo não é estranho no set de filmagem, nos palcos. Os diretores e colegas estão acostumados com aquela energia ali. Tá tudo bem, mas até quando, até quando?!?!?! É a mesma história dos negros, que eram representados por atores brancos pintados de preto. Ou na época de Shakespeare, antigamente, que as mulheres não podiam subir no palco, e tinha que ser alguém travestido de mulher para fazer a personagem. Muito deboche! As pessoas estão aí, os grupos estão aí, essas representações têm que estar também nas artes. Como está na música, se tem capacidade de cantar, dançar, tem capacidade de estar no teatro. Nas artes cênicas eu não me vejo representada não. Por mais linda que seja a Carolina Ferraz, por mais belo que seja o Cauã Reymond ou o Rodrigo Santoro. Mas não são trans. Eu não tenho nada contra o trabalho desses atores, acho eles fantásticos, maravilhosos. A Carol Duarte, por exemplo, tem feito um papel magnífico de um homem trans, sem dúvida, dou meus aplausos, mas não é homem trans.*”

<sup>139</sup>Faz referência ao livro e conto: “De qué hablamos cuando hablamos de amor (Whatwetalkaboutwhenwetalkaboutlove), 198, do escritor norte-americano Raymond Carver, reconhecido por sua narrativa minimalista.

*Se precisa de oportunidade, precisa pensar de um outro jeito!  
 Às vezes pegam só uma parte nossa. Nós somos complexas, somos várias, nuas, a gente é multifacetada, e às vezes só fazem um recorte de um lado teu. O lado mais desgraçado, mais debochado, usado como recurso de riso fácil, como deboche. Ou então uma figura muito glamourizada, linda, perfeita. Quando a gente não é isso, a gente não é só isso. A gente é humana acima de tudo. Nunca mostram o ser humano como ele é”.*

Na lógica narrativa do tecido cartográfico, o depoimento poderia ser teorizado além dele, pela riqueza reflexiva e argumentativa. No entanto, gostaríamos de propor e reconhecer a autoria da Cléo Soares como aporte para pensar o enunciado *transfake*, que pode se desdobrar no campo da comunicação configurar o *sujeito comunicante travesti*, resgatando a sensibilidade e a sofisticação de se pensar no ambiente midiático.

Uma das preocupações da pesquisa é a visibilidade da temática *trans*, *travesti*, *transexuais* nos sistemas midiáticos do Brasil, e de forma mais restrita em Porto Alegre, desde um olhar mais acadêmico, analítico e crítico com o discurso dos meios. Existe certa incerteza do compromisso da mídia com o respeito e as lutas que as *trans*, *travestis* e *transexuais* fazem pelos seus direitos e representação na mídia, além da espetacularização. Devido a essa suposição, foi importante escutar a Bruna Benevides, secretária política da ANTRA<sup>140</sup>. Seu depoimento foi recolhido no segmento sobre o discurso de vitimização e confirma a suspeita de que os meios simplesmente estão indo com o fluxo da espetacularização, não com um compromisso de pensar uma sociedade que pode se construir na diversidade de corpos, de interpelar os papéis de gênero e discutir as violências das lógicas patriarcais. Não é evidente o compromisso por parte dos meios de interpelar o discurso biologista do corpo sexuado, que legitima a existência de um sistema social econômico baseado em lógicas patriarcais, coloniais e hegemônicas excludentes<sup>141</sup>. Porém, guardamos a esperança e a expectativa de que as

<sup>140</sup> Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)

<sup>141</sup> Para aportar as análises, vamos citar uma reflexão feita no artigo: “Corpos travestis que expressam, sistemas midiáticos que os representam. Um percorrido na comunicação empírico e teórico” aprovado para ser publicado pela Revista Chasqui de dezembro 2018, onde se evidencia que as lógicas da vitimização na abordagem jornalística podem ter boa vontade, mas não é o melhor caminho para aportar à pauta de direitos *trans*, *travestis*, *transexuais*. “En el caso del discurso de victimización, el mensaje construido y transmitido por los medios de comunicación sería la acción, y la causa sería la percepción de ese mensaje, estableciéndose un sistema de causalidad lineal de la representación. Siguiendo este análisis y con la experiencia de observar programas mediáticos, se puede decir que el discurso de victimización se construye cuando la representación invisibiliza la capacidad expresiva de los sujetos, ‘los signos tienden a tomar el lugar de las cosas que representan y a formar así una entidad abstracta que vale por sí misma’. (SFEZ, 2000, p. 66, traducción nuestra). Es decir, los sujetos travestis son representados por cuerpos abyectos, fragmentados, culpados, desviados, enfermos,

produtoras de televisão, cinema, rádio, multimeios, artes cênicas; os editores de jornais, revistas, portais informativos e lúdicos consigam dar novos e abrangentes enfoques quando abordam temáticas relacionadas às subjetividades do corpo, da sexualidade, dos desejos, do erotismo e das emoções. Estamos conscientes que são processos que se ressignificam no tempo e precisam de trabalho, perseverança e consciência social.

O depoimento da Cléo problematiza a representação e a representatividade do universo *trans* nos sistemas midiáticos. Ela compreende o *transfake* como uma representação incorreta das abordagens que os meios estão fazendo das problemáticas e dos sujeitos *trans*. Também nos convida a refletir sobre a problemática do emprego das pessoas *trans*, questiona o abuso da espetacularização, o glamour e o carnavalesco por parte da indústria cultural. O sistema não se preocupa em dar soluções concretas para o direito ao trabalho de uma população muito fragilizada, marginalizada e estigmatizada no trabalho sexual. A demanda da Cléo interpela a lógica centralista e pouco comprometida dos sistemas midiáticos com a realidade social do Brasil.

## 5.5 O DESEJO DE CONTAR AS HISTÓRIAS FANTÁSTICAS DAS TRANS

**Cléo.** *“Eu quero contar as histórias de nossa população, que são fantásticas. Esse povo me inspira. São tantas possibilidades de contar, seja a travesti da animação, documentário, ficção, a gente pode, a gente tem propriedade para contar nossa história, escrever ela, reescrever e contar do jeito que quiser. Mas não outros caras que vão ganhar prêmio às nossas custas e fazer o que eles querem da nossa história, sem respeito nenhum à nossa identidade. Nisso aí não me vejo representada. Tanto autores, como diretores, atores e atrizes que não tem a vivência ou que não tem na equipe pessoas trans para passar a vivência toda. Agora, se tiverem na equipe de produção alguém com a vivência trans, aí eu tiro o chapéu. Porque o que estão fazendo é transfake para ganhar prêmio. Direito a mostrar como nós nos olhamos. Não quer dizer que nossa população trans ou travesti não corre o risco de mostrar estereótipos”.*

A Cléo produz seu corpo a cada dia, na sua subjetividade, e produz criativamente a cotidianidade para desenvolver sistemas midiáticos alternativos. A proposta de seu TCC foi fazer uma peça de teatro com as personagens que entrevistou, mas não conseguiu concluir o

---

dolidos; cuerpos ajenos, cuerpos sexuados que no encajan en la categoría de género binario masculino/femenino. Cuerpos dignos de ser compadecidos, perdonados y, al mismo tiempo, castigados.” (MORALES, 2018. Revista Chasqui 139, artigo aprovado para publicar).

processo a tempo. Além disso, constrói quatro personagens baseados em arquétipos de comportamento:

**Maria das Dores.** “Só vivia no papel de vítima, de coitada, depressiva, como ser abjeto que era, vítima de todo preconceito. Eu botei toda essa carga naquela ali”.

**Amélia dos Prazeres.** “Vislumbrada, glamorosa, achava que era a estrela de um programa de TV. Que todos os olhos estavam sobre ela, eu construí todos esses exageros”.

**Alice Maravilha.** “A outra que era do lar, que vivia do marido, que era submissa. Não podia chegar atrasada, o marido estava esperando. Não podia abraçar a ninguém porque não podia ficar com cheiro de homem. O marido dava tudo para ela”.

**Dora das Delicias.** “A mais politizada que era um pouco de todas as anteriores”.

O processo de pesquisa permitiu conhecer as competências que as pessoas podem desenvolver, além da sua construção de gênero, de sua etnia ou classe social. Nos focamos na transversalidade da raça, etnia, gênero e classe social para entender a configuração do *sujeito comunicante*. A necessidade de desdobrar capacidades, habilidades e afetos para sobreviver numa sociedade normativa e regulada mediante sistemas midiáticos que *modelizam* os corpos e os desejos se constitui no médium (SODRÉ, 2002), que procura condicionar o reflexo dos *corpos travestis* em corpos *padronizados* e *fragmentados*, corpos que são *doentes* e *culpados*. As *travestis* procuram a legitimidade de seus corpos tanto no reflexo do espelho como no reflexo do olhar da sociedade, e essas são as lutas pelo respeito e o direito a existir que levantam no cotidiano. Ocupar os palcos, universidades, circular os vídeos nas redes sociais pode ser uma estratégia para *visibilizar* suas vidas a seus jeitos.

**Cléo.** “Em todos os espaços pelos quais uma travesti transita há disputa. Na rua há uma disputa pelo cliente, nas mídias, nas redes sociais, na internet, há uma disputa pelos seguidores, pelos fãs, no mercado de trabalho também. Qualquer lugar há. Talvez pode ser uma estratégia de sobrevivência. Muitas vezes são enganadas [as travestis], não são elas que estão ganhando, muitas vezes os que ganham são os donos dos canais. Elas só vão ficar conhecidas. O YouTube, o Facebook, o Instagram, todas as empresas ganham. Mas às vezes uma pessoa que foi gravada e exposta ao ridículo não ganha nada, coitadinho. Geralmente são usados, não só as travestis ou transexuais. A gente tem uma consciência maior quando vai produzir qualquer material. A gente toma cuidado de autorização de uso de imagem. Outras pessoas nem têm, muitas pessoas nem sabem que são sucessos também”.

## 5.6 O DIREITO A SEREM ESCUTADAS

**Pitty:** *“Saí de casa com 12 anos. Eu morava no bairro Santo Antônio. E tinha uma travesti que se chamava Falcidareta e havia apanhado do pai dela. Então eu fui com ela. Fomos pegando carona, saí de casa e nunca mais voltei, não falo disso com orgulho porque minha mãe sofreu muito. Quando chegamos em São Paulo, nossa maquiagem era feita com carvão, como as índias. Nessa época não existia Conselho Tutelar, estava no ranço da ditadura. Muitas travestis amigas minhas foram jogadas dentro do Rio Guaíba, com pedras, tiveram os cabelos cortados, muitas de nós foram presas, estupradas. Era o auge da gonorreia. Deus me livre uma puta passar a gonorreia para um homem, eram mortas. Aqui no Castelinho era uma boate de prostituição, na rua “Voluntários” [em Porto Alegre]”.*



Assistir o vídeo da Pitty.

Disponível em: <https://www.facebook.com/pitty.serrano.5/videos/465290203928806/>

A capacidade de improvisação, a reflexão, o humor e o desabafo com que a Pitty Barbosa enfrenta a vida são cativantes. Na compreensão da singularização do sujeito, poucas vezes podemos nos encontrar com pessoas que abraçam a vida com paixão e disputam a bandeira *travesti*, dentro e fora do movimento *trans*, com a legitimidade de se reconhecer *travesti*. Com a Pitty foi possível compreender que o humor não é possível explicar, ele se exerce, se desfruta e é político. Com humor, a Pitty interpela uma realidade grotesca para voltar a um momento de desabafo, surrealismo e incompreensão. A vida está aí na piada sofisticada que surge no cotidiano, na possibilidade de rir da existência *travesti* com sensibilidade, segurança de saber-se *travesti* e valorizar a periferia como seu lugar de enunciação e de vida.

A Pitty nos ensinou a abraçar a bandeira *travesti*, mas sobretudo a ser estrategicamente política para compreender a sociedade e cada lugar que é preciso ocupar para ser vista, defender os direitos *travestis*, dos moradores de rua, das pessoas indefesas, das trabalhadoras sexuais. Suas falas, participações e depoimentos têm um objetivo político. Sua caminhada *travesti* e seu trabalho ativista é comprometido e reconhecido agora por ser uma das lideranças mais representativas no Rio Grande do Sul e, quem sabe, até do Brasil.

**Pitty.** *“Tudo é questão de momento. Eu sou uma pessoa muito responsável e tenho muitas responsabilidades particulares. Estou com problemas de saúde na família*

*bem sérios. No momento que estou com a população de travestis, eu deixo lá em casa e vou viver ali com elas, porque todas temos problemas. Essa de que tem problema, tem problema, tem problema... então se a gente ficasse “debruçado” em cima de nossos problemas... Ahhh, vamos viver o que a gente está vivendo agora. Se é para falar sério, vamos falar sério, se é para desabafar vamos desabafar. Mas nessa limonada, vamos botar um gelo e vamos tomar, para ver no que vai dar. É bem por aí.*

*No momento que estamos discutindo políticas, a gente não tem que ficar engessada na personagem, não tem que fazer a personagem, não tem que fazer drama a toda hora. Vamos procurar uns limões, vamos fazer uma limonada e vamos tomar, gata[...].”*



A3\_Pitty3\_sou\_travesti

## 5.7 A MEMÓRIA DO AMOR

**Cléo:** *“Nessa época eu estudava numa escola [...] e me dividia entre as paixões de menina e menino, mas eu me via como menina [...]”.*

O registro da narrativa oral pode ser uma experiência desse relato de desejo, paixão e amor com a trilha sonora inclusa: Adriana Calcanhoto, Grupo Biafra.



A1\_Cléo amor

As ruas de Sapiranga, de Porto Alegre, os cafés, as praças e rodoviárias foram os cenários das caminhadas e dos encontros. Em uma segunda-feira, procurávamos um restaurante ao meio-dia e todos estavam fechados. Enquanto caminhávamos à procura de um lugar para matar a fome, os encontros da Cléo com pessoas que conhecia durante um trajeto de 600, 700 metros foram constantes. Cumprimentou uma mulher que ia de bicicleta, a mulher que transitava na rua e lhe conhecia, a *travesti* que lhe contava que estava felizmente casada. Ocupar a rua, o espaço público em situação de confiança, segurança, de um olhar mais amigável, é um exercício de cidadania, um se sentir sujeito merecedor de respeito e reconhecimento dentro do espaço urbano onde mora e desenvolve suas atividades cotidianas.



A2\_Cléo\_memoria

## 5.8 MOMENTOS DE UM BATE-PAPO MATINAL

Na cidade de Pelotas, fomos participar do I Encontro de Trans, Travestis e Transexuais vivendo e convivendo com HIV no Rio Grande do Sul, para discutir políticas públicas e analisar o exercício de direitos, assim como as estratégias de prevenção ao HIV. Durante esse encontro, que durou quatro dias, foi possível participar de oficinas, compartilhar eventos e fazer rodas de conversa. Na sequência, fragmentos de momentos que consegui registrar no caderno de campo (Escrita para uma travesti, 26 maio 2018), ativando minha memória e minha emoção.

Um dia, às 6 da manhã, o bate-papo começou com a Pitty e a Cléo. Uma conversa sobre memórias, de *travesti* para *travesti*. Na memória, a história do Brasil. Lembravam os *corpos travestis* que moravam nos palcos e se apagavam quando a última luz deixava de iluminar seus corpos. A primeira cantora a ser lembrada foi Elis Regina, sua música e letras de caráter político são bem recebidas. A canção que nasceu com muita efusão, a qual até cantaram juntas, foi “O bêbado e o equilibrista”<sup>142</sup>.

Caetano Veloso entrou na cena do encontro improvisado com a canção da qual não lembro o nome. Mas ele está dentro dos referenciais de músicas comprometidas com a causa. Para continuar, Milton Nascimento com a canção “Maria, Maria”, que segundo a Pitty e a Cléo, foi uma canção composta para uma bela *travesti* que se jogou de um viaduto em uma cidade brasileira (não lembro o nome). Foi magistralmente interpretada por Elis Regina<sup>143</sup>, que cantou no celular enquanto Pitty desfilava e cantava pelo quarto.

**Maria, Maria**  
**Autor: Milton Nascimento**<sup>144</sup>

Maria, Maria  
É um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece viver e amar  
Como outra qualquer do planeta

<sup>142</sup>Canção interpretada por Elis Regina, “o bêbado e o equilibrista”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6kVBqefGcf4>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

<sup>143</sup>Uma versão em vivo, que nos emocionou mesmo, o canto não se deixou esperar. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IPdyxda37ko>>. Acesso em: 29 nov. 2008.

<sup>144</sup>Maria, Maria interpretada pelo Milton Nascimento. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ji0BILoWwN8>>. Acesso em: 29 nov. 2018.



Maria, Maria  
 É o som, é a cor, é o suor  
 É a dose mais forte e lenta  
 De uma gente que ri quando deve chorar  
 E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força  
 É preciso ter raça  
 É preciso ter gana sempre  
 Quem traz no corpo a marca  
 Maria, Maria  
 Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha  
 É preciso ter graça  
 É preciso ter sonho sempre  
 Quem traz na pele essa marca  
 Possui a estranha mania  
 De ter fé na vida

Mas é preciso ter força  
 É preciso ter raça  
 É preciso ter gana sempre  
 Quem traz no corpo a marca  
 Maria, Maria  
 Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha  
 É preciso ter graça  
 É preciso ter sonho sempre  
 Quem traz na pele essa marca  
 Possui a estranha mania  
 De ter fé na vida

Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!  
 Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!!

“*Como é interessante a memória*” diz Cléo, “*eu aprendi a tirar as sobrancelhas olhando as mulheres*”. Na sequência, diz: “*não tínhamos referências, no interior do Brasil não tínhamos televisão até os 13 anos*” (década de 80). No entanto, Pitty lembra da ditadura de 67, da presidência de Castelo Branco. E lembra da visibilidade *travesti* com a famosa Rogéria, a beleza e o glamour dela que inspiravam. A seguinte canção foi “Pérola negra”, do autor Luiz Melodia. Cléo diz que essa canção conta a história de uma paixão por uma *travesti* negra.

**Pérola negra**  
**Autor: Luiz Melodia**<sup>145</sup>

Tente passar pelo que estou passando  
 Tente apagar este teu novo engano  
 Tente me amar pois estou te amando  
 Baby, te amo, nem sei se te amo  
 Tente usar a roupa que estou usando  
 Tente esquecer em que ano estamos  
 Arranje algum sangue, escreva num pano  
 Pérola negra, te amo, te amo  
 Baby, te amo, bem sei se te amo  
 Rasgue a camisa, enxugue meu pranto  
 Como prova de amor mostre teu novo canto  
 Escreva num quadro em palavras gigantes  
 Pérola Negra, te amo, nem sei se te amo  
 Tente entender tudo mais sobre o sexo ehh  
 Peça meu livro querendo eu te empresto uhh  
 Se inteire...

Achamos um bom momento para fechar nosso tecido cartográfico, um pouco caótico. Ainda fica muito por repensar, mostrar e, mais ainda, refletir e teorizar. Os textos, áudios, vídeos e fotografias aqui cartografados fazem parte da nossa experiência, do nosso trabalho feito nas ruas de Porto Alegre, Guaíba, Sapiranga, Pelotas, Caxias do Sul, onde há mais para compartilhar em um projeto de pesquisa, para entender melhor o *corpo travesti* no campo da comunicação. Foi possível sugerir algumas compreensões do *sujeito comunicante travesti*, assim como o reconhecer a inserção em um modelo de sociedade midiaticizada, participando às vezes da marginalidade, outras vezes ressignificando a periferia como lugar de enunciação e, em outras conjunturas, sendo protagonistas do sistema midiático.

No início do tecido cartográfico formulamos nossas motivações. Ao final, fica o reconhecimento à generosidade e ao compromisso das pessoas *travestis*, especialmente a Pitty Barbosa e a Cléo Soares, que fizeram parte da experiência dos processos para brindar-nos com seus conhecimentos, saberes, amores, lutas, sentimentos, desejos e paixões. Nosso objetivo mais íntimo é evidenciar as semioses das pessoas *travestis*, que se enunciam nas contradições

---

<sup>145</sup>Vídeo oficial da canção “Pérola negra” interpretada por Natiruts. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JZqFoTIAJ8>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

e complexidades de seus corpos e subjetividades sofisticadas, o que dificulta a inteligibilidade no imaginário social.

Para construir os tecidos cartográficos, viajamos por cidades do Rio Grande do Sul à procura do ser *TRAVESTI*. E, aqui, apresentamos apenas “fragmentos” de discursos construídos na periferia do discurso, dos sistemas midiáticos como dispositivos de controle, da economia de mercado, do consumo impiedoso, na rua e nas casas, das famílias e das amizades. Corpos que imprimem um gesto político quando caminham no presente, olhando para o futuro.

## 6 REFLEXÕES FINAIS

A pesquisa é um conjunto de desafios epistemológicos, teóricos, metodológicos e empíricos, por isso pensamos nela como um processo de aprendizagem em que planificamos trilhas e provocações investigativas. Às vezes, dão certo e, outras, errado, como as crises teóricas e metodológicas que atravessamos ou a que chamamos “estancamento do empírico”. Mesmo com esse antecedente, inspirados em mestres como George Bateson (1979, 2006), Gaston Bachelard (2001, 1984), Charles Mills (1975), Efendy Maldonado (2011, 2012, 2015) foi possível aderir a outros modos de pensar, que desestabilizaram, questionaram e interpelaram os pensamentos estanques sobre a construção universal do sujeito comunicante, a confusão entre gênero e corpo sexuado, o exercício da cidadania comunicativa e o atravessamento da sexualidade – temática que decidimos não abordar, pois sua problematização abriria outro viés na construção do sujeito comunicante.

Para abordar a sexualidade do sujeito, deveríamos ter procurado outros caminhos, como a psicologia, a psicanálise e a filosofia de autores como Freud, Lacan, Bergson, Deleuze, ou dialogar com Foucault ou Bataille para ingressar no mundo da sexualidade do sujeito. No entanto, acreditamos que esse não seria o momento para abordar essa discussão, que coloca autoras como Berenice Bento para abordar a transexualidade, e até mesmo Judith Butler para interpelar o corpo sexuado a partir da sexualidade, ou Donna Haraway e B. Paul Preciado, para citar algumas.

O espaço privado da sexualidade em relação ao desejo e ao prazer é um sistema que pode nos colocar em dívida, mas que foi uma decisão refletida para focar-nos na construção do discurso do *sujeito travesti* no sistema corpo/discurso/gênero. Outra das razões de não abordar a sexualidade do *sujeito travesti* se relaciona ao íntimo que existe entre seu corpo sexuado e a *sexualização* do sujeito no imaginário social. Queríamos evidenciar que o *sujeito travesti* é multidimensional, sendo sua sexualidade muito interessante e tendo outras dimensões em que constroem seu sentido de realidade com muita profundidade. Essa é uma das elucidações que acreditamos estar pendente e que merece ser refletida nesse espaço.

Inspiradas no trabalho de Gregory Bateson sobre a aprendizagem, a pesquisa foi pensada e desenvolvida entendendo que estamos em processo de aprendizado constante. Desestabilizamos o campo da Comunicação, um espaço fértil para problematizar a

multidimensionalidade dos sujeitos. O interesse por compreender o *sujeito comunicante* no ambiente social nos leva a compreender a aprendizagem como um assunto interacional, cuja unidade mínima contém três componentes: “estímulo”, “resposta” e “reforço” (BATESON, 1997) para ingressar no mundo da aprendizagem contextual. A reflexão do autor ajuda a compreender e reforçar a teoria da “nova comunicação”, pois estabelece nexos relacionais com os outros sujeitos e com o contexto, ao reconhecer que existe um outro no processo comunicacional. Portanto, o sujeito está obrigado a se comunicar em diversos âmbitos, dimensões e espacialidades. “Lo que digo es que existe un aprendizaje del contexto, aprendizaje diferente del que ven los experimentadores, y que nace de una especie de descripción doble que va de la mano con la relación y la interacción”. (BATESON, 1997, p. 149).

A aprendizagem se relaciona à pesquisa porque todas as estruturas internas de desenvolvimento são processos de relacionamentos, interações, que operam nos estímulos, respostas e reforços de um ambiente circular da comunicação, sendo que os estímulos que recebíamos das *travestis* denotavam uma resposta metodológica, epistêmica, teórica ou um movimento solidário para dar retorno a esse estímulo, o que permitiu reforçar a relação de interação entre os sujeitos da pesquisa.

A *transmetodologia*, por sua vez, proporcionou um olhar criativo e livre para experimentar com responsabilidade as trilhas metodológicas. Ou seja, podemos apreciar a construção de uma metodologia própria, que se utiliza das teorias, das experiências de outras pesquisas e das propostas metodológicas do GP PROCESSOCOM para avançar sobre processos já experimentados. Assim, podemos dizer que o trabalho com sujeitos da pesquisa requer sensibilidade, sutileza, solidariedade e compromisso, com os processos tanto da pesquisa como da realidade que estamos pesquisando. O ato de pesquisar nas periferias e entender cada vez mais as experiências comunicáveis que constroem sentidos de realidade próprios como estratégias de sobrevivência, foi chave no momento de fazer e percorrer a metodologia.

Nessa pesquisa não queremos apenas descrever uma realidade encontrada, “descoberta”, prodigiosamente detalhada. Nos propusemos a aprender a pesquisar, fazer percorridos metodológicos singulares, refletir, compreender a realidade desde nossas limitações e inquietações, aprender a perguntar, questionar a realidade, e esse foi o melhor achado. Entender que, quando nos juntamos a sujeitos comunicantes que desafiam as normas sociais, com a intenção de sobreviver ao controle, o que devemos desenvolver é a capacidade de olhar o prisma

por diferentes ângulos, lados, esferas, observando atentamente a sensibilidade criativa, para encontrar um crisol de possibilidades que se abrem de modos inesperados ante nossos sentidos, e então começamos a perceber.

Quando nos aproximamos às pessoas *travestis*, encontramos sujeitos complexos de compreender e compartilhar. Por estarem em posição de defesa, fazem com que seus corpos se silenciem e se encontrem em situação de alerta cotidiana. “Sair pela manhã e não saber se vai voltar à noite” é ainda o sentimento das *travestis*. Se sentirem como “indivíduos”, objetos a serem pesquisados, que são raros, doentes, “especiais”, incompreendidos, é parte do imaginário *travesti*. Enquanto nós, pesquisadores, ficamos ávidos por acessar o mundo fantástico das *travestis* e enriquecer nossas experiências a partir de outros corpos, as *travestis*, estão ávidas por *respeito* e nos fazem entender que seus corpos não vão modificar uma sociedade instalada na violência patriarcal e na exclusão binária do gênero. Walter Benjamin faz uma crítica ao empobrecimento da experiência, e identifica como monstruoso o desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao ser humano.

A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza para onde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sornateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. [...]. (BENJAMIN, 1994, p. 115).

Benjamin permite dialogar sobre a experiência, justamente porque faz uma crítica e alerta sobre o empobrecimento da experiência a partir de vivências extremas do ser humano, como a guerra citada no artigo “Experiência e pobreza”, escrito em 1933, com o propósito de falar sobre as paisagens de fragilidade, fome, inflação, ressecação, tristeza e miséria que a guerra foi deixando por onde passava. São os débeis corpos humanos que guardam as marcas da miséria. Na atualidade, os *corpos das travestis* são tidos como exemplo de vulnerabilidade e estão sendo objetos de silenciamento, sendo que a falta de segurança social das cidades da América Latina faz que os corpos se encontrem em constante estado de *choque*, reativos ante as violências nas ruas, às normatividades que violentam direitos mínimos como o nome e a imposição do gênero que apaga a possibilidade do auto reconhecimento. A representação dos corpos *travestis* fragmentados nas telas e nos jornais, negam a possibilidade de corpos sofisticados, que transitam na própria biologia. Assim, a experiência da sociedade vai se

empobrecendo e reduzindo a percepção do sujeito aos limites de caixas padronizadas e etiquetadas, que operam na “normalidade” do cotidiano.

A construção dos tecidos cartográficos se constituiu como o maior desafio, não só por compreender os modos em que vão se costurando, mas pela parceria entre histórias de vida comunicacionais e cartografias. O desafio foi operar dentro do campo da comunicação e, por isso, ingressamos na lógica da experimentação dos tecidos cartográficos que nos permitiriam interagir com as histórias comunicacionais, as transições dos corpos e os desejos dos *sujeitos travestis*. As descobertas da pesquisa foram se acumulando em áudios, fotografias, anotações, caderno de campo e na memória para construir um tecido *purê* textual. É assim que produzimos uma narrativa *transmidiática* com fotografias, vídeos, sons, depoimentos orais, para lembrar que na sociedade midiaticizada habitam sujeitos *travestis* complexos, contraditórios e periféricos, que têm a capacidade de falar de seu corpo, sonhos, desejos, emoções, assim como visibilizar as tonalidades de suas vozes e os corpos que se mostram, para que possam se organizar a fim de disputar espaços de direitos, cidadania e respeito.

Enquanto sistematizamos os tecidos cartográficos, ao invés de encontrarmos certezas para a configuração do *sujeito comunicante travesti*, encontramos mais perguntas, que poderiam aprofundar a complexidade e confrontação das *travestis* com a sociedade. Assim nos perguntamos: Será que é necessário naturalizar o *corpo travesti* no imaginário social? A performática de *gênero travesti* interpela o imperativo *heteronormativo*, ou só legitima quando elas se reconhecem heterossexuais? Qual é a pauta que os sistemas midiáticos têm na relação com as *travestis*? Existe vontade política para fraturar a norma *heteronormativa* e abraçar a pauta *travesti*? A sociedade tem a capacidade de digerir outras experiências sobre corpos que se modificam fora da normatividade *binária*? Essas perguntas foram feitas a partir do interesse permanente que Pitty Barbosa tinha. Cada vez que pensávamos em eventos públicos, ela perguntava: “Eu quero saber o que as pessoas pensam de nós”. Portanto, podemos perceber que as *travestis* que tomam consciência da sua força política questionam à sociedade. Desse jeito, a pesquisa se tornava uma possibilidade “infinita” de aberturas e caminhos que se abriam de forma *rizomática* para aportar à compreensão dos *sujeitos comunicantes travestis* que vão além do trabalho sexual, das mortes por violências nas ruas e nos espaços privados, além da marginalidade e da vitimização. Porém, são temáticas que atravessam as pesquisas, porque são problemáticas inerentes à realidade do grupo *travesti*.

O reconhecimento do *outro travesti* que ressignifica a periferia como lugar de enunciação e de resistência é um dos achados importantes nessa pesquisa. Isso permitiu compreender o outro periférico, deixando aberta a possibilidade de continuar discutindo. Como temos enunciado em capítulos anteriores, a configuração do *sujeito comunicante travesti* se converteu em um grande leque de reflexões, sobretudo para refletir a modernidade. Segundo Dussel (1994), a *Modernidade* inicia em 1492 com o processo colonizador e de concentração de poder e riqueza através da imposição de normas, em territórios ocupados por meio da violência. Nos encontramos, então, com o sujeito histórico que se auto define *travesti* e que atua na periferia das dinâmicas do projeto modernizador. Para o filósofo, a palavra “modernidade” tem diferentes sentidos que vão sendo adquiridos de jeito sincrônico através da história, mas nos interessa evidenciar a dificuldade que tem a *modernidade* para perceber o diferente, “o outro” dentro das suas lógicas emancipatórias e homogeneizadoras. “La Modernidad se definió como "emancipación" con respecto al "nosotros", pero no advirtió su carácter mítico-sacrificial con respecto a "los otros"”. (DUSSEL, 1994, p. 178-179).

É nessa fraqueza que opera a transfobia, a discriminação do outro diferente que não pertence ao sentido do “nós”. Por isso, quando falamos de sujeitos históricos, a discussão não se esgota, mas se abre à compreensão dos processos históricos da sociedade. É imergindo nos contextos, entornos e contornos que mergulhamos na complexidade e contradições do sujeito e do sujeito comunicante. Desde a nossa perspectiva, não é possível compreender a um sujeito isolado. Ele está dentro de um sistema social em constantes disputas de poder e de legitimação dessas estruturas, por uma necessidade de sobrevivência. Podemos observar que o *sujeito comunicante travesti* que se reconhece como periférico não faz outra coisa senão legitimar o projeto modernizador excludente. Por isso, desde o início, falamos de um universo complexo e contraditório. A contradição que pode ser inerente às periferias que não fogem ao controle do poder hegemônico, porque são resultado das suas lógicas de imposição, discriminação e segregação. Colocamos então a discussão sobre a “modernidade” como um elemento que deve ser aprofundado para uma maior compreensão da configuração do *sujeito comunicante travesti* que se reconhece periférico.

Na pesquisa teórica, desenhamos encontros epistêmicos com a provocação de Gaston Bachelard (1971, p. 70) de que “o espírito científico tem de se formar deformando-se”. Entramos na dimensão comunicacional desde a perspectiva da “nova comunicação” como



guarda-chuva epistêmico e teórico para ingressar na reflexão da semiose social, à procura do *sujeito comunicante*, da configuração do *outro periférico*, da constituição do corpo-discurso-gênero como sistema. Nos encontramos com a percepção do desejo, da lembrança e da memória; com a compreensão da subjetividade, a singularização do *sujeito travesti*, e a articulação com o exercício da cidadania comunicativa. O questionamento a um sistema social *hétero binário*, normativo baseado nas violências da lógica patriarcal. Foram caminhos teórico-epistêmicos que dialogaram com os movimentos empíricos para estabelecer os pontos de análises e tensão que demandavam a dinâmica *transmetodológica* da pesquisa.

É possível evidenciar que as lógicas da *heteronormatividade* e do sistema patriarcal estão presentes nos discursos dos *sujeitos travestis*, assim como nos discursos produzidos pelos sistemas midiáticos. O estudo das relações de poder na perspectiva de Michael Foucault acompanhou a compreensão dos mecanismos de disciplinamento e normatização que regulam as inter-relações entre os atores sociais e as instituições do Estado-nacional. As relações de poder atravessam nossa experiência e estão presentes na tradução do real e, quando nos deslocamos à construção da realidade, geramos processos discursivos que permitem adentrarmos nas estruturas de subjetivação dos sujeitos. Assim, nessa pesquisa, nos infiltramos entre as fendas que deixam as lógicas da normalização para pesquisar junto com *sujeitos travestis* a construção da semiose social em constante disputa com as políticas excludentes do poder hegemônico, *hétero binário*.

Chegamos, então, a pensar os modos de subjetivação em um sistema *capitalístico* de opressão e imposição (GUATTARI, 1996) e nos adentramos no universo das *travestis* para refletir sobre o desejo de chegar a serem sujeitos, cidadãos, sem colocar em dúvida que são seres humanos. Nesse sentido, foi importante ingressar na sofisticação dos corpos modificados, perceber quais são suas necessidades e emoções para fluir na vida. Talvez, quando estamos acostumados a sentir-nos “normais”, dentro de uma normalidade homogênea, é instigante perceber que os processos de subjetivação se enriquecem nos encontros com sujeitos que se articulam em relações de disputas e inconformidade. É na necessidade de alcançar o nível ontológico do ser: “o que eu sou” ou “o que eu quero ser”, o que lhes leva a modificar seus corpos, a se vestir de jeitos não compatíveis com a norma feminina-masculina.

Compreendemos que a configuração do *sujeito travesti* é um processo que se constrói no devir entre a clandestinidade e o desejo. Em uma interpelação permanente ao corpo e ao ser,

o fluxo discursivo passa pela compreensão da existência de corpos femininos com pênis. Essa narrativa do corpo, aparentemente simples, abrange toda uma problemática que atinge preceitos morais, religiosos, científicos, biológicos. Nos perguntamos se os discursos de vitimização que atingem os corpos das *travestis* são estratégias do sistema social hegemônico para negar o sujeito “normal”, a possibilidade de pensar seu corpo e apagar a percepção de sua humanidade.

A pesquisa com *sujeitos travestis* nos desafia a pesquisar os processos sociais e os fluxos discursivos da *sociedade midiaticizada*. Nos interpela o sentido de realidade dentro das lógicas da normatização. Foi possível perceber e analisar as articulações dos sujeitos com os sistemas midiáticos. Para analisar os sistemas midiáticos, adentramos na configuração dos sujeitos, uma vez que compreendemos os elementos básicos do *sujeito travesti*, como a percepção do corpo, a performática do gênero, seus desejos, as lutas pela vida e pela sobrevivência, a relação com os entornos de família, vizinhança, trabalho, estudos, eventos públicos e circulação na rua. Em um segundo momento, começamos a observar os *sistemas midiáticos* e esse procedimento trocou a perspectiva de análises da produção midiática. O lugar de análise da pesquisadora também mudou, compreendendo que o *corpo travesti* não é um corpo doente, e que os meios de comunicação continuam espalhando esse discurso. A observação dos discursos de vitimização desde a perspectiva do *sujeito travesti* foi provocativa. Mergulhamos no fluxo da midiaticização para entender que as relações de interação entre as gramáticas de produção e as gramáticas do reconhecimento (VERÓN, 1993) são relações muito complexas e controversas, e que requerem a vontade dos sujeitos para interagir com as produções midiáticas, os imaginários sociais e os referentes imediatos que cada sujeito desenvolve ao longo de sua experiência discursiva.

Os *meios de comunicação* se constituem em mediadores dos sistemas de valor que a sociedade ostenta para manter a ordem estabelecida e simular um adequado funcionamento do sistema. Procuramos entrar na relação complexa entre a produção e o reconhecimento, para encontrar nos fluxos comunicacionais a autonomia dos sujeitos frente às produções discursivas dos meios. Além disso, em uma espécie de romantismo essencialista, quisemos outorgar mais autonomia do que as *travestis* têm. O *sujeito travesti* se configura como *sujeito comunicante*, mas dentro dessa configuração é preciso reconhecer que suas transições e modificações de corpos e subjetividades estão modelizadas pelos sistemas midiáticos, pela indústria cultural do espetáculo. Como disse Bruna Benevides: “se para ser mulher é preciso ter uns peitos, eu quero

esses peitos”. A tradução da feminilidade nos corpos das *travestis* está modelizada pelos referentes estéticos que marcam a moda e que se veiculam, entre outros meios, pelos sistemas midiáticos.

O *corpo travesti* tem um lugar central de problematização no sistema corpo/discurso/gênero, porque pensamos o corpo não como limite da vida, mas como a possibilidade que tem o ser humano de ressignificar sua existência. Com essa premissa, o corpo poderia se constituir em um dispositivo “supra” discursivo, suscetível de produzir um câmbio nas estruturas sociais, a respeito das relações padronizadas entre o corpo sexuado e a identidade de gênero, por exemplo. O sistema corpo/discurso/gênero permitiu entender que o sistema não é uma estrutura fechada e linear, e que podemos observar como as três categorias se afetam uma a outra de modos irregulares e descontínuos, o que leva a uma dinâmica dialética e heterogênea de presença na configuração do *sujeito travesti*. A construção discursiva se constitui como mediador do sentido da realidade do sujeito no ambiente social. Além disso, o corpo e o gênero também estão mediados pelo efeito *modelizador* do discurso.

Nessa pesquisa, o gênero foi interpelado o tempo todo. A compreensão da *performatividade* do gênero (BUTLER, 1990, 2007) nos convocou a pensar que é uma categoria problemática e problematizadora. Além de ser uma categoria de análise, como propõe Joan Scott, é também uma categoria de organização da sociedade. Portanto, é na ritualização das marcas beneficiadas do feminino/masculino que encontramos a justificativa da discriminação e vulnerabilidade dos direitos das *travestis*, já que não se encaixam em nenhuma das caixas estabelecidas. É na disputa por conservar o *status quo* do gênero binário que encontramos corpos doentes e marginais.

O poder patriarcal também opera no gênero, é evidente nas formas de violências que atingem às mulheres, reconhecidas no imaginário social da performance discursiva como o “gênero fraco”, as mesmas lógicas pelas quais as *travestis* são excluídas por não terem uma etiqueta dentro da lógica binária, do corpo sexuado. Acreditamos que a desinformação dos modos em que opera o gênero na nossa sociedade é uma estratégia do sistema patriarcal, para manter o sistema de dominação. Assim, os sujeitos não interpelam com maior autonomia e decisão as políticas de discriminação, exclusão e manipulação que afetam seus corpos e subjetividades. Esses silêncios legitimam o modelo patriarcal e fortalecem as políticas violentas

que acabam com corpos, sonhos, lutas e pensamentos que operam nas diferenças excludentes de classe social, gênero, raça, etnia, religião e territórios.

Não queremos encerrar a pesquisa com registros negativos ou sem esperança, porque não é assim que a realidade das *travestis* se apresenta. As lutas das *travestis* nos demonstram que, mesmo sendo mortas a cada dia, vulneráveis em seus direitos, ou em situação de marginalidade, se orgulham de serem chamadas de *travestis* e *periféricas*. Sua luta é cotidiana e a disputa está na existência do dia a dia, no silicone em seus corpos, na maquiagem em seus rostos, na compra de vestidos e saias.

Cada ato *travesti* é um ato simbólico. Cada conquista, cada olhar, cada deputada estadual eleita é um sucesso que vira simbólico e político. Mesmo em meio à inveja, fofoca e egoísmos, as *travestis* buscam ser representadas por outras *travestis*, e esse exercício de *representatividade* lhes devolve a possibilidade de se converterem em sujeitos e cidadãs. Elas abraçam a vida para serem *travestis* na rua, nos ônibus, nas escolas, nas universidades, nos centros de saúde, para serem cidadãs. Uma cidadania que nessa pesquisa também se questiona, uma *cidadania precária*, uma *cidadania pela metade*, uma *cidadania em disputa*. Queremos deixar no debate a cidadania como uma categoria em discussão, em construção e em disputa de sentidos. Sair do lugar legal da cidadania para ingressar no espaço da construção e exercício no cotidiano. Pensar a *cidadania comunicativa* como lugar de disputa política, simbólica e discursiva que permita ao sujeito reestabelecer a capacidade ontológica do ser humano.

Nos deixamos tocar pela sofisticação do *sujeito comunicante travesti* e provocar-nos a reflexão de outros modos, sair da rotina do pensamento certo para ascender a outras experiências que nos desafiam a ir além dos objetivos e resultados, garantindo a abrangência do processo. É importante compreender nossas limitações, saber que cada conceito, categoria e dimensão foi negociada com a experiência do sujeito da pesquisa. Nos fortalecemos na pesquisa exploratória e compartilhamos ações de afeto, solidariedade e criatividade, que nos deram modos de pensar desestabilizadores. Tomara que os “lugares comuns” que, com certeza, devem estar ao longo do texto, sirvam para provocar novos pensamentos e outras epistemes que intervenham com mais protagonismo nos *discursos travestis*.

Agora que finalizo, penso que a experiência como pesquisadora, ao experimentar e habitar com *pessoas travestis*, supera o relato da dissertação. As sensações, emoções, relatos, caminhadas, piadas, aflições, derrotas e momentos efusivos estão na percepção sensorial do

olfato, da pele, das vozes, na imagem de uma fotografia que recupera um momento de intensidade. Por isso, deixo um convite para abrir as portas da vida para conversar, debater, intercambiar, rir e fragilizar as estruturas uniformes e homogêneas da sociedade, compartilhando com seres humanos complexos, contraditórios e diversos.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O uso dos corpos**. São Paulo: Boitempo Editorial. 2017.

ALLES, Natália Ledur. **Dos estigmas a uma autonomia possível**: Enquadramentos comunicacionais e narrativas pessoais sobre experiências de ser prostituta. 2015. 307 f. Tese (Doutorado em Comunicação) Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <[http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/5029/Nat%C3%A1lia%20Ledur%20Alles\\_.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/5029/Nat%C3%A1lia%20Ledur%20Alles_.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 4 jan. 2019.

ALVES, Luiz Roberto. Comunicação, cultura e bem-público: convergências metodológicas sob desafios. In: MALDONADO, A. E. **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**: Processos receptivos, cidadania e dimensão digital. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014.

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

\_\_\_\_\_. **A epistemologia**. Rio de Janeiro: Edições 90, 1971. Coleção O saber da filosofia.

\_\_\_\_\_. **A filosofia do Não**. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

BALZER, Carstem. Eu acho transexual é aquele que disse: “Eu sou transexual!”. Reflexiones etnológicas sobre la medicalización globalizada de las identidades trans a través del ejemplo de Brasil. In: MISSÉ, Miquel; COLL-PLANAS, Gerard. **El Género Desordenado. Críticas en torno a la patologización de la transexualidad**. Barcelona: Editorial Egales, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martin s Fontes. 1997.

BARBOSA, Bruno César. **Imaginando trans**: saberes e ativismos em torno das regulações das transformações corporais do sexo. 2015. 187 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de São Paulo - USP, 2015. Disponível em: <[file:///C:/Users/usuario/Google%20Drive/FORMATA%C3%87%C3%83O%20DE%20TRABALHOS/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Yvets/2015\\_BrunoCesarBarbosa\\_VCorr.pdf](file:///C:/Users/usuario/Google%20Drive/FORMATA%C3%87%C3%83O%20DE%20TRABALHOS/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Yvets/2015_BrunoCesarBarbosa_VCorr.pdf)>. Acesso em: 4 jan. 2019.

BARTHES, Roland. **A retórica da imagem**. Original : “Rhétorique de l’image”, Communications, n. 4, 1964. Traducción publicada en: Lo obvio y lo obtuso, Barcelona, Paidós, 1995, p. 29-47. Disponível em: <<https://theoryofimage.files.wordpress.com/2010/01/retorica-de-la-imagen-r-barthes-19641.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

BATESON, Gregory. **Espírito y naturaleza**. Buenos Aires: Amorrortu, 1979.

\_\_\_\_\_. **Naven:** um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo da Nova Guiné. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita:** o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo.** Sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

\_\_\_\_\_. **Corpos e Próteses:** dos Limites Discursivos do Dimorfismo. In: Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem. s/d. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/B/Berenice\\_Bento\\_16.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/B/Berenice_Bento_16.pdf)>. Acesso em: 4 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000200016&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000200016&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 2 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. **Contemporânea**, São Carlos, v. 4, n. 1 p. 165-182, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/197/101>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Transviad@s:** gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

BONIN, Jiani. A dimensão metodológica na orientação de pesquisas em comunicação. In: MALDONADO et al (Org.). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação.** Rio do Sul: UNIDAVI, 2012. p. 43-57.

\_\_\_\_\_. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos.** Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42

\_\_\_\_\_. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. Em: J. A. Bonin, e N. Martin do Rosário. (org). **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação.** (pp. 13-37). Florianópolis, Brasil: Insular. 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das letras, 1994.

\_\_\_\_\_. Entre a opinião e o estereótipo. In: **O tempo vivo da memória.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência.** São Paulo: UNESPI, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.

Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 3 jan. 2019.

BRUM, Eliane, BARBOSA, L. (Directoras). **Laerte-se** [documentário]. Brasil: Netflix. 2017.

BUCK-MORSS, Susan. Estética e anestética: uma reconsideração de A obra de arte de Walter Benjamin. In: BENJAMIN, W. et al. **Benjamin e a Obra de Arte. Técnica, imagem, percepção**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. p. 115-204.

BUTLER, Judith. Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. In: SUE-ELLEN Case (Ed.) **Performing Feminist Critical Theory and Theatre**. Johns Hopkins University Press, 1990. p. 270-282.

\_\_\_\_\_. **Cuerpos que importan**. Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Barcelona-Buenos Aires: Paidós, 2002

\_\_\_\_\_. **Deshacer el género**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2006a.

\_\_\_\_\_. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la realidad**. Barcelona: Paidós, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vida precaria: el poder del duelo y la violencia**. Buenos Aires: Paidós, 2006b.

CARVALHO, Mario; CARRARA, Sérgio. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. **Revista Latinoamericana. Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 14, Dossier n. 2, p. 319-351, ago. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872013000200015&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872013000200015&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 2 jan. 2019.

CASADO, Cristina Mateus. Binarismo. In: PLATERO, Lucas; ROSÓN, María; ORTEGA, Esther (Eds.). **Barbarismo queer y otras esdrújulas**. Barcelona: Edicions BellaterraS.L. 2017. p. 46-55.

CENTENO, Maria. O Conceito de comunicação na obra de Bateson. Interacção e regulação. Corvilha: Livros LabCom, 2009.

CORTINA, Adela. **Ciudadanos del mundo: para una teoría de la ciudadanía**. Madrid: Alianza Internacional, 1997.

DAVI, Edmar Henrique. **Belíssima: um estudo merleau-pontyano da corporeidade travesti**. 2013. 184 f. Tese (Doutorado em Psicologia) -- Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/usuario/Google%20Drive/FORMATA%C3%87%C3%83O%20DE%20TRABALHOS/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Yvets/tese.pdf>>. Acesso em 4 jan. 2019.



DEBORD, Guy. **La sociedade del espectáculo**. Madrid: Revista observaciones filosóficas, 1967.

DUSSEL, Enrique. **1492. El Encubrimiento del otro**. Bolivia: Plural editores - Centro de Información para el Desarrollo – CID, 1994.

\_\_\_\_\_. **Un proyecto ético y político para América Latina**. Barcelona: Anthropos Editorial, 1998.

FAUSTO NETO, Antônio. **A circulação além das bordas**. Mediatización, Sociedad y Sentido: Diálogos Brasil y Argentina. Rosário: UNR, 2010, p. 2-17.

FAUSTO NETO, Antônio; SGORLA, Fabiane. Zona em construção: acesso e mobilidade da recepção na ambiência jornalística. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS, 13., 2013, Salvador, **Anais eletrônicos...** Salvador: Compós, 2013.

FANTÁSTICO – SHOW DA VIDA. **Quem Sou Eu?: conheça crianças transgênero na estreia da nova série**. Fantástico, Rio de Janeiro, [S.d.]. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5719129/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

FLORENTINO, Cristina de Oliveira. **Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher: etnografia sobre travestis em Porto Alegre**. 1998. 173 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) -- Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 1998. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/77565/142913.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 4 jan. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Historia de la sexualidad**. 1. La voluntad de saber. Madrid: siglo veintiuno de españa editores, 1998.

\_\_\_\_\_. **Historia de la sexualidad**. I- La voluntad de saber, Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 2003.

\_\_\_\_\_. **Metafísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

\_\_\_\_\_. **Topologias**. Tradução de Rodrigo García. Fractal, Rio de Janeiro, ano 12, v. 12, n. 48, p. 39-40, jan./mar.2008.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogía del oprimido**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1994.

GOMES, Wilson. Da discussão a visibilidade. In: GOMES, Wilson, MAIA, Rousiley (Orgs). **Comunicação e democracia**. Problemas & Perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008. p. 117-162.

GUATTARI, Felix. Para acabar con la masacre del cuerpo. **Revista Francesa Recherches**, n. 12, 1973. Publicado pela revista Fractal. Disponível em: <<http://www.mxfractal.org/RevistaFractal69FelixGuattari.htm>>. Acesso: 24 fev. 2018. (Espanhol na versão digital).

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Cartografias do Desejo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1986.

GRUNVALD, Víctor Pinheiro. **Existências, insistências e travessias**: sobre algumas políticas e poéticas de travestismo. 2016. 387 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) -- Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2016. Disponível em: <[file:///C:/Users/usuario/Google%20Drive/FORMATA%C3%87%C3%83O%20DE%20TRABALHOS/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Yvets/2016\\_VitorPinheiroGrunvald\\_VCorr.pdf](file:///C:/Users/usuario/Google%20Drive/FORMATA%C3%87%C3%83O%20DE%20TRABALHOS/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Yvets/2016_VitorPinheiroGrunvald_VCorr.pdf)>. Acesso em: 4 jan. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

\_\_\_\_\_. Introducción: ¿quién necesita «identidad»? In: HALL, Stuart; GAY, Paul du Gay (compiladores). **Cuestiones de identidad cultural**. Buenos Aires: Amorrortu editores S. A., 2003. p. 13-37.

HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres**. La reinvencción de la naturaleza. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. **Erotismo na cultura dos anos 1980**: censura e televisão na revista Veja. 2008, 303 f. Tese (Doutorado em História) -- Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2008.

KLINKENBERG, Jean-Marie. **Manual de Semiótica General**. Bogotá: Fundación Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano, 2006.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro, Editora FioCruz, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal, lógica dialéctica**. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2013.

LOURO, Guacira. A necessidade da subversão: a teoria A necessidade da subversão: a teoria A necessidade da subversão: a teoria queer na educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 305-323, jan./abr.2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/381/38114118.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUHMANN, Niklas. **A Realidade dos meios de comunicação.** São Paulo: Paulus, 2005

MALDONADO, Efendy. América Latina, ciudadanía comunicativa y subjetividades en transformación. **Chasqui**, Quito, n. 120, p. 68-72, 2012a. Disponível em: <http://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/viewFile/526/525>. Acesso em: 2 out. 2016.

\_\_\_\_\_. A transmetodologia no contexto latino-americano. In: MALDONADO, Efendy et al (Org.). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação.** Rio do Sul: UNIDAVI, 2012b. p. 21-41.

\_\_\_\_\_. **Epistemología de la Comunicación:** Análisis de la vertiente Mattelart en América Latina. Quito: CIESPAL, 2015.

\_\_\_\_\_. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: MALDONADO, Efendy et al. **Metodologias da Pesquisa em Comunicação:** olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2011.

\_\_\_\_\_. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In: BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs.). **Processualidades metodológicas:** Configurações transformadoras em Comunicação. Florianópolis: Insular, 2013. p. 87-103.

\_\_\_\_\_. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 3-23, 2002.

\_\_\_\_\_. **Transmetodología de la investigación teórica en comunicación:** Análisis de la vertiente Verón en América latina. Quito: CIESPAL, 2009.

MALDONADO, Tomás. **Memoria y conocimiento:** sobre los desafíos del saber en la perspectiva digital. Barcelona: Gedisa, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones:** Comunicación cultura y hegemonía. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

\_\_\_\_\_. **Comunicación masiva:** discurso y poder. 2. ed. Quito: CIESPAL, 2015.

MELO, Irán Ferreira de. **Ativismo LGBT na imprensa brasileira:** Análise crítica da representação de atores sociais na Folha de S. Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Filosofia e Língua Portuguesa) -- Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2013.

MORALES, Yvets. La población transfemenina género-cuerpo-cotidianidad: Una aproximación desde la comunicación. In: PADILLA, Adrián F; GAMBOA, Norah V.; MALDONADO, Alberto Efendy (Comp.). **Procesos comunicacionales, educación y ciudadanía en las luchas de los pueblos/ VIII Seminario Internacional de Metodologías Transformadoras de la RED AMLAT**. Caracas: Fondo Editorial CEPAP-UNESR, 2015, p. 357-356. Disponível em: <<http://www.processocom.org/wp-content/uploads/2016/01/Procesos-comunicacionales-educaci%C3%B3n-y-ciudadan%C3%ADa-en-las-luchas-de-los-pueblos.compressed.pdf>> Acesso em: 2 out. 2016.

\_\_\_\_\_. El universo trans, aproximación metodológica a su discurso: Una mirada desde la comunicación. In: URIBE, Mario (Ed.). **Encuentro Latinoamericano de Facultades de Comunicación Social —FELAFACS— Convergencias Comunicativas. Mutaciones de la Cultura y del Poder**. Medellín: Publicación en línea - [www.felafacs.org](http://www.felafacs.org), 2015, p. 816-828. Disponível em: <[http://felafacs.org/wp-content/uploads/2015/11/Memorias\\_Felafacs.pdf](http://felafacs.org/wp-content/uploads/2015/11/Memorias_Felafacs.pdf)>. Acesso em: 2 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Cuerpos travestis que expresan, sistemas mediáticos que los representan. Un recorrido comunicacional empírico y teórico. **Chasqui**, Quito, n. 139. 2018. (Artigo aceito para publicação).

MILLS, Charles Wright. Do artesanato intelectual. In: \_\_\_\_\_. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahara Editores, 1975.

\_\_\_\_\_. **A circulação além das bordas**. Mediatización, Sociedad y Sentido: Diálogos Brasil y Argentina. Rosário: UNR, 2010. p. 2-17.

NANCY, Jean-luc. **58 indícios sobre o corpo**. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1/2, p. 42-57, jan./dez. 2012.

OLIVEIRA, Marcelo José. **O lugar do travesti em desterro**. 1997. 205 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) --Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis/SC, 1997. Disponível em: <<file:///C:/Users/usuario/Google%20Drive/FORMATA%C3%87%C3%83O%20DE%20TRABALHOS/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Yvets/110000.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2019.

PELÚCIO, Larissa. Corpos que escapam - Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 20, n. 1, p. 331-337, jan./abr., 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000100019/21952>>. Acesso em: 3 jan. 2019.

PLATERO, Lucas. Trans\* (con asterisco). In: PLATERO, Lucas; ROSÓN, María; ORTEGA, Esther (Eds.). **Barbarismo queer y otras esdrújulas**. Barcelona: Edicions Bellaterra S.L., 2017.

\_\_\_\_\_. **Intersecciones: cuerpos y sexualidades en la encrucijada: temas contemporáneos**. Barcelona: Bellaterra, 2012.

PERUZZO, Cecilia. **A comunicação no desenvolvimento comunitário e local, com cibercultur@**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - COMPÓS, 21., 2012, Juiz De Fora. **Anais eletrônicos...** Juiz de Fora: Compós, 2012.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XX**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PEDROSO, Dafne; BONIN, Jiani Adriana. Metodologia no processo investigativo: a construção da arquitetura teórico-metodológica de uma pesquisa de recepção cinematográfica. **Interim**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 1-18, jan./jun., 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Google%20Drive/FORMATA%C3%87%C3%83O%20DE%20TRABALHOS/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Yvets/196-Texto%20do%20artigo-327-1-10-20160502.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2019.

PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto Contra-sexual**. Madrid: Editorial Ópera Prima, 2002.

REGUERA, Isidoro. Estudio Introductorio In: WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus. Investigaciones filosóficas. Sobre la certeza**. Madrid: Editorial Gredos, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

\_\_\_\_\_. **Cartografia sentimental**. Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Coedição UFRGS, Sulina, 2011.

ROSÁRIO, Nísia Martins do; AGUIAR, Lisiane Machado. **Pluralidade metodológica: a cartografia aplicada às pesquisas de audiovisual**. Revista Comunicación, cidade, n. 10, p. 1262-1275, 2012. Disponível em: <[http://www.revistacomunicacion.org/pdf/n10/mesa8/098.Pluralidade\\_metodologica-a\\_cartografia\\_aplicada\\_as\\_pesquisas\\_de\\_audiovisual.pdf](http://www.revistacomunicacion.org/pdf/n10/mesa8/098.Pluralidade_metodologica-a_cartografia_aplicada_as_pesquisas_de_audiovisual.pdf)>. Acesso em: 4 dez 2018.

RUEDA, Rocío, Ciberciudadanas, multitud y resistencias. In: LAGO, Silvia (Compiladora). **Ciberespacio y resistencias, exploración en la cultura digital**. Buenos Aires: Hekht Libros, 2012.

SÁEZ, Miguel Ángel López. Heteronormatividade. In: PLATERO, Lucas; ROSÓN, María; ORTEGA, Esther (Eds.). **Barbarismo queer y otras esdrújulas**. Barcelona: Edicions BellaterraS.L. 2017. p. 228-232.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. Primórdios do conceito de gênero. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 12, p. 157-163, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nueva cultura política**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Crítica de la Razón Indolente.** Contra el desperdicio de la experiencia. Volumen I. Para un nuevo sentido común: la ciencia, el derecho y la política en la transición paradigmática. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2003.

\_\_\_\_\_. **De la mano de Alicia:** lo social y lo político en la postmodernidad. Santafé de Bogotá: Siglo dei Hombre Editores, Facultad de Derecho Universidad de los Andes, Ediciones Uniandes, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica de la razón dialéctica.** Buenos Aires: Losada, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20 n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 2 jan. 2019.

SFEZ, Lucien; **Crítica da Comunicação.** São Paulo: Loyola, 2000.

SILVA, Hélio. **Travesti:** a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1377?show=full>>. Aceso em 3 fevereiro 2018.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a Mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho:** Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002.

TORRAS, Meri. El delito del cuerpo. In TORRAS, Meri (Ed.). **Cuerpo e Identidad I.** Barcelona: Edición UAB, 2007. p. 11-3.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **O vôo da beleza:** travestilidade e devir minoritário. 2005. 308f. Tese (Doutorado em Sociologia) -- Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza/CE, 2005. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1251/1/2005\\_tese\\_AFC.Vale%20%282%29.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1251/1/2005_tese_AFC.Vale%20%282%29.pdf)>. Acesso em: 4 jan. 2019.

VERAS, Elias Ferreira. **Carne, tinta e papel.** A emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza (CE), no tempo dos hormônios/farmacopornográfico. 2015. 228 f. Tese (Doutorado em História) -- Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis/SC, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169488/339030.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 4 jan. 2019.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social.** Fragmentos de una teoría de la discursividad. Barcelona: Gedisa, 1993.

\_\_\_\_\_. **La semiosis social 2.** Ideas, momentos, interpretantes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

\_\_\_\_\_. Os públicos entre produção e recepção: problemas para uma teoria do reconhecimento. In: \_\_\_\_\_. **Televisão: das audiências aos públicos**. Lisboa: Livres Horizontes, 2006.

VIVEROS, Mara. La sexualización de la raza y la racialización de la sexualidad en el contexto latinoamericano actual. **Revista latinoamericana Estudios de Familia**, Colombia, v. 1, p. 63-81. 2009.

WEBER, Maria Helena. Nas redes de comunicação pública, as disputas possíveis de poder e visibilidade. In: WEBER, Maria Helena, COELHO, Marja, LOCATELLI, Carlos (Orgs.). **Comunicação pública e política**. Pesquisa e práticas. Florianópolis: Insular, 2017. p. 23-56.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: Da teoria ao trabalho de campo**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosophicus**. Investigaciones filosóficas. Sobre la certeza. Madrid: Editorial Gredos, 2009.

## REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ARENDDT, Hanna. **A promessa da política**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS - ANTRA. **Mapa dos casos de assassinatos\* de Travestis, Mulheres Transexuais e Homens Trans, no território brasileiro no ano de 2017**. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1yMKNg31SYjDAS0N-ZwH1jJ0apFQ&ll=-15.511271528257883%2C-48.345793749999984&z=4>>. Acesso em: 2 jan. 2019

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 2000

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter; SCHÖTTKER, Detlev; BUCK-MORSS, Susan; HANSEN, Miriam. **Benjamin e a Obra de Arte**. Técnica, imagem, percepção. Rio de Janeiro: contraponto, 2012.

BONILLA, Lara. Miquel Missé: "**La vida me ha sido más fácil desde que decidí vivirla como un chico**". Generalitat de Catalunya: Ara.cat, 2016. Disponible en: [http://www.ara.cat/es/Miquel-Misse-desde-decidi-chico\\_0\\_1565843540.html](http://www.ara.cat/es/Miquel-Misse-desde-decidi-chico_0_1565843540.html). Acceso en: febrero 2018.

CARLA, LaGata; BALZER, Carsten; BERREDO, Lukas. **2.190 asesinatos son sólo la punta del iceberg – Una introducción al proyecto Observatorio de Personas Trans Asesinadas Informe anual del TMM (Trans Murder Monitoring) 2016**. Serie de Publicaciones TvT, Volumen 15. Berlín: Carsten Balzer y Transgender Europe (TGEU), 2016. Disponible en: <http://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol15-2016.pdf>. Acceso en: 30 oct. 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

CORCUFF, Philippe. ¿Qué ha pasado con la teoría crítica? Problemas, intereses en juego y pistas. **Revista cultura y representaciones y representaciones sociales**, México, v. 9, n.18, 2015.

CURIEL, Ochy. Superando la interseccionalidad de categorías por la construcción de un proyecto político feminista radical. Reflexiones en torno a las estrategias políticas de las mujeres afrodescendientes. In: WADE, Peter; URREA, Fernando; VIVEROS, Mara (Eds.), **Raza, etnicidad y sexualidades. Ciudadanía y multiculturalismo en América Latina**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas. Centro de Estudios Sociales (CES), Escuela de Estudios de Género. 2008. p. 461-484

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.



DETREZ, Christine. **La construcción social del cuerpo**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2017.

DUQUE, Carlos. **Judith Butler y la teoría de la performatividad de Género**. In: Colegio Hispanamericano. Repositorio Dialnet, 2010, p. 85-95. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4040396.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2016.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mediatização, prática social – prática de sentido**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - COMPÓS, 15., 2006, Bauru. **Anais eletrônicos...** Bauru: Compós, 2006.

LEITE, Jorge. **Nossos corpos também mudam: Sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso**. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **La naturaleza del espacio**. Técnica y tiempo, razón y emoción. Barcelona: Editorial Ariel. 2000.

## **APÊNDICE A – ENTREVISTA COM NATASHA FERREIRA**

Entrevista com Natasha Ferreira

Realizada por: Yvets Morales Medina

A entrevista foi feita em 27 de setembro, uma semana antes do primeiro turno das eleições. Natasha ainda era candidata a deputada estadual.

### **EU QUERO SER ESSA GERAÇÃO QUE FALA PARA FORA DOS PARTIDOS, ESTAR JUNTO COM O POVO**

Natasha Ferreira, jovem política de 30 anos, mulher trans e heterossexual, ativista dos direitos humanos. É a candidata para deputada estadual no Rio Grande do Sul pelo PCdoB. Desde muito nova iniciou sua caminhada política. Antes dos 15 anos participou no Fórum Social Mundial que aconteceu em Porto Alegre em 2000. Se formou como Técnica em Farmácia, e agora está cursando Gestão Pública. À par do desenvolvimento político, iniciou o processo de transição até um corpo e um gênero político para se auto definir como mulher trans.

Com um sorriso e um abraço, me recebeu na sede do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) em 27 de setembro, dia do recorrido do Fernando Haddad por algumas cidades do Rio Grande do Sul. Em São Leopoldo, Natasha junto com colegas do partido organizavam o material publicitário (cartazes, material de divulgação e propaganda) para participar na concentração em Porto Alegre do binômio Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores (PT) e Manuela D'Ávila do PC do B.

Nosso bate-papo cordial foi cada vez mais se centrando nos temas de interesse como: o orçamento estadual, as políticas públicas, as diferenças de classe e seu impacto na convivência da sociedade, os processos de transição corpo-gênero, desde uma perspectiva de “esquerdas”, com um olhar socialista para estar confiante que o PC do B é agora o partido onde se sente confortável para exercer a militância pelos direitos humanos e levar adiante a responsabilidade de uma candidatura para Deputada Estadual do Rio Grande do Sul, na contenda política 2008.

Avançamos, então, na entrevista com uma jovem política brasileira, que leva a pauta dos direitos humanos, e também a necessidade de auditar os orçamentos do Estado para sanear e ter recursos para melhorar as condições de uma empobrecida população do Rio Grande do Sul.

**Yvets: Quais são os inícios políticos?**

**Natasha:** Eu sou militante desde os 13 anos de idade no movimento estudantil. Eu lembro que, em 2000, no Fórum Social Mundial acreditávamos que outro Brasil era possível. Brasil ainda era submetido ao FMI (Fundo Mundial Internacional), ao ALCA (Área de livre comércio das Américas), a gente lutava por menos jornada de trabalho. Acho que a superou. Mas agora essas lutas voltaram, porque não atingimos a estrutura, o que fizemos foi administrar as próprias estruturas da economia liberal.

Aos 13 anos iniciei no PT, fui 12 anos do partido do Lula e da Dilma. Sou técnica em Farmácia e hoje faço curso à distância de Gestão Pública, que foi um avanço do governo de Lula. Sempre gostei do meio público. Meu pai era afiliado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) à Social Democracia, ele era microempresário. Porém, eu me iniciei no PT, porque era radical, era de esquerda, o tema da ética. A imagem do PT era de fato uma salvação. Dentro desses movimentos, eu sempre compreendi que a política era uma saída, ela não era o problema, ela era uma solução. Fui presidenta estudantil 3 anos consecutivos, fui vice-presidente da União de Estudantes de Novo Hamburgo, e fui secretaria dentro do PT.

**Yvets: O trabalho político foi uma paixão desde muito nova, ao mesmo tempo começou o processo de auto reconhecimento corpo-gênero.**

**Natasha:** Aí eu conheci o movimento LGBT, e através dele eu conheci mais os direitos humanos e compreendi que são uma necessidade, porque se não fosse pelos direitos humanos, o Brasil viraria no só um regime de exceção. Ele viraria um regime de ditadura. Porque o Estado agora condena as pessoas sem achar provas nenhuma. E também compreendi que a política era extremamente necessária.

Aos 13 anos eu já era um menino gay. A partir de minha experiência, hoje enxergo que existe sim a construção social. Porque enquanto era menino, eu tinha mais direitos, tinha mais privilégios do que das mulheres, por conta de ser homem.

Quando me vi menino gay, era uma coisa muito louca. Eu estava feliz porque acreditava que tinha me encontrado, mas ainda não havia me encontrado. Olhava e sentia que ainda não era isso aí como me percebia. Eu olhava no espelho e não conseguia enxergar aquilo que eu queria ver. Dava uma confusão. Pelas noites eu me perguntava “quem sou EU afinal”, gostava de muita coisa, estava em muitos espaços, mas não estava me encontrando. Mas não eram os espaços, era eu, os espaços estavam certos.

Aí eu conheci a Fernanda. A primeira *travesti* que tive contato, consegui conversar, ela tinha 40 anos, e ela me disse: *só vais te encontrar quando de fato tu deixar fluir, tens que sair dessas zonas*. Então compreendi que, se continuasse como um menino gay, eu ainda estava cumprindo uma série de requerimentos que a sociedade me cobrava. Vi a Fernanda só 3 vezes, ela estava indo para morar em São Paulo, e antes de ir me disse: *Eu vou ver uma bela mulher em ti. Mas é um processo, espero que tu não demores nesse processo*.

Na minha cabeça pensava: “eu preciso fazer a readequação sexual, botar silicone... para ser uma mulher transexual”. Quando comecei a compreender mais do movimento, conquistar os espaços, conversar com mais mulheres trans, comecei a perceber que a transexualidade não tinha nada que ver com a estética, é uma questão de identidade, como eu me vejo. Nesse tempo, o cabelo havia crescido, eu tomava hormônio que são os anticoncepcionais, eu já tinha um relacionamento sério, estabilizado. Eu já estava dentro de uma normativa. Também devo ser justa e dizer que minha cor e classe social ajuda muito.

**Yvets: É dizer que existe um atravessamento de classe, cor de pele, na sua caminhada?**

**Natasha:** Sou branca de classe média. Meu pai é de classe média-alta, eu fiquei estacionada na classe média. Nos lugares que frequentava e frequento não sou problema. Uma pessoa negra é problema nesses lugares. A cor de pele conta muito ainda. Muito mais que a identidade de gênero. Também ajudou o fato de ser uma pessoa esclarecida, estudada, sempre gostei de ler. Então acho que consegui desconstruir muito rápido o discurso de discriminação, e a participação no movimento LGBT também contribuiu.

**Yvets: A evolução política continua, e com eles outros desafios. A Dilma é um referente maior?**

**Natasha:** Após 12 anos de militância, assessoriei o deputado Tarcísio Zimmermann que foi Prefeito de Novo Hamburgo. Trabalhei com a Maria do Rosário tanto no Ministério como no mandato dela. Aprendi muito e devo muito a ela e ao PT.

Em 2016, no ápice do *impeachment* da Dilma, eu senti que o PT a deixou sozinha. Para mim, a Dilma representa muito mais que o Lula. Porque ela foi vítima da tortura, da ditadura, ela foi estuprada, eles queimaram os pés dela. Setores inclusive dizem que era mais fácil seguir no poder, se ela saísse do poder. O povo sempre fala do legado do Lula, eu sempre falo Dilma e Lula. Porque a Dilma tem mais educação política que o Lula. Porque criar um projeto é mais

fácil que mantê-lo, e ela o teve e acrescentou. Só que essa informação não interessa à imprensa difundir e a esquerda também não faz nenhum esforço por reconhecer.

Daí teve o convite da Manuela D'Ávila e vim ao PCdoB, que é um partido que faz um debate mais atualizado das pautas identitárias, tem uma linha político democrática. Traz as mulheres, a população negra, o movimento LGBT ao debate de classe. Porque quando a gente supera a classe, supera quase todos os preconceitos. Acho que no PCdoB me sinto muito mais à vontade.

**Yvets: Qual é a pauta da candidatura?**

**Natasha:** Eu tenho batido aqui no Estado na auditoria da dívida pública. Porque eu compreendo que através dessa auditoria a gente vai dizer se a gente vai ter dinheiro para fazer política. Cada governador que assume hoje diz que está para quebrar. O Estado recebe por mês 3 bilhões de impostos. A gente tem uma dívida com a União que o Estado já pagou 6 vezes, é preciso auditar isso, porque o juro sobre o juro que Estado paga é uma dívida sem fim e o Estado vai ter que dizer que não paga mais. Tem que ter um governador, uma Assembleia de Estado o mais progressista possível, que diga nós já pagamos a dívida pública, com juro sobre juro.

O tema da dívida pública é um problema do país, não apenas do Estado. A auditoria pública me deixaria mais confortável para dizer à população LGBT [Lésbica, Gay, Bissexual, Trans], por exemplo, se vamos ter uma casa de acolhimento LGBT em Porto Alegre ou na região metropolitana, que ela tenha vínculo com o SINE [Sistema Nacional de Emprego] para o mercado do trabalho, com a secretaria de educação do Estado para que as pessoas LGBT não saiam da escola. Se vai ter uma política de assistência social, se vai ter psicólogas, e que o público LGBT não fique mais à margem. Mas isso passa pela auditoria, porque para ter esse centro de referência, se não tiver a auditoria, o próximo governador pode dizer, olha não tenho mais dinheiro para fazer. Então, se as contas do Estado não são transparentes, a gente não tem como saber que o IBPA é de 780 milhões. Quanto é o imposto sobre os pedágios, por exemplo? Quando ajustar isso tudo vamos saber que tem dinheiro para fazer política para as mulheres, delegacias para que apurem os criminosos contra as mulheres, contra a população LGBT. A gente pode criar um Estado mais humanizado.

**Yvets: Como está comunicando essa pauta da auditoria do Estado dentro das micropolíticas, ao povo que está nas periferias e que precisa de representantes mais sensibilizados com suas demandas.**

**Natasha:** Eu acho que o povo cansou desse sistema político. Acho que represento um legado de um país que tentou de uma certa forma dar certo. Eu sou uma herança do governo do Lula e da Dilma. Então a nossa estratégia têm sido não fazer essas panfletagens ao estilo mais burguês. Pedi às pessoas para bater palma, chamar às pessoas e conversar e ouvir. O que eu tenho feito mais com as pessoas na rua é ouvir e compreender que a vida delas está muito louca. E que o momento da política é o momento de trazer uma esperança com responsabilidade. Eu trago todo esse legado de *minha casa minha vida*, da *bolsa família*, da *patrulha Maria da Penha*, de um país que respeita o povo negro, que respeita a suas diferenças. Trazendo o povo para o debate, compreendo que o debate está na associação do bairro, com as pessoas mais pobres e ouvindo elas, consigo tirar um caldo político e um norte para conduzir um mandato que responda às necessidades das pessoas. Lembrando que o deputado estadual tem por obrigação e ofício fiscalizar ao governo, e garantir que o governo destine as verbas necessárias para os espaços como saúde, educação e outras áreas.

Acho que tenho muito a contribuir na construção de responsabilidade do dinheiro público. Temos a responsabilidade de dizer que queremos que as periferias sejam um lugar de cultura de incentivo à nossa educação, que a juventude tenha direitos e oportunidades e isso simboliza o que a gente está levando nessa campanha falando pessoalmente. As redes sociais, também tem sido a nossa grande aposta. Pedindo, as pessoas leem o material, as propostas porque a gente elaborou coisas que podem ser possíveis fazer. A auditoria da dívida pública é essencial.

**Yvets: No Brasil é possível viver de um jeito melhor?**

**Natasha:** Eu acho que nosso povo é um povo que nunca perdeu a esperança. A gente já passou regimes piores. O Brasil nunca perdeu a esperança de ser um país melhor. Nós já fomos a quinta economia do Mundo. Acho que o que está em jogo nessas eleições é o fascismo versus o regime democrático. Nesse sentido, a esperança é fundamental para que o país saia da crise com uma democracia consolidada, democracia tranquila e que respeite seu povo.

**Yvets: O auto reconhecimento como mulher trans, pode ser diferença na sua candidatura.**

**Natasha:** Nossa frase de campanha é “**transformar** a política”. E a gente vem usando muito a palavra **trans**. Eu me apresento como a única candidata **trans** do Estado para deputada estadual.

Mas eu compreendo que tem duas coisas que são fundamentais. Hoje o povo e o próprio público LGBT está preocupado pela falta de emprego, a falta de segurança pública, e a perda dos nossos direitos. Se eu boto a minha identidade à frente de uma luta que é de uma sobrevivência cotidiana, pode me deixar vulnerável dentro de um debate político. Porque se eu falo que eu sou exclusivamente trans e isso basta, qual é a legitimidade de falar de uma luta política abrangente? O fato de eu ser uma mulher transexual e disputar uma eleição em partido comunista, eu acho que é um grande avanço, um grande passo, e a bandeira vem automaticamente comigo.

Isso de reivindicar, tem que reivindicar quem não se declarou ainda, quem sempre teve medo ou quem saiu do armário há pouco tempo. Eu tenho 30 anos, e a Natasha nasceu quando tive 15 anos em Novo Hamburgo. Há 15 anos que a Natasha já existe, milita, atua, fala, conversa, então já se auto afirmou. Assim, na disputa política, a gente precisa trazer projetos de Estado.

A autoafirmação é muito importante, mas é muito perigosa também, porque daqui a pouco te convertes em uma personagem única e exclusivamente. Acho que por estudar gestão pública, por participar em partidos políticos, essa alma gestora, tenho uma visão ampla do Estado. A gente resolve os problemas do Estado através da auditoria, e garantindo os direitos nessa guerra com os setores fundamentalistas.

**Yvets. Se falamos da população *trans*, *travestis*, *transexuais*, a disputa política está nos corpos?**

**Natasha:** Acho que o corpo *trans*, *travesti* é um corpo extremadamente político, mais que um deputado em Brasília. Porque quando mostra o corpo, seio, cabelão, está mostrando que ela existe. E o Estado está dizendo todos os dias que a gente não tem direito de ir a um posto, porque eles ficam na dúvida de como te chamar. Não tem direito à religiosidade, não estar perto de teus parentes, porque foste embora. **Então, quando mostras teu corpo, estás dizendo o corpo político existe, eu existo e estou aqui.**

**Yvets: Para encerrar, qual é o autor que inspirou você?**

**Natasha:** Lei muito de vários autores. Uma pessoa que me esclareceu muito sobre dúvidas do feminismo foi Ângela Davis. Eduardo Galeano, como autor de América do Sul. Depois, há uma série de escritores e escritoras que li um pouco de cada. Tenho algumas críticas à galera que se apega muito às teorias, quem se apega muito à teoria tem a dificuldade de

transformar isso em prática. Tive muito cuidado de ler exatamente a mesma proporção que atuo, tanto que minha atuação agora é baseada em cima da minha leitura. Eu vejo muita gente da esquerda, homens principalmente que leem muito, historiadores, que eles perderam contato com o povo. Eles falam para dentro dos partidos. E eu quero ser essa geração que fala para fora do partido. Quero ser a geração que quer trazer a força do martelo para vila, para conversar com os mais pobres. Dizer que a força do martelo não representa regimes ditatoriais. Representar a verdade, a libertação do povo.



## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA 1

**Objetivo da entrevista:** Conhecer a relação da população *travesti* a respeito aos meios de comunicação para trabalhar as perguntas orientadoras:

✓ Quais são as marcas mediáticas que se reconhece nas transformações corporais da população *travesti* e como as transformações corporais interagem nos espaços públicos?

✓ Quais são os programas da TV que mais assistem as pessoas *travestis* e como influenciam em suas mudanças corporais e a auto percepção como *travesti*?

TIPO: entrevista estruturada aberta

1. Como se auto define?
2. Que é para você, nomear-se como *Travesti*?
3. Quando você começou a produção de seu corpo que idade tinha e que meios de comunicação assistia? (Rádio, TV, prensa, nenhum)
4. Qual programa assistia com maior frequência, nesse tempo ... e que era o que mais gostava?
5. Você acredita que os programas que você assistia influenciarão na produção de seu corpo.
6. Na atualidade que meio de comunicação utiliza mais e que programas assiste?
7. Na atualidade, você utiliza redes sociais? Que atividade faz mais no seu perfil?
8. Na atualidade, você acredita que os meios de comunicação influenciam sobre a produção de seu corpo, de que jeito?
9. Quando pega uma revista, jornal ou assiste a televisão, com que você se identifica, que procura no meio (programa de tv, telenovela, noticiário, notícia, reportagem, documentário) para continuar assistindo.

Elaborada por: Yvets Morales Medina

Data: 16/11/2017

### APÊNDICE C - CONSENTIMENTO INFORMADO

Yo .....com RG-#  
 ..... Deixo o registro que fui informada da pesquisa sobre a configuração do sujeito comunicante travesti, e o exercício da cidadania comunicativa, que está desenvolvendo a pesquisadora Yvets Morales Medina (estudante do Mestrado do PPGCC-UNISINOS). E AUTORIZO à pesquisadora para me entrevistar e usar os depoimentos e registros de áudio, fotos e audiovisual que fez de minha pessoa e o entorno, para sua pesquisa (dissertação, artigos, ensaios, e outros produtos comunicacionais que sejam parte da pesquisa que está desenvolvendo). Assim como a reprodução, sem fines de lucro, se fosse preciso.

“A pesquisa se realiza com pessoas que se auto reconhecem como TRAVESTIS, e seus contextos comunicacionais, familiares, sociais como: amigas, vizinhas, e outras pessoas que possam estar perto delas. A pesquisa procura compreender os modos em que as pessoas que se auto reconhecem como travestis, se configuram como sujeitos comunicantes, sua relação histórica com os sistemas de comunicação, para fazer histórias de vida midiáticas, é dizer, a relação que tem as transformações de seus corpos, a construção do gênero, os desejos, as lutas e demais experiências da vida cotidiana e os sistemas de comunicação. Também reflexionar, do jeito comunitário, sobre o exercício da cidadania comunicativa, e suas problemáticas”.

Em conhecimento da pesquisa, EU de modo livre e voluntário, informo que o nome (nome social) que deve ser colocado na pesquisa, artigos, ensaios e outros recursos acadêmicos, é o seguinte: .....

Meu trabalho, formação acadêmica, atividade organizativa: .....

Assinatura: .....

RG .....Lugar e data: .....